

Universidade Católica de Santos

Mestrado em Educação

**O PROFESSOR E A PESQUISA: USO EM SALA DE
AULA**

Isabel Cristina da Costa Kistner

Santos
2008

Universidade Católica de Santos

Mestrado em Educação

**O PROFESSOR E A PESQUISA: USO EM SALA DE
AULA**

Isabel Cristina da Costa Kistner

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* em Educação, da Universidade Católica de Santos, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação.
Área de concentração: Educação e Formação Humana: aspectos éticos, políticos e epistêmicos.
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria Helena Bittencourt Granjo.

Santos
2008

Kistner, Isabel Cristina da Costa

O professor e a pesquisa: uso em sala de aula.

Santos, 2008

266p. II.

Dissertação de Mestrado – Universidade Católica de Santos, Programa em Educação

Orientador: Prof^a. Dr^a. Maria Helena Bittencourt Granjo

Palavras Chave: 1. Ensino; 2. pesquisa; 3. aprendizagem significativa

I. Título

Comissão Julgadora

Profa. Dra. Maria Helena Bittencourt Granjo

Profa. Dra. Maria de Fátima Barbosa Abdalla

Prof. Dr. Wagner Wuo

**Ao meu filho e a minha mãe
que são a razão do
meu viver**

Agradecimentos

Á Deus pela vida e por minha maravilhosa família.

Ao meu filho que entre seus 4 e 6 aninhos, precisou contar com a ausência da mãe por diversas vezes, mas sempre amoroso e paciente.

A minha mãe em especial, por sempre estar presente, companheira, forte, amorosa. Por acreditar no meu crescimento e potencialidades, por ser o meu maior alicerce.

Ao meu pai e minha irmã pelo suporte e amor.

Á minha grande amiga Lizete, pela amizade, pelo seu tempo e que tanto me auxiliou na caminhada deste trabalho.

À minha orientadora Professora Doutora Maria Helena Bittencourt Granjo, pelo incentivo, orientação, carinho e paciência.

Aos sujeitos desta pesquisa pela força, persistência, coragem e dedicação ao trabalho, pois as mudanças não são fáceis, mas podem se realizar.

Ao Professor Doutor Jefferson Ildefonso da Silva e a Professora Doutora Sônia Ribeiro que me ensinaram o valor da filosofia e me re-ensinaram a importância do ser humano, através desta.

À Rita de Cássia, pelo apoio, consideração, amizade e ajuda que foram imprescindíveis.

Aos Professores Doutores Maria de Fátima B. Abdalla, Viviane Souza Galvão e Wagner Wuol que tão gentilmente contribuíram para as minhas reflexões.

A todos aqueles que direta e indiretamente ajudaram-me nesta caminhada.

Muito obrigada.

Sumário

Lista de figuras

Lista de tabelas

Lista de gráficos

Resumo

Abstract

INTRODUÇÃO	14
Capítulo 1 – EDUCAÇÃO E PESQUISA	24
1.1. A educação no nosso século	24
1.2. A pesquisa como estratégia de ensino mais adequada à formação de um novo cidadão	28
1.3. Professor	41
Capítulo 2 – AS ESCOLAS E SUAS PROFESSORAS	46
2.1. São Vicente	49
2.2. Caracterização das escolas	52
2.2.1. Escola Estadual “Número 1”	52
2.2.2. Escola Estadual “Número 2”	54
2.2.3. Considerações	56
2.3. A OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA	58
2.3.1. Escola Estadual 1 – Professora A – aula de ciências	60
2.3.1.1. Observação	61

2.3.1.2. Análise	64
2.3.2. Escola Estadual 1 – Professora B – aula de Ciências	68
2.3.2.1. Observação	69
2.3.2.2. Análise	71
2.3.3. Escola Estadual 2 – Professora C – aula de Ciências	74
2.3.3.1. Observação	75
2.3.3.2. Análise	78
2.3.4. Escola Estadual 2 – Professora D – disciplina de Artes	81
2.3.4.1. Observação	82
2.3.4.2. Análise	86
2.4. Professoras – práticas e concepções	89
Capítulo 3 – AS ENTREVISTAS	98
3.1. Temas das entrevistas	99
3.1.1. O uso da pesquisa	99
3.1.2. Formas de se trabalhar a pesquisa	108
3.1.3. Dificuldades para desenvolver o trabalho escolar por meio da pesquisa	116
3.1.4. Resultados alcançados	143
CONSIDERAÇÕES FINAIS	147
BIBLIOGRAFIA	155
ANEXOS	166
1. Questionário – Professores	167

2a. Questionário – Alunos	168
<i>2b. Modelo – ficha resposta</i>	169
<i>2c. Tabela 11a – sala pesquisada Professora A – 30 ALUNOS</i>	170
<i>2d. Tabela 11b – sala pesquisada Professora B – 32 ALUNOS</i>	171
<i>2e. Tabela 11c – sala pesquisada Professora C – 26 ALUNOS</i>	172
<i>2f. Tabela 11d – sala pesquisada Professora D – 25 ALUNOS</i>	173
<i>2g. Tabela 11e – TOTAL 113 ALUNOS PESQUISADOS SOMANDO-SE ESCOLAS 1 E 2 + PROFESSORAS A, B, C e D</i>	174
3. Tabela 5 – Professoras pesquisadas – Observação - Prática	175
4. Roteiro – Entrevistas	178
5. Categorias – Análise – Entrevistas	180
6. História de São Vicente	196
7. Tabela 8 - Categorias para observação / entrevista / condição salas	204
8. Tabela 9 – Teóricos - uso da pesquisa em sala de aula	207
9. Tabela 14 - Professoras pesquisadas – Entrevista – Concepções	211
10. Entrevista Professora A – Escola ‘Número 1’	215
11. Entrevista Professora B – Escola ‘Número 1’	226
12. Entrevista Professora C – Escola ‘Número 2’	238
13. Entrevista Professora D – Escola ‘Número 2’	254

Lista de Figuras

Figura 1 – Brasão do município de São Vicente	49
Figura 2 – Bandeira do município de São Vicente	49
Figura 3 – Vista área da cidade de São Vicente (insular e continental), Google Earth	51
Figura 4 – São Vicente - Escola do Povo	201
Figura 5 – O antigo prédio escolar terá suas características preservadas	201
Figura 6 – Foto de 1933, com alunos do Grupo Escolar de São Vicente	202
Figura 7 – Colégio Imaculada Conceição, Rua Frei Gaspar, esquina XV de Novembro, em 1912	203

Lista de Tabelas*

Tabela 1 – Uso da pesquisa em sala de aula – Demo (1997)	33
Tabela 2 – Uso da pesquisa em sala de aula – Moraes (2004a)	33
Tabela 3 – Uso da pesquisa em sala de aula – Cachapuz, Praia e Jorge (2002)	34
Tabela 4 – Uso da pesquisa em sala de aula – Galiazzi (2005)	35
Tabela 5 – Professoras pesquisadas – Observação - Prática	175
Tabela 6 – Nomenclatura professores pesquisados e escolas	48
Tabela 7 – Escolas Estaduais do Município de São Vicente	50
Tabela 8 – Categorias para observação / entrevista / condição salas	204
Tabela 9 – Teóricos - uso da pesquisa em sala de aula	207
Tabela 10 – Professora A - Minha higiene: hábitos e conseqüências	62
Tabela 11a – Sala pesquisada Professora A – 30 alunos	170
Tabela 11b – Sala pesquisada Professora B – 32 alunos	171
Tabela 11c – Sala pesquisada Professora C – 26 alunos	172
Tabela 11d – Sala pesquisada Professora D – 25 alunos	173
Tabela 11e – Total 113 alunos pesquisados, somando-se escolas 1, 2 e Professoras A, B, C e D	174
Tabela 12 – Demonstrativo - quantidade de aulas semanais, número mínimo de aluno por sala, quantidade de salas e quantidade total de alunos por semana	115
Tabela 13 – Artigo 12 da Lei Complementar N° 836/1997	125

* Pela ordem que aparecem no texto.

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Número da pergunta X número de alunos – Professora A	170
Gráfico 2 – Número da pergunta X número de alunos – Professora B	171
Gráfico 3 – Número da pergunta X número de alunos – Professora C	172
Gráfico 4 – Número da pergunta X número de alunos – Professora D	173
Gráfico 5 – Número da pergunta X número total de alunos – Professoras A, B, C e D	174

Resumo

O presente trabalho pretendeu pesquisar a forma como uma amostra de professores da rede pública estadual paulista, presentes no município de São Vicente, realizam o uso da pesquisa como instrumento de aprendizagem, enquanto prática pedagógica, para desenvolver as competências e habilidades de seus alunos, cujo intuito é tentar desenvolver sujeitos conscientes de sua coletividade, historicidade, reflexivos, críticos, autônomos que possam influir numa sociedade mais justa centrada na igualdade de direitos e na justiça. Para tanto, objetivou-se verificar como ocorria esta prática em sala de aula ao usar a pesquisa como instrumento de aprendizagem; identificar a relação existente entre a prática observada e as concepções dos professores; observar as condições em que realizam seu trabalho; mostrar quais foram os caminhos oferecidos para que os professores pudessem desenvolver sua formação, visando ao uso da pesquisa em sala de aula; apontar quais eram os incentivos que recebiam para o uso da prática do ensino por meio da pesquisa. Estes objetivos tiveram a finalidade de possibilitar a obtenção de uma melhor compreensão do trabalho realizado pelos professores em sala de aula, assim como descobrir suas necessidades e a melhor forma de auxiliá-los. Os conceitos da investigação sobre o uso da pesquisa no ensino fundamental como recurso didático foram construídos a partir da teoria de diversos autores tais como Pedro Demo (1997, 1999, 2000, 2001, 2002), Galianzi (2002, 2005), Ramos (2002), Moraes (2004), entre outros que estudam e discutem a temática em questão. A investigação de caráter qualitativo focou as ações de quatro professoras de duas escolas estaduais de ensino fundamental, ciclo II. Foram utilizadas, como instrumento metodológico, a observação não participante e entrevistas semi-estruturadas. Os resultados apontaram para a necessidade de incentivos verdadeiros para os professores que fazem uso da pesquisa em sala de aula como instrumento de aprendizagem, assim como confirmaram ser de extrema importância o aprimoramento educacional, o apoio ao trabalho e condições reais de valorização docente que perpassa por salários dignos até a formação continuada de qualidade.

Palavras-chave: Ensino, pesquisa, aprendizagem significativa.

Abstract

The present work intended to research the way how a sample of teachers of the state public net state of São Paulo, present in the city of Sao Vicente, carries through the use of the research as an instrument of learning, while pedagogical practice, to develop the abilities and habilities of its pupils, whose intention is to try to develop conscientious citizens in its collective, historical sense, reflection, critic, autonomous workers who can have influence in a righteous society centered in the equality of rights and justice. For such, it was objectified to verify how this practical research occurred in classroom, when using such as a learning instrument; to identify the existing relation between the practical one observed and the conceptions of the teachers; to observe the conditions in which they realize their work; to show which ways had been offered so that the teachers could develop their formation, aiming the use of research in classroom; to point which were the incentives that they received for the use of practical education by means of the research. These goals had the purpose to make possible the attainment of a better understanding of the realized work through the teachers in classroom, as well as discovering their necessities and the best way of assisting them. The concepts of the investigation on the use of the research in basic education as a didactic resource were built from the theory of diverse authors who study and argue the thematic in question. The investigation of qualitative character focused the actions of four teachers from two public schools of basic education, “junior high school” cycle II. It was used, as a methodological instrument, the not participant observation and half-structuralized interviews. The results pointed for the necessity of true incentives for the teachers who make use of the research in classroom as a learning instrument, as well have been confirmed to be of an extreme importance to have an educational improvement, work support and teaching valuation in real conditions, which takes place in form of worthy wages until the continued quality formation.

Key-words: Education, search, significant learning.

INTRODUÇÃO

De acordo com Gil-Pérez e Vilches (2005), a forma como a economia Mundial está estruturada atualmente destruirá o sistema físico sobre o qual se sustenta, sendo de extrema necessidade reorientar este crescimento de sustentado a sustentável. Há a necessidade de que a educação ajude a desenvolver sujeitos-cidadãos conscientes dos problemas globais e de que a humanidade esteja preparada para fazer frente a estes problemas.

Seria importante que a educação tivesse como meta primeira e verdadeira o desenvolvimento das competências e habilidades dos jovens, de maneira que se tornem sujeitos conscientes e ativos para uma mudança efetiva na sociedade. Eles devem ser estimulados a pensar, participar, a fim de que possa ser superada a sociedade individualista e consumista. A educação “deve ser despida do caráter ingênuo e ser concebida de maneira crítica para cumprir seu papel de transformação do homem e constituir-se em fator de mobilidade social”. (CHIARELLO, 2000, p. 01)

Em alguns estados brasileiros, a política educacional das escolas públicas é centrada na progressão continuada, sendo que grande parte dos alunos passa para a série posterior sem ter adquirido e desenvolvido competências e habilidades básicas, dificultando o aprendizado pelas próximas séries. O aluno, com o passar do tempo, “entende” que, independente do seu desempenho durante as aulas, passará para a série seguinte e não terá que se esforçar para aprender, pois não possui maturidade vivencial para perceber a importância deste caminhar e, se a aula não for interessante, não tem por que prestar atenção.

Na atualidade, as pessoas têm acesso a uma gama enorme de informações através dos meios de comunicação, principalmente da internet e da televisão, que, em conjunto, vêm

numa tal velocidade e atratividade, que fazem com que os métodos tradicionais¹ de ensino deixem de interessar o educando da sociedade moderna (informatizada), pois este método não auxilia o aluno a saber fazer uso das informações e, assim como os meios de comunicação e tecnológicos, o método tradicional apenas transmite, não desenvolve a aprendizagem e não a significa. O sujeito permanece passivo no processo de aprendizagem e, ao passar dos anos, torna-se um especialista em decorar informação alheia, sendo incapaz de produzir sua própria.

As teorias pedagógicas tradicionais são baseadas principalmente na informação e memorização. Estudos recentes mostram que a aprendizagem propiciada pela aplicação dessas teorias não desenvolve no aluno habilidades cognitivas e criativas, para que seja capaz de analisar e discutir pontos de vista e solucionar problemas, sendo, portanto, ineficiente para atender às necessidades da sociedade moderna, (FONSECA et al, 2005, p. 1)

O presente trabalho está voltado para a investigação sobre o uso da pesquisa no ensino fundamental como recurso didático, levando em consideração os ideais da educação brasileira a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96) que visa ao desenvolvimento de um sujeito cidadão, crítico, autônomo, questionador, conhecedor de si e do seu entorno, com capacidade de inferir de maneira produtiva em sua sociedade.

A preocupação apresentada vem ao encontro da minha própria vivência educacional que foi baseada nos moldes tradicionais. O professor detinha as informações e passava aos alunos que deveriam decorá-las e, caso não o fizessem, eram punidos por meio de conceitos insatisfatórios (notas vermelhas) ou até mesmo por reprovação que os impedia de passar para a série seguinte.

O pensar, o discutir, o perguntar, a interação entre os sujeitos, isso não importava. O ponto principal era aceitar as “verdades” expostas pelos professores e reproduzi-las sem

¹ Transmissão de conteúdo. O que está sendo criticado é a metodologia tradicional conteudista, que não desenvolve o pensar, aquela que é imutável, não evolui com o tempo e infelizmente continua sendo aplicada nas escolas.

questionar. Todo o meu ensino (infantil, fundamental, médio, superior – graduação) desenvolveu-se nestes moldes.

Para minha graduação escolhi cursar Biologia, pois além de ser a ciência que estuda a vida, incentiva o desenvolvimento de novos olhares, como também novo conhecimento. Mas, infelizmente, o desenvolvimento da pesquisa não ocorria também na graduação (licenciatura). Pela falta deste contato, hoje mais do que naquela época, percebo a falta que o uso da pesquisa faz ao desenvolvimento do aluno, principalmente na graduação, pois o profissional da educação precisa ser não um transmissor de conteúdos, mas alguém consciente com capacidade de agir, transformar, já que este é parcialmente responsável pela formação cidadã dos educandos e é, além da família, aquele que mais interage com os sujeitos aprendentes.

Ao iniciar a carreira docente em 2003, que ocorreu em escola pública, não possuía prática alguma e fui aprender através do fazer. Não sabia como melhorar, já que não havia tido embasamento teórico suficiente na área educacional, e minha graduação não estivera voltada ao desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, e sim na transmissão de conteúdos prontos.

Nesse ano de 2003, o Governo do Estado de São Paulo liberou incentivo (bolsa) para os professores efetivos que tivessem interesse em fazer mestrado ou doutorado e dar continuidade aos seus estudos. No ano de 2005, por meio de concurso, efetivei-me como professora estadual e iniciei o mestrado que me possibilitou a vivência de uma maravilhosa e dolorosa experiência. A dor está no sentido de que percebi grande dificuldade em expressar-me de forma científica e fundamentar minhas argumentações, pois durante meus 20 anos de estudos, não houve tal estímulo por parte das instituições educacionais². Já no mestrado, tive contato com textos, professores e amigos, que me ajudaram a enxergar um caminho, o que

² Não estão sendo culpados os professores por agirem da forma como o fizeram, uma vez que a política educacional na época era esta. Mas até hoje, pouca coisa mudou neste sentido, já que o ensino continua, a maior parte dele, sendo conteudista, desenvolvendo copistas e não pensadores.

resultou na redescoberta da importância do saber pesquisar e a contribuição deste saber para o desenvolvimento de sujeitos conscientes, participativos, autores nesta sociedade.

A questão problema que motiva este trabalho centra-se sobre o uso da pesquisa em sala de aula como prática pedagógica para desenvolver as competências e habilidades dos alunos do ensino fundamental, uma vez que esta prática vem sendo discutida como uma maneira de conseguir desenvolver no aluno os objetivos previstos nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) do ensino fundamental (5ª a 8ª séries).

Diversos autores, como Pedro Demo (1997, 1999, 2000, 2001, 2002), Galiazzi (2002, 2005), Ramos (2002), Moraes (2004), entre outros discutem a importância do uso da pesquisa para ajudar a desenvolver sujeitos conscientes de sua coletividade e de sua historicidade, reflexivos, autônomos que possam influir numa sociedade mais justa centrada na igualdade de direitos e na justiça.

Não existe uma receita mágica que solucione todos os problemas com relação à aprendizagem dos alunos (sujeitos); há, sim, a necessidade de que sejam auxiliados no sentido de que se percebam como seres coletivos que possam compreender que têm uma responsabilidade social e saibam utilizar o conhecimento da forma mais adequada. Paulo Freire assim coloca: “Gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele” (2004, p.53). A pesquisa proporciona ao sujeito a oportunidade de ganhar autonomia; ele pode escolher ir além.

Como objeto de investigação foi escolhido o trabalho de professores de educação fundamental ciclo II (5ª a 8ª séries) que lecionam em escolas públicas estaduais no município de São Vicente e que se utilizam da pesquisa como instrumento de aprendizagem.

Concordo com Galiazzi (2002, 2005), Demo (1997, 1999, 2000, 2001, 2002) e Ramos (2002), quando apontam que a forma de trabalho que se utiliza da pesquisa visa transformar

os alunos-objetos em sujeitos de sua própria aprendizagem; para tal supõe-se que os professores tenham consciência de sua importância social, ética e política, como incentivadores do aprender e da reconstrução do conhecimento que os alunos já carregam consigo, assim como precisam possuir condições de trabalho e estar aptos a transformar e se transformarem no processo de ensino-aprendizagem por meio da pesquisa.

Outro ponto de extrema importância relaciona-se à qualificação docente, uma vez que os professores são os responsáveis por incentivar a (re)construção do conhecimento dos alunos e necessitam de formação adequada, quer seja inicial (graduação) ou continuada (cursos). Os professores deveriam ainda inserir-se em grupos de pesquisa dentro da própria escola e em parcerias com as universidades, para intercâmbio de experiências, fundamentando-as na teoria existente ou naquela que venha a ser produzida nesta troca teórico-prática (escola-universidade).

Existem professores na escola pública estadual que se propõem a fazer uso da pesquisa para desenvolver a aprendizagem dos seus alunos. Por ser esse um tema extremamente importante e atual, resolvi desenvolvê-lo com o objetivo de compreender como os professores, que dizem utilizar-se da pesquisa como instrumento de aprendizagem, realizam seu trabalho em suas salas de aula, uma vez que essa forma de ensino vem se mostrando um bom meio para “atingir fins educacionalmente relevantes, e não meramente instrucionais.” (VASCONCELOS, PRAIA e ALMEIDA, 2003, p. 9).

O objetivo deste trabalho foi investigar a forma como se realiza a prática pedagógica de professores do ensino fundamental ciclo II (5ª a 8ª séries), de instituições públicas de ensino estaduais, que fazem uso da pesquisa como instrumento de aprendizagem. Para tal, foram estabelecidos como objetivos específicos:

1. verificar como é a prática destes professores em sala de aula ao usar a pesquisa como instrumento de aprendizagem;

2. identificar a relação existente entre a prática observada e as concepções destes;
3. observar as condições em que realizam seu trabalho;
4. mostrar quais são os caminhos oferecidos ao professor para que desenvolva a formação, visando ao uso da pesquisa em sala de aula;
5. apontar quais são os incentivos ao professor para o uso da prática do ensino por meio da pesquisa nas escolas públicas estaduais paulistas.

Estes objetivos têm a finalidade de possibilitar a obtenção de uma melhor compreensão do trabalho realizado pelos professores em sala de aula, assim como descobrir suas necessidades e a melhor forma de auxiliá-los.

Em função dos objetivos pretendidos, foram levantados os seguintes questionamentos:

1. Os professores que se propõem a fazer uso da pesquisa, como prática pedagógica em sala de aula, possuem formação adequada para o uso desta pesquisa?
2. Estes professores recebem apoio pedagógico, estrutural e institucional para o desenvolvimento desta prática educacional?
3. Existem condições de aprimoramento da prática dos professores e da socialização deste conhecimento entre seus pares?
4. Acreditam nos bons resultados da aprendizagem dos seus alunos por meio da pesquisa?

Com base nos questionamentos acima, afirma-se, enquanto hipótese, que as professoras pesquisadas não possuem formação (graduação) adequada para fazer uso da pesquisa em sala de aula. Não possuem apoio pedagógico, estrutural, institucional e governamental para o desenvolvimento desta prática, além de não haver condições de aprimoramento e socialização

desta prática entre seus pares. Supõe-se também que as docentes acreditam no desenvolvimento da aprendizagem dos seus alunos, ao se utilizar a pesquisa em sala de aula.

A cidade de São Vicente foi escolhida como local em que se realizou a pesquisa pela facilidade de acesso da pesquisadora às escolas, uma vez que nela realiza sua atividade docente; além disso, é ali que se localiza a Diretoria de Ensino responsável pela região. Embora a amostra se restrinja apenas a um município, este possui as mesmas políticas públicas nacionais que os demais do estado, além de apresentar condições e dificuldades parecidas decorrentes das condições sociais semelhantes.

A escolha das escolas investigadas se deu em função da presença de professores que fazem uso da pesquisa em sua sala de aula. De início, realizou-se contato com a diretora das escolas com a finalidade de se conseguir autorização para a verificação da presença destes docentes na unidade escolar. Do total de vinte e quatro escolas estaduais no município, obteve-se consentimento para a visita de apenas cinco, sendo três na área insular e duas na área continental de São Vicente.

Após autorização por parte da direção escolar, houve contato com o coordenador pedagógico da unidade e foi requerido que disponibilizasse um dia para se conversar com os professores com o intuito de expor a finalidade da pesquisa aos docentes. Marcadas as reuniões, que ocorreram em HTPC's (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo), foi entregue aos professores questionário cuja abordagem era qualitativa (Anexo 1) para a escolha daqueles que seriam convidados a participar da pesquisa.

Em cada escola, foi entregue uma média de quinze questionários, perfazendo um total de setenta e cinco. Duas semanas após o primeiro contato, houve retorno às escolas para recolher o material (questionário respondido). Obteve-se resposta a dezoito questionários que foram analisados, o que resultou na escolha de dez professores num total de cinco escolas.

A análise para a escolha dos professores baseou-se na forma pela qual afirmavam fazer uso da pesquisa em sua sala de aula e pelo que entendiam por pesquisa. Aqueles que mais se aproximaram daquilo que propõe a literatura sobre o assunto, foram os escolhidos.

Ao entrar em contato com os professores escolhidos para se saber a disponibilidade destes para participar da pesquisa, obteve-se a adesão de quatro professoras em duas escolas da rede estadual.

A pesquisa de campo valeu-se de uma abordagem qualitativa através do contato direto com as professoras e posteriormente por entrevistas semi-estruturadas, fazendo-se uso de gravador digital e anotações durante as observações em sala de aula. Não existiu intervenção da pesquisadora durante as observações, houve apenas o registro da prática das professoras, assim como do comportamento dos alunos durante a aula.

As observações ocorreram com prévia marcação de horário, assim como as entrevistas, estas últimas ocorreram em ambiente fora das unidades escolares, uma vez que nestas ficava impossível desenvolver uma conversa sem intervenções constantes, pois os professores na escola na maior parte do seu tempo estão em sala de aula, em reunião pedagógica ou correndo para ir lecionar em outra unidade escolar. Para uma melhor condição, a entrevista ocorreu na residência das docentes.

Ao final de cada observação, foi pedido que os alunos presentes respondessem a um questionário (Anexo 2a), cuja abordagem é quantitativa, com a finalidade de se ter uma idéia do que estes pensam com relação ao trabalho desenvolvido pela professora. Pôde-se notar que a grande maioria se interessa pelo tipo de aula em que existe trabalho de pesquisa.

A observação realizada em salas de aula e as questões tratadas nas entrevistas centraram-se nas especificidades que caracterizam teoricamente a metodologia do ensino por meio da

pesquisa: como as professoras fazem uso da pesquisa em sala de aula, quais são as condições de trabalho, as estruturas físicas e pedagógicas e a forma como avaliam o progresso desses alunos.

O trabalho de observação em sala de aula teve início no mês de março de 2006 e terminou em novembro do mesmo ano. No caso das entrevistas, estas foram realizadas no ano de 2006 e 2007, de acordo com a disponibilidade das professoras estudadas.

O presente trabalho teve como referencial teórico os trabalhos em que Pedro Demo (1997, 2002, 2004a, 2004b), Joaquim Severino (2001), Paulo Freire (2004), Moacir Gadotti (2003, 2004, 2007), Cachapuz, (2000) Praia e Jorge (2002), entre outros discutem o assunto, uma vez que as idéias desses pensadores vêm ao encontro das que acredito como verdade, até o momento. Uma vez que não temos acesso à verdade absoluta, o que é considerado verdade hoje pode deixar de sê-lo amanhã, como diz Boaventura de Souza Santos³, quando fala do paradigma emergente.

O conhecimento do paradigma emergente tende assim a ser um conhecimento dualista, um conhecimento que se funda na superação das distinções tão familiares e óbvias que até há pouco considerávamos insubstituíveis, tais como natureza/cultura, natural/artificial, vivo/animado, mente/matéria, observador/observado, subjetivo/objetivo, coletivo/individual, animal/pessoa. (SANTOS, 1996, p. 39-40)

Pedro Demo (2002) considera a pesquisa, na condição de princípio científico, como instrumento teórico-metodológico (prático) para reconstruir e construir conhecimento. Essa relaciona professor e aluno no processo de aprendizagem, sendo papel do professor o de orientar para desenvolver a autonomia individual e coletiva quanto ao trabalho de (re)construção do conhecimento dos seus alunos. Para Demo, a pesquisa visa estimular o aluno a procurar seu material de trabalho, com a finalidade de superar o condicionamento de receber tudo pronto. Ela envolve a leitura e a escrita crítica com intuito final de passar do

³ Em seu livro, *Um discurso sobre as ciências*, Santos fala sobre o paradigma dominante (cartesiano) e mostra que ele não mais cabe como verdade absoluta e que está por emergir um novo paradigma, que leva em consideração tudo aquilo que o cartesianismo deixou de lado.

papel de receptor para o de autor. Para tal, o aluno precisa ser estimulado sempre, para que consiga expressar-se com propriedade, desenvolvendo cada vez mais a sua capacidade para criar e intervir de forma ética e política na sociedade.

De acordo com Cachapuz, Praia e Jorge (2000), os professores são peças fundamentais no processo do ensino por pesquisa, pois devem ajudar, e não dirigir, compreender, e não resolver as dificuldades, desenvolver estratégias em conjunto com os alunos, estimulá-los a pensar e refletir, valorizando a interdisciplinaridade dos saberes.

Acredita-se que é de extrema importância a qualificação docente, quer seja inicial ou continuada (GALIAZZI e MORAES, 2002).

O presente trabalho está estruturado em três capítulos. Inicia-se por uma introdução que apresenta e justifica o trabalho, sua relevância, objetivos, hipótese, caminhos metodológicos traçados para a construção da pesquisa, seus capítulos e, ao final, as considerações finais.

No capítulo I, está presente a fundamentação teórica, que se encontra também em todo o corpo do trabalho. Há uma discussão sobre a educação no nosso século, a pesquisa como estratégia de ensino mais adequada à formação de um novo cidadão e sobre o professor e sua importância no ensino por meio da pesquisa.

O capítulo II trata sobre as escolas e suas professoras, assim como as observações em sala de aula.

O capítulo III apresenta uma discussão baseada nas entrevistas das professoras escolhidas para o estudo.

Por fim, as Considerações Finais e sugestões para a realização de futuros trabalhos na área.

1. EDUCAÇÃO E PESQUISA

Este capítulo inicia-se com uma discussão sobre a educação no nosso século, traz uma revisão de parte da bibliografia sobre o uso da pesquisa enquanto instrumento de aprendizagem, a sua importância no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, como também apresenta o papel do professor e sua importância, como orientador neste processo.

1.1. A educação no nosso século

O relatório organizado por Jacques Delors (1996, p. 89-102) para a Unesco sobre a educação para o século XXI sugere que a educação precisa organizar-se em torno de quatro pilares centrais, os quais seriam aprender a conhecer, a fazer, a conviver e a ser. Estes operam para que o sujeito aprenda a ser autônomo com relação a sua aprendizagem, que desenvolva a sua curiosidade, seu intelecto, sua criticidade, seu discernimento, entenda que a teoria não é dissociada da prática, que é um sujeito coletivo, histórico e ético. A preocupação para o século XXI é a de que a educação deixe de ser excludente, que faça seu papel político e social ajudando no desenvolvimento de sujeitos conscientes de sua historicidade, coletividade, autonomia, que torne os sujeitos capazes de pensar criticamente, capazes de fazer, com ciência de quem são e a importância do seu papel social na humanidade.

A educação poderia se fazer através da dialogicidade entre pais, alunos, professores, disciplinas, sociedade, uma vez que o homem é um ser sociológico, constrói-se através das relações, não seria diferente na escola, já que esta é parte integrante do sujeito social.

O projeto da educação na atualidade não é o de formar o sujeito para ser consumido pela nova ordem mundial, mas dar a este oportunidades para desenvolver-se na sua totalidade, por meio de competências e habilidades que lhe sejam úteis e contribuam para aprimorar seus

conhecimentos, com a finalidade de resolver problemas e criar meios para melhorar a si e a sociedade.

De acordo com Freire (2004), a educação, como experiência especificamente humana, é uma forma de intervir no mundo, mas principalmente intervir de forma consciente, com responsabilidade sobre suas ações.

Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só a outra dessas coisas. Nem apenas reprodutora nem apenas desmascaradora da ideologia dominante. (p. 98)

Para Severino (1990), a educação possui um caráter praxiológico, interdisciplinar e “enquanto ação social, atravessada pela análise científica e pela reflexão filosófica, torna-se uma práxis e, portanto, implica as exigências de eficácia do agir tanto quanto aquelas de elucidação do pensar.” (p. 23). O autor remete à importância da filosofia na educação, responsável pela “construção de uma imagem no homem, enquanto sujeito fundamental da educação” (ibid., p. 20), de nada adianta desenvolver o aprendizado do sujeito, se ele não tiver ciência de sua ética, de suas responsabilidades perante o social, o coletivo. Talvez por este motivo, o capitalismo tenha impregnado as “almas” dos sujeitos que se tornaram cada vez mais individualistas, facilitando a distorção do que é importante para a vida. Não cabe a este trabalho discutir a alma, a subjetivação humana, mas cabe, de certa forma, lembrar a falta que o uso da filosofia faz na formação dos sujeitos, pois esta trabalha para “desvelar criticamente a ‘repercussão’ ideológica da educação: só a partir dela a educação poderá se constituir em projeto que esteja em condições de contribuir para a transformação da sociedade.” (Ibid., p. 24).

A transformação desejável está baseada na ética, no respeito, no diálogo, na tolerância, no interesse da coletividade, no desenvolvimento real da humanidade. A pesquisa não tem

validade para desenvolver apenas o saber, ela precisa estar para desenvolver o sujeito em sua totalidade, uma vez que a filosofia é a base da pesquisa; através dela, o sujeito pensa criticamente, mas não apenas pensa, também sente. O homem não é dotado apenas de razão, mas também de emoção.

O homem até o presente momento evoluiu, acredita-se, o suficiente para poder entender que a cor da pele, a textura do cabelo, a quantidade de papel moeda acumulado, nada disso tem importância real, apenas ancoram as fraquezas humanas em desculpas. Talvez, neste século, ocorram as mudanças históricas esperadas, mas estas apenas serão passíveis de realização no momento em que os olhos se abrirem e todos puderem se “enxergar”. Tanto a educação como a escola tem um papel de extrema importância neste processo. Será que por ser tão importante, esta se mantém relegada, principalmente nos países ditos de terceiro mundo, que possuem riquezas minerais, vegetais e animais indispensáveis para a humanidade e principalmente para os países ditos de primeiro mundo? Talvez, para estes, seja interessante manter estes povos controláveis, sem consciência. Uma forma eficaz é manter a população alienantemente tão miserável (financeiramente, intelectualmente, saúde) e dependente, que esta mendigue inconscientemente uma fração dos direitos que deveriam estar assegurados. Direitos estes adquiridos não no sentido de moradores de um País, mas como sujeitos históricos, coletivos, detentores da mais poderosa ‘arma’ da existência, o pensar capaz de fazer-se ação.

Enquanto a educação realizada na escola não desenvolver seu papel de propiciadora de ambientes para o desenvolvimento de sujeitos cidadãos, conscientes de sua historicidade, ética, importância e responsabilidade social, dificilmente terá sua função como preparadora de cidadãos para a reconstrução do mundo, capazes de inferir com consciência coletiva neste século.

Uma proposta de educação para o século XXI pede posturas pedagógicas que levem em consideração a diversidade dos jovens, não apenas com relação à condição socioeconômica, mas às suas escolhas filosóficas e inserções culturais. Fazem-se necessárias condições para reflexão, a partir de problematizações que gerem conhecimento do contexto e amadurecimento de idéias para a formação dos seus projetos de vida.

Este início de século é chamado, de acordo com alguns autores, de o “século do pensamento”, é considerado importante o desenvolvimento da capacidade do pensar, do raciocinar, do aprender.

De acordo com Luckesi (1990, p. 93), existem dois tipos de aprendizagens, a espontânea e a intencional, que são complementares, pois a primeira é construída nas situações cotidianas, nas relações entre os sujeitos, enquanto a segunda vai além desta, porque busca e usa de exercícios sistemáticos, “tendo como característica ser: ativa, inteligível e sistemática.” (Ibid., p. 94). A aprendizagem não se vale apenas da vida (prática), mas também da construção intelectual (teoria). Para Silva (2006), a aprendizagem escolar deve portar praxidade.

A aprendizagem escolar não pode ter seu significado esvaziado pela sua assimilação simplista à aprendizagem ampla social ou a uma vaga formação do indivíduo ou da personalidade do ser humano. Sua especificidade passa pela mediação do conhecimento com todas as suas implicações de natureza epistemológica e de sua imbricação na tessitura cotidiana. (p. 3)

Para Freire (2004), a verdadeira aprendizagem é aquela que propicia a transformação dos educandos em reais sujeitos da construção e reconstrução do saber ensinado, juntamente com o educador que também é sujeito do processo.

Para Demo (2000), ela é dialética, um fenômeno de extrema complexibilidade não-linear, ela inclui o aspecto formativo do sujeito, refere-se à formação da competência política, “ressalta com os avanços da biopsicologia, sua ilação emocional [...], sobretudo para respeitar

a complexidade extraordinária de um processo ao mesmo tempo racional e emocional” (p. 300-301).

O aprender faz parte da totalidade dos sujeitos envolvidos, não existe apenas um que aprende e o outro que ensina, todos devem aprender no processo, uma vez que aprender é viver. Aprender envolve não apenas um sujeito que escuta e outro que fala em um ambiente isolado dentro de uma sala de aula; aprender envolve vivência, convivência, história, cultura, trocas, interação, leitura, escrita, pensar, discutir, argumentar, fazer-se oportunidade, enfim, ser consciente do inacabamento de que se faz parte, para ter a possibilidade de ir além. A pesquisa como instrumento de aprendizagem, acredita-se, propicia o desenvolvimento da consciência dos sujeitos no processo do seu uso, mas esta depende do professor, sua qualificação e das condições de trabalho, para que seja bem conduzida ou não.

1.2. A pesquisa como estratégia de ensino mais adequada à formação de um novo cidadão

Na atualidade, percebe-se que grande parte das pessoas não mais pensam por si, estão acostumadas a receber tudo pronto. Estão perdendo, cada vez mais, sua habilidade de raciocinar, pensar, significar. Ao lecionar (professor), observa-se este comportamento em muitos alunos em sala de aula, assim como na sociedade, já que a mesma mostra não concordar com determinadas políticas, mas não sabe argumentar, não sabe como posicionar-se para modificar o que existe e com o que não concorda.

Infelizmente a escola continua a não ajudar no desenvolvimento da autonomia do sujeito. A aprendizagem fica em segundo plano, o que conta é a quantidade, não a qualidade do ensino. Nesse caminhar, muitas escolas acabam tornando-se depósito de crianças, o que já se observa em muitas escolas públicas de tempo integral do Estado de São Paulo. Pode-se

apontar para inúmeros responsáveis (governo, pais, escola, professores, sociedade), só que chega o momento em que não mais importa quem são os culpados, e sim saber o que se pode fazer para modificar esta estagnação no desenvolvimento da aprendizagem dos sujeitos, que são seres sociais, históricos que não são uma realidade pronta, e sim um projeto em construção.

A verdadeira vontade não se refere à escolha de duas possibilidades pré-determinadas, mas a esse ato único, incoativo, no e pelo qual surgem novos possíveis e, ao mesmo tempo, o sujeito se dirige para eles. Tal sujeito não é uma realidade, é um projeto, em parte realizado pelos indivíduos e em parte, sobretudo, a ser realizado também em função de uma transformação que se refere não apenas aos seres humanos na sua singularidade, mas à sociedade em seu conjunto. (CASTORIADIS, 1999, p. 45-46)

Pode-se tentar mudar este quadro?

Acredita-se que a utilização da pesquisa como instrumento de aprendizagem possa contribuir.

Ao procurar a palavra pesquisa no dicionário, encontrou-se o significado de que esta é ação, efeito de pesquisar, que é uma busca, indagação, inquietação, investigação. O uso da pesquisa no Brasil, durante o século XX, foi pensado principalmente no âmbito acadêmico. Atualmente, a pesquisa vem sendo vista de outra forma, mantém claramente sua importância acadêmica, não se restringindo apenas à graduação, volta-se também para a sala de aula, com a finalidade de desenvolver sujeitos capazes de pensar, e não mais “gravadores de conteúdo”.

A proposta teórica que fundamenta o ensino, por meio da pesquisa na escola atual junto aos educandos, pressupõe o conhecimento e a comunhão com concepções do processo centradas na aprendizagem, na construção do conhecimento, na autonomia e autoria daquele que aprende e, especialmente, no desenvolvimento de competências que envolvam a condição de utilização desses conhecimentos de forma a adaptá-los em situações diferentes.

A pesquisa em sala de aula visa, portanto, ajudar no desenvolvimento da autonomia do sujeito, assim como instigar e desenvolver o seu ser questionador, pensante, crítico, tornando-o sujeito consciente. Faz com que o mesmo se enxergue e deixe de ser alienado⁴. Para tanto, uma das peças-chave para esta mudança é o professor, não, como mencionado, transmissor de conteúdo, pois uma máquina pode fazê-lo, mas como guia no desenvolvimento da aprendizagem de seus alunos, já que estes são os futuros cidadãos atuantes nesta sociedade. O professor tem como função auxiliá-los, conduzi-los nessa reconstrução, chegando até o momento em que eles estejam aptos a construir seu conhecimento.

A palavra reconstrução está sendo utilizada com base na idéia de Pedro Demo (1999):

É mais conhecida a terminologia da “construção do conhecimento”, por conta da obra de Piaget que leva o nome de “construtivismo”. Não a adotamos aqui apenas para não insinuar que a aprendizagem reconstrutiva só poderia ser feita através das idéias de Piaget. [...] a saber: normalmente reconstruímos conhecimento, porque partimos do que já conhecemos, aprendendo do que já está disponível na cultura: a construção do conhecimento também pode ocorrer, mas é um passo de originalidade acentuada, dificilmente aplicável ao dia-a-dia. Entendemos por aprendizagem reconstrutiva aquela marcada pela relação de sujeitos e que tem como fulcro principal o desafio de aprender, mais do que de ensinar, com a presença do professor na condição de orientador “maieútico”. Tem como contexto central a formação da competência humana, de cunho político, certamente instrumentada tecnicamente, mas efetivada pela idéia central de formar sujeitos capazes de história própria, individual e coletiva. Assim, quando se aproxima este tipo de aprendizagem do saber pensar e do aprender a aprender [...] (p. 02)⁵

A pesquisa requer a construção de um conhecimento novo, ou como comentado, a reconstrução de algo já elaborado, que resulta em algo novo, diferente do original. É dialética. Conforme o aprendiz (pesquisador) se envolve com ela, cresce intelectualmente, em sua oralidade, assim como em sua escrita; torna-se crítico, autônomo, um ser pensante capaz de argumentar criticamente e defender seu ponto de vista. E com o passar do tempo, tornar-se-á um sujeito atuante na sociedade. Deixará de aceitar imposições e defenderá aquilo que

⁴ Não é sujeito de si, anula-se, aceita tudo sem questionar ou pensar, é um ser inconsciente.

⁵ <http://www.senac.br/INFORMATIVO/BTS/243/boltec243c.htm>

acredita, uma vez que deixou de ser um reservatório e passou a ser um reconstrutor e construtor do seu pensar e agir conscientes.

A pesquisa inclui sempre a percepção emancipatória do sujeito que busca fazer e fazer-se oportunidade, à medida que começa e se reconstitui pelo questionamento sistemático da realidade. Incluindo a prática como componente necessário da teoria, e vice-versa, englobando a ética dos fins e dos valores.

Não é possível sair da condição de objeto (massa de manobra), sem formar consciência crítica desta situação e contestá-la com iniciativa própria, fazendo deste questionamento o caminho de mudança. Aí surge o sujeito, que o será tanto mais se, pela vida afora, andar sempre de olhos abertos, reconstruindo-se permanentemente pelo questionamento. (DEMO, 2002, p. 8).

A pesquisa, como se pode ver em Severino (2001), é práxica, não é fixa na prática ou na teoria, pelo contrário, ela dialoga entre estas, pois uma pesquisa não pode começar sem uma teoria prévia (conhecimento teórico inicial) e não pode se realizar sem uma prática (ação fundamentada na teoria).

Assim, pela práxis o homem opera e age. Ela é o movimento que articula dialeticamente a operação e a reflexão, a teoria e a prática. Para que a ação humana seja criadora e transformadora, precisa ser uma prática intencionalizada pela teoria e pela significação. A teoria, separada da prática, seria puramente contemplativa e, como tal, ineficaz sobre o real; a prática, desprovida da significação teórica, seria pura operação mecânica, atividade cega. (SEVERINO, 2001, p. 46).

Por ser dialética se vale da contradição, da negação, da não aceitação para possibilitar uma educação transformadora, ela é a “negação da negação” (WIKIPEDIA, 2006, p. 5) e, por ser dialético-práxica, não deixa de ser política, auxilia o sujeito a tornar-se consciente de si, da sua importância na sociedade, de ser capaz de pensar criticamente e a se descobrir fazedor de mudança.

A marca política não aparece apenas na presença inevitável da ideologia, mas sobretudo no processo de formação do sujeito crítico e criativo, que encontra no conhecimento a arma mais potente de inovação, para fazer e se fazer oportunidade histórica através dele. Neste sentido a cidadania que se elabora na escola não é, por sua vez, qualquer uma. Pois é especificamente aquela que sabe fundar-se em conhecimento, e, segundo, para estabelecer com competência inequívoca uma sociedade ética, mais equitativa e solidária. (DEMO, 2002, p. 7)

Hoje se espera uma educação de qualidade que busque a emancipação dos sujeitos sociais. De acordo com Navarro (2004), esta educação emancipadora busca a transformação “da realidade, o conhecimento passa a ser fruto de uma construção coletiva e, assim, o professor é mais do que o mero ‘ensinante’ e o processo de ensino-aprendizagem adquire movimento de troca e de crescimento mútuo” (p. 34).

[...] a “escola de qualidade” é aquela que contribui com a formação dos estudantes nos aspectos culturais, antropológicos, econômicos e políticos, para o desempenho de seu papel de cidadão no mundo, tornando-se, assim, uma qualidade referenciada no social. Nesse sentido, o ensino de qualidade está intimamente ligado à transformação da realidade. (Ibid., p. 31)

No ensino tradicional, como já citado, a aprendizagem está centrada na transmissão de conteúdos pelo professor, que os expõe e o aluno recebe, reproduz e o devolve como o recebeu. Acredita-se que, assim como Charlot (2005), se o aluno não fizer o trabalho intelectual, não vai aprender e se este deve aprender, não é o professor o agente do conhecimento, pois seu trabalho não é ensinar, é fazer com que o aluno aprenda.

Nesse sentido, a educação por meio da pesquisa implica a transformação dos educandos, antes objetos, em sujeitos das relações pedagógicas, com autonomia, capacidade de construir competências, de autoria, pensamento crítico, capazes de argumentar com propriedade, levando-os a um processo de “aprender a aprender” (GALIAZZI, 2002).

O uso da pesquisa em sala de aula não possui um caminho único, entretanto possui algumas diretrizes. Como exemplo, Demo (1997) acredita que a postura do professor deva envolver, entre outras coisas, a motivação do aluno, sua orientação, e que a pesquisa passe a fazer parte do cotidiano de ambos, e que o aluno precisa participar de sua aprendizagem, desenvolver sua autonomia, espírito crítico, trabalhar com o professor, bem como estar sempre presente e participativo no seu processo de aprendizagem.

Metodologia envolve	Postura do professor	Postura do aluno
<ul style="list-style-type: none"> • Estratégias didáticas que facilitam ou instigam o questionamento reconstrutivo; • Leitura constante; • Ambiente estimulante; • Trabalho em equipe organizado e produtivo; • Participação ativa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Motivar o aluno; • Trabalhar em conjunto com o aluno; • Orientar o aluno permanentemente para expressar-se de maneira fundamentada; • Exercitar o questionamento sempre; • A formulação própria; • Reconstruir autores, teorias e • Cotidianizar a pesquisa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aluno sujeito; • Autônomo; • Participativo; • Espírito crítico; • Trabalha em conjunto com o professor; • Saber procurar; • Autor; • Sempre presente.

Tabela 1 – Uso da pesquisa em sala de aula - Demo (1997)

Para Moraes (2002a), o professor precisa questionar seus alunos para saber o que estes já carregam consigo de vivência (aprendizagem), e o aluno precisa participar ativamente desta experiência, assim como trazer suas vivências para que a aprendizagem torne-se significativa.

Metodologia envolve	Postura do professor	Postura do aluno
<ul style="list-style-type: none"> • Favorece a construção de novos conhecimentos e argumentos • Superação da aula copiada • Transformação aluno objeto em sujeito do processo de aprender • Envolvimento dos sujeitos em diálogo e discussão críticos, • Qualidade política transformadora 	<ul style="list-style-type: none"> • A partir do questionamento de conhecimentos dos participantes, procura-se respostas; • Estas são: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Apresentadas em forma de novos conhecimentos, ✓ Fundamentados teórica e empiricamente, são ✓ Comunicados e criticados para melhoria de sua qualidade • Estimular a leitura, a produção dos alunos 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação ativa • Trazer suas vivências • Explorar teorias; • Ler livros; • Consultar autores.

Tabela 2– Uso da pesquisa em sala de aula - Moraes (2004)

Para Cachapuz, Praia e Jorge (2002), o professor não deve dar respostas prontas, mas precisa elaborar estratégias e atividades que estimulem a problematização, a formulação síntese de idéias, exercitar o contínuo exercício do pensar, por currículo em ação de forma atenta, intencional e fundamentada, ajudar e não dirigir, estimular a reflexão e o repensar do aluno, assim como ensinar só aquilo que compreende. No caso dos alunos, precisam envolver-se, assumir suas tarefas ao longo do trabalho de pesquisa e trabalhar de forma cooperada e compartilhada com professores e colegas.

Metodologia envolve	Postura do professor	Postura do aluno
<ul style="list-style-type: none"> • Educação científica humanizada; • Ensino numa perspectiva de ação (ciências); 	<ul style="list-style-type: none"> • Sem respostas prontas, sem conduções marcadas; • Estratégias e atividades que estimulem a problematização, a formulação síntese de idéias, assim como as crenças dos alunos; • Envolver os alunos efetiva e cognitivamente • Soluções provisórias para problemas reais e sentidos. • Compreender e não resolver; • Valorizar perspectivas interdisciplinares, os saberes da didática 	<ul style="list-style-type: none"> • Desempenha responsabilidade compartilhada e cooperativa; • Assumir tarefas ao longo do trabalho de pesquisa.

Tabela 3 – Uso da pesquisa em sala de aula - Cachapuz, Praia e Jorge (2002)

Para Galiuzzi (2005), a postura do professor deve envolver ações conjuntas e articuladas entre o docente e o aluno, com o compromisso formal e político para o desenvolvimento de competências, precisa aprender a ouvir os ruídos e os silêncios dos

alunos, ser o mediador em sala de aula. No caso do aluno, a autora acredita que a postura dele precisa envolver questionamento, autonomia, participação, assim como espírito crítico.

Metodologia envolve	Postura do professor	Postura do aluno
Favorecer a capacidade de: <ul style="list-style-type: none"> • Argumentação; • Aprender a trabalhar na improvisação; • Escrever com autonomia (sem cópia); • Saber pensar. 	Envolve: <ul style="list-style-type: none"> • ações conjuntas e articuladas entre o professor e o aluno, com o compromisso formal e político para o desenvolvimento de competências, tais como: <ul style="list-style-type: none"> - saber perguntar, dialogar, construir argumentos, validação destes, estar aberto para superar-se e ser superado. 	<ul style="list-style-type: none"> • Questionador • Sujeito; • Autônomo; • Participativo; • Espírito crítico.

Tabela 4 - Uso da pesquisa em sala de aula - Galiazzi (2005)

Pode-se perceber que, embora cada autor expresse a sua visão sobre o uso da pesquisa em sala de aula, todos discursam sobre os mesmos pontos.

Vasconcelos, Praia e Almeida (2003) em trabalho, apresentam o caminho de várias teorias, concepções e perspectivas de aprendizagem que foram sendo assumidas evolutivamente durante os anos, adotando-se na atualidade a perspectiva do ensino por pesquisa. Para estes, o ensino por pesquisa “faz apelo a conteúdos inter e transdisciplinares, “cultural e educacionalmente relevantes, pois hoje se trata de valorizar objetivos educacionais que promovam uma avaliação formadora em detrimento da classificatória” (p. 08). Não importa mais a quantidade em detrimento da qualidade do ensino.

Para Demo (1997), a pesquisa pode se apresentar como princípio científico e educativo. A primeira serve de instrumento teórico-metodológico para construir

conhecimento, enquanto a segunda é o questionamento sistemático e criativo, cuja função é de intervir na realidade.

Não há por que existir teoria, se esta não possui uma aplicação prática; temos que a pesquisa é práxica. Ela é a prática e a teoria, ou vice-versa, intrinsecamente ligadas, ela é dialética, pois não aceita sem questionar, possibilita uma educação para a transformação dos sujeitos.

Freire (2004) a percebe como princípio formativo para desenvolver sujeitos autônomos e críticos, pensadores, políticos, autores para uma sociedade menos elitista e mais coletiva (social).

Na atualidade, muitos trabalhos focam o uso da pesquisa como instrumento para desenvolver o aluno na construção e reconstrução do seu conhecimento, como se pode ver no trabalho de Silva (2006, p. 01-02).

Atualmente está sendo dado enfoque especial à pesquisa como instrumento didático no processo de ensino, com o intuito de garantir nova qualidade para a aprendizagem. Nesse sentido a prática da pesquisa é vista como capaz de conduzir o aluno a assumir seu lugar de agente de reconstrução do conhecimento. A literatura pedagógica apresenta inúmeros trabalhos sobre essa prática da pesquisa. Alguns trabalhos desenvolvem análises teóricas em busca de sua fundamentação como “princípio científico e educativo”. (DEMO, 1990) Outros buscam definir a pesquisa como metodologia e forma de ensino e “exercício de aprender a aprender”. (MORAES e LIMA, 2002; MORAES, 2004; DEMO, 1997; HERNÁNDEZ e VENTURA, 1998; FAZENDA, 1999).

De acordo com Gadotti (2007, p. 31), existem hoje muitos trabalhos que demonstram que o cérebro não funciona como uma fábrica e cita o biólogo chileno, Humberto Maturana⁶, o qual informa que o cérebro aprende de dentro para fora e de forma total e não fragmentada, ele se auto-organiza, constrói o conhecimento. Tem-se que a educação escolar continua no caminho errado, fragmentando os conteúdos. O professor, ao usar a pesquisa que não é

⁶ O autor escreveu “De máquinas y seres vivos: autopoiesi, la organización de lo vivo. Santiago: Editorial Universitaria, 1994”.

fragmentada e sim dialético-prática (DEMO, 1997; GALIAZZI, 2002; FREIRE, 2004; GADOTTI, 2004, CACHAPUZ, 2000), consegue auxiliar o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa, se este levar em consideração a bagagem educacional que o aluno já traz consigo, que por meio da pesquisa irá relacionar com as novas informações, significando-as, assimilando-as, conseqüentemente as aprendendo.

Esta aprendizagem significativa baseia-se no conceito de Ausubel (1982) que foi discutida em artigo por Peliazzari et al (2002), em que expõem os passos desse tipo de aprendizagem. Percebe-se ser esta o tipo de aprendizagem que o ensino por meio da pesquisa ajuda desenvolver. Tem-se que na aprendizagem significativa (Ibid., p. 40):

- a ação educativa está condicionada pelo nível de desenvolvimento dos alunos, deve complementar-se com a exploração dos conhecimentos prévios dos estudantes, o que já sabem ou têm construído em seus esquemas cognitivos. A soma de sua competência cognitiva e de seus conhecimentos prévios marcará o nível de desenvolvimento dos alunos;
- a construção das aprendizagens significativas implica a conexão ou vinculação do que o aluno sabe com os conhecimentos novos, o antigo com o novo. A repetição deve ser deixada de fora na medida do possível; uma vez que se deseja que seja funcional, deve-se assegurar a auto-estruturação significativa;
- sugere-se que os alunos “realizem aprendizagens significativas por si próprios”, o que é o mesmo que aprendam o aprender. Assim, garantem-se a compreensão e a facilitação de novas aprendizagens ao ter-se um suporte básico na estrutura cognitiva prévia construída pelo sujeito;
- faz-se necessário modificar os esquemas do sujeito, como resultado do aprender significativamente. Uma maneira adequada de ampliar e/ou modificar as estruturas do

aluno consiste em provocar discordâncias ou conflitos cognitivos que representem desequilíbrios a partir dos quais, mediante atividades, o aluno consiga reequilibrar-se, superando a discordância e reconstruindo o conhecimento (PIAGET, 1997). Para isso, é necessário que as aprendizagens não sejam excessivamente simples, o que provocaria frustração ou rejeição;

- o que é sugerido é a participação ativa do sujeito, sua atividade auto-estruturante, o que supõe a participação pessoal do aluno na aquisição de conhecimentos, de maneira que eles não sejam uma repetição ou cópia dos formulados pelo professor ou pelo livro-texto, mas uma re-elaboração pessoal.

De acordo com Smole (2006, p. 02), a aprendizagem significativa não combina com a idéia de um conhecimento encadeado, linear e seriado, que concebe o conhecimento organizado linearmente e contribui para reforçar a idéia de pré-requisitos que acaba justificando fracassos e impedindo aprendizagens posteriores. Para ela, assim como para Ausubel (1982), a aprendizagem significativa é assumir que aprender possui um caráter dinâmico e exige ações de ensino direcionadas para que os educandos aprofundem e ampliem os significados elaborados mediante suas participações nas atividades de ensino e aprendizagem.

Considera que na prática escolar, a teoria do conhecimento, como rede que “sustenta a apreensão de um conceito, idéia, fato, procedimento, realiza-se através das múltiplas relações que aquele que aprende faz entre os diferentes significados desse mesmo conceito”, e é determinante para:

a escolha dos conteúdos, a organização da sala de aula e da multiplicidade de recursos didáticos que serão utilizados pelo professor, implicando articular o ensino e a aprendizagem, o conteúdo e a forma de ensiná-lo, proporcionando cada vez mais um ambiente escolar favorável à aprendizagem, no qual todas as ações venham a favorecer o processo múltiplo, complexo e relacional de conhecer e incorporar dados novos ao repertório de significados, de modo a

poder utilizá-los na compreensão orgânica dos fenômenos e no entendimento da prática social. (SMOLE, 2006, p. 02)

O papel do professor na aprendizagem significativa, assim como ao fazer uso da pesquisa como instrumento de aprendizagem, é guiar “suas ações para que o aluno participe de tarefas e atividades que o façam se aproximar cada vez mais dos conteúdos que a escola tem para lhe ensinar.” (Ibidem). A pesquisa auxilia no desenvolvimento do pensar, do relacionar a vivência (prática) com a teoria, ajudando no desenvolvimento de um verdadeiro e comprometido ensino de qualidade que visa à aprendizagem significativa.

Smole (2006) demonstra o que significa uma aprendizagem significativa e com base em seus estudos percebe-se a grande contribuição que a pesquisa pode possibilitar enquanto instrumento para o desenvolvimento de uma aprendizagem com significado.

Entenda-se que a pesquisa não é milagrosa, não é a salvadora da educação, na verdade é um instrumento que se bem utilizado, consegue desenvolver o pensar, o que já foi demonstrado em diversos trabalhos como os de Moraes (2002), Frison (2002), Shwartz (2002), entre outros, pois estimula o questionamento, a procura para se achar uma resposta fundamentada. O sujeito não usará uma única fonte de informação, nem uma única matéria determinada, precisará enveredar-se por diversas disciplinas escolares, significando-as para justificar o que acredita ser verdade, para fundamentar suas argumentações, assim como se faz em qualquer trabalho de pesquisa. Mas se aqueles que forem fazer uso da pesquisa como instrumento de aprendizagem, não souberem olhá-la e trabalhá-la na sua totalidade, ela se tornará mais um método ou instrumento sem função prática, cujo objetivo não será alcançado.

Se a pesquisa for usada para desenvolvimento de alunos e professores a partir da base educacional, o nível produtivo destes sujeitos ascenderá proporcionalmente. A autonomia, a criticidade precisa ser construída e reconstruída ao longo da vida que é estudantil. Aprende-se por toda a vida, não apenas em um período, sendo o sujeito um eterno estudante.

Demo (2005) explica que pesquisar é a melhor maneira de aprender, mas não com o currículo extensivo atual. Melhor seria um currículo intensivo, “baseado no desenvolvimento aprimorado das habilidades básicas de pesquisar e elaborar, sem demérito dos conteúdos, mas vistos principalmente a partir da ótica de sua renovação permanente” (p. 113). O interessante é que, mesmo sem ainda existir tal currículo, alguns professores da rede pública de ensino estadual já tentam trabalhar a aprendizagem dos alunos, por meio da pesquisa em sua sala de aula.

A pesquisa pode ter seu papel como princípio científico, educativo, formativo ou qualquer outra denominação que queiram aplicá-la, mas o principal é que ela se valha enquanto instrumento instigante e conseqüentemente influir no desenvolvimento de sujeitos conscientes de sua habilidade humana que se caracteriza por questionar, raciocinar, subjetivar, dar sentido a si e ao seu entorno. A pesquisa é apenas um instrumento; aquele que irá empregá-la deve estar preparado para que seja utilizada de forma correta em toda a sua potencialidade. E no “interior” da escola, o professor é o responsável pela aprendizagem dos educandos em sala de aula.

Com base neste pensamento e complementando-se com o questionamento de Santos (2004) para saber “[...] em que perspectiva deve situar-se o docente na lida com o conhecimento, numa sociedade em que a mudança é a ‘única característica permanente’? Ao falarmos em produção do conhecimento estamos, [...] nos referindo à pesquisa como seu sinônimo.” (p. 1). Decidiu-se observar professores que usam de tal metodologia no ensino básico fundamental, ciclo II de 5^a a 8^a séries, para conhecer como estes a trabalham e refletem sobre sua prática, chegando-se ao papel do professor e sua importância no processo da educação escolar por meio da pesquisa.

1.3. Professor

Fala-se hoje com insistência no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescenta à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador. (FREIRE, 2004, p. 29)

A descrição da palavra professor, no dicionário de língua portuguesa, não difere da concepção da própria sociedade sobre este. De acordo com o léxico, o professor é aquele cuja profissão é dar aulas em escola, sobre algum assunto; é aquele que transmite algum ensinamento a outra pessoa, que tem diploma de algum curso que forma professores.

Infelizmente esta visão não é diferente da que a sociedade possui do professor, embora esta cobre que não apenas ensine, mas também eduque seus filhos, uma vez que o papel da família não está sendo mais o mesmo, como se pode perceber pela fala da Professora C.

[...] eles (alunos) não têm formação nenhuma, a gente não pode esperar mais da família, a sociedade mudou. Quantos hoje possuem uma família estruturada? Estruturada que eu digo é que possui o pai, a mãe juntos. Não tem mais nada, e o que isso repercutiu na vida dessas crianças, na formação de valores? [...] Toda a sociedade puxar a responsabilidade para você. Mas que condições? Não tem uma contrapartida, então quais são as condições que são dadas para que o professor consiga, entre aspas, resolver toda essa problemática? É para se refletir ... (PROFESSORA C, 2007)

Neste sentido, o ensino por meio da pesquisa visa auxiliar o desenvolvimento dos sujeitos, como citado, em sua totalidade (ética, política, social), embora se precise também parar para pensar sobre o papel da família na sociedade atual, pois esta, independente de ser formada por um pai e uma mãe, ou duas mães, dois pais, uma mãe, um pai, enfim, é uma família independente de sua constituição.

Entende-se que existe carência de contato humano, que não se tenha construído o gostar-se para gostar do outro, que não se tenha conseguido o tempo para estar junto, para criar laços. Talvez esteja ausente a consciência, o pensar sobre estes problemas. A visão real do que verdadeiramente falta. Mas esta é uma discussão, quem sabe, para outro trabalho,

embora não esteja de todo dissociado deste, pois o que se almeja, ao se utilizar a pesquisa como instrumento de aprendizagem, é exatamente despertar este pensar, esta consciência. Ajudar a desenvolver nos sujeitos a sua reintegração (alma-corpo-vida-sociedade) e reintegrar-se, pois aquele que utiliza a pesquisa também sofre transformações durante o processo.

Por conseqüência, para se trabalhar a pesquisa em sala de aula, o professor não pode ser apenas um transmissor, um expositor, pelo contrário, precisa interagir, pensar *com*, elaborar, assim como o aluno também fará parte do processo de pesquisa. Pode constituir-se em parceiro de seus alunos, mesmo em nível diferente de aprendizagem.

O professor tem um grande papel como guia e orientador deste processo. De acordo com Demo (1999), o professor é “componente intrínseco da aprendizagem, por ser esta uma habilidade humana e social, não eletrônica ou apenas técnica” (p. 2). Nunca poderá ser substituído por uma máquina, porque o pensar se constrói nas inter-relações entre os sujeitos. O professor, sendo seu orientador e capaz de pesquisar (professor-pesquisador) sua escola e refletir criticamente sobre a sua prática, estará apto a guiar e orientar seus alunos pelo mar do conhecimento, assim como a elaborar maneiras em conjunto com os demais docentes e toda a escola, com o intuito de crescimento coletivo das aprendizagens, tanto em nível político, social, educacional e humano. Mas não depende apenas do professor para que esse “desejo” torne-se realidade, há a necessidade de trabalho em grupo, divisão de responsabilidades, enfim, trabalhar socialmente, visando a um bem maior, que é o desenvolvimento do grupo em sua totalidade (social, histórica, educacional, política) e em seu total (grupo).

Pela orientação através da pesquisa, o aluno, ser social, histórico e coletivo, poderá melhor se desenvolver enquanto ser crítico, pensador, construtor, reconstrutor, gerador de novos conhecimentos, cidadão ativo de uma sociedade mais justa, que não visa ao bem

individual, mas sim o coletivo. Ele aprenderá a aprender⁷, terá a capacidade de saber pensar, formular hipóteses, pressupostos, discuti-los com a finalidade de melhor desenvolver a sociedade em que vive.

Como já citado, o professor é o guia deste crescimento, deste caminhar, desta reconstrução, desta dialética, porque através dela, a história se faz, as verdades são contestadas, uma vez que tudo é mutável, basta existir para ser passível de mudança. O professor precisa estar sempre se aprimorando, quer seja através de leituras, produção de textos, por meio de discussões, participando de grupos de debates de pesquisa, cursos de aperfeiçoamento, como também montando debates em sala de aula com seus alunos e colegas de trabalho. A troca de experiências é que nos leva a pensar, refletir, inovar; para tal, o professor precisa de tempo para estudar e ser remunerado por este tempo, uma vez que este é o seu trabalho.

Tempo, redução do número de alunos, principalmente. Tempo para você, também se preparar, se capacitar, porque você precisa aprender a trabalhar, desta forma. Porque também não é fácil. Eu continuo aprendendo também, porque não é fácil trabalhar. Não é um bicho de sete cabeças, mas ele é bem trabalhoso, é trabalhoso. (PROFESSORA C, 2007)

Talvez inexista a presença de pesquisadores dentre os professores de educação básica, provavelmente por serem mal remunerados e em conseqüência, precisarem acumular até 50 horas de aula por semana, para obter um salário que deveria corresponder a 20 horas/aula por semana. É humanamente impossível uma pessoa trabalhar tanto e ainda ter forças físicas e mentais para pesquisar e produzir, talvez seja um dos motivos pelos quais os professores pouco conhecem ou sabem realmente construir conhecimento, diminuindo na mesma proporção a sua importância como orientador educacional.

Não possui condições de trabalho, o seu horário ... você se compromete com ele praticamente ... a sua família, até na questão da família. Hoje dou muito menos atenção a minha família, por conta de ter que trabalhar muito mais do

⁷ Aprender a aprender (autonomia na aprendizagem), frase de Paulo Freire (2004) muito utilizada por quem escreve sobre o uso da pesquisa. Foi escolhida por caracterizar o processo, em apenas duas palavras.

que há 10 anos atrás. Então isso acaba refletindo no meu valor, no valor da minha família, no valor da sociedade [...] Toda a sociedade puxa a responsabilidade para você. Mas que condições? Não tem uma contrapartida, então quais são as condições que são dadas para que o professor consiga, entre aspas, resolver toda essa problemática? É para se refletir [...] é uma reação em cadeia. E a gente vai ficando cada vez mais triste com tudo isso, porque não é fácil... (PROFESSORA C, 2007)

O uso da pesquisa, como instrumento de aprendizagem, ajuda a desenvolver o pensar não só do aluno, mas também do professor e trabalha a relação entre estes, tornando-os sujeitos no processo de aprender.

[...] o que é o aprendizado do aluno? É só a quantidade de informação que ele consegue... memorizar? [...] Eu não entendo aprendizagem dessa forma. Eu entendo que aprendizagem é você se utilizar daquela informação, para resolver alguma coisa, aí isso é aprendizagem. Porque na minha época, a aprendizagem era baseada em cima da quantidade de informação que eu conseguia memorizar. Eu decorava 80 questões de História, e eu era a melhor aluna da classe, mas e hoje? Me pergunta alguma coisa de história? Me mande fazer uma linha do tempo... porque não me ensinaram a aprender a aprender, só me ensinaram que eu tinha que memorizar um monte de informação. [...] Então, quando eu percebi a diferença... [...] Aí eu mudei a minha estratégia, eu deixei de dar questionário (risos). E fui trabalhar de uma outra forma. Porque daí eu não estava medindo a quantidade de informação que ele conseguia memorizar, e sim... conseguir fazer com que ele selecionasse as informações necessárias para que ele conseguisse mobilizar numa situação problema. Aí isso para mim é aprendizagem. (PROFESSORA C, 2007)

O docente é importante neste processo de ensino pela pesquisa, porque trabalha com o humano, não apenas transmite, ele escuta, explica, interage, ajuda no desenvolvimento dos sujeitos, pois o professor, antes de mais nada, é um sujeito, uma pessoa e com a responsabilidade não apenas de desenvolver as aprendizagens, mas de ajudar no desenvolvimento de sujeitos conscientes de sua historicidade e coletividade.

Para tanto, precisa também se assumir sujeito fazedor de história, coletivo, pensador, comunicador, crítico, autônomo, capaz de uma prática educativo-crítica, com a finalidade de ensinar aos alunos a importância de saber quem se é e de admitir-se como ser histórico-social voltado para o agir consciente.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos

com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. (FREIRE, 2004, p.41)

Para que o professor consiga trabalhar e desenvolver-se dessa forma, há urgência quanto à mudança do olhar que tanto governo e sociedade possuem da educação e do professor, para que se trabalhe a pesquisa em sala de aula de forma a realmente conseguir desenvolver sujeitos críticos, éticos e pensadores.

O professor precisa ter apoio para seu trabalho educacional, receber um salário digno e correspondente à sua qualificação, assim como possuir condições de trabalho.

O professor que pretende trabalhar ou trabalha com a pesquisa em sala de aula precisa estar constantemente se aprimorando e produzindo. Seria interessante se o seu aprendizado começasse na formação inicial, mas não havendo possibilidade, existe a necessidade de que haja o aprimoramento através da sua formação continuada, por meio de cursos, capacitações, pós-graduação *lato senso* e *stricto senso*. E deve adquirir hábitos que provavelmente não foram muito incentivados pelos anos, como leituras, produções escritas (trabalhos), cursos que desenvolvam sua competência para a pesquisa, visita e apresentação de trabalhos em congressos, seminários, encontros. Enfim, a pesquisa e produção devem fazer parte da sua vida profissional e social, pois tem razão Freire (2004) quando brilhantemente coloca que o pesquisador já faz parte do ser professor, porque faz parte da sua prática docente o questionar, o buscar, o pesquisar. Pesquisador não é uma qualidade, é quem ele realmente é, apenas resta que este tome ciência e consciência, que se redescubra, renasça. E saiba (aprenda) fundamentar suas necessidades para a melhoria de sua prática em sala de aula na ajuda pela transformação dos sujeitos aprendentes.

Os próximos capítulos tratarão do desenvolvimento da presente pesquisa.

2. AS ESCOLAS E SUAS PROFESSORAS

Este capítulo traz uma breve apresentação do município selecionado para a pesquisa, as escolas cujos professores foram escolhidos para o estudo, assim como as observações realizadas em sala de aula.

Como já mencionado, o município de São Vicente foi escolhido por haver facilidade no acesso e na coleta de informações, uma vez que a diretoria de ensino localiza-se na cidade e, por essa fazer parte do campo de atuação da autora enquanto docente.

A escolha das escolas se deu em função da presença de professores que fazem uso da pesquisa em sua sala de aula. Optou-se por uma breve caracterização destas, uma vez que não se pode negar, a importante influência que o local e o ambiente de trabalho podem exercer na função docente, assim como na maneira como estes conseguem desenvolver o seu trabalho.

A observação centrou-se nas especificidades que caracterizam teoricamente a metodologia do ensino por meio da pesquisa: como as professoras fazem uso da pesquisa em sala de aula, quais são as condições de trabalho, as estruturas físicas e pedagógicas e a forma como avaliam o progresso desses alunos.

As observações ocorreram com prévia marcação. A observação realizada dos professores em seu ambiente de trabalho teve como finalidade conhecer os procedimentos práticos destes em contato com seus alunos ao usarem a pesquisa como instrumento de aprendizagem em sala de aula e se esta prática vem ao encontro de suas concepções e dos teóricos que estudam a área.

Para a observação, foram escolhidos critérios, presentes na Tabela 5 (Anexo 3), com intuito de se obter dados para uma posterior discussão quanto à prática das professoras, assim como as condições físicas para o desenvolvimento do seu trabalho.

Foi escolhida uma série por professora, para que se pudesse ter uma amostra de todo o ensino fundamental, ciclo II (Tabela 02).

Vale ressaltar que não houve um acompanhamento de todas as aulas das docentes, devido à dificuldade de se encontrar horário compatível entre pesquisados e pesquisadora.

Como critério, escolheu-se observar a metodologia usada, a postura das professoras em sala de aula, o comportamento dos alunos, assim como os instrumentos didáticos utilizados, com a finalidade de se conhecer a prática. Foi considerado importante observar também as condições físicas e estruturais da sala de aula, já que é o local onde alunos e professores passam a maior parte do tempo em que permanecem na escola e que deve oferecer condições adequadas de trabalho.

Como já citado ao final de cada observação, foi pedido que os alunos presentes respondessem a um questionário (Anexo 2a).

Os nomes das escolas e dos professores foram ocultados, por questões de cunho ético e moral.

Os professores escolhidos em sua totalidade foram mulheres cujas idades estavam acima dos trinta anos e contavam com experiência no magistério que variava de 8 a 20 anos. Todas as entrevistadas têm graduação na área em que lecionam e ocupam cargo efetivo através de aprovação em concurso público. Uma delas possui dois cargos como efetiva em escola pública do Estado de São Paulo, duas cursam mestrado e todas trabalham ou trabalhavam mais de 50 horas semanais, em virtude do baixo salário.

O trabalho de investigação teve início no mês de março de 2006, havendo seu término em novembro do mesmo ano. No caso das entrevistas, estas foram realizadas no ano de 2006 e 2007, de acordo com a disponibilidade das professoras estudadas.

A fundamentação teórica foi baseada em Pedro Demo (1997, 1999, 2000, 2001, 2002), Galiazzi (2002, 2005), Ramos (2002), Moraes (2004), entre outros, pois são autores que vêm ao encontro do que se acredita enquanto ensino por meio da pesquisa, além de serem os que mais trabalhos publicam sobre este assunto.

Para a identificação das escolas e das professoras, utilizou-se a seguinte nomenclatura:

Professora	Escola	Série
A	1	5ª série
B	1	7ª série
C	2	6ª série
D	2	8ª série

Tabela 06

Nos próximos subcapítulos, será apresentada a caracterização da cidade e das escolas, bem como o resultado das observações em sala de aula com as docentes escolhidas.

2.1. São Vicente

8



O local escolhido para a pesquisa foi a cidade de São Vicente (Figura 03), município do Estado de São Paulo, situado na Região Metropolitana da Baixada Santista,

9



considerada Cellula Matter da Nacionalidade, pois nesta cidade, fundou-se a primeira vila do Brasil (Anexo 6). É uma cidade praiana que faz limite de divisa com os municípios de Santos, Praia Grande e Cubatão.

Com relação à educação, até o ano de 1982 existia, neste município, um total de 56 escolas, contabilizadas em estaduais, municipais e particulares (POLITÉIA VICENTINA, 1982, pág. 144). Atualmente existem cerca de 74.651 alunos matriculados, 3.668 docentes, 263 escolas de ensino pré-escolar, fundamental e médio, contabilizadas em públicas estaduais, municipais e particulares¹⁰. Localiza-se também na cidade a Diretoria de Ensino do Estado de São Paulo, que comporta também os municípios de Praia Grande, Mongaguá, Peruíbe e Itanhaém. As escolas estaduais no município perfazem um total de 24, abrangendo a área insular e continental da cidade (Tabela 07).

⁸ Figura 1 → Brasão do Município de São Vicente.

⁹ Figura 2 → Bandeira do Município de São Vicente.

¹⁰ Dados coletados no site do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, ano 2005).

Nº	Nome da Unidade Escolar
01	Alberto Augusto, Pastor
02	Albino Luiz Caldas, Prof.
03	Antonio Luiz Barreiros
04	Antonio Moreira Coelho, Deputado
05	Armando Victório Bei
06	Classes Provisórias UIP jto EE P. Bandeiras - Gleba II
07	Classes Provisórias UI jto EE P. Bandeiras - Gleba II
08	CEL junto a Martim Afonso
09	Enio Vilas Boas, Prof.
10	Esmeraldo S. Tarquínio de Campos Filho
11	Joaquim Lopes Leão, Pastor
12	José de Almeida Pinheiro Júnior, Prof.
13	José Nigro, Prof.
14	Leopoldo José de Sant'Anna, Prof.
15	Luiz D'Aurea, Prof.
16	Margarida Pinho Rodrigues
17	Maria Dulce Mendes, Prof. ^a
18	Maria Thereza da Cunha Pedroso, Prof. ^a
19	Martim Afonso
20	Oswaldo Santos Soares, Prof. Dr.
21	Parque das Bandeiras - Gleba II
22	Paulo de Arruda Penteado, Prof.
23	Yolanda Conte, Prof. ^a
24	Zulmira de Almeida Lambert, Prof. ^a

Tabela 07 – Escolas Estaduais do município de São Vicente



Figura 03- Vista área da cidade de São Vicente (insular e continental), google earth.

Para o próximo subcapítulo, há a caracterização das escolas, cujas professoras pesquisadas lecionam.

2.2. Caracterização das escolas

2.2.1. Escola Estadual 'Número 01'

A escola Número 01 escolhida localiza-se na área continental da cidade de São Vicente, cujo bairro possui cerca de vinte e dois mil habitantes e a área total é de um mil e setecentos e noventa e seis metros quadrados (1.796 m²), sendo sua área em quadras correspondentes a quinhentos e noventa e seis mil metros quadrados (596.000 m²).

É afastada do centro urbano da cidade, composto por residências de alvenaria, sendo em sua maioria de casas térreas e sobrados. Possui posto policial e de saúde, neste último há poucos especialistas para atendimento ao público. A pesquisadora foi informada de que não há ortopedista e que, quando se necessita deste serviço, precisa-se ir até São Vicente. O dado curioso não é apenas faltar médico especialista, mas o informante dizer que, para receber este tratamento, dever-se-ia ir a São Vicente, sendo que este pronto-socorro está localizado na cidade de São Vicente. Os moradores, aparentemente, sentem-se excluídos da cidade (centro).

Existem no bairro supermercados, mercadinhos, comércio em geral, o serviço de profissionais liberais, mas sobram problemas de infra-estrutura como falta de pavimentação das ruas, calçadas esburacadas ou ausência destas. O transporte (ônibus) é deficiente. O alagamento das ruas em dias de chuva forte é freqüente. De acordo com documento cedido pela escola, a coleta de lixo é insuficiente: três dias na semana, o que causa a presença de lixo em terrenos baldios. Há falta de centros de lazer, as praças existentes não são cuidadas pelos moradores, e alguns até lá jogam lixo e depredam os locais.

Para solucionar os problemas quanto ao lixo no bairro, a prefeitura, no ano de 2007, juntamente com a companhia responsável pela limpeza da cidade, realizou um mutirão, que durou dois dias (finais de semana). Os moradores puderam limpar a casa, colocando os restos de construção, móveis velhos, entulho e todo tipo de lixo para fora. Duas máquinas e cinco caminhões foram utilizados para efetuar a limpeza do bairro, muitos materiais para reciclagem

também foram colhidos, de acordo com reportagem acessada. A justificativa para esta ação foi a de se evitar a deposição irregular de lixo nas ruas e praças do bairro.

Há ainda ocupações em área pública e em área de preservação permanente. Nestas ocupações, a maioria das residências é em alvenaria e possuem toda a infra-estrutura urbana, exceto rede de esgoto. No entanto, junto ao rio as casas tornam-se precárias, próximo ao local existem escolas e posto de saúde (dados coletados no site da AGEM¹¹).

A escola em questão foi construída inicialmente com apenas seis salas de primeira a quarta séries do ensino fundamental. Posteriormente, foi ampliada para mais oito salas e passou a atender alunos de primeira a oitava série do ensino fundamental. Atualmente atendem vinte e nove classes, nos três períodos do dia (ensino médio e fundamental, ciclo II, no período matutino, ensino fundamental, ciclo II, no período vespertino) e E.J.A¹² (ensino fundamental, ciclo II¹³, e médio no período noturno). A escola conta ainda com três salas diversificadas, uma para leitura (biblioteca), uma de informática e outra para vídeo/dvd. Estudam na escola cerca de mil alunos, todos estes dados foram coletados no ano de 2006, ao qual são referidos.

A escola, de acordo com documento cedido pela mesma, mostra ter tido aumento no número de salas, conseqüentemente, aumento também no número de alunos atendidos, assim como no de professores. Com relação aos pais dos alunos, o documento explica que se dedicam a diversas profissões que vão desde pessoas que fazem “bicos”, não possuem emprego com carteira assinada, até funcionários de empresas públicas.

Ao analisar o documento cedido pela escola, foi detectado que esta possui uma clientela que vai desde crianças procedentes de famílias que não possuem condições de vida que garantam as necessidades básicas de seus membros até famílias que possuem uma

¹¹ Agência Metropolitana da Baixada Santista < <http://www.agem.sp.gov.br/>>.

¹² Ensino de Jovens e Adultos, antigo supletivo.

¹³ Ciclo II significa segunda fase do ensino fundamental de 5ª a 8ª série e ciclo I refere-se ao ensino fundamental de 1ª a 4ª série.

condição econômica básica. É uma clientela heterogênea em um bairro em expansão. Muitos professores da escola residem também no bairro.

2.2.2. Escola Estadual ‘Número 02’

A escola de número 02, também localizada na cidade de São Vicente, diferentemente da primeira, localiza-se próximo ao centro da cidade e fica na região insular do município. Dentre as construções do bairro, predominam as de alvenaria, construídas em área particular que contam com rede de água, esgoto, energia elétrica, telefone e iluminação pública. As ruas principais possuem pavimentação guia e sarjeta, há transporte público e coleta de lixo. O entorno caracteriza-se por ruas com toda a infra-estrutura urbana. No local, existem próximo escolas e postos de saúde. Há também alguns problemas como ocupações irregulares em área particular. Há um descuido quanto às suas ruas e calçadas, que são esburacadas, o mesmo ocorre com o bairro da escola ‘Número 2’.

Esta escola foi construída, assim como a primeira, no século passado. É mantida pelo Poder Público Estadual e administrada pela Secretaria de Estado da Educação. Atende alunos dos ensinos fundamental (ciclo II) e médio, ambos regulares. Funciona em três turnos.

No turno da manhã, funcionam dez classes, todas do ensino médio regular. Já no período da tarde, funciona com doze classes (ensino fundamental regular); no turno da noite, com onze classes, sendo uma 8ª série de recuperação de ciclo misto (sala com alunos que vieram da sétima série e ficaram com alunos que não obtiveram aproveitamento de sua série). Há ainda duas oitavas séries para alunos que trabalham provenientes, de acordo com documento da escola consultado, em sua maioria, da “JIP”, instituição educacional que recruta jovens para inserção no mercado de trabalho, situada em bairro vizinho; as demais classes do citado turno referem-se ao ensino médio regular.

A escola possui, em seu grupo discente, um grande número de trabalhadores, que, na maioria dos casos, de acordo com documento consultado, dedicam-se ao trabalho informal, o que se constata através da apresentação de declarações de trabalho para dispensa da Educação Física: são principalmente do período noturno.

A relação escola/pais, de acordo com documento, melhorou nos últimos anos, devido ao trabalho persistente e metódico da equipe escolar e dos projetos da própria unidade escolar. De acordo com o mesmo relatório, o número de responsáveis que comparecem às reuniões vem aumentando anualmente, e aqueles que trabalham, procuram a escola nos horários em que estejam disponíveis.

A Escola possui (de acordo com documento escolar), um quadro de professores efetivos numeroso, este decorrente de um aumento de ingressos por conta dos concursos para prover cargos no magistério público do Estado de São Paulo que ocorreram nos anos de 2003 e 2004.

O espaço físico da escola é amplo, ocupa todo um quarteirão. A parte interna do prédio apresenta-se em condições razoáveis, precisando, de acordo com documento cedido pela escola, de uma revisão elétrica e hidráulica. Todas as salas de aula estão pintadas, mas já há a marca de alunos nelas, como nomes pichados ou mesmo arranhões na pintura. Nesta escola havia salas ambiente das disciplinas específicas que deixaram de existir a partir de 2006. Ficaram apenas como salas-ambiente as de Informática, Leitura, Dvd/vídeo. A escola conta ainda com um Laboratório de Ciências Físicas e Biológicas, mas não é aproveitado como deveria, pois precisa de reforma para ser plenamente utilizado, como foi relatado por um professor.

2.2.3. Considerações

Embora localizadas em regiões opostas no município (insular e continental), não se observaram diferenças estruturais em ambas as escolas, já que possuem a mesma estrutura física ao se relacionar as salas de Vídeo/dvd, Informática e Biblioteca. A diferença é que a Escola 2 está um pouco melhor equipada no sentido de possuir um Laboratório de Ciências Físicas e Biológicas e uma horta para a utilização dos professores e alunos.

Durante as observações das aulas das professoras, as condições físicas das salas também foram anotadas, como se pode observar no exemplo abaixo da Tabela 8 (Anexo 7).

- Estrutura da sala de aula (lousa, material didático, carteiras e cadeiras, piso, janelas, ventilação);
- Estrutura escolar (suporte técnico, material para professor, facilidade de acesso às salas de vídeo, DVD, informática, biblioteca).

Essas observações são consideradas relevantes, uma vez que as condições da sala de aula também podem influir (positiva ou negativamente) no desenvolvimento da aula.

A comparação entre as duas unidades, levando-se em conta as condições estruturais da sala e da escola, não difere muito, principalmente no que diz respeito ao apoio gestor e pedagógico.

Quanto à infra-estrutura dos bairros, estes diferem entre si, e muito. No primeiro, a coleta de lixo é precária, existe alagamento em épocas de chuva forte, entre outros problemas que não foram apresentados pela escola ou vistos em documentos que se refiram à base estrutural das adjacências da segunda escola. Estando este último aparentemente melhor estruturado do que o da primeira escola, embora ambos apresentem má conservação de suas calçadas e ruas.

A seguir serão apresentadas a descrição e a análise da observação do trabalho das professoras.

2.3. A OBSERVAÇÃO EM SALA DE AULA

Quando em uma sala de aula devo estar sendo aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, às suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 2004, p. 47).

Para os autores que discutem o uso da pesquisa em sala de aula, com a presença de alguns na Tabela 9 (Anexo 8), os passos principais, para sua realização, envolvem:

- questionamento inicial (saber perguntar), produzido no contexto da sala, que pode ser iniciado pelo próprio professor, com um tema gerador para incentivar o envolvimento dos alunos, cuja finalidade é saber o que estes já possuem de conhecimento;
- saber dialogar e construir novos argumentos fundamentados na leitura e sistematizados pela escrita, através de “interloquções teóricas” e/ou “empíricas” (MORAES, 2004c);
- expor para validar os argumentos através da discussão, para que passem a fazer parte do conhecimento social.

Este subcapítulo apresenta a observação do trabalho das professoras pesquisadas, cuja análise foi realizada com base nos passos acima expostos, tomando-se como diretriz que o uso da pesquisa deva envolver o questionamento para conhecer a vivência tanto do professor quanto dos alunos, a procura de respostas embasadas teórica e/ou empiricamente para validá-las e a comunicação crítica (exposição).

Os seguintes questionamentos serviram para auxiliar na análise das observações em sala de aula:

- 1) O professor trabalha o questionamento inicial com os alunos?
- 2) Disponibiliza espaço para que o aluno participe da aula, interaja, discuta?
- 3) Auxilia e orienta seus alunos durante a aula?

- 4) Discute a importância de fundamentar a prática nas teorias existentes para validar os argumentos até então construídos pelos alunos?
- 5) Socializa os trabalhos desenvolvidos para serem analisados por outros e retomados posteriormente?

Categorias foram escolhidas com base nas perguntas acima (presentes na Tabela 8) e no que foi observado em sala de aula para auxiliar na discussão do que foi visto.

O tempo de observação não foi o mesmo para todas as professoras, pois infelizmente os horários de aula das docentes coincidiam com os da pesquisadora que também lecionou durante todo o período da pesquisa, por ser uma das condições obrigatórias para ser bolsista do programa Bolsa Mestrado do Governo do Estado de São Paulo, impossibilitando uma quantidade maior de visitas. Para solucionar o problema de quantidade, foi obrigatório primar pela qualidade das observações e das aulas acompanhadas. Para tal, foi perguntado às professoras em quantas aulas conseguiriam trabalhar um determinado assunto com seus alunos para que se pudesse acompanhar o trabalho em sala de aula. Chegou-se a uma média de 12 aulas seqüenciais. Não sendo possível o acompanhamento total, foi realizada uma parte presencialmente e a outra através de contato com as pesquisadas, que discorreram sobre as etapas não acompanhadas em sala de aula.

A Tabela 8, presente no anexo 7, demonstra resumidamente como as professoras se posicionam em sala de aula, trabalham com seus alunos, como os alunos reagem às aulas, como é a estrutura da sala de aula, da escola e se recebem incentivos para o seu trabalho e aprimoramento educacional. Pôde-se perceber claramente as dificuldades quanto ao apoio pedagógico, estrutural e condições físicas para o trabalho.

2.3.1. Escola Estadual 1 – Professora A – aula de Ciências

A Professora A leciona a disciplina de Ciências no ensino fundamental e a disciplina de Biologia no ensino médio, possui como prática educacional 10 anos de magistério em escolas estaduais.

Ministra atualmente um total de 24 horas/aula semanais, pois está aprimorando sua educação (pós-graduação), sendo obrigada a diminuir o número de aulas para ter tempo de se dedicar aos estudos.

Com relação à sua metodologia de ensino, diz fazer uso da pesquisa em sala de aula, pois percebia a grande dificuldade que seus alunos possuíam na leitura e escrita dos textos, atrapalhando inclusive a aprendizagem destes em sua disciplina. Através do uso da pesquisa, os alunos passaram a participar mais das aulas, pois através das perguntas, a professora instigava os alunos a procurar suas respostas fundamentadas nas teorias disponíveis.

Acredita no uso da pesquisa, pois esta além de desenvolver o ser questionador dos alunos, também aperfeiçoa a competência do professor.

Acredita que o ensino por pesquisa auxilia no desenvolvimento do pensar crítico tanto do aluno quanto do professor. Trabalha a consciência dos alunos, instiga-os a pensar, procurar respostas e expor suas idéias, assim como faz uso da vivência destes para significar a aprendizagem.

Incentiva e estimula a participação dos alunos tanto em grupo quanto individual. Valoriza o questionar e incentiva a leitura e a escrita para que seus alunos fundamentem suas respostas e melhor desenvolvam sua argumentação com propriedade. Com relação à leitura, a professora utiliza meios diversificados como livros didáticos, de pesquisa, internet, revistas e jornais.

Entende que o professor é o orientador do aluno e, como tal, deve auxiliá-lo a aprender a desenvolver sua aprendizagem, incentivando-o durante o processo de construção. Como já citado, percebe a importância do trabalho em grupo, mas valoriza também a produção individual.

O uso da pesquisa como instrumento de aprendizagem é exercitado de forma a desenvolver os conteúdos que devem ser trabalhados na série (currículo).

Embora tenha optado pelo uso da pesquisa em sala de aula, não teve contato com a mesma na sua graduação e afirmou que sente muita falta de cursos de capacitação que apresentassem respaldo para a continuação da sua aprendizagem e conseqüente aprimoramento e melhora do seu trabalho em sala de aula através do uso da pesquisa.

Percebe que muitas das suas atividades com os alunos acabam sem uma conclusão adequada por conta das condições de trabalho, assim como a falta de incentivo e apoio técnico e pedagógico para otimizar as suas aulas e conseqüentemente as de seus colegas de escola.

Para a observação da Professora A, foi acompanhado seu trabalho com uma 5ª série, que constou da observação da aula, das atividades propostas aos alunos, do comportamento destes durante a aula e da entrega de questionário para os alunos, este último com a finalidade de se saber o que a classe pensava com relação à metodologia da professora.

2.3.1.1. Observação

Antes que a aula tivesse início, a professora da sala pediu que os alunos recolhessem os papéis que havia no chão, para que pudessem aprender em um ambiente limpo. Mais do que depressa, um aluno pegou a cesta de lixo para circular na sala, e os colegas jogavam seus papéis nesta. Após a limpeza, a professora perguntou como os alunos se sentiam com relação à diferença entre a sala suja e agora limpa. Em unanimidade, disseram sentir-se melhor em uma sala limpa.

Nesse momento, explicou sobre a importância da limpeza, higiene e passou a envolver os alunos em uma discussão. Para explicar o conteúdo, a professora fazia perguntas aos alunos, e todos respondiam ao mesmo tempo, gerando uma confusão de vozes e, em seguida, o pedido para que houvesse calma. A professora esperou que se acalmassem e voltou à aula deixando-os participar, orientando-os na discussão, que, na verdade, virou um debate, uma exposição de experiências permeando o tema estudado.

Após uma breve discussão agregando vivências pessoais com a temática da aula, a professora pediu que abrissem os livros de ciências e lessem um texto sobre higiene respondendo à seguinte tabela:

Título → Minha higiene: hábitos e consequências

O que eu faço	O que eu deveria fazer	O que acontece se eu não fizer

Tabela 10 – Professora A - Minha higiene: hábitos e consequências

Explicou que precisavam ser sinceros na resposta, por este motivo não deveriam colocar seus nomes. Na primeira coluna da tabela, responderiam como faziam sua higiene pessoal: tomar banho todos os dias, escovar os dentes após as refeições, lavar as mãos, enfim, elementos básicos para uma boa higiene. Estes foram exemplos dados pela professora.

Na segunda coluna, o que não faziam e na terceira, o que aconteceria se não fizessem a higiene. Após as tabelas preenchidas, a professora as recolheu e abriu outra discussão a respeito de quais doenças poderiam aparecer se não tomassem banho ou comessem de mãos sujas, se não escovassem os dentes e não limpassem as unhas. Novamente uma avalanche de idéias. Todos queriam falar, e a professora mais uma vez pediu calma e que anotassem no

caderno uma dúvida sobre uma doença causada pela falta de higiene. A seguir propôs que perguntassem o que gostariam de saber sobre a doença a respeito da qual haviam formulado a questão, sugerindo que procurassem informações em livros, revistas, jornais, internet. Esse material deveria ser apresentado na aula da semana seguinte.

A procura pelos livros iniciou-se na sala de aula. O interessante é que, ao invés de se utilizar os livros de ciências, fez-se uso dos de biologia. Questionou-se o porquê desta escolha, e a professora explicitou serem estes melhores, pois possuíam uma quantidade maior de informação, bem como propiciavam aos alunos contato com uma linguagem diferenciada, mais científica.

Na aula seguinte, também dupla¹⁴, a maior parte dos alunos trouxe as informações e uma nova exposição de idéias surgiu, sempre sendo orientados pela professora, que, após acalmá-los, pediu que se reunissem em grupos por doença escolhida e que cada grupo discutisse entre si sobre a pergunta inicial de cada um. Em um segundo momento, pediu-se que a discussão e a conclusão do grupo fossem escritas, primeiramente em seus cadernos e depois, a conclusão geral para ser entregue. Houve muita discussão a respeito de quem seria o responsável pela escrita do texto final.

Quando o texto de conclusão ficasse pronto, seria organizada uma exposição dos trabalhos, e, para tanto, os alunos deveriam também retratá-la simbolicamente, na forma de um desenho, depois que trabalhassem o texto.

A professora explicou todo o caminho para realização do trabalho, orientou-os em relação a como introduzir o tema escolhido, como explicar o trabalho, o porquê da escolha de determinada doença, para que (objetivo), como fizeram para achar as informações, quais caminhos seguiram (metodologia), o que discutiram em grupo, qual ou quais conclusões a que

¹⁴ Aula dupla, duas em seguida, sem pausa entre elas.

chegaram ao final do trabalho (considerações finais), como deveriam colocar o nome das pessoas que escreveram os textos e ainda como incluíram os textos consultados (bibliografia).

No segundo dia, assim como no primeiro, havia trinta alunos presentes e alguns já chegaram mostrando para a professora o que haviam encontrado nos livros ou na internet.

Ao final da aula, foi pedido pela pesquisadora que a professora entregasse aos alunos um pequeno questionário cuja abordagem era quantitativa (Anexo 2a).

2.3.1.2. Análise

A professora trabalhou com seus alunos a consciência cidadã, como não jogar lixo no chão e a importância de um ambiente limpo e saudável para estudar e estar. Correlacionou o conteúdo que iria trabalhar com a vivência de seus alunos, contextualizando a matéria para que esta não fosse esvaziada de significado para os que aprendem.

Quem iniciou a discussão com os alunos foi a professora, que os incentivava constantemente para que participassem em conjunto, instigando-os a pensar e mostrar o que trazem de conhecimento inicial relacionado ao que se iria discutir. Provavelmente, utilizou-se deste questionamento para ter uma noção do que seus alunos já traziam de conhecimento consigo.

Foi observado que a professora buscou inspirar em seus alunos o contínuo exercício do pensar, estimulou a reflexão, quer seja individual ou em grupo. Ela aparentava ter um bom domínio e conhecimento daquilo que ensinava, o que provavelmente, também lhe proporcionava crédito perante os alunos que percebiam a competência da professora, como guia de seu trabalho e atividade.

Durante as aulas, a professora orientou seus alunos, mas em momento algum, direcionou para a resposta que achava certa, mas também não permitiu que os alunos ficassem

sem assistência, pois, quando percebia a falta de entendimento por parte destes, orientava-os, mas sem dirigi-los.

Os alunos mostraram-se participativos e interessados, mas não se pode confirmar que este quadro correspondesse à totalidade da sala, pois mesmo com todo o incentivo, existiam alguns que não se propunham a trabalhar.

Talvez fosse interessante se a professora pudesse refletir e pesquisar sobre o comportamento dos alunos não participantes, para compreender formas de conseguir chegar até eles, cujo problema provavelmente possa ter relação ao não domínio da leitura, o que torna os trabalhos sem motivação. Esta dicotomia entre reflexão e pesquisa aparece e é importante diferenciá-las, pois como acredita Libâneo (2005), a “reflexão sobre a prática [...] a experiência refletida não resolve tudo. São necessárias estratégias, procedimentos, modos de fazer, além de uma cultura sólida geral, que ajudam a melhor realizar o trabalho e melhorar a capacidade reflexiva sobre o que e como mudar.” (p. 76). Para Lüdke e Cruz (2005), a reflexão não é sinônimo de pesquisa, mas, quando o professor avança além da reflexão, debruça-se “outra vez para entender o fenômeno, encurta a distância que o separa do trabalho de pesquisa” (p. 90).

Portanto não se pode apenas refletir, é necessário investigar, usar o senso crítico, ter domínio da metodologia de pesquisa, “dialogar” com os teóricos e ser capaz de planejar o trabalho. Há necessidade de que o professor possua condições, quer seja estrutural, educacional, pedagógica, salarial, para a realização dessas mudanças ao utilizar a pesquisa na sua prática de sala de aula.

O trabalho do professor ocorre num marco institucional, por sua vez inserido em contextos políticos e socioculturais. Para isso é preciso nos perguntarmos: quais são as condições prévias e meios – por exemplo, estruturas de organização e gestão, ações de assistência pedagógica ao professor, espaços de reflexão etc. – para que um professor se torne crítico reflexivo de sua atividade? [...] o desenvolvimento de capacidades e competências reflexivas implica um tratamento de conjunto de vida escolar,

articulando eficazmente estruturas de gestão e organização com ações de formação continuada, projeto pedagógico-curricular, currículo, avaliação, associando, na formação continuada, práticas formativas e situações reais e trabalhos, constituindo a cultura organizacional. (LIBÂNEO, 2005, p. 77)

A professora cujo trabalho foi investigado apresentou-se como uma profissional aberta (deixou-se questionar), participativa, disponibilizando espaço para que seus alunos participassem sem medo de errar. O que não é muito fácil de se fazer em uma sala de quinta série com 30 alunos falantes. Provavelmente com menor número de alunos, a aula conseguisse ser muito mais produtiva do que foi, pois a professora conseguiria dar muito mais atenção e sofreria menos estresse, uma vez que este relato aqui silencioso e calmo, não condiz com a vivacidade, energia e voz dos alunos no momento da observação.

A professora foi questionada com relação a como conseguiu que a sala chegasse ao nível de participação e “organização” que atingiu. Relatou ter sido difícil no início. Os alunos estavam condicionados à cópia e dessa forma, qualquer atividade diferente deste esquema de aula resultava na perda de controle dos alunos e ao invés de haver participação e desenvolvimento da atividade, ocorria uma grande bagunça e estresse. Mas com muita perseverança, paciência e horas de trabalho e estudo não remunerado, conseguiu descobrir maneiras de usar a pesquisa com os alunos de forma a desenvolver sua autonomia e aprendizagem. No final de um ano de trabalho, a sala começou a apresentar certa consciência, “[...] ainda é novo para eles, mas já conseguem se organizar muito melhor que no início do ano” (PROFESSORA A, 2006).

A professora, constantemente, fazia com que os alunos pudessem participar, perguntar, pensar, guiando-os dentro do conteúdo ensinado. A educadora trabalhou com conteúdos de sua disciplina, fez com que seus alunos procurassem respostas, que pudessem ler, interagir, que se construíssem em suas relações e tentassem reconstruir conhecimento. Seu trabalho foi contínuo durante as aulas, não fez uso da pesquisa como projeto paralelo, utilizou-a

intrinsecamente, como recurso metodológico para trabalhar os conteúdos de sua disciplina. Uma síntese da observação pode ser consultada na Tabela 5, Anexo 3.

A preocupação da professora é a de não saber se poderá dar continuidade ao trabalho com a sala no próximo ano, pois não é ela quem escolhe suas salas.

Pelo que foi observado e com base nos teóricos, tais como DEMO (1997), GALIAZZI (2005), MORAES (2002), entre outros, que discutem o uso da pesquisa como metodologia de ensino-aprendizagem, a Professora A percorreu todos os passos para a realização da pesquisa em sala de aula. Usa primeiramente a experiência e o conhecimento próprio e de seus alunos, para incentivar o questionamento. A procura de respostas vem fundamentada no aporte teórico, pois incentiva seus alunos a lerem e a elaborarem seu próprio texto, assim como incentiva a exposição dele entre os grupos de sala e posteriormente em evento na escola, possibilitando que os trabalhos possam ser socializados.

Foi possível observar que a maior parte dos alunos gosta da aula em que é utilizada a pesquisa, como se pode observar na Tabela 11a, Gráfico 1 (Anexo 2c).

2.3.2. Escola Estadual 1 - Professora B – aula de Ciências

A professora B leciona também a disciplina de Ciências no ensino fundamental e a disciplina de Biologia no ensino médio. No momento, está experienciando a função de vice-diretora também em escola estadual.

Possui 20 anos de magistério estadual e trabalhava, no momento da pesquisa, um total de 53 horas semanais. Antes de exercer a função de vice-diretora, chegou a lecionar um total de 60 horas/aula por semana.

Em sua sala de aula, diz que resolveu usar a pesquisa com seus alunos, pois pretendeu fazer-se necessária para o aluno, quando percebeu que estes não queriam escutar o que tinha para explicar (conteúdo). Foi uma forma pela qual conseguiu chamar a atenção dos alunos, utilizou-se da pesquisa para fazer com que o próprio aluno desenvolvesse o interesse pela aula.

Esta professora valoriza a importância do uso da pesquisa para fazer com que o aluno pense, dê significado aos conteúdos obrigatórios no currículo de sua disciplina.

Usa a pesquisa para incentivar o aluno a procurar informação nos livros que providencia, para que esta (informação) seja trabalhada por ele. Acredita que o aluno aprende a não aceitar a informação pronta, consegue desenvolver a capacidade de discernir sobre o que fazer, aprende a escolher, a optar. Além disso, a investigação é uma aliada, faz com que os alunos percebam a necessidade da professora na sala de aula, pois é esta quem os incentiva e orienta o aluno por todo o processo de pesquisa.

Estimula e incentiva a participação do aluno, a procurar informação, expor suas idéias, o questionamento, a leitura e a escrita, assim como o trabalho em grupo e a produção textual. Desestimula a cópia do livro didático e orienta seus alunos quando estes apresentam dúvidas sem, no entanto, direcionar as respostas.

Como material para as pesquisas, leva os alunos a fazer uso dos livros didáticos, revistas e jornais. Não faz uso da internet por conta da dificuldade de se utilizar a sala, já que além de ter que prepará-la com antecedência, precisa dividir os alunos, pois não existe quantidade suficiente de computadores para todos, assim como não é sempre que a internet está funcionando, impossibilitando a programação do uso desse instrumento.

Para a observação do trabalho da Professora B, foi acompanhada sua docência com uma 7ª série. Constataram da observação da aula anotações sobre o comportamento dos alunos e da entrega de um questionário aos alunos, referente aos resultados da prática em sala de aula.

2.3.2.1. Observação

A sala observada foi uma sétima série, que tinha aulas no período vespertino. As aulas da disciplina eram duplas com a presença de trinta e dois alunos. O número total de alunos nesta sala era de quarenta e quatro.

A professora estava trabalhando a matéria de Química e como a considerava ser muito abstrata, principalmente para o ensino fundamental, fazia com que estes pesquisassem os elementos químicos. Na aula anterior, havia pedido que trouxessem de casa caixas de sabão em pó, rótulo de detergente, pacote do sabonete, bula de remédio entre outros itens presentes dentro do ambiente doméstico, para a sala de aula.

Muitos já estavam com seus “achados” expostos em cima da mesa, enquanto outros tentavam pegar emprestado com o colega que havia trazido mais de uma embalagem para o desenvolvimento da atividade.

A professora perguntou quem havia conseguido achar os itens requisitados e se haviam tido a curiosidade de procurar o nome dos produtos químicos. Alguns respondem

afirmativamente, mostrando que haviam trazido inclusive outros livros, assim como textos retirados da internet para ajudar na pesquisa.

A sala, então, foi dividida em grupos contendo no máximo cinco alunos por grupo de pesquisa. Foi explicado para estes quais seriam os procedimentos de procura, na verdade, como primeiro contato a intenção da professora era de que seus alunos procurassem os elementos químicos e os relacionassem com os presentes na tabela periódica.

A cada dúvida que surgia, os adolescentes a chamavam, para prestar uma assessoria. O interessante é que em nenhum momento foi pedido que a professora desse a resposta, pelo contrário, os alunos mostravam-se já adaptados à prática da investigação.

A professora circulava por entre os grupos prestando atenção no caminhar dos alunos e, se percebesse alguma dificuldade, de pronto se oferecia para ajudar no encaminhamento.

Ao final da aula, a maior parte dos grupos já havia conseguido elaborar uma tabela com os elementos químicos, que, na aula seguinte, seriam terminadas e comparadas entre os grupos.

Na aula seguinte, também dupla, havia um total de trinta e dois alunos. Novamente dividiram-se em grupos para terminar o feitiço da tabela dos elementos químicos.

Ao final, as embalagens dos produtos foram separadas, apresentando abaixo sua tabela correspondente aos elementos químicos que o constituíam. Teve-se a finalidade de propiciar aos alunos oportunidade para que pudessem fazer comparações entre os grupos e conseguissem perceber as similaridades e diferenças entre os produtos que tinham em casa para limpeza com relação a sua composição química.

Talvez fosse interessante se os grupos escrevessem a que conclusão cada um chegou sobre seu trabalho, para que esta fosse comparada entre eles e discutida pela sala.

Depois da atividade, a professora começou a conversar com os alunos a respeito do estudo da química, explicando como surgiram as misturas, as substâncias, os remédios, o detergente, o sal de cozinha.

Fazia perguntas para que estes interagissem durante a explicação e assimilassem de forma prática. “Faço com que eles busquem, cheguem à informação para que eu consiga fazer com que aquilo que eles estão aprendendo não seja tão abstrato, seja significativo.” (PROFESSORA D, 2006).

Ao final da aula, também foi pedido para a professora entregar um pequeno questionário de abordagem quantitativa (Anexo 2a).

2.3.2.2. Análise

Durante o período de observação, a professora fez ligação do conteúdo com a vida do aluno ao utilizar elementos que fazem parte do seu cotidiano, como é o caso dos produtos de limpeza. Estes por possuírem significado, despertaram o interesse de se entender o que compõe o material (elementos químicos).

A postura da professora em sala de aula foi de uma orientadora e instigadora do aprendizado dos seus alunos. Percebeu-se que os motivava a trabalhar em grupos, a trocaram informações e experiências, assim como estimulava a troca de idéias e discussão.

O que se notou foi que os alunos, embora existissem aqueles que dentro do grupo brincavam, conseguiam desenvolver autonomia, ao se relacionar à busca do conteúdo, pois alguns chegaram a trazer material bibliográfico de casa, sem esperar que fosse providenciado em aula. Apesar de que, ao se analisar quantitativamente, não se chegasse a ter 20% dos alunos em sala de aula que tivessem proposto trazer material. Mas pode-se notar certa autonomia e interesse que, com o passar do tempo, pode se estender aos demais, pois o nível

de desenvolvimento e até mesmo de interesse não é homogêneo dada a diversidade de sujeitos no interior da sala de aula.

A professora incentivou também a leitura e tentou não interferir até que notasse necessidade. Observava todo o andamento dos alunos enquanto estes conversavam, para que não saíssem do foco da pesquisa.

Infelizmente, como já citado, existiram alunos que não se propuseram a trabalhar como os demais; neste caso, a professora os inseriu em grupos mais participativos com o intuito de estimular estes alunos.

Estimulou principalmente o pensar dos alunos, pois após a procura do material teórico, estes ainda precisaram selecionar e agrupar para construir seus argumentos para que posteriormente pudessem discutir entre os grupos, durante a exposição do que cada um havia encontrado ao realizar a pesquisa. Compartilharam seus pensamentos, com a finalidade de que percebessem que muitos elementos químicos são usados na constituição de diferentes produtos de limpeza.

A professora participou em alguns momentos expondo e discutindo conceitos, mas o fez posteriormente, ao contato dos alunos à temática em estudo.

Não se pode confirmar que cem por cento da classe tenha participado e produzido de igual maneira, mas percebeu-se que mesmo aquele que menos participou se fez presente de alguma forma em algum momento durante as atividades.

A Professora B fez uso da pesquisa em sala de aula, instigando a curiosidade do aluno, estimulando a procura, a leitura, a participação e o comprometimento do grupo. Pode-se averiguar uma síntese da observação na Tabela 5, Anexo3. Embora seja de extrema importância o diálogo, acredita-se que a sala de aula “não pode ser apenas espaço de discurso oral” (GALIAZZI, 2005, p. 23), dentre as diretrizes tomadas como base para a análise,

observou-se que a professora não cuidou da produção textual e exposição dos “achados” para que um grupo maior pudesse discuti-los. Como já citado, não foi possível acompanhar o andamento de todas as aulas, sendo a observação restrita apenas a quatro aulas. Provavelmente a professora deva ter requerido a produção textual, pois em relato demonstrou fazê-lo, mas dentro da observação exposta, não ocorreu essa atividade.

Pode-se também observar que a maior parte dos alunos gosta da aula que usa da pesquisa, como se pode observar na Tabela 11b, Gráfico 2 (Anexo 2d), embora a afirmação contradiga o comportamento de alguns em sala. A razão desse fato poderia ser explicada por um trabalho que focasse o aluno, seus interesses, posturas e hábitos de estudo.

2.3.3. Escola Estadual 2 - Professora C – aula de Ciências

A docente possui 20 anos de magistério estadual, sendo que treze anos são de efetivo exercício na mesma escola, leciona também pela prefeitura de São Vicente. Atualmente está lecionando apenas para o ensino fundamental, mas costumava lecionar tanto para o fundamental quanto para o médio.

Exerce a função de professora desde sua formatura, embora de início esta quisesse ser pesquisadora (bióloga), teve que abandonar esse propósito por falta de incentivo governamental na época, embora na atualidade não seja também diferente, enveredando pela carreira docente pela necessidade de se sustentar. Mas logo depois, acabou por se encantar com o magistério, estando “aí há 20 anos e apaixonada” (PROFESSORA C, 2007).

Faz uso da pesquisa em sua sala de aula para desenvolver a aprendizagem dos alunos. Utiliza a pesquisa na forma de projetos que podem ser de ensino ou de aprendizagem. Os projetos de ensino são utilizados pela professora, quando ela desenvolve o currículo de sua disciplina. Mas, quando a temática pode ser livre, a professora faz uso dos projetos de aprendizagem, ficando o aluno responsável inclusive pela escolha do tema de seu trabalho.

De acordo com Moraes (2006) em artigo, pode-se observar esta diferenciação quanto a projetos de ensino e aprendizagem:

Projeto de Ensino parte de um tema proposto pelo professor, ou grupo de professores, e requer uma série de etapas que envolvem o aluno como pesquisador, contando com o professor como aquele que completa a informação, coordena e dirige o processo. [...] A finalização [...] costuma acontecer de forma que o objeto e produto de estudo, uma vez assimilados, possam ser socializados, [...] embora haja uma atuação maior dos alunos quanto à busca da informação, a ação do professor é indispensável no planejamento do trabalho, seleção, análise e organização, uma vez que a aprendizagem pretendida com o desenvolvimento do Projeto está voltada para o conteúdo programado.

A metodologia utilizada nos Projetos de Aprendizagem se fundamenta na livre escolha do objeto de estudo pelo aluno, a partir de seu interesse e curiosidade [...] o professor atua como orientador do processo [...] o objeto de estudo não resulta da observância de um currículo programado pelo Sistema de Ensino, e sim, meio que mobiliza o educando com o objetivo de

desenvolver competências básicas e indispensáveis através da aprendizagem do que é pertinente à sua realidade [...] (p. 3-5)

Para a observação da Professora C, como nos casos anteriores, foi acompanhado seu trabalho com uma 6ª série, que constou da observação da aula, das atividades propostas aos alunos, do comportamento destes, do posicionamento da professora durante a aula e da entrega de questionário, cuja abordagem é quantitativa, para os alunos este último com a finalidade de se saber o que estes pensam com relação à metodologia da professora.

2.3.3.1. Observação

A professora, como já dito, trabalha a disciplina de Ciências e realiza uma vez por semana o desenvolvimento da aprendizagem dos seus alunos por meio de projeto em sala de aula. Retoma o trabalho na semana seguinte para que os alunos não esqueçam o que está sendo desenvolvido. O tema trabalhado pela docente, dentro da temática da sua disciplina no momento da observação, era o deserto e as desertificações. Esse tema foi escolhido pela professora, para que os alunos pudessem ter uma orientação inicial para sua pesquisa. Foi dado um período para que procurassem informações, registrassem-nas, colocassem suas impressões para que na semana seguinte, houvesse um debate, uma discussão sobre o que cada um havia encontrado com relação ao assunto levantado na aula anterior.

Durante a aula, foi explicado o porquê do uso desta metodologia, sua importância e, paulatinamente, a professora ofereceu condições para que o aluno conseguisse se expressar, pois todos costumam mostrar-se tímidos no início de cada discussão. Para o desenvolvimento do trabalho, foi pedido que o aluno procurasse informações e desenvolvesse sua ‘pesquisa’ a partir do tema gerador e o trabalho deveria ser entregue na aula seguinte.

Por ocasião da observação, a professora demonstrou ter orientado os alunos para a pesquisa requerida. Disse ter enfatizado a necessidade de se questionar, fazer perguntas, para desencadear a pesquisa. Nesse ponto, pediu a participação dos alunos, para compartilharem suas experiências, através de relatos, cuja finalidade era demonstrar o percurso do feito dos trabalhos. Uma das alunas afirmou ter encontrado suas informações na internet, o que gerou um debate sobre o caminho utilizado pelo aluno na busca da informação.

Uma das alunas não sabia que no deserto havia vida. Utilizou a pergunta: “Existe vida no deserto”? Através do seu caminhar pela literatura encontrada, chegou a uma resposta afirmativa, o que a instigou a querer saber quais eram os seres vivos — se eram animais, plantas — enfim, quando chegou à resposta, apareceram outras perguntas para serem respondidas.

Outra pesquisa girou em torno de se saber a existência de plantas no deserto. A partir da afirmação positiva encontrada, a aluna não mais procurou informações co-relatas com seu tema, o que gerou a intervenção da professora que sugeriu o aprofundamento da pesquisa. Levantou exemplos para outras questões, como: a razão pela qual são resistentes as plantas do deserto, quais são seus tipos, o formato das folhas, o porquê deste formato?

Como os alunos estavam envergonhados, a professora pediu que entregassem seus relatos para a discussão. Em seguida, questionou um aluno com relação ao seu trabalho, devido à existência de diversas informações compiladas. Perguntou-lhe se estas informações tinham correspondência com seu questionamento inicial, no caso este pesquisou sobre os tipos de espécies que sobrevivem no deserto. O aluno respondeu afirmativamente e foi instigado a apresentar sua conclusão. O aluno explicou que “alguns animais ficam na sombra e outros se enterram na areia e saem à noite, quando o deserto está frio”. Neste momento, a professora questionou se o aluno, quando chegou a esta conclusão, chegou a pesquisar sobre estes animais, o aluno respondeu que não.

Outros alunos apresentaram relatos, e a educadora sempre enfatizando a importância de todos escutarem os colegas para que pudessem interagir e aprender com esta troca.

Infelizmente, como ocorre em quase todas as salas, existiam alunos que apenas ficavam brincando, conversando assuntos paralelos que não diziam respeito à aula. A professora explicou que ela também não sabe tudo e que através das colocações dos alunos também aprende. Dessa forma, demonstrou que ninguém detém todo o conhecimento e que, como sujeitos inacabados, estamos sempre aprendendo, seja nos livros, interagindo com os outros e com a vida. Explicou que as dúvidas de um aluno não serão necessariamente as dúvidas de outro, por isso a importância da discussão sobre o que cada um encontrou como resposta, o que aprendeu ou como pensou sobre determinado tema e que não se pode ter a informação somente para si. Ela precisa ser aberta para todos, para ser vista e discutida. Neste momento, um dos alunos sugeriu expor o trabalho para outras escolas com a finalidade de que outros pudessem também apreciar e aprender. A ideia foi considerada extremamente válida, principalmente para que o conhecimento fosse socializado.

A professora perguntou aos alunos o que estes pensavam com relação ao trabalho — este projeto que faz uso da pesquisa como instrumento de aprendizagem — se aprendiam mais dessa forma. Responderam afirmativamente dizendo que a pesquisa gera mais conhecimento, mais perguntas. Mas não foi possível perceber se o conhecimento ao qual estavam se referindo era científico ou baseado no senso comum, pressupõe-se que o conhecimento seja inicialmente do senso comum para posteriormente ir se tornando “científico” (não no sentido *stricto* da palavra, mas irá produzir conhecimento novo para o próprio aluno durante o processo da aprendizagem) à medida que a pesquisa avança.

Após as discussões em grupo, os alunos foram buscar telas que haviam pintado — com areia, barro vermelho e tintas naturais — para retratar o deserto, estas foram criadas com base na pesquisa que realizaram. O papel reciclado utilizado para a pintura foi confeccionado por

uma outra sala da professora. Quando todos já haviam trazido suas pinturas, começaram a fazer bordas para os quadros e, neste momento, a maior parte da sala estava participando, mostrando suas pinturas. A professora de Artes, que se encontrava na sala, sugeriu aos alunos que colocassem na obra o nome do autor, título, medida e material utilizado. O objetivo final desse trabalho, de acordo com a docente, era o de conscientizar um público maior.

Também foi pedido ao final da aula que a professora entregasse um pequeno questionário de abordagem quantitativa (Anexo 2A).

2.3.3.2. Análise

A sala pesquisada foi a 6^a B do período vespertino, sendo a aula dupla. Estavam presentes 26 alunos, dos quais sete participaram ativamente, nove apenas conversaram entre si e dez alunos que aparentemente não se envolveram, apesar dos esforços da professora. Apenas 7 alunos de uma sala de 26 realmente participaram das discussões, mas no momento de buscar os trabalhos, para sair da sala 100% dos alunos participaram.

Um ponto interessante foi a pergunta da educadora: *Qual a importância deste tema?* Seus alunos, todos aqueles que participaram das pesquisas, relataram o que encontraram de importante no tema. Foi possível perceber a forma como a professora incentiva seus alunos a participarem, a mostrar os trabalhos que elaboraram. Outro ponto foi a docente estar sempre receptiva, discutindo com os alunos sobre como direcionar os trabalhos, ela nada impunha, apenas sugeria maneiras para ajudar na procura feita por estes, servia como guia, orientadora, sempre os deixando à vontade para discutir seus ‘achados’, um dos pontos importantes para se trabalhar com a pesquisa em sala de aula.

Ao analisar o comportamento dos educandos, percebeu-se faltar ainda um pouco mais de comprometimento destes ao desenvolver suas ‘pesquisas’, talvez ainda faça parte do aluno

o conceito de que pergunta corresponda a uma única resposta, não possuem ainda o hábito de querer responder a outras interrogações geradas pelo questionamento inicial.

Para Galiazzi (2005), se o professor :

não exercita sua capacidade de ouvir, fazendo o aluno explicitar suas idéias, e fornece a resposta, o aluno não precisa procurar pela resposta e muito menos pela pergunta. [...] Se o aluno é confrontado, é possível que ele se questione sobre o que pensa, sobre o que sabe e se sabe fazer algo a respeito do que está sendo dito. Surgem as perguntas. Se há mais de uma idéia sobre o tema, pode ser que ele se defronte com pensamentos diferentes e se questione sobre a validade de cada um. (p. 27)

Percebeu-se que a Professora exercita a capacidade de ouvir incentivando seu aluno a explicitar suas idéias, embora, como citado, alguns permaneceram apenas na resposta de sua pergunta inicial e nada mais. Provavelmente com o passar do tempo e se continuarem a ser incentivados por meio da pesquisa, o comportamento modifique-se.

A professora mostrou-se aberta e incentivadora da reflexão dos alunos na busca de conhecimento. Talvez a pouca participação de alguns alunos se deva ao fato de a metodologia ser nova para eles, que não possuem ainda o hábito do trabalho com a pesquisa. Mas o sucesso da experiência com alguns leva à esperança de que, se houver persistência no uso desse instrumento, com o passar do tempo assimilarão que a aprendizagem deve partir do próprio sujeito.

A Professora C trabalha a pesquisa dentro de projetos buscando desenvolver a aprendizagem dos seus alunos. Incentiva e estimula a leitura, a autonomia e a produção embasada na teoria. Incentiva a participação dos seus alunos principalmente no que diz respeito à divulgação de seus trabalhos para que estes sejam socializados, uma síntese da observação pode ser consultada na Tabela 5, Anexo 3.

O mesmo comportamento percebido na observação da Professora B foi também visto aqui. A maior parte dos alunos disse gostar da aula que se usa da pesquisa, como se pode

averiguar na Tabela 11c, Gráfico 3 (Anexo 2e). Essa resposta, entretanto, não condizia com o comportamento de alguns em sala.

2.3.4. Escola Estadual 2 - Professora D - disciplina de Artes

A Professora D leciona a disciplina de Artes tanto no ensino fundamental quanto no médio, em escola pública do Estado de São Paulo.

Possui 15 anos de magistério estadual com uma carga horária de 50 horas/aula semanais que foi reduzida no ano de 2007 para 20 horas/aula semanais, por estar estudando (pós-graduação) e precisar de tempo para se dedicar aos estudos.

Ela afirmou fazer uso da pesquisa em forma de projetos de aprendizagem para sua sala de oitava série. Os projetos de aprendizagem, de acordo com Almeida (1999), são uma prática pedagógica que envolve aluno, professor, todos os recursos disponíveis para a procura das informações, assim como todas as interações que vão se estabelecer neste ambiente de aprendizagem.

O projeto desenvolvido pela Professora D tem parceria com o Instituto Ayrton Senna que disponibiliza apoio pedagógico teórico. A orientação é de que o professor sirva como instigador da curiosidade do aluno e que este, a partir de uma situação problema, desenvolva o seu trabalho de elucidação do seu questionamento. O professor deve acompanhar todo o caminho do aluno, orientando-o pelo processo da pesquisa.

A professora esclareceu que faz uso de todos os recursos disponíveis na escola, especialmente a sala de informática, pois trabalha com seus alunos a produção de textos por meio de blog's, isto é, páginas pessoais construídas pelo próprio aluno, cujo texto exposto deve ser baseado nas pesquisas realizadas por estes e ficam disponíveis na internet para que outros internautas acessem e discutam a temática ali exposta.

A professora acompanha todo o processo com os alunos, mas por ser atividade que demanda tempo e análise por parte da docente, consegue trabalhar apenas com uma sala já

que tem pouco tempo disponível. Esta é uma das reclamações apresentadas pela professora, a falta de tempo para uma maior assessoria aos alunos.

Para a professora, este projeto de aprendizagem que se utiliza da pesquisa é um trabalho “[...] bem mais difícil do que você trazer tudo pronto. Mas é aí, nessa busca, que o processo envolve a pesquisa e a aprendizagem passa a ser responsabilidade também do aprendiz.” (PROFESSORA D, 2006, p. 05). O ensino deixa de ser centrado no professor para centrar-se no aluno.

Para a observação da Professora D, foi acompanhado seu trabalho com uma 8ª série, que constou, mais uma vez, da observação da aula, anotações sobre o comportamento dos alunos e da entrega de questionário para os alunos este último com a finalidade de se saber o que estes pensam com relação à metodologia da professora.

2.3.4.1. Observação

A sala observada, como já exposto, foi uma oitava série, cujo período de aulas ocorre no horário vespertino, possui um total de 44 alunos, mas estando presentes neste dia apenas 25 alunos. A primeira observação relacionou-se à sala de aula, o chão estava limpo sem os costumeiros papéis de bala no chão. Ao ser indagada após a aula, a professora informou que as salas são limpas antes das aulas do período, mas que esta permanece limpa, porque os alunos já possuem o costume de se levantar e jogar os papéis diretamente no lixo. Mostrou que estes receberam orientação por parte dos docentes com relação à limpeza e conservação das salas.

No dia da observação, os trabalhos que deveriam ser apresentados na sala de informática estavam ocorrendo na sala de aula, porque o computador estava com problemas, não podendo ser usado para as exposições.

De início, a professora explicou como esta trabalha as notas dos alunos com relação ao projeto, disse ter contabilizado todo o processo, não apenas a entrega dos trabalhos, mas toda a participação durante a realização da pesquisa e expôs algumas de suas observações com relação a alguns alunos que participaram do projeto, mas que não apresentaram o trabalho final (escrito). Estes alunos usaram a sala de informática para desenvolver suas pesquisas, inclusive um destes alunos mostrou possuir domínio ao usar o computador para a procura das informações, mas não apresentou o trabalho, não apresentou análise. Outro aluno de nome Lucas, nunca apresentou sua pasta de trabalho (portfólio), mas chegou a fazer o blog o qual a professora acompanhou. Exemplificou com a aluna Débora, que esta, mesmo tendo perdido sua pasta, sempre trouxe suas dúvidas para a professora, interagindo, mostrando realmente interesse em desenvolver o trabalho.

A professora lembrou aos seus alunos a importância do uso da pesquisa, da procura de diversas fontes para que não se limitassem a uma única aparente verdade. Comentou os diversos outros trabalhos de alunos que realmente se empenharam e mostraram o resultado alcançado, passando por todas as fases da pesquisa até a montagem do blog. Perguntou aos alunos o que era necessário para se trabalhar com o P.A., e estes passaram a expor as etapas que seriam primeiro o questionamento, depois justificativa, elaboração do plano de pesquisa, fazer a pesquisa para se chegar a uma possível resposta. Perguntou o que se deve fazer para que a informação se torne um produto de pesquisa e estes responderam que era preciso ler, reler, selecionar, analisar para chegar a uma conclusão.

A classe se mostrou familiarizada com a teoria do uso da pesquisa, conforme a professora perguntava, eles iam expondo as etapas, conforme acima exposto. Mostraram-se falantes, alguns participaram mais do que outros.

O interessante é que esta professora não atrelou o projeto à sua disciplina, esta deixou a cargo do aluno escolher a temática que poderia abranger outras áreas que não

necessariamente seja a sua (artes), enriquecendo o trabalho tanto para o aluno como para a própria professora, uma vez que esta, ao acompanhar o trabalho dos alunos, precisa também procurar informações sobre o que os alunos querem discutir, para intermediar estas discussões e até mesmo esclarecer dúvidas que apareçam durante o processo da pesquisa.

Ao se perguntar para os alunos, quem gostaria de apresentar seu trabalho, ninguém se prontificou. A professora explicou que, ao expor o trabalho para os colegas, é uma maneira de se treinar a oralidade, principalmente partilhar as descobertas que fizeram, já que cada um escolheu assuntos diferentes.

A primeira aluna a apresentar desenvolveu seu trabalho baseado em seu questionamento inicial que era o de saber “por que sonhamos”. A professora questionou se esta tinha registrado a bibliografia consultada para a pesquisa e houve a confirmação da aluna que disse ter procurado em livros, revistas, internet e apresentado a bibliografia ao final do trabalho.

A aluna discorreu sobre o assunto pesquisado, mas ateu-se à leitura do que havia registrado em seu caderno, assim como fez sua apresentação sentada em seu lugar de costume, pois ficou com vergonha de expor o trabalho em frente a seus colegas de turma. Este é um comportamento que ocorre em muitas escolas, os alunos sentem-se inibidos de se apresentar na frente de seus colegas de sala com medo de que estes riam. A professora, após a aula, explicou ter deixado a aluna à vontade para que apresentasse desta forma para que com o tempo esta ao se sentir mais segura com seus textos, fosse sem medo apresentá-los.

O que chamou a atenção foi que em todas as salas observadas sempre existiam alunos que durante a exposição de um trabalho ou de uma discussão, quando um colega expunha ou perguntava algo, estes ficavam conversando em paralelo assuntos que não diziam respeito à aula, talvez a vergonha muitas vezes de se expor venha deste comportamento de desinteresse,

pois se percebe que aquele que está falando fica extremamente desconfortável quando está explicando e outros conversam ao mesmo tempo.

Ao término do texto da aluna, a professora lhe fez perguntas relacionadas ao seu trabalho para que esta pudesse mostrar que realmente pesquisou e não apenas compilou textos (dados), e esta demonstrou tê-la feito. Notou-se que é muito importante o professor estar ciente do que os alunos pesquisam para acompanhar o seu desenvolvimento durante o trabalho e avaliá-los no todo, desde o início da formulação do questionamento até o final, apresentando, no caso desta professora, o portfólio e o blog.

A primeira aula ocorreu antes do horário do intervalo. Durante o lanche dos alunos, ficou-se conversando com a aluna que havia apresentado o trabalho comentado, e esta contou como foi seu percurso. Explicou que como não possuía computador sua mãe ia consigo na Lan House para que pudesse procurar informações na internet, inclusive chegou a se comunicar por e-mail com profissionais da área que estudavam os sonhos para esclarecer algumas dúvidas. Disse ter sentido necessidade de selecionar e sintetizar, pois os textos que encontrou na internet eram muito extensos e nem todos diziam respeito ao que esta queria encontrar como resposta.

Explicou que com o trabalho aprendeu a ler melhor, o que inclusive a ajudou com o problema de fala, pois gaguejava um pouco e com o trabalho, foi aprimorando a sua oralidade. A mãe discutia o trabalho com a filha, fazia perguntas sobre este, auxiliando-a a treinar como explicar em sala.

Sozinha escreveu seu texto, assim como montou o blog sobre o seu questionamento “Por que sonhamos?”.

Após o intervalo, houve a continuação das apresentações, desta vez foram apresentados dois grupos, ambos constituídos apenas por meninas, também se depararam com

o mesmo problema quanto à vergonha de apresentar-se perante os colegas, mas a professora conseguiu convencê-las, já que estavam em três.

O primeiro grupo precisou durante a primeira aula montar sua apresentação em cartaz, pois havia preparado esta em PowerPoint, mas como o computador não estava funcionando, tiveram que expor sem este recurso. O tema escolhido foi o aquecimento global, durante a explanação o grupo se revezava na leitura e explicação do cartaz. A professora fez perguntas para ajudar o grupo a estruturar um pouco mais a exposição, conforme as perguntas eram feitas estas respondiam mostrando os desenhos no cartaz.

O segundo grupo escolheu saber “Como se forma uma criança?”, este também fez uso de cartazes para a explanação que apresentavam figuras do útero, das fases da gestação e do feto. A professora também auxiliou o grupo quanto à explanação, fazendo perguntas para as alunas se expressassem mais sobre o trabalho. Chegaram até a usar como exemplo uma colega de classe que está grávida para exemplificar as mudanças do corpo durante a gestação.

Ao final da aula foi pedido também para a professora entregar um pequeno questionário, como nas oportunidades anteriores.

2.3.4.2. Análise

Durante o processo de observação, a professora fez uso da pesquisa em um projeto de aprendizagem que desenvolve com a sala. A temática é de livre escolha do aluno, não havendo a necessidade de estar relacionada com a disciplina de Artes pela qual a professora é responsável.

Esta incentivou a participação do aluno, o questionar e o trabalho em grupo, embora dê valor também ao trabalho individual, no qual talvez não haja diálogo entre seus colegas para a discussão do trabalho, mas existe o incentivo para reconstrução do conhecimento

(autoria). Deve ser lembrado o caso da aluna que realizou seu projeto sozinha, mas que durante a pesquisa dialogou com a professora, a mãe e os profissionais da área que estava estudando. Ao expor seu trabalho, colocou o restante da classe em contato com sua temática e o seu problema de pesquisa, assim como quando fez o blog abrindo espaço para que outros comentassem seu texto.

A professora mostrou ter estimulado e orientado seus alunos a procurar informações, além de incentivar a leitura, a escrita assim como a exposição de idéias. Foi receptiva aos questionamentos e estimulou a participação dos alunos durante a exposição. Ao perceber a dificuldade do aluno em se expressar com maior desenvoltura, passou a questionar e levantar dúvidas para que estes conseguissem desenvolver melhor sua explicação e a professora pudesse perceber se o grupo realmente havia lido, selecionado e produzido alguma informação sem ficar apenas no plano da cópia.

A postura da professora em sala de aula é a de uma orientadora, pois como relatado, os alunos apresentavam suas dúvidas e conversavam com ela, mas não recebiam respostas prontas. Ela acompanhava inclusive o blog dos alunos para que pudesse avaliá-los, para perceber se estes entenderam a proposta e estão conseguindo desenvolver seus textos de pesquisa.

A professora fez tentativa de aproximar o trabalho do cotidiano dos alunos na forma de projetos de aprendizagem.

Nesta sala como nas demais observadas não houve distinção das demais quanto ao comportamento dos alunos, pois havia alunos muito interessados, outros interessados, alguns nem tanto, mas, ao se analisar o questionário entregue, assim como também ocorreu na sala das outras professoras, a maior parte dos alunos declarou gostar da metodologia da professora. Talvez com o tempo os hábitos se modifiquem, assim como a postura dos alunos, já que

aparentaram conscientemente se identificar com a proposta da professora, falta agora talvez, uma integração da pesquisa aos seus hábitos de estudo.

A Professora D trabalhou a pesquisa dentro de projetos de aprendizagem, buscando desenvolver a aprendizagem dos seus alunos. Incentivou a leitura, estimulou a autonomia e a produção embasada na teoria. Impulsionou a participação dos seus alunos principalmente no que diz respeito à divulgação de seus trabalhos para que estes fossem socializados, inclusive para além das “paredes da escola”, pois seus alunos criaram um blog, para que sua pesquisa fosse vista e discutida. Uma síntese desta observação está presente na Tabela 5, Anexo 3.

Com relação aos trabalhos, provavelmente tenha discutido posteriormente com os alunos as “críticas” ou discussões que surgiram nos blogs, para uma melhoria dos próximos trabalhos de pesquisa.

A validação dos resultados abraça, [...] a avaliação do aluno, do processo e do professor por todos os participantes da sala de aula. E após a divulgação, analisadas as críticas e contribuições vindas dessas comunidades, avaliados os resultados e aprendizagens, ou seja, concluído um ciclo de pesquisa, o que é preciso fazer? Planejar novamente e iniciar um novo ciclo, mas já em outro estado de saber, fazer e ser. (GALIAZZI, 2005, p. 31)

No caso da Professora D, o mesmo comportamento percebido na observação das Professoras B e C foi também visto aqui. A maior parte dos alunos gosta da aula que usa da pesquisa, como se pode observar na Tabela 11d, Gráfico 4 (Anexo 2e). Mas se percebe contraditória, ao se comparar o comportamento de alguns em sala. Provavelmente o comportamento deva ser melhor, mais participativo, na sala de informática, pois é um ambiente no qual existe o computador ligado à internet, com uma infinidade de possibilidades de informação, imagem e “interação” virtual (entre sujeitos).

2.4. Professoras – práticas e concepções

Este possui como objetivo apresentar a discussão realizada sobre as práticas observadas das professoras pesquisadas com base nos autores que estudam o uso da pesquisa em sala de aula.

De acordo com trabalho de Hasweh (1996), as Professoras se enquadram como “construtivistas¹⁵ de aprendizagem”, pois “ênfatizam o papel ativo do aprendiz na construção de conhecimento para compreender o mundo” (p. 5). O estudo do autor revelou que os professores “construtivistas” são bem mais preparados que os “empiricistas”, porque vêem o desenvolvimento do conhecimento à condição individual, sendo mais sensíveis às concepções alternativas dos alunos e são capazes de constata-las através das respostas dos alunos em sala de aula. O mesmo comportamento descrito pelo autor foi observado nas Professoras. Presumindo-se que estas se enquadram como professoras “construtivistas”, cujas concepções e crenças fizeram com que escolhessem o ensino por meio da pesquisa como estratégia de ensino-aprendizagem, mesmo estas, tendo pouco ou nenhum contato com a pesquisa na sua graduação, pois são mais abertas às mudanças e à procura de formas para melhorar a relação entre o ensino e a aprendizagem dos seus alunos.

Todas as quatro professoras, cujas aulas foram observadas fazem uso da pesquisa em sala de aula como instrumento de aprendizagem em suas escolas. Os trabalhos que propõem iniciam-se a partir de um tema gerador proposto pela professora ou pelo aluno.

As docentes A, B e C partem da apresentação do tema, sendo que a Professora A o faz a partir de uma contextualização do dia-a-dia, traz a pesquisa para desenvolver a matéria que está lecionando. A Professora B também escolhe o assunto dentro de sua disciplina e matéria que está trabalhando com os alunos. No caso da Professora C, igualmente expõe o tema de pesquisa e o faz dentro de sua disciplina, valendo-se inclusive da disciplina de Artes no

¹⁵ Termo utilizado pelo autor, mas que não deve ser considerado como estereótipo.

processo de construção dos trabalhos. A Professora D não usa deste método, deixa com que o aluno escolha seu tema, independente da disciplina que leciona. Quanto à pergunta que será respondida pelo processo da pesquisa, todas as quatro professoras deixam a cargo do aluno, que irá ser responsável por saber o que quer pesquisar e aprender quer seja numa temática específica ou não.

Para Moraes, Galiazzi e Ramos (2004), o processo de pesquisa começa com o questionamento de verdades e conhecimentos já estabelecidos com a finalidade de reconstrução destes. Através da observação e da entrevista, percebeu-se que as professoras possuem também tal concepção, pois iniciam pelo questionamento e orientam seus alunos para que reconstruam aquilo que já conhecem ou possuem como verdade para si, baseando-se nas teorias disponíveis.

Valorizam a argumentação, uma vez que abrem espaço para que seus alunos discutam, questionem e possam notar a importância da argumentação fundamentada na teoria pesquisada. Como exemplo, tem-se a Professora A, que perguntou ao seu aluno por que se deveria tomar banho e obteve como resposta que ele pretendia manter-se limpo. A resposta gerou outros questionamentos que levaram à proposta para pesquisa. Após uma breve procura nos livros, os alunos já possuíam diversas respostas fundamentadas nos porquês e, a partir do material coletado, foi realizado um rápido debate entre eles. Percebe-se que as professoras, assim como Ramos (2002), acreditam que:

[...] para a argumentação resultar efetiva, é necessário um conhecimento em permanente reconstrução (objeto da argumentação), um espaço público (o espaço do diálogo possível) e a prática argumentativa (o exercício que torna os sujeitos argumentativamente competentes). (p. 39)

O que se pode também notar é que deixam bem clara as suas intenções durante as aulas, quanto ao que o aluno irá desenvolver, pois “o ensinar pela pesquisa necessita de

envolvimento e de explicitação clara da intenção do que está sendo proposto” (PICCOLI e MORAES, 2006, p. 97).

Em sala de aula fazem uso de diversas fontes de informação com os alunos, desde livros didáticos até a internet, mas procuram também incentivar a busca de informações mais detalhada em casa, uma vez que na escola existe o problema de não se saber quando a internet estará funcionando, além do número de computadores não ser em número suficiente para todos, pois se acredita na importância do “gosto” pelos estudos também em casa, já que este não precisa e não deve se restringir apenas ao espaço escolar, sendo importante a continuação destes em casa.

Com relação à biblioteca, as professoras encontram dificuldade, o problema é que o próprio professor precisa separar os livros antes das aulas, usar e depois levá-los de volta, o que demanda um tempo dispendioso, uma vez que não há intervalo entre as aulas. Esses obstáculos resultam no fato de que os professores dependem, para suas aulas de pesquisas, do que os alunos devem fazer em suas casas. A única exceção, neste caso, é a Professora B, que não pede para que os alunos procurem material em casa, pois por conhecer seus alunos, sabe que estes não o farão. Provavelmente com o tempo os alunos passem a sentir necessidade também de coletar informações por si, ao invés de esperar que a professora providencie, assim como já começou a acontecer algumas vezes. A Professora B prefere fazer uso dos materiais disponíveis na escola ou os que ela mesma providencia, mas percebe a imensa dificuldade de trabalho pela ausência de suporte.

Outro ponto observado é a importância que as professoras atribuem à análise feita pelos alunos, que são estimulados a pensar e a discutir.

Os alunos, ao realizarem seus trabalhos, aparentemente conseguem responder às suas indagações iniciais e argumentar sobre o que encontraram, embora a discussão com os demais grupos sobre os resultados alcançados ainda precise ser mais trabalhada.

O que se pode perceber é a falta de condições como tempo disponível para que os professores possam trabalhar melhor as discussões e análises com seus alunos. Os alunos são acompanhados e corrigidos na medida do possível para que possam evoluir posteriormente em suas próprias análises e conseqüentemente no seu aprendizado. Ao se proporem a semelhante trabalho as professoras, dedicam a ele tempo muito maior que aquele pelo qual são remuneradas.

Para Piccoli e Moraes (2006), trabalhar com pesquisa na sala de aula,

[...] através de um caminho construído pelo professor, significa que a proposta oferece possibilidades diferenciadas para utilizar como metodologia, sendo, ao mesmo tempo, oportunidade de o professor tornar-se reflexivo de suas práticas pela necessidade constante de refletir sobre suas ações. (p. 98)

Percebe-se que essas professoras são movidas pela necessidade de refletir e pesquisar, ainda que lhes faltem estrutura e tempo remunerado.

O trabalho é realizado, mas muito se perde no processo por falta de aprofundamento da discussão com os alunos, pois, como existe um cronograma a ser cumprido, etapas acabam sendo queimadas, inclusive aquelas necessárias à maturação e incorporação das idéias. Seria necessário que fosse dispensado maior tempo para as discussões, interpretações, construções textuais, organização dos dados para a elaboração do trabalho, enfim, condições para melhor avaliar e avaliar-se durante o processo de ensino-aprendizagem.

Todas as professoras observadas valorizam o uso da pesquisa como instrumento de aprendizagem, mas a empregam de formas diferentes, como comentado. Para Moraes, não existem receitas para fazer uso da pesquisa em sala de aula, cada vivência terá seu próprio encaminhamento (2004). As Professoras A e B usam-na como instrumento dentro da sala de aula, focando sua matéria, assim como os conteúdos obrigatórios, que devem ser desenvolvidos durante o ano. Enquanto as Professoras C e D fazem uso da pesquisa na forma de projetos de aprendizagem (P.A.). Neste, consideram-se as dúvidas e as indagações que

vêm das necessidades e interesses do aluno e do professor. De início há o levantamento das hipóteses, partindo geralmente do conhecimento que o aluno e o professor já possuem sobre qual a aprendizagem será construída pelas interações reflexivas por meio da cooperação e das correções de caminhos. O trabalho através de situações problemas é uma das fortes características do projeto de aprendizagem e, quando se busca solucioná-los, toda a classe pode ver-se envolvida, sendo estas situações sustentadas por um levantamento de questões feitas pelo próprio estudante.

A Professora C utiliza a pesquisa desta maneira, mas assim como as Professoras A e B, também o faz dentro de sua matéria, no entanto a Professora D, que também faz uso de P.A. difere da Professora C, por deixar que o próprio aluno escolha sobre o que irá desenvolver na sua pesquisa, atribui ao aluno o poder de escolha da temática a ser trabalhada, não apenas da situação problema.

Embora não existam receitas para o uso da pesquisa em sala de aula, há o que Moraes chama de um conjunto de princípios que orientam e fundamentam este tipo de educação (2004). Como se pode observar em Cachapuz, Praia e Jorge (2000), esta precisa vir:

- sem respostas prontas, sem conduções marcadas;
- com estratégias e atividades que estimulem a problematização, a formulação síntese de idéias; assim como as crenças dos alunos;
- com soluções provisórias para problemas reais e sentidos.

O professor precisa:

- envolver os alunos efetiva e cognitivamente;
- exercitar no aluno o contínuo exercício do pensar;
- por currículo em ação de forma atenta, intencional e fundamentada;
- ajudar e não dirigir;

- compreender e não resolver;
- estimular a reflexão e o repensar do aluno;
- valorizar perspectivas interdisciplinares, os saberes da didática;
- ensinar só aquilo que compreende.

O aluno precisa:

- apropriar-se do conhecimento científico existente, reorganizando e reformulando as suas idéias prévias, atribuindo sentido ao que aprende (aprendizagem significativa → “o aluno tenta reter a informação nova, relacionando-a ao que já sabe [...]” (AUSUBEL et al, 1980, apud VASCONCELOS et al, 2003, p. 15);
- desempenhar responsabilidade partilhada e cooperativa;
- assumir tarefas ao longo do trabalho de pesquisa.

Pelo que se pode observar da prática das Professoras em sala de aula, elas tentam percorrer os caminhos acima expostos ao se utilizar a pesquisa. Não se pode afirmar com certeza os caminhos percorridos pelos alunos, pois como já foi dito, exigiria uma pesquisa cujo foco fosse o aluno e sua aprendizagem especificamente, mas pelo que se pode observar, grande parte da desenvoltura que é necessária para o aluno evoluir em seu aprendizado pela pesquisa, muitos já iniciaram, por serem bem orientados por sua professora em sala de sala.

Cada Professora trabalha maneiras de ajudar o aluno a melhor compreender a importância de se argumentar e discutir as suas ‘evidências’ encontradas. As Professoras A, B e C desenvolvem com seus alunos a exposição dos trabalhos realizados, seja por um evento na escola, ou discussões entre salas ou na própria sala de aula. Buscam que os alunos compreendam a importância da troca de informação e, principalmente, da argumentação, pois a maior parte dos alunos têm dificuldades de se expressar oralmente, seja por vergonha dos colegas de escola ou por vergonha de achar que não sabem se expressar. Já a Professora D sai

dos “muros da escola” por meio da construção de blogs que são páginas pessoais na Internet e possuem mecanismos de interação, permitindo manter conversas entre grupos e são muito populares entre jovens. Estes são construídos por seus alunos, que por serem abertos ao público, conseguem atingir não apenas um grupo com determinada faixa etária, mas diversos grupos de diversas idades.

Em unanimidade, todas percebem as mesmas frustrações acadêmicas, como por exemplo:

- não terem tido a pesquisa desenvolvida em suas graduações;
- a falta de cursos de capacitação e/ou aprimoramento, voltados para o ensino por meio da pesquisa.

Com relação às dificuldades enfrentadas para o trabalho com a pesquisa, têm a mesma visão que perpassa pela:

- falta de investimento no professor;
- desvalorização profissional;
- baixos salários;
- falta de condições estruturais em determinados casos (suporte técnico, equipamentos funcionando, número de alunos por sala, entre outros);
- falta de apoio pedagógico e do corpo administrativo;
- falta de tempo para estudar, preparar as aulas de forma adequada, assim como tempo para melhor preparar e avaliar os alunos, com qualidade.

O ensino por meio da pesquisa, como já citado, não é exposto aqui como um salvador da educação, mas é uma perspectiva de ensino que apresenta potencial para uma tentativa de mudança da concepção que existe na sociedade e que Demo (1997) chamou de “mitologia da aula”, na qual temos que:

A aula é, nesta terra atrasada, *a alma do professor*. Tudo na maior banalização. Qualquer um que dê aula, qualquer aula, já é professor. [...]

Qualquer exposição diante de um público obrigado a escutar é aula [...] Onde qualquer um pode ser professor e qualquer coisa é aula, só podemos ter a miséria brutal da educação e da cidadania de nosso povo. [...] Ensinar a copiar é, aqui, coisa de professor. Imbecilizar alunos é talvez a função principal deste assim dito professor. Por isso, a miséria do aluno geralmente empata com a do professor.

[...] Ao professor de educação básica [...] Dela se espera absoluta mediocridade, também para pagar pouco, quase nada. Num país, onde o professor básico luta por salário mínimo ou coisa parecida, resta apenas a aula. Esta cópia de cidadania só pode ensinar a copiar. Em grande parte, o massacre que este professor perpetua na sala de aula é resultado do massacre social de que é vítima: negativamente selecionado, péssimo ou tipicamente treinado, muito mal remunerado, socialmente desvalorizado, sobre ele recai a tarefa impossível de forjar a competência essencial de um povo em termos de gerar projeto próprio de desenvolvimento. (p. 87)

Esta citação foi retirada de um livro do ano de 1997 (Pesquisa e construção de conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas, 3ª ed.) e infelizmente esta visão não se modificou. Muitos professores continuam se enxergando enquanto “dadores” de aula, a sociedade não percebe o valor de uma educação de qualidade e conseqüentemente de um docente com qualidade, não é à toa que em pleno século XXI, embora existam aparatos tecnológicos para tornar uma aula mais atrativa, permanecem ainda na sala de aula pública e até de muitas particulares, os mesmos instrumentos de trabalho do início do século passado: lousa e giz. Embora os instrumentos sejam interessantes e precisem ser incorporados não são estes que trabalham com as aprendizagens, e sim o professor que dificilmente conseguirá adquirir e ter qualificação profissional enquanto, como Demo coloca, for uma “cópia de cidadania [...] negativamente selecionado, péssimo ou tipicamente treinado, muito mal remunerado, socialmente desvalorizado,” (Ibidem), como ter qualidade?

A despeito de todos os problemas, existem ainda professores que não querem mais se enquadrar nesta descrição de ser qualquer professor. São professores que querem mudança e começaram a forma de suas aulas e a maneira como pensam a educação. Mas infelizmente, embora existam aqueles que almejem mudança e uma maior e melhor qualidade na educação, existem, por outro lado, todas as dificuldades e uma sociedade que continua a não perceber a

importância de uma educação de qualidade e conseqüentemente de professores com esta mesma qualidade e reconhecimento.

[...] O professor, antes de mais nada, é uma pessoa de uma cultura que, quando é culta, ensina muito melhor. É dizer que um professor se nutre das raízes culturais e não da ciência nos obriga a considerar os ambientes de aprendizagem, os contextos nos quais eles surgem, as condições de trabalho em que vai trabalhar. (SACRISTÁN, 2005, p. 87)

O próximo capítulo trata das entrevistas, assim como a análise e a discussão destas. Após as observações, foi combinado dia e horário para que as entrevistas ocorressem fora do ambiente de trabalho das docentes. Estas passaram por uma pré-análise, foram divididas em categorias (Anexo 5), analisadas e discutidas.

3. AS ENTREVISTAS

Este capítulo trata das entrevistas realizadas com as docentes escolhidas, assim como as análises e discussões da pesquisadora.

As questões tratadas nas entrevistas centraram-se nas especificidades que caracterizam teoricamente a metodologia do ensino por meio da pesquisa que foram também utilizadas para a observação em sala de aula.

Após a observação foi combinado com as Professoras que a entrevista ocorreria fora do horário de trabalho, uma vez que nestas ficava impossível desenvolver uma conversa sem intervenções constantes, porque os professores ou estão em sala de aula ou em reunião pedagógica ou ainda correndo para dar aula em outra unidade escolar. Optou-se pela residência das docentes para que estas pudessem se sentir mais à vontade, sem preocupação com o tempo. Foram realizadas individualmente, com dia e horário previamente agendados.

Este recurso foi escolhido para se tentar coletar indícios sobre como estes professores percebem e significam sua prática em sala de aula, fazendo uso da pesquisa como instrumento de aprendizagem. As entrevistas semi-estruturadas se apoiaram em um roteiro (Anexo 4) cujas respostas passaram por uma pré-análise que norteou a escolha de categorias para a posterior análise destas (Anexo 5).

Procurou-se saber o que as professoras entendem por pesquisa, que pensam do papel do professor que trabalha com esta metodologia, ainda a razão pela qual tinham optado por trabalhar com pesquisa, qual a experiência anterior destas na área (subcapítulo 3.1.1. o uso da pesquisa), como cada uma trabalha e avalia seus alunos (subcapítulo 3.1.2. formas de trabalhar a pesquisa), o apoio que recebiam, ou não, da escola para seu trabalho e as dificuldades que encontravam na realização das atividades (subcapítulo 3.1.3. dificuldades para desenvolver o trabalho escolar por meio da pesquisa).

3.1. Temas das entrevistas

3.1.1. O uso da pesquisa

O uso da pesquisa em sala de aula envolve uma postura, tanto do professor quanto do aluno, diferenciada da pedagógica tradicional, uma vez que esta faz uso da participação de ambos no processo de aprendizagem para desenvolver autonomia e pensamento crítico, assim como contribui na formação de sujeitos pesquisadores (professor e aluno). O seu objetivo, de acordo com Moraes (2002, p. 88), é o de incentivar o questionamento dentro de um processo de reconstrução do conhecimento, ir contra a cópia e sair da condição de objeto para passar a sujeito do processo.

Para se conhecer as concepções das professoras sobre o uso da pesquisa em sala de aula, foi realizada a seguinte pergunta: “O que você entende por pesquisa? O que ela é para você?”. Em resposta, todas apresentam certa clareza quanto ao que seria pesquisa.

[...] a pesquisa envolve, perguntar, questionar, procurar informações, discutilas, provar seu ponto de vista e tentar chegar a uma resposta fundamentada. [...] envolve produção própria [...] (PROFESSORA A, 2006)

[...] Fazer com que meu aluno corresse atrás de informações. Para mim pesquisa nada mais é do que isso, portanto ele precisa correr atrás de informações [...] (PROFESSORA B, 2006)

Bom, pesquisa, primeiro é uma forma de você buscar informação, sistematizar esta informação e mobilizar esta informação. Eu acho que... eu entendo, como pesquisa assim. [...] A pesquisa serve também como uma aprendizagem, porque na verdade você ensina o aluno a aprender. “Eu vou aprender sobre o quê?”. Ele vai aprender exatamente um objeto lá no final. Mas o mais importante que eu acho, é você mostrar para o aluno que ele pode aprender a aprender. [...] o objetivo principal da pesquisa no ensino fundamental é o aprender a buscar, é o aprender a aprender [...] ele percebe que ele precisa aprender a ler, para poder buscar informação, para poder aprender. [...] (PROFESSORA C, 2007)

O aluno escolhe um tema para estudar e vai buscar a partir de uma situação problema, uma possível solução para a questão que ele levantou. O que o professor faz é orientar esse processo de pesquisa e acompanhar, incentivar. [...] Pesquisa é uma busca com um determinado fim, e que a pessoa deve estar de alguma forma interessada e motivada a empreender esta busca, e esta vai exigir um determinado método e meios. Esta busca também não é só

levantar opinião alheia, é discutir essa opinião, isso é pesquisa, envolve também a sua autoria e é o resultado dela. (PROFESSORA D, 2007)

Como se pode notar pela fala, as Professoras têm uma visão do que seja pesquisa muito próxima uma das outras, com exceção da Professora B, que enfatiza a pesquisa como meio para fazer com que seu aluno procure informações.

A pesquisa permite o desenvolvimento da consciência do ser sujeito, mas aquele que irá trabalhar com o aluno para o desenvolvimento desta consciência terá também que se assumir sujeito, assim como o seu papel de orientador. Acredita-se, assim como Gessinger (2002, p. 194), que o professor precisa se aprofundar através da leitura, participar de eventos, seminários, encontros, fazer uma biblioteca própria, sendo importante uma disciplina quanto aos seus hábitos de estudo e produção. Por esse motivo, as Professoras foram questionadas quanto à experiência adquirida com pesquisa em sua graduação, uma vez que fazem uso da mesma como instrumento de aprendizagem. Em unanimidade, todas declararam não terem tido essa experiência.

Imagine [...] o máximo era fazer umas saídas de campo, copiar trechos dos livros usados como base teórica, [...] (PROFESSORA A, 2006)

Não, a graduação não me levou a nenhuma idéia de como dar aula [...] professores que me davam um monte de informações prontas, [...] cópias, [...] ler capítulos e capítulos e capítulos de livros e dali daquela leitura [...] extraíam uma avaliação, sem se quer explicar uma frase. [...] tive também professores fantásticos que escreviam uma única palavra na lousa e falavam 40 minutos, e nós tínhamos que fazer anotações para depois estarmos trabalhando em cima [...] (PROFESSORA B, 2006)

Não. [...] na minha formação de licenciatura, tive muito pouca orientação com relação à pesquisa.[...] (PROFESSORA C, 2007)

Não. Era bem tradicional, [...] não tinha nem TCC... (PROFESSORA D, 2007)

Através deste discurso, percebe-se o porquê de pesquisadores da área educacional sentirem-se incomodados (preocupados) com a formação inicial do professor, pois este acaba concluindo a universidade após quatro anos de estudos, sabendo apenas reproduzir textos de outros autores. Seria importante que o professor possuísse a sua formação inicial baseada na

pesquisa, assim como acreditam Galiazzi, (2002); Ramos, (2002); Demo, (1997); Cachapuz, (2000), entre outros.

Em artigo intitulado “O professor e sua formação para a pesquisa”, Menga Lüdke (2005) pesquisou professores de escola básica que fazem uso da pesquisa e através do relato destes identificou “[...] um ressentimento em relação à ausência de qualquer indício de formação para a pesquisa nos cursos de graduação” (p. 337) e o mesmo é sentido pelas professoras aqui pesquisadas.

Muito, e como. Teria facilitado muito mais se eu tivesse tido [...] (PROFESSORA A, 2006)

E como... (PROFESSORA B, 2006)

Muito. No curso de licenciatura não tem, não tem mesmo. Não tive nem TCC. [...] (PROFESSORA C, 2007)

Ah, sim. Muito [...] (PROFESSORA D, 2007)

Estes relatos também se aproximam da preocupação de Gadotti (2003), Silva (2006), entre outros autores, sobre a falta do uso da pesquisa na formação dos professores, principalmente por, na atualidade, almejar-se uma educação democrática dos sujeitos (cidadãos), baseada na ética, na coletividade, no diálogo, o que implica a existência de um professor consciente e disposto para aprender, “saber planejar, pesquisar, saber organizar o currículo, estabelecer estratégias para o grupo, resolver problemas, relacionar-se com a comunidade.” (GADOTTI, 2003, p. 25).

Talvez fosse interessante que os cursos de licenciatura, na verdade, os cursos de graduação independente da área, mas principalmente na licenciatura, ensinassem a pesquisar porque é neste que há a formação dos professores e conseqüentemente daqueles que orientarão os futuros cidadãos deste País. A pesquisa poderia desenvolver “uma formação mais qualificada tanto em sentido formal quanto político” (GALIAZZI e MORAES, 2002).

O educar pela pesquisa propicia aos sujeitos se assumirem no discurso pedagógico e na linguagem científica, possibilitando-lhes o desenvolvimento de competências questionadoras e argumentativas, indicadoras de uma complexificação de conhecimentos e práticas dos licenciandos. Isto por sua vez encaminha o desenvolvimento de capacidades de intervenção qualificada nas realidades educativas, tanto em sentido restrito de sala de aula como do contexto mais amplo, indicadoras de uma qualidade política da formação propiciada pelo educar pela pesquisa. (Ibid., p. 245)

Embora não tivessem tido contato com a pesquisa em sua graduação, assim mesmo os professores que participaram da presente investigação tiveram interesse em utilizá-la com seus alunos, pelas razões que seguem:

[...] impulsionar os alunos de volta ao seu ser questionador, investigador, ela faz com que eu me prepare e aprenda durante o processo com os meus alunos [...] a considero completa, ela sendo usada de forma correta consegue desenvolver a aprendizagem dos alunos, pelo menos eu acredito que sim [...] é uma forma de estar sempre pensando e com isso fazer os meus alunos pensarem. [...] muitas vezes eles nem percebem que estão estudando, quando vão procurar as informações e começam a conversar, trocar idéias, a aula passa rapidinho [...] (PROFESSORA A, 2006)

[...] nunca tive nada esquematizado [...] a necessidade surgiu a partir do momento que fui perdendo o poder de falar, [...] eles não queriam escutar as minhas verdades, então eu tive que fazer com que eles percebessem que tinham que buscar as verdades deles, [...] Fazer com que meu aluno corresse atrás de informações [...] para que eu pudesse ser importante, [...] eu poderia esclarecer as futuras dúvidas que surgissem [...] A partir do momento em que ele vai buscar informações sobre aquilo que eu questiono, que eu desperto, ele me procura, mesmo que seja de forma fragmentada dentro de uma aula [...] é uma forma de respirar, é quase que um balão de oxigênio, é uma maneira de me fazer importante, me fazer estar no meio deles. [...] Fazer com que a pesquisa me trouxesse condições de me fazer presente, de respirar. (PROFESSORA B, 2006)

Porque é o que funciona. Porque eu acredito que funciona. [...] E quando você acredita naquilo que você faz, você é persistente, né? Você acaba se tornando uma pessoa persistente. [...] através da pesquisa, você está contribuindo com o aluno com essa formação que ele necessita para a vida, porque é uma ferramenta que ele vai usar. Ele aprende a pensar, aprende a buscar, não ficar esperando. Ele passa daquela posição de passivo e passa a ser ativo, autônomo. [...] (PROFESSORA C, 2007)

[...] faço com apenas uma classe. [...] um trabalho piloto em cima de uma proposta de trabalho com projetos de aprendizagem. [...] É um trabalho bem difícil, mais difícil do que você trazer tudo pronto, mas é aí, nessa busca, que o processo envolve a pesquisa [...] o meu interesse é realmente fazer um trabalho que tenha resultados na aprendizagem [...] (PROFESSORA D, 2007)

A Professora A faz uso da pesquisa como instrumento em sala de aula com a finalidade de, não apenas desenvolver a aprendizagem de seus alunos, mas também a sua própria, uma vez que acredita na possibilidade de crescimento mútuo que a pesquisa possibilita.

Para a Professora B, o uso da pesquisa foi empregado como meio para chegar aos seus alunos com a finalidade de desenvolver a aprendizagem destes, servindo-se como uma orientadora no processo ensino-aprendizagem e tornando-se útil e necessária para seus alunos.

A sensação descrita pela Professora C é apontada como um objetivo adequado por Schwartz. Este explica que o uso da pesquisa em sala de aula “propicia um ambiente em que o aluno possa sentir-se sujeito do processo de construção de conhecimento” (2002, p. 167), redescobrimo-se no processo de aprender.

Já para a Professora D a escolha vem atrelada aos projetos de aprendizagem que desenvolve, mas que acaba realizando apenas com uma única sala por não ser fácil este trabalho. Mas mesmo complicado, quer trabalhar formas de ajudar nos resultados de aprendizagem dos seus alunos.

Independente de apresentarem formas diferentes de utilizar a pesquisa como instrumento de aprendizagem, possuem em comum o entendimento de que o ensino por meio da pesquisa estimula o desenvolvimento da escrita e da leitura, auxiliando nos problemas de defasagem nestas áreas.

De acordo com Lozada (2006, p. 153), existem diversas pesquisas que “[...] têm demonstrado os baixos índices de aproveitamento em leitura e interpretação de textos”, o que também é comprovado por meio da fala das professoras pesquisadas que atribuem ao uso da pesquisa a possibilidade de desenvolver estas competências, demonstrando a importância desta no processo de aprendizagem, como se pode observar na fala das professoras B e D.

Até no ensino médio você acha, imagine no ensino fundamental [...] talvez por isso da indisciplina nas salas, os alunos não sabem ler, se expressar na escrita, então resta gritar, xingar, e fazer de conta que a escola é uma droga, e que está lá, só porque a mãe o obriga. (PROFESSORA A, 2006)

[...] ele sai de uma quarta série sem saber ler, sai de uma oitava série sem saber interpretar, ele sai do terceiro ano do ensino médio sem saber raciocinar, e ele sai da faculdade sem ser profissional, aí ele não passa no exame da OAB. [...] O que vai levá-lo a algum lugar é ler, interpretar, escrever, raciocinar, pesquisar, é isso que a escola tem que se preocupar [...]

(PROFESSORA B, 2006)

[...] ele mal, mal sabe ler, mal, mal sabe interpretar [...] Aí ele não aprendeu a ler, porque ele podia passar sem saber ler, não aprendeu a escrever porque também viu que mesmo sem saber ler e todos os professores fazendo relatório disso ele também passava de ano [...] quando ele chega no ensino médio, todo mundo fala, “ah, mas ele chegou sem saber ler, escrever, apáticos, desinteressados...” [...] às vezes eu percebo que o aluno desenha a letra. Na cópia ele desenha a letra, mas ele não lê o que está escrito. Eu tenho um exemplo, um aluno copiava tudo na lousa, se eu fosse dar nota pela quantidade de páginas copiadas, ele era um aluno 10, mas não sabia ler [...]

(PROFESSORA C, 2007)

Nossa e como ... até mesmo no ensino médio. Essa é a preocupação, essas habilidades, muitos alunos ainda não têm, com relação à escrita e à leitura e a entender o que lê este trabalho justamente promove isto. Ajuda a você perceber o aluno que possui esta dificuldade e orientar neste sentido [...]

(PROFESSORA D, 2007)

A Professora C levanta uma questão importante para a discussão, quando declara que o aluno atual aprendeu que ele não precisa se esforçar (ler, escrever, aprender), porque irá ser aprovado independentemente do seu aproveitamento escolar. A educação pública estadual está baseada na progressão continuada, e o aluno “aprende” que não precisa se dedicar para ser aprovado, apenas não pode faltar à aula.

Outro ponto é a questão da cópia, esta além de não desenvolver o pensar, pois é um ato mecânico, não desenvolve a autonomia. A Professora C cita um aluno como exemplo, mostrando que a cópia pela cópia realmente não desenvolve a leitura nem sequer a aprendizagem. No início da alfabetização, existe clara a necessidade de se tomar inicialmente aquilo que já existe como seu (cópia), uma vez que se está começando. O desenvolvimento da escrita precisa partir de um modelo inicial, mas necessita haver o desenvolvimento das

competências também do aluno para a produção própria, para que este com o tempo sinta segurança e capacidade para produzir e pensar por si.

No entanto, se este for condicionado à cópia, sem desenvolver a leitura (competência), haverá cada vez mais alunos, a exemplo com o que a Professora C se deparou, com uma cópia perfeita e nada mais.

A educação não se presta ao ensino da cópia, esta precisa ajudar a desenvolver sujeitos conscientes, ativos, participativos, capazes de transformar embasados na ética. Acredita-se que a educação pela pesquisa pode contribuir para este desenvolvimento.

Para Galiazzi e Moraes (2002), a educação pela pesquisa “como modo de construção de uma educação de qualidade volta-se à construção da competência dos sujeitos” (p. 245). E que o bom professor não é aquele que apenas sabe elaborar e defender seus argumentos criticamente, mas que possui capacidade de ensinar seus alunos a fazer o mesmo. Assim como aprende não apenas questionar, mas também a respeitar os outros questionamentos, como também propiciar um clima de questionamento e de procura de soluções em grupo.

Acredita-se que o ensino por meio da pesquisa vale-se de uma aprendizagem significativa porque assim como essa a aula deve tornar-se:

um fórum de debate e negociação de concepções e representações da realidade, um espaço de conhecimento compartilhado no qual os alunos sejam vistos como indivíduos capazes de construir, modificar e integrar idéias [...] Os alunos devem participar na aula trazendo tanto seus conhecimentos e concepções quanto seus interesses, preocupação e desejos para sentirem-se envolvidos num processo vivo, no qual o jogo de interações, conquistas e concessões provoque o enriquecimento de todos. (SMOLE, 2006, p. 4)

Pelo que foi observado, as Professoras se propõem a trabalhar com seus alunos proporcionando este clima de questionamento e trabalho em grupo. E o mais importante, respeitando as limitações de seus alunos, na medida do humanamente possível, já que

trabalham sem apoio, reconhecimento ou qualquer tipo de incentivo. Por acreditarem na educação e na importância do ser professor, escolheram trabalhar o ensino por meio da pesquisa com a finalidade de aprimorar a aprendizagem dos seus estudantes, assim como a sua própria, uma vez que a pesquisa possibilita a “ajuda na construção de competências docentes, capazes de proporcionar as condições de intervenção crítica e criativa na realidade” (GALIAZZI e RAMOS, 2002, p. 249). Mas, para que seja potencializada, existe a necessidade de haver condições de trabalho e aprimoramento docente.

Para Frison (2002), a pesquisa pode proporcionar aos alunos desenvolvimento de autonomia e que esta surge em “decorrência do envolvimento [...]” de uma “[...] proposta, da reflexão e dos avanços do sujeito na produção pessoal. Assim adquirindo gradativamente maior segurança e melhores resultados” (p. 152). Os professores entrevistados acreditam na pesquisa, para desenvolver a autonomia dos seus alunos, questionados sobre o porquê deste posicionamento responderam:

O aluno passa a ter mais vontade de ler, [...] escrever, faz perguntas, [...] instiga-os a procurar, a pensar, a perguntar, a entender que nada é 100% verdade ou 100% mentira. E o professor se envolve neste processo, aprendemos [...] juntos [...] (PROFESSORA A, 2006)

[...] não obtém informação pronta, não aceita a informação pronta, [...] a pesquisa te leva a vários canais, a várias informações. Então o aluno pesquisador [...] não aceita a informação de alguém como verdade absoluta. Ele tem capacidade de discernir, [...] ele tem escolhas, opções, buscas [...] (PROFESSORA B, 2006)

[...] Primeiro fui perceber o quão importante ela é para mim. Na minha aprendizagem, na minha forma de aprender a conhecer as coisas, a descobrir. [...] quando eu descobri a importância, como ela é importante para mim, é que eu comecei a trabalhar a pesquisa com os meus alunos na sala. [...] O aluno precisa desenvolver as habilidades, ele vai desenvolver lendo, pesquisando. [...] A ferramenta principal é a pesquisa, porque você não elabora nada, não projeta nada, não vai discutir sobre alguma coisa, se você não tiver uma informação, e aí você vai buscar esta informação através da pesquisa. Então foi aí que eu vi a necessidade realmente. [...] Não dá para parar de pesquisar, nunca na vida. É o tempo inteiro. Agora se o aluno aprende isso lá, no comecinho? Já imaginou? A qualidade é outra. (PROFESSORA C, 2007)

[...] pela ação do aluno, [...] ele é movido pelo seu próprio interesse, [...] condição dele ter autonomia, de poder desenvolver uma aprendizagem por ele mesmo (PROFESSORA D, 2007)

As professoras demonstram a preocupação quanto à aprendizagem dos seus alunos, sendo este o motivo instigador que fez com que elas mudassem sua prática de ensino e adotassem a pesquisa como meio para trabalhar a aprendizagem dos seus educandos.

Considerou-se importante saber também o posicionamento dos alunos frente à metodologia de ensino das suas professoras. Para tal, estes responderam a um questionário (Anexo 2a), caracterizado por uma abordagem quantitativa, cuja finalidade era conhecer o que estes pensam sobre a metodologia usada pela professora em sala de aula, assim como seus hábitos com relação à leitura, escrita e o uso da pesquisa em sala de aula. O questionário constou de nove perguntas, cujas respostas seriam afirmativas (Sim) ou negativas (Não). Os alunos receberam uma ficha de resposta (Anexo 2b), e as perguntas foram expostas oralmente pela professora, para que os alunos respondessem na folha. Foi explicado que havia necessidade da sinceridade nas respostas e que não haveria, no entanto, a necessidade de colocar o nome, pois não seriam avaliados ou julgados pelas respostas, a finalidade era apenas de se ter conhecimento sobre seus hábitos e opinião sobre a aula.

No total, foram consultados 113 alunos, havendo uma média de 80% de respostas afirmativas com relação ao gosto pela leitura, escrita, a pesquisa, das aulas que se baseiam no uso da pesquisa e da sua preferência por este tipo de aula. Os dados foram organizados em forma de tabelas (Anexos 2c, d, e, f) e gráficos (Anexos 2c, d, e, f) organizados por professora e sala de aula respectiva, havendo uma com o número total de alunos (Anexo 2g).

Nota-se que este tipo de ensino é visto de forma positiva tanto pelos professores quanto pelos alunos. De certo, esta dissertação baseou-se em uma amostragem pequena, se analisada em aspectos quantitativos, mas acredita-se que esta possa contribuir para as discussões que se apresentam quanto ao uso desta perspectiva de ensino, assim como das

condições para a realização desta com qualidade tanto para o educador quanto para o educando.

Embora o ensino por meio da pesquisa apresente uma boa aceitação por parte dos alunos, é importante a percepção de que para haver resultados positivos, há a necessidade de um professor capaz de repensar a sua prática para recriar maneiras de ajudar a desenvolver as aprendizagens dos educandos, colaborando para o crescimento de um pensamento crítico e social, uma vez que a preocupação da educação atual deve ser com a formação de cidadãos conscientes de si e de sua coletividade, capazes de interferir de forma responsável no mundo.

3.1.2. Formas de se trabalhar a pesquisa

Para se trabalhar a pesquisa como instrumento de ensino-aprendizagem, há necessidade de “a escola ser a provocadora das transformações, possibilitando [...] que os professores se tornem capazes, [...] de investigar suas ações para [...] possibilitar as mudanças nos alunos” (PICOLLI e MORAES, 2006, p. 101).

Como exemplo da importância de que haja por parte da escola incentivo e para que o professor consiga trabalhar o ensino por meio da pesquisa, pode ser mencionado o artigo no qual Orbetelli (2006) comenta como em sua escola os professores organizaram-se em grupos de pesquisa para trabalhar o interesse e a aprendizagem dos seus alunos. Conta como obteve apoio, suporte e participação de toda a escola (gestores, coordenadores e professores), possibilitando até mesmo parceria com uma Universidade para auxiliá-los no desenvolvimento de suas práticas de ensino-aprendizagem por meio da pesquisa.

O que se gostaria de frisar é que, embora seja importante esta parceria com a Universidade, defende-se a autonomia do professor do ensino básico (infantil, fundamental e médio) enquanto pesquisador. Este necessita descobrir-se pesquisador para auxiliar na

mudança e na melhoria da realidade do seu grupo (alunos, professores, gestores, comunidade, escola).

Além do apoio e de condições adequadas, o professor que se propõe a ensinar pesquisa deve ser capaz de dialogar e ter construído sua autonomia e capacidade argumentativa (PICOLLI e MORAES, 2006). Portanto as professoras foram questionadas com relação ao modo como fazem uso da metodologia que empregam. Percebeu-se que nem todas trabalham da mesma forma, nem partem das mesmas diretrizes. Diz uma delas:

[...] temos um guia, [...] oferecido pelo Instituto Ayrton Senna, que é quem incentiva este tipo de trabalho, [...] não é que você tenha que utilizá-la como uma cartilha rígida, a proposta deles é sempre que oriente o aluno a começar um projeto através do levantamento de uma situação problema, [...] o trabalho [...] é demorado, que exige muita intervenção, [...] cada aluno escolhe uma [...] pergunta, aí eles expõem o porquê de ter escolhido aquela pergunta, qual conhecimento que ele já tem sobre aquele assunto, o que gostariam de saber. Depois vão expor oralmente, [...]. Depois eles escrevem, traduzem isso através da linguagem escrita. [...] Além da pasta, é sugerido que cada um crie um Blog, [...] e ali, ele registra a pergunta, o processo, só que o que ele deve colocar ali, não é puxado da internet, é justamente a síntese, um texto dele sobre aquilo que ele pesquisou em livros, internet, entrevista (PROFESSORA D, 2007)

Esta concilia a pesquisa ao uso do computador como ferramenta instigante. Leite (2003), em trabalho de pesquisa, confirma a importância do uso do computador como ferramenta para auxiliar no processo de construção do conhecimento do aluno.

[...] o fato de manipular esta máquina constitui um estímulo à criatividade do aluno e sua auto-estima. O aluno se mostra feliz e realizado pelo simples fato de estar usando o computador. É importante observar, no entanto, que o aluno deve ser acompanhado e orientado, principalmente na realização das pesquisas na internet onde ele pode ter acesso a uma infinidade de informações. As informações na web precisam ser analisadas e selecionadas e nem sempre o aluno sabe fazer isso sozinho. (Ibid., p. 1, cap.4)

Já que os alunos precisam construir seu próprio blog, como produto “final¹⁶” da pesquisa, o computador pode auxiliar no desenvolvimento das competências de leitura e escrita. Seus educandos recebem orientações para conseguir desenvolver seus trabalhos, sem

¹⁶ A fase do blog é para dar acesso público à pesquisa, para que esta seja comentada, criticada pela comunidade cibernética.

ficar dependentes que o professor entregue o material pronto. São responsáveis pela procura, desenvolvimento e conclusão de seus trabalhos, havendo o incentivo da autonomia quanto às suas escolhas, aos materiais pesquisados e aos procedimentos utilizados.

Frison (2002) aponta para um caminho semelhante:

[...] pode ter um enfoque de construção participativa, pois a mesma se fundamenta no diálogo e na problematização [...] conduz à construção pessoal. Isto ocorre quando o professor é reflexivo e sistematiza a ação pedagógica de forma que o aluno possa fazer suas descobertas, pensar e construir seu conhecimento. (p. 150)

A Professora B usa a pesquisa para fazer com que seus alunos pensem, se façam presentes e assimilem o que estão aprendendo, sem se ater aos aspectos formais da pesquisa científica. Para esta, o que importa é o entendimento do aluno, é sua aprendizagem durante a procura e a formulação das respostas.

[...] ele tem que pensar, [...] questionar, [...] indagar, ele tem que trazer o que ele está aprendendo para o que ele realmente entende. [...] Acredito que a palavra tem que ser entendida, [...] despertei uma curiosidade, [...] é fazer com que o assunto chegue ao aluno, não de uma forma acadêmica, não de uma forma chata, de uma forma simples, só isso [...] (PROFESSORA B, 2006)

Provavelmente não atribua tanta importância ao aspecto científico da pesquisa, porque percebe a necessidade primeira de seus alunos de uma abordagem diferente. Talvez com o tempo, os aspectos científicos passem a ser incorporados também em suas aulas e conseqüentemente em seus alunos.

A Professora A considera importante o diálogo com os alunos, para saber como estes pensam sobre o tema em estudo. Incentiva o questionamento dos alunos, assim como a leitura, a produção (escrita) e o trabalho em grupo, servindo sempre como orientadora sem, no entanto, dar respostas. Desenvolve e incentiva o pensar.

[...] durante a aula, faço com que os alunos conversem comigo sobre o assunto que estamos estudando, vou percebendo até onde eles conhecem do assunto e conforme a aula se desenvolve, as perguntas vão surgindo, sugiro

usarmos livros para procurar as respostas, peço muitas vezes para se reunirem em grupo para discutir e no final peço para exporem o que aprenderam no processo de procura. [...] sirvo como uma orientadora dos trabalhos que realizam, ajudo quando sou requisitada, discuto possíveis caminhos [...] (PROFESSORA A, 2006).

Para Galiazzi (2005), é importante que o professor possua esta postura demonstrada pela Professora, ouça o aluno para que se possa descobrir o que este já possui de vivência e necessita aprender por ser significativo para a realidade deste.

A Professora C, assim como a D, trabalha com projetos de aprendizagem, mas faz uso também de projetos de ensino, todos possuem como base a pesquisa. “Norteia” os projetos a partir de temas geradores ligados aos conteúdos de sua disciplina. Embora partindo de um tema, o aluno possui autonomia no percurso do trabalho, sendo responsável pela escolha do questionamento inicial, das leituras, da interpretação e seleção das informações e dados obtidos, recebendo orientação e suporte da docente no que diz respeito às dúvidas e dificuldades encontradas.

[...] o projeto de ensino você dá o tema e o aluno vai investigando de forma que no final ele contemple lá o tema. Já nos projetos de aprendizagem é o contrário, o aluno vai aprender o que ele quiser, mas ele vai aprender. Só que dentro, ainda do nosso sistema de ensino, é complicado você trabalhar só com projetos de aprendizagem, porque você tem um conteúdo, um plano de ensino, que você tem que cumprir. [...] Então, eu acho que eu trabalho com os dois, com projeto de ensino e aprendizagem. Porque se eu der um tema para eles, por exemplo... desertos e desertificações, aconteceu que cada um foi pesquisar uma coisa, um foi pesquisar os animais, o outro as plantas, o outro os oásis... e acabou cada um dando um rumo na área da sua pesquisa, embora o tema fosse o mesmo, o interesse de cada aluno foi para um lado. E no final como todo mundo aprendeu? Porque houve um momento de se compartilhar tudo aquilo. Então, aquele que aprendeu sobre os animais trocou, passou para os colegas, e o que pesquisou sobre as plantas... e no final todos nós aprendemos sobre tudo, sobre tudo. (PROFESSORA C, 2007)

O interessante é que a Professora sempre faz ligação da pesquisa com projeto, quer seja de ensino ou de aprendizagem, mas o uso da pesquisa fica condicionado ao projeto. Provavelmente esta predileção venha da sua prática com projetos.

Nota-se que as professoras acreditam no uso da pesquisa para instigar seus alunos a pensarem e constituírem pensamento próprio, para aumentar o interesse destes em ler, escrever (produção própria). Embora existam metodologias diferentes, todas percebem a necessidade de uma avaliação, cuja finalidade é poder perceber se está havendo aprendizagem.

Nesse sentido, quanto à possibilidade de avaliação do progresso dos alunos, as professoras assim se manifestaram:

[...] através do interesse, da participação [...] é diária [...] não digo que eu avalio da forma correta, talvez não, mas consigo ter a noção de um certo progresso, pelo menos com relação ao interesse deles. (PROFESSORA A, 2006)

[...] É muito mais viável, às vezes, fazer uma única correção na lousa e dar pouca importância para esta coisa da nota, da avaliação, [...] porque o cansaço acaba causando injustiça, no nosso caso causa injustiça. [...] muitas vezes é mais viável fazer a devolutiva e fazer uma correção única, para que o aluno se depare com seu erro [...] e a partir do momento da sua explicação em cima do erro dele ele terá uma nova concepção, do que simplesmente você dizer “errou” [...] (PROFESSORA B, 2006)

Eu avalio assim, não é [...] na quantidade de informações ou nem se ele memorizou. Em cima da pesquisa, eu avalio mais no que ele conseguiu construir, depois que ele fez a pesquisa, porque para construir o produto final da pesquisa, mesmo que ele não tenha feito aquele trabalho formatado e tal. Mas ele viu o resultado dele. Então é em cima do que ele construiu na verdade que eu vou avaliar mesmo. Porque se ele chegou naquela construção, é porque ele foi, buscou informação, organizou essa informação, buscou os dados, fez o levantamento, tabulou e tal. Aí no final deu aquele resultado, aí eu avalio. [...] a princípio eu não contava muito com a avaliação dos projetos. Acabou o projeto, acabou. Depois você vai aprendendo que seria interessante eles pararem para avaliar os projetos. Avaliar se aquele tema foi bom, foi legal, o que aprenderam, se foi legal, se aquilo lá tinha alguma importância na vida dele ou não. É momento de se avaliar. E eu avaliava e eles também avaliavam, e aí a gente via as falhas e daí no próximo a gente conseguia corrigir. [...] eu avalio desta forma, o que ele conseguiu construir, realizar depois da pesquisa, porque a pesquisa pela pesquisa é só um instrumento que eu utilizo para ele aprender a aprender. Mas avaliar o que ele construiu, o que ele realizou, se ele evoluiu. (PROFESSORA C, 2007)

[...] posso te dizer que eu ainda necessito de maiores pesquisa, porque como o trabalho realmente não está acontecendo como deveria, no sentido de falta de apoio, de recursos humanos e material, se tivéssemos todas as condições favoráveis, eu poderia ter uma outra concepção, mas agora eu não posso te dizer. Porque certas ações, minhas mesmo, eu deixo de fazer, se eu deixo de

empregar, o aluno deixa de ter essa oportunidade, e como eu vou avaliar, se eu não imprimir tudo aquilo que ele deveria ter tido, é difícil... (PROFESSORA D, 2007)

Para Lopes (2002, p.4), citando Praia (2000) a avaliação na perspectiva de ensino por pesquisa envolve três momentos fortes necessários para a articulação dos ciclos de ensino–aprendizagem:

- é necessário que o professor saiba quais são os conhecimentos anteriores dos alunos, no momento da problematização, para proporcionar-lhes pontos de partida nos assuntos a aprender e depois traçar os objetivos necessários para que os alunos compreendam o assunto em estudo;
- o professor propõe atividades e recursos variados de forma a organizar o ambiente e os processos de trabalho para que o aluno alcance as questões/problemas. O docente precisa apresentar segurança nos conteúdos científicos envolvidos, para responder às questões e/ou dúvidas dos alunos;
- as atividades de avaliação de carácter formativo são importantes para ultrapassar as dificuldades detectadas. Quanto mais o aluno for envolvido neste processo, mais ganha uma dimensão formadora e melhor assumirá as novas tarefas a realizar;
- o 3º momento acontece na altura da avaliação, que varia em função das aprendizagens realizadas, com respeito ao percurso ensino – aprendizagem que se vai desenvolvendo ao longo do estudo;
- os testes servem de complemento para a avaliação, não sendo o único modo de avaliação.

No caso da avaliação para uma aprendizagem significativa, Smole (2006) acredita que deva ser uma avaliação:

a favor do aluno, que contribua para torná-lo consciente de seus avanços e necessidades, fazendo com que se sinta responsável por suas atitudes e sua aprendizagem.

A avaliação no contexto de uma aprendizagem significativa deveria ocorrer no próprio processo de trabalho dos alunos, no dia-a-dia da sala de aula, no momento das discussões coletivas, da realização de tarefas em grupos ou individuais. É nesses momentos que o professor pode perceber se os alunos estão ou não se aproximando dos conceitos e habilidades que considera importantes, localizar dificuldades e auxiliar para que elas sejam superadas através de intervenções, questionamentos, complementando informações, buscando novos caminhos que levem à aprendizagem. (p. 8)

Cita-se Smole (2006), pois se considera importante a forma como vê a maneira de ser a avaliação de uma aprendizagem significativa, porque se acredita que a mesma forma deva ser levada em consideração ao se fazer a avaliação dos alunos que são guiados através do ensino por meio da pesquisa para desenvolver suas aprendizagens, uma vez que estas para se fazerem permanentes precisam ter significado e ser trabalhadas para o desenvolvimento do aprender, do entender e do significar para que toda a aprendizagem possua um fundo prático, não apenas teórico.

Percebeu-se que as Professoras, ao avaliarem seus alunos, tentam seguir os passos anteriormente expostos, mas não se sabe até que ponto esta avaliação é refletida sobre as aprendizagens e se estas são significativas. Haveria necessidade de um trabalho cujo foco fosse a avaliação dentro do ensino por meio da pesquisa para se compreender como e “quanto” esta (avaliação) consegue refletir uma aprendizagem significativa.

Embora fique clara a tentativa das professoras em corresponder às propostas da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) que, em seu artigo vinte e quatro (regras para organização da educação básica e ensino médio), inciso quinto (critérios para a verificação do rendimento escolar), alínea “a”, diga que a avaliação deva ser “[...] contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais”, na estrutura atual do ensino brasileiro há grande dificuldade de conseguir seguir tal critério.

Ao observar as condições de trabalho, em especial o número de alunos por sala e a quantidade de aulas por semana (Tabela 12), fica complicado desenvolver uma avaliação qualitativa, sem pecar em algum aspecto com relação a essa avaliação. Conforme demonstra a tabela abaixo, uma professora com 4 aulas por sala num total de 32 aulas semanais e uma média de 45 alunos por sala terá um total de 360 alunos para avaliar qualitativamente. No caso da professora ter apenas duas aulas por sala, este número duplica, terá de avaliar qualitativamente 720 alunos.

Disciplina	Quantidade de aulas por semana	Número de aulas por sala	Número mínimo de alunos por sala	Quantidade de salas	Quantidade total de alunos por semana
Ciências	32	4	45	8	360
Artes	32	2	45	16	720

Tabela 12 – Demonstrativo - quantidade de aulas semanais, número mínimo de aluno por sala, quantidade de salas e quantidade total de alunos por semana

Torna-se praticamente impossível avaliar qualitativamente um número tão grande de alunos, aumentando as dificuldades de trabalho docente em sala de aula, pois não há como observar todas e quais são as dificuldades reais de cada aluno, principalmente quando se visa a uma aprendizagem significativa que exige:

uma avaliação a favor do aluno, que contribua para torná-lo consciente de seus avanços e necessidades fazendo com que se sinta responsável por suas atitudes e sua aprendizagem.[...] não pode ser medida através de uma escala numérica, relativa a um período curto de tempo, num momento marcado para avaliar.

A avaliação no contexto de uma aprendizagem significativa deveria ocorrer no próprio processo de trabalho dos alunos, no dia-a-dia da sala de aula, no momento das discussões coletivas, da realização de tarefas em grupos ou individuais. É nesses momentos que o professor pode perceber se os alunos estão ou não se aproximado dos conceitos e habilidades que considera importantes, localizar dificuldades e auxiliar para que elas sejam superadas

através de intervenções, questionamentos, complementando informações, buscando novos caminhos que levem à aprendizagem. (SMOLE, 2006, p. 5)

Percebe-se que o tipo de avaliação com a qual as docentes tentam trabalhar aproxima-se mais o descrito por Smole (Ibidem), embora este tipo deva passar por registro para posterior estudo para que se possa trabalhar com os dados a respeito das dificuldades apresentadas pelos alunos para que sejam sanadas. Mas com um número grande de alunos e salas, somando-se a falta de tempo, fica improvável este tipo de avaliação qualitativa.

3.1.3. Dificuldades para desenvolver o trabalho escolar por meio da pesquisa

Um das dificuldades pelas quais as Professoras passam, como exposto acima, são aquelas criadas pelo grande número de alunos que têm a seu cargo e que são claras para as docentes:

[...] difícil você conseguir dar conta de um número grande de alunos, [...] dependendo da sala teria que ser menos da metade, pois existem salas com 40, 45 alunos. Chega a ser desumano tanto para o aluno quanto para o professor [...] (PROFESSORA A, 2006)

[...] a tarde tem no máximo 20 alunos por sala [...] É um lado da diretora que eu respeito que pouca gente conhece, ela respeita muito o estado do professor. [...] Ela tem apoio na diretoria, mas já está sofrendo pressão neste ano [...] (PROFESSORA B, 2006)

De 40 a 45 [...] a aprendizagem deixa muito a desejar, porque como eu falei, existem alunos que conseguem acompanhar, [...] porque já chegou na quinta série alfabetizado. Mas, aqueles que têm maior dificuldade...[...] O ideal seria se todos me acompanhassem, a gente avançava muito mais rápido, mas e se não pode? É justo eu só ir para frente e não esperar aqueles que estão lá atrás? Tem momentos que eu tenho que dar uma parada... Agora se a gente consegue contemplar todo mundo, atender todo mundo... é complicado, né? [...] se fossem uns 20 alunos... talvez... hoje nós temos 10, 15 com dificuldades grandes. Se fossem 20 teríamos uns 5, então eu acho que você poderia ter mais agilidade, não sei, eu acho que seja por aí mesmo. A quantidade de alunos na sala vai repercutir sim na qualidade de ensino do aluno [...] se você fosse uma professora, para atender as necessidades de um aluno, individual. Beleza, porque você ia falar sobre o assunto que interessa a esse um. [...] Mas aí, eu precisava ser um professor para cada aluno. Numa sala de aula dá para fazer isso? Com 40 alunos? Atender, as necessidades e as expectativas de cada um? Não dá. E aí, começa essa impaciência como você falou, “eu vim aqui para receber, mas eu não quero ficar aqui sentado

só ouvindo”[...] eu tenho ainda muita dificuldade, principalmente porque se trata de muitos, muitos alunos.[...]

[...] A orientação coletiva, tudo bem, agora vai ter aluno que precisa de orientação individual. Agora com 40, 45 alunos. Tem como? Não tem. [...] (PROFESSORA C, 2007)

[...] quanto maior o número de alunos em sala de aula, maiores são as dificuldades, tudo é proporcional [...] Já pensou orientar 40 alunos de uma vez ? Como você faz isso sozinha em um trabalho de pesquisa em sala de aula ? (PROFESSORA D, 2007)

Pesa ainda sobre as professoras a responsabilidade por um número excessivamente grande de aulas semanais que lecionam¹⁷.

Uma média de sessenta aulas por semana [...] (PROFESSORA A, 2006)

53 horas semanais. (PROFESSORA B, 2006)

32 no estado e 32 no município. (PROFESSORA C, 2007)

Uma média de cinqüenta aulas por semana. (PROFESSORA D, 2007)

Acredita-se que independente da metodologia empregada, perde-se e muito a qualidade do ensino ao se submeter a estas condições fatigantes e insalubres de trabalho, uma vez que não se pode esquecer que o professor trabalha com seres humanos em toda a sua complexidade e pluralidade. O que é diferente de trabalhar 40 horas semanais com o computador ou com papéis, no ar condicionado e sentado. Não se quer, através desta colocação, menosprezar as demais atividades de trabalho, mas sim mostrar a magnitude e complexidade de se trabalhar com o sujeito humano e sua formação.

Não é um trabalho para qualquer um, exige um sujeito ético, qualificado, competente, e mais do que isso, um sujeito político-histórico-social, consciente e capaz de ser e fazer história em coletividade.

Para se trabalhar o ensino por meio da pesquisa, é muito importante que haja a estimulação do aluno quanto ao aprender, pensar, ler, escrever, mas não se pode esquecer que

¹⁷ Foi citado, para as Professoras A e D, o número de aulas que estas possuíam, pois se entendeu que suas experiências foram baseadas nos anos anteriores, não apenas no ano da pesquisa.

o responsável por este trabalho é o sujeito-professor. E este recebe estímulos para trabalhar desta forma ?

[...] não é fácil, pois demanda tempo não remunerado, leituras, escritas, pensamentos, elaborações, tudo sendo doado sem recurso próprio, além da boa vontade sua e de sua família [...] (PROFESSORA A, 2006)

[...] os estímulos não são constantes nem uma prática natural dentro do magistério. (PROFESSORA B, 2006)

Nenhum, [...] tem que ser tudo fora do seu horário de trabalho. [...] Mas não dá, porque realmente é muito trabalhoso, [...] há um desgaste grande do professor, aumenta muito mais o desgaste. Então, dá trabalho, eu vou fazer? Com o salário que eu recebo, com o tempo que eu tenho, com o número de aulas no dia que eu tenho? [...] Dentro da sala de aula [...] O incentivo nenhum. Se for algum projeto [...] de interesse da escola, ela talvez [...] dê [...] uma maior facilidade de você usar uma sala de internet, [...] mas mesmo assim, não tem incentivo a não ser que seja fora do seu horário de trabalho, fora do seu horário, hein? E de preferência com um grupo pequeno de alunos, para poder não interferir na dinâmica da escola. [...] trabalho voluntário, voluntário mesmo. [...] tem trabalhos que a gente tem que apresentar fora, que a gente vai ficar fora do horário, e não é remunerado, nem é negociado, nada, não tem nada, nada, nada. É voluntário mesmo. (PROFESSORA C, 2007)

Não, muito pelo contrário, gasto minha luz, tenho que pagar o técnico do computador, meu telefone, banda larga. Não, não recebo nada, nem um incentivo da escola, nem um parabéns, não recebo nada. (PROFESSORA D, 2007)

O professor possui um papel muito importante no ensino por meio da pesquisa, porque é orientador do aluno e sua ação se fundamenta na dialética. Ambos, aluno e professor, são co-responsáveis e solidários na construção do conhecimento (FRISON, 2002, p. 153). O uso da pesquisa em sala de aula requer um maior contato entre alunos e professores, o que supõe uma preparação cuidadosa dos docentes e a oferta de condições de trabalho que possibilitem a realização de suas tarefas com qualidade.

Em trabalho publicado Lüdke e Cruz (2005) pesquisaram professores de educação básica que exerciam atividade de pesquisa paralelamente às docentes. O local pesquisado centrou-se em quatro estabelecimentos de ensino da rede pública do Rio de Janeiro, dotados de incentivos para o professor-pesquisador, tais como complementação salarial, carga horária

específica e infra-estrutura física para a realização de atividades de pesquisa. Tomando-se por base as condições de trabalho destes estabelecimentos, percebeu-se que dentre estes professores, existia um grande número de titulações (mestrado e doutorado) e aqueles que possuíam um número menor de aulas semanais, com uma maior carga horária contratada, exercia a pesquisa com mais regularidade.

Havendo incentivo e condições, o professor pode tornar-se um pesquisador, capaz de realizar pesquisas do seu cotidiano escolar, com finalidade primeira de que estas se revertam em maneiras de melhorar a qualidade do ensino-aprendizagem da sua escola, assim como da sua qualificação docente. Entenda-se que a pesquisa realizada pelo professor-pesquisador é diferente do ensino por meio da pesquisa (aprendizagem centrada no aluno), mas, para que o professor que faz uso da pesquisa em sala de aula se torne cada vez mais competente, este precisa ser pesquisador de sua escola, de sua aula. Faz-se necessário, no entanto, “as condições de trabalho deste professor da educação básica [...] para a viabilidade da realização de pesquisas” (LÜDKE e CRUZ, 2005, p. 8).

De acordo com Demo (1997, 2002), Galiazzi (2002), Ramos (2002), entre outros, o professor que faz uso da pesquisa em sala de aula precisa também exercitar sua escrita, leitura, produção própria, assim como estar inserido em grupos de discussão para validar seus argumentos em sala de aula, da mesma maneira que faz com seus alunos. O que se percebe, entretanto, é a grande dificuldade de as Professoras seguirem esses passos, principalmente por conta do tempo e das condições de trabalho.

[...] falta ainda tempo para preparar melhor as aulas, tempo para conversar com meus colegas para que o trabalho seja interdisciplinar, que possamos trocar experiências [...] para que eu estude [...] nem sempre tenho tempo de corrigir tudo da forma como gostaria. [...] fica difícil ter qualidade quer seja de vida, de trabalho se você é obrigada a lecionar horas a fio, ninguém agüenta. [...] (PROFESSORA A, 2006)

[...] não tenho tempo para pesquisar, pouquíssimo tempo para estudar, um cansaço absurdo diante do número de aulas e do tempo de magistério que já

carrego, [...] com a quantidade de alunos, de aulas muitas vezes não tenho tempo de pesquisar, não tenho tempo de preparar aula, não tenho tempo de fazer uma correção decente. [...] no sábado, eu consigo acordar muitas vezes ao meio dia “trêbada”¹⁸ de cansada, tenho um monte de coisas para fazer na minha casa, fora o que eu trago do trabalho, no domingo mal consigo dar conta e à noite, quando começa o fantástico, já começo a chorar [...] Então, muitas vezes eu trago coisas que vêm e voltam sem se quer tocar, por isso te falei que a correção já se tornou uma prática completamente diferente para mim, por falta de tempo [...]

[...] ele não tem tempo de ler, não tem tempo de lazer, não tem tempo de filtrar suas idéias para colocar em prática [...] trabalha muito, trabalha em várias empresas, trabalha em várias horas, tem até um grande material pedagógico, que ele não sabe, muitas vezes, usar nem tem tempo para usar [...] a educação é maravilhosa, desde que o profissional tenha mais tempo para preparar, como acontece nas grandes universidades, onde você pega um profissional de gabarito que tem 10 aulas e ganha por 40, então ele tem 30 horas/aula, para ser um pesquisador, um preparador, e aí ele dá 10 aulas fantásticas. (PROFESSORA B, 2006)

[...] o professor tem que trabalhar cada vez mais, porque, ganhando cada vez menos, ele precisa trabalhar cada vez mais e com isso fica faltando o tempo para ele conseguir se qualificar, como é que você vai ter tempo de se qualificar profissionalmente, se você tem que trabalhar cada vez mais para se manter vivo? [...] tempo para se qualificar. [...] com 32 aulas em um horário, 32 em outro horário. Curso de capacitação aos sábados, [...] eu tenho a maior vontade, eu quero, [...] A minha pós aos sábados também eu quero. Mas pensa e a qualidade? [...] Eu vou estar com a minha cabeça assim... a minha aprendizagem vai ser a mesma ? O resultado vai ser bom? Será? Se eu tivesse, na semana menos aula, para que eu pudesse fazer na semana, os meus cursos e no sábado e no domingo, como toda pessoa merece, descansar... É isso, né? [...] a orientação toda da pesquisa nos projetos [...] atendimento individual, eu fazia no meu intervalo entre aulas, no horário de recreio, depois do meu horário. Nossa! Cansei de ficar no período da noite. Meu horário acabava 06h20 e eu ficava até 09h00 horas da noite... com aluno. [...]

[...] você quer incrementar aquela tua aula, [...] buscar mais material para enriquecer esta aula. Aí você acaba batendo no tempo. Como é que você vai preparar material? [...] executar aquela aula, com qualidade, eu preciso de material, eu preciso produzir, eu preciso buscar este material, eu preciso pedir emprestado, eu preciso de material para baixar este material, para produzir, e aí eu acabo batendo na questão do tempo. [...] falta tempo é para você produzir este material. Por quê? Uma coisa que eu aprendi é que material pedagógico não é só livro didático. E também não é só um computador. Então, você para poder dar uma boa aula, você tem que pesquisar. Você quer baixar aqueles vídeos, você quer fazer isso, fazer aquilo, quer ir numa locadora? Você tem que entrar numa locadora, vê que filme que tem, porque, às vezes, não é só aquele filme que já existe, você quer inovar, aquele aluno já foi seu aluno 10 anos ali, e aí você vai passar as mesmas coisas para ele? Você precisa estar inovando, no material, e aí o que acaba? Faltando tempo para você buscar, produzir, pesquisar...

¹⁸ Cansaço ao extremo.

[...] E a questão dos horários, você tentar conciliar os horários. Para discutir, porque é uma grande dificuldade, uma grande dificuldade. E a dificuldade da orientação. Orientação em um grupo menor de pessoas, primeiro vem essa orientação coletiva, mas depois se faz necessária aquela orientação mais de grupo e tal, até chegar na individual. Porque nos projetos de aprendizagem, você tem que trabalhar com o aluno individualmente, porque cada aluno está com um tema, e os interesses são diferentes. E você tem que se informar. Você tem que pesquisar referente a cada tema, para você poder orientar. E a orientação é individual mesmo, então, quando você vai ter tempo para fazer isso ? (PROFESSORA C, 2007)

Trabalho fora, porque, quando eu visito os blogs, ou quando eu tenho que fazer orientação pelas pastas, eu tenho que fazer fora do meu horário de trabalho [...] o instituto¹⁹ é bem claro, você não pode exceder o seu horário, mas não tem como. Eu já disse para eles que eu tenho que exceder, eu não tenho ajuda, eu tenho que fazer por dez. (PROFESSORA D, 2007)

Galiuzzi (2005), em artigo, expõe que o professor, para poder incentivar seu aluno a ler, também precisa ter o hábito da leitura e que a “desculpa mais comum é a falta de tempo. Essa pode ser uma justificativa para quem pretende ser competente?” (p. 32). Acredita-se não haver desculpas para aqueles que pretendem ser competentes, mas existem também pessoas, seres humanos, que estafados física e psicologicamente, por conta das suas condições de trabalho (baixos salários, falta de apoio técnico e pedagógico, falta de tempo para aprimoramento profissional...) optam entre qualidade (do trabalho) ou sobrevivência. Enquanto os professores continuarem a ser vistos pela sociedade e por si como indispensáveis, nunca receberão a valorização adequada, o que continuará a se refletir na qualidade do ensino.

Não se discursa por aqueles professores que acreditam que a educação é um ótimo lugar para quem não possui competência de trabalho. E que a aprendizagem resume-se a transmissão de conceitos pelo professor e a absorção sem significação desses pelos alunos. Mas sim por aqueles que acreditam na educação e em seu trabalho, para ajudar no desenvolvimento de sujeitos éticos, políticos, conscientes de si e do mundo à sua volta, com

¹⁹ Instituto Ayrton Senna.

capacidade de transformar com responsabilidade a sociedade, visando ao bem coletivo e ambiental.

Gadotti (2007, p. 30) cita a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), que aumentou os dias letivos para conseguir enfrentar o problema de qualidade na educação, mas que, ao contrário do que se esperava, o acréscimo de vinte dias não contribuiu para a melhoria da qualidade do ensino, pelo contrário, diz ter havido, de acordo com dados liberados pelo INEP²⁰, um declínio na aprendizagem. Esse dado pode comprovar que não há relação direta entre o aumento dos dias letivos e melhor desenvolvimento da aprendizagem.

Já que não existe a presença de qualidade nesses dias, não é importante conseqüentemente a quantidade, pois permanecerão sem qualidade, porque o foco do problema continua sendo outro. Se provavelmente tenha sido uma solução política, social e economicamente, mais fácil apresentar o aumento dos dias letivos como uma saída para melhorar o baixo rendimento da aprendizagem, ao invés de investir naqueles que trabalham com o desenvolvimento dessas aprendizagens.

A colocação das Professoras corresponde à necessidade de serem revistas as políticas educacionais, pois não se percebe o porquê de haver duzentos dias letivos, se não há tempo para os professores trabalharem em conjunto, discutirem entre si metodologias de ensino-aprendizagem e se não conseguem acompanhar o desenvolvimento de seus alunos, uma vez que há também o problema de superlotação²¹ das salas de aula, assim como da quantidade de aulas que se precisa adquirir por conta dos baixos salários.

[...] recebendo um salário de acordo, não precisaria se sobrecarregar de aulas, teria tempo para estudar, se aprimorar, melhorar a sua prática pedagógica [...] o salário do professor não corresponde ao tempo despendido para se trabalhar desta forma, talvez por isso poucos sejam os 'loucos' que o fazem [...] (PROFESSORA A, 2006)

²⁰ Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

²¹ Uma média de 35 a 45 alunos por sala de aula.

[...] pouquíssimo investimento na parte econômica do profissional da área da educação. [...] Ele trabalha muito, trabalha em várias empresas, trabalha em várias horas, [...] recebo por uma hora aula, muitas vezes R\$ 7,00 reais, isso me deixa muito triste [...] (PROFESSORA B, 2006)

[...] O que você ganha não é o suficiente para cobrir o seu orçamento. Então, você tem que trabalhar cada vez mais para dar conta do orçamento da casa. E são as necessidades básicas, não é luxo. É o mínimo. Educação para os filhos, alimentação, habitação, não falo em saúde, porque nem plano de saúde eu tenho. Tive que optar por isso, ou pagar a escola da minha filha (faculdade) ou continuar no plano... [...] a questão salarial [...] no passar dos anos ele foi ficando cada vez mais achatado, cada vez mais achatado [...] (incentivo financeiro) Nenhum, nenhum. [...] Não, com o salário [...] você acaba tendo que trabalhar em duas redes. [...] até em três redes, estado, município e particular, ou seja, trabalha manhã, tarde e noite. Onde que você vai ter tempo, condições intelectuais, porque chega uma hora quer você vai estar esgotada. (PROFESSORA C, 2007)

Não é suficiente para um padrão de vida normal de um professor de nível fundamental e médio, uma vez que este precisa estar se aperfeiçoando, tem que comprar livros, que fazer cursos, tem que se locomover, para este último ele tem que pagar a condução, tem que se vestir, não, impossível sobreviver com esse salário, ainda mais com dois filhos. (PROFESSORA D, 2007)

Tendo conhecimento dessas dificuldades, tentou-se saber das professoras o que acreditavam faltar para melhorar o trabalho em sala de aula. Foram obtidas respostas como estas:

[...] tempo para estudar, para preparar melhor minhas aulas. Um número menor de alunos por sala [...] Ter um salário digno para que se pudesse diminuir o número de aulas [...] apoio pedagógico com coordenadores capacitados [...], com diretores menos intransigentes e que dessem apoio não o contrário. É incentivo para estudar [...] (PROFESSORA A, 2006)

[...] brigar por htpc's, por coordenadores descentes, um salário melhor, trabalhar no máximo 20 horas aulas na sala de aula e as 20 horas restantes trabalhar em estudo [...] Um número menor de aulas para poder estudar e me preparar mais. Um material de apoio a pesquisa, principalmente aquele fora do ambiente escolar [...] há a necessidade de tempo para que o professor consiga trabalhar, as informações, primeiro, para si (preparação) para posteriormente com os alunos [...] (PROFESSORA B, 2006)

[...] ter [...] oportunidades de eu estar me qualificando. Isto é importante para o professor, é necessário para o professor. [...] Eu acho de extrema necessidade, essa qualificação. Mas pra isso precisa do quê? Do tempo, né? Do tempo para o professor fazer isso. (PROFESSORA C, 2007)

[...] parceria com o grupo gestor e com os outros professores [...] em relação à organização de tempo/espço [...] da divisão com outros professores. [...] Tem que ter parcerias. [...] também envolve uma formação do professor [...] (PROFESSORA D, 2007)

Ao se observar o discurso das professoras, percebe-se que elas clamam não apenas por suporte, mas principalmente pelo direito de estudar, de se qualificar. Acredita-se que sintam a necessidade do contínuo estudar, já que percebem o que Picolli e Moraes (2006) defendem:

[...] o êxito da sala de aula gira em torno da “competência e do compromisso do professor consigo mesmo, ao longo de sua profissão e de sua existência, o que justifica a constante evolução do trabalho em sala de aula e por consequência, a educação continuada dos professores. (p. 104)

O que implica melhores condições de trabalho, assim como a valorização docente.

O que também chamou a atenção foi a problemática levantada com relação à hora de trabalho pedagógico coletivo (HTPC). Este, de acordo com comunicado CENP²², de 29/01/2008, caracteriza-se fundamentalmente como espaço de formação continuada dos educadores, propulsor de momentos privilegiados de estudos, discussão e reflexão das propostas curriculares e melhoria da prática docente. É um trabalho coletivo de caráter estritamente pedagógico, destinado à discussão, acompanhamento e avaliação da proposta pedagógica da escola e do desempenho escolar do aluno. De acordo com a Lei complementar n. 836/1997 (institui o plano de carreira, vencimentos e salários para os integrantes do quadro do magistério), em seu anexo IV (Tabela 13), mostra que o professor encarregado de 32 aulas terá 3 horas de trabalho pedagógico na escola e 3 horas de trabalho pedagógico em local de livre escolha. O artigo 13 da mesma lei em seu parágrafo único diz que “as horas do trabalho pedagógico em local de livre escolha pelo docente destinam-se à preparação de aulas e à avaliação de trabalhos dos alunos”.

O interessante é que parece ser entendido que três horas semanais são suficientes para a preparação de aulas e de correção de trabalhos de 360 ou de 720 alunos. O pouco tempo do HTPL reforça a queixa das professoras quanto à falta de tempo para ler, escrever, preparar suas aulas, contribuir de forma significativa para a comunidade escolar.

²² Centro de Normas Pedagógicas.

Entende-se que até mesmo o HTPC não seja suficiente para se discutir uma complexidade de fatos que ocorrem durante o ano escolar, uma vez que é fragmentado em 3 horas semanais. Muitas vezes, esse espaço é utilizado para que os coordenadores passem recados da diretoria de ensino. Muito freqüentemente, estes são momentos em que se reclama apenas, mas não são trabalhadas soluções que possam alterar as práticas. Pouco se trabalha para o aprimoramento pedagógico dos professores e a solução real dos problemas. Será talvez que o tempo também não é suficiente? Talvez não haja espaço organizado de forma correta para a discussão e aprimoramento da comunidade escolar? E que não exista incentivo para tal?

ANEXO IV		
a que se refere o artigo 12 da Lei Complementar N° 836/1997		
AULA	HTPC	HTPL²³
HORAS EM ATIVIDADES COM ALUNOS	HORAS DE TRABALHO PEDAGÓGICO NA ESCOLA	HORAS DE TRABALHO PEDAGÓGICO EM LOCAL DE LIVRE ESCOLHA PELO DOCENTE
33	3	4
28 A 32	3	3
23 A 27	2	3
18 A 22	2	2
13 A 17	2	1
10 A 12	2	0

Tabela 13

Outro problema que se apresenta é a falta de apoio do sistema institucional e do corpo gestor da escola. Todas as professoras entrevistadas mostram a falta de suporte, principalmente de seus diretores.

[...] falta uma política séria para a educação e eficaz que olhe o professor como a um profissional e não um qualquer [...] O grande problema no Estado é que dependendo da escola, você não escolhe a sala que quer [...] o professor. quando se propõe a algo diferente, geralmente o faz sozinho, sem apoio, recebendo críticas [...] não existe suporte, nem boa vontade. [...] A

²³ Inserção explicativa da autora, não consta na tabela original do documento.

escola possui uma [...] boa estrutura para a pesquisa, só falta dar apoio ao uso da mesma [...] (PROFESSORA A, 2006)

[...] tenho, dentro de uma escola, uma sala de informática com 20 computadores, fechada a sete chaves, e eu posso utilizar esta sala, desde que eu chegue mais cedo, abra estas 20 chaves, entre nesta sala, arrume todos os computadores, ligue, instale, faça o que eu tenho que fazer para dar a minha aula, suba e pegue minha turma, desça com ela, dê a minha aula, verifique sozinha que os 20 computadores estão sendo utilizados de forma correta, termine minha aula, suba com a minha turma, deixo a minha turma lá e peço a Deus para que ela (turma) não destrua a sala, porque ela vai estar sozinha, volte, feche tudo, desligue todos os computadores, arrume tudo aquilo o que os alunos provavelmente vão mexer, feche todas as 20 chaves, e entregue de forma intacta. Em 50 minutos? [...] Existem técnicos de apoio? Não, o que existe é o profissional que dá 60 horas de trabalho por semana, que ainda tem que ter tempo para antes e depois preparar tudo isso. [...] Se eu tenho [...] um estudo do meio eu tenho que sair em campo para conseguir um ônibus, entrar em contato com as pessoas responsáveis do local onde vou levar os alunos, conseguir o ofício, entregar o ofício fazer a autorização, entregar a autorização, recolher a autorização. [...] não tenho, é difícil você encontrar este tipo de apoio dentro do ambiente escolar, algumas escolas até podem ter, mas é difícil [...] trabalho muito e chego em cima da hora, eu costumo dizer que o professor antigamente saía da sala de aula sujo de giz, hoje ele chega na sala de aula sujo de giz, porque ele vem correndo da outra escola mal dá tempo de ele se limpar no caminho para entrar na sala de aula novamente. (PROFESSORA B, 2006)

Não, não há. Não há apoio, nem na questão da ocupação dos espaços físicos da escola. [...] que a escola não tenha uma sala de informática, não tenha internet, mas a biblioteca? Eu acho que tem que ter a liberdade de ir e vir do professor e do aluno. Com relação, a sala de vídeo, às vezes, você também tem alguns obstáculos para você poder usar. [...] é tudo com muita, muita dificuldade, muita dificuldade. [...] ao número de aluno, por a classe ser muito numerosa, [...] o que acontece? Você tinha que ter um apoio. Você sai com um grupo, outro grupo tinha que ficar com alguém, ou que pudesse ficar em algum lugar, ou que ficasse na sala... não pode, não tem como. Não tem suporte técnico, pedagógico, nenhum. Na sala de informática a mesma coisa. [...] as condições físicas da escola [...] porque para usar a biblioteca eu tenho que pedir [...] o bibliotecário tem mais autoridade que o professor, você não pode usar a biblioteca, para usar a sala de informática é uma dificuldade. Você tem que elaborar 10 projetos para que um seja aprovado... então, vai ficando tão difícil, tão difícil a dinâmica dentro da escola, que, por sua vez, o professor sem condições de trabalho, vai ter o que para oferecer para o aluno? [...] num lugar que eu me dava tão bem, e que eu tenho, sabe? Eu falo isso com toda a certeza do mundo, com toda a convicção, eu me relacionava muito bem com meus alunos e eu tive que sair por conta da gestão... é doloroso isso... é doloroso... (lágrimas) [...] o que está faltando é essa parte de administrar e dar o suporte, de dar o apoio. Se tiver o suporte e o apoio, acho que já melhora bastante. [...] (PROFESSORA C, 2007)

[...] o próprio guia²⁴ prevê que o trabalho com os projetos em todas as classes sejam desenvolvidos em parceria com os outros professores, com os coordenadores e com o diretor, mas isso não acontece. [...] não tem talvez

²⁴ Desenvolvido pelo Instituto Ayrton Senna, disponibilizado para os professores das escolas parceiras.

estrutura humana, mas física possui. [...] Os gestores têm que estar buscando e insistindo e procurando que aconteça sempre, não é esperar que eles venham, é ir atrás. [...] a gente, às vezes, tem que assumir o que o grupo gestor deveria [...] então, ninguém quer, a pessoa até começa, mas depois desiste. [...] Um trabalho deste não precisa ficar preso numa sala de aula, [...] o que precisa mesmo é de ajuda na questão de tempo, e de ajuda humana, para poder organizar em turmas, enquanto uma sai para fazer uma pesquisa de campo, outra está na biblioteca fazendo outro tipo de pesquisa, outro grupo está na sala de vídeo assistindo algo que pode estar utilizando para o trabalho de pesquisa. É assim que funciona na maior parte das escolas que trabalham com PA, é que a minha escola não tem envolvimento do grupo gestor. [...] Em Araxá, por exemplo, está indo de vento em popa, [...] porque as secretarias são parceiras, o prefeito envolve toda a secretaria de educação e evidentemente os professores... Eles possuem reuniões de formação, grupos de discussão entre eles, facilidade de levar o aluno de um lado para o outro, (suspiro) tá muito difícil aqui praticamente sozinha. (PROFESSORA D, 2007)

O artigo de Orbetelli (2006)²⁵ mostra a importância deste trabalho coletivo, como ele é imprescindível para que as práticas de ensino-aprendizagem se concretizem e validem-se através do trabalho em grupo. Quando não há suporte e estrutura, todo o trabalho fica comprometido e fragmentado, pois não existe um discurso, um diálogo. Embora possa haver sucesso com a boa vontade de um ou outro professor no interior da escola, este trabalho se restringe a “poucos” alunos, havendo discriminação aos demais que não puderam se beneficiar de tal método.

A escola não é um prédio, não é a direção, funcionários, alunos, pais ou professores isoladamente. Ela é formada pelo conjunto dos sujeitos que ali se encontram para trabalhar em equipe e melhor desenvolver práticas para as aprendizagens, pois, se não há consenso entre as partes, o trabalho fica comprometido em seu todo, invalidando a necessidade apontada pelo governo de existirem duzentos dias letivos para recuperar a defasagem de aprendizagem educacional.

Alguns pontos em comum, no discurso das professoras, são a falta de material adequado na escola, de suporte técnico ou mesmo de um auxiliar para ajudar nas atividades. A

²⁵ Este relato é de uma professora de ensino fundamental (Ciclo I), de 4ª série, que não invalida a comparação uma vez que o que está em discussão é a importância do trabalho em grupo e o suporte para a realização deste trabalho.

falta de manutenção dos computadores acaba desestimulando o seu uso, pois não funcionam adequadamente, impossibilitando a exploração dessa ferramenta no trabalho com a pesquisa.

É complicado quando você não possui suporte, por exemplo, para uso da sala de informática. Se você não doar seu tempo para preparo desta, dificilmente ela irá ocorrer. (PROFESSORA A, 2006)

[...] a disponibilidade de pessoal dentro de uma estrutura escolar [...] não me dê máquinas, [...] se não existe pessoal que lide com essas máquinas [...] (PROFESSORA B, 2006)

[...] para usar a sala de informática é uma dificuldade [...] (PROFESSORA C, 2007)

[...] porque a escola não tem o laboratório em ordem [...] Porque apesar de ter mais ou menos 15 computadores no laboratório, nenhum deles funciona conectado, na verdade nenhum deles estava funcionando de jeito algum. (PROFESSOR D, 2007)

Concorda-se com Leite (2003), quando esta coloca ser necessário que o computador seja inserido no projeto político-pedagógico da escola, “envolvendo programas, horários, currículos flexíveis e adaptáveis às condições do aluno e professor.” (p. 1 cap.4) para que esta ferramenta possa ser utilizada como auxiliar na construção das aprendizagens.

As bibliotecas, em sua maioria, não possuem espaços adequados, ou bibliotecários capacitados para o auxílio dos alunos durante as pesquisas.

[...] A mesma coisa acontece com a biblioteca, não existe um suporte para que você a utilize. Se você não preparar o material, também não irá usar. Então, fica complicado [...] (PROFESSORA A, 2006)

[...] a disponibilidade de pessoal dentro de uma estrutura escolar [...] não me dê [...] milhões de livros, se não existe pessoal que lide com [...] esses milhões de livros [...] (PROFESSORA B, 2006)

[...] para usar a biblioteca, eu tenho que pedir [...] o bibliotecário tem mais autoridade que o professor [...] você não pode usar a biblioteca [...] (PROFESSORA C, 2007)

[...] uma ótima sala de leitura, mas somos proibidos de levar o aluno lá, porque eles fazem bagunça, não me pergunte por quê. (PROFESSORA D, 2007)

O interessante é que, de acordo com a Lei Complementar 444/1985 (Estatuto do Magistério Paulista), em seu artigo 61, inciso I, é direito do professor “ter a seu alcance

informações educacionais, bibliografia, material didático e outros instrumentos bem como contar com assistência técnica que auxilie e estimule a melhoria do desempenho profissional e a ampliação de seus conhecimentos”. Se é um direito, talvez devesse este ser requerido, não por ser apenas direito, mas para que se cumpra o objetivo de desenvolver o profissional da educação e conseqüentemente a melhoria da qualidade do ensino.

As professoras apontam não receber incentivo para cursos de aperfeiçoamento. O governo oferece um Programa chamado “Teia do Saber”, ministrado aos sábados, abarcando os períodos matutino e vespertino, com duração de 3 a 4 meses. Mas os cursos são considerados fracos pelas docentes. Talvez fosse interessante a livre escolha dos cursos para a capacitação²⁶, pois seria uma maneira de trabalhar a autonomia do professor, que, além da “Teia do Saber”, pudessem ter a oportunidade de realizar outros cursos, aprovados pelo MEC, recebendo o valor do transporte, caso seja em universidade pública, ou até mesmo o pagamento para cursos a distância ou em outras instituições particulares.

[...] nenhum dos cursos que já cheguei a fazer focou o uso do ensino pela pesquisa, são cursos normais, com aulas normais. Nada novo ou aplicável em sala de aula na vida real. (PROFESSORA A, 2006)

[...] falsos cursos de capacitação que não capacitam, e quando capacitam não te permitem colocar em prática. [...] não consegui fazer nenhum link com o meu trabalho, não me incentivou em nada a pesquisa. Eram informações prontas, ministrado por pessoas que se achavam donas do saber, aulas totalmente tradicionais [...] houve um único professor que trouxe material sobre a internet, trabalhou conosco como buscar informação em alguns sites importantes, e explicitou que os sites mais interessantes eram os americanos que os brasileiros eram uma porcaria, ou seja, se você não fala inglês azar o seu. (PROFESSORA B, 2006)

A Teia do Saber, [...] O primeiro ano [...] foi muito ruim, [...] Tinha gente que nem sabia exatamente o que estava fazendo ali. A partir do segundo ano, [...] estou achando que a teia está mudando o seu formato sim, mas não está mudando de livre e espontânea vontade, não. É pela pressão do próprio professor, porque como tem sido cobrado muito dele isso, nos últimos tempos, e ele não teve este preparo, esta formação. Então, a gente é cobrada, mas quando era oferecido o curso, não contemplava aquilo que eles queriam cobrar. Então, como é que a gente vinha aqui? A gente vem aqui, porque lá

²⁶ Existe a Unesp em São Vicente, a USP em São Paulo, Unicamp em Campinas, todas Universidades públicas do Estado de São Paulo.

está sendo cobrado e eu estou achando que eu vou ter isto aqui. Aí chegava lá, opa, pera aí, tá tudo errado. O cara que ganhava a licitação, chegava com o programa pronto, e os professores já com uma certa maturidade, porque isto está acontecendo. Opa! Está tudo errado. Não é isso? O governo quer isso, a proposta curricular é assim, não sei o que... Então você tem que reformatar, então vão pesquisar também. Então pesquisem. [...] Eu falo da Teia do Saber do estado, porque é onde ele tenta qualificar o professor. Ele até oferece, mas de uma maneira muito, muito errada. Porque o professor com excesso de trabalho na semana, como é que ele vai assimilar? Como é que ele vai assimilar aquilo ali com qualidade? Porque ele está cansado, extremamente cansado. Que nem... “o governo do estado capacita sei lá quantos milhões de professores...”. Como? Em que condições? Então, tem que se questionar isso... (PROFESSORA C, 2007)

[...] só vai servir, se o professor tiver um conhecimento prévio sobre as teorias que hoje fundamentam. Por exemplo: os parâmetros, porque ele fica querendo receita [...] muitos dos professores [...] acharam inútil, porque não deram receita de como dar aula, ou modelo de atividade [...] se não fosse essa parceria com o instituto ou esse curso de mestrado, eu não ia saber [...] (PROFESSORA D, 2007)

Charlot (2005), em palestra proferida em 28/03/2001, no auditório da Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da USP, exemplifica o caso de uma professora da seguinte forma:

Uma vez, uma professora brasileira me contou que estava trabalhando com mais de cinquenta alunos, num calor de mais de quarenta graus e, na universidade, recebeu uma lição de Didática explicando uma técnica de animação de grupos que era impossível de ser aplicada naquelas condições. Quando um aluno queria sair para ir ao banheiro, quase todos queriam levantar-se. Eram condições impossíveis. Ela pediu à professora da universidade: “Professora, você poderia vir à minha escola para mostrar como se faz?”, e a professora ficou muito magoada dizendo que era falta de cortesia. As condições para realizar o que estamos dizendo para os estudantes na universidade muitas vezes não existem, [...] (p. 91-92)

Este exemplo foi trazido para tentar esclarecer o sentimento exposto pelas professoras. O Governo do Estado contrata pesquisadores para dar um parecer com relação ao que o professor deve aprender para melhorar sua prática, mas não apresenta condições para este docente que está constantemente em sala de aula ser um pesquisador de sua escola. Disponibiliza cursos de capacitação que, muitas vezes, não falam da realidade da sala ou da comunidade em que a escola está inserida.

Por não proporcionar condições, para que este professor de educação básica torne-se pesquisador, capaz de operar mudanças na sua realidade escolar, fica cada vez mais difícil operar maneiras para desenvolver e/ou recuperar a aprendizagem dos educandos. Pesquisadores da Universidade que pesquisam professores da rede pública de ensino fundamental, não estão sendo capazes de chegar com seus recursos até os problemas vividos pelos professores e seus alunos da educação básica, segundo estudo realizado por Carvalho (2004), citado por Lüdke e Cruz (2005). O que demonstra a necessidade de, em todos os níveis de ensino, não haver esta dicotomia entre ensino e pesquisa, entre professor e pesquisador.

Qualidade total não se inventa com treinamentos e apelos, mas dentro de um processo de longo prazo de formação qualitativa dos recursos humanos. Em ambientes de mais-valia absoluta, é fantasia e sarcasmo. Qualidade total rima menos com gerência dinâmica e adesão grupal, do que com boa formação básica e bons salários. (DEMO, 1997, p. 115)

Galiazzi e Ramos (2002) argumentam sobre a importância do uso da pesquisa na formação inicial do professor, mas como isso nem sempre acontece, seria interessante que os professores tivessem essa oportunidade em cursos de capacitação; dessa forma, provavelmente, iriam poder produzir seu próprio material e desenvolver melhor sua competência através da pesquisa de sua prática, para não esperar fórmulas prontas, como chegou a ser citado pela Professora D.

Pergunta-se novamente, não seria interessante se os professores, além dos cursos oferecidos pelo Governo do Estado, pudessem escolher outros cursos de capacitação e recebessem incentivo para tal, assim como tempo para seus estudos, participação em seminários, congressos entre outras atividades de pesquisa?

O professor que faz uso da pesquisa deve construir o seu próprio material de trabalho, porque cada sala é diferente da outra, havendo necessidade de trabalhar estímulos diferentes; isso faz com que o professor sinta necessidade de refletir sobre sua prática, assim como de

pesquisar o cotidiano da sua sala de aula, com a finalidade de encontrar melhores caminhos para estimular e desenvolver a aprendizagem dos seus alunos. Mas como este o fará?

De todos os problemas apresentados, talvez o que mais tire o estímulo dos professores seja a falta de reconhecimento do profissional da educação.

[...] a clientela não dá valor ao trabalho do professor. Me deixa triste ver que muitos acreditam que o professor falta na escola por faltar, mas não se preocupam com relação ao que esconde por trás destas ausências [...] é mais fácil culpar o professor, pois é o que recebe toda a carga [...] felizmente não são todos que não vêem a importância deste, mas infelizmente são poucos [...] (PROFESSORA A, 2006)

[...] não é reconhecida. [...] No Brasil, por exemplo, ser educador, trabalhar com educação não é primordial, [...] eu acho que ela não é reconhecida, não é reconhecida economicamente, não é reconhecida socialmente [...] Hoje em dia, não faço mais nem um curso fora do meu horário de trabalho. [...] eu exonerei no dia 17 de maio, e no meu pagamento de junho, meu salário já veio cortado, quando fui para a vice-direção em fevereiro, só fui receber meu salário em maio, quer dizer que para te descontar eles são super-rápidos, mas para pagar o seu trabalho, demoram meses. Ninguém sequer sabe quem é a Professora que trabalhou 7 anos no cargo de Ciências, ninguém sabe, minha evolução não acadêmica, que eu tenho direito, veio cortada, então eu cheguei à conclusão de que você dentro do Estado de São Paulo, você é apenas um número. [...] Professor hoje não é mais importante, ele entra diz bom dia, boa noite, sai e ninguém vê, porque muitas vezes acontece isso. [...] (PROFESSORA B, 2006)

[...] o que mais eu percebi, e o que mais me deixa muito abalada, muito triste, é a questão da valorização do professor. Porque há 20 anos, 25 anos atrás, o professor tinha um valor na sociedade, e esse valor acho que refletia na qualidade do ensino. [...] o professor era valorizado, o aluno aprendia e o aluno sempre tinha sucesso, pelo menos a grande maioria. [...] Não era como é hoje, o aluno parece que está sempre sendo o fracasso, [...] é o reflexo, essa falta de valor do professor... [...] o professor era e é a ferramenta de trabalho, [...] Mas naquela época o professor tinha esse valor especial, que hoje não existe mais [...] o professor perdeu ao longo do tempo totalmente o seu valor, o que acaba sendo refletido na própria saúde. Se você não tem valor e se a culpa de tudo que esta acontecendo, é atribuída a você, que pessoa você vai se tornar? As angustias vão aumentando cada vez mais, a sua saúde vai ficando cada vez mais debilitada, porque é uma cobrança muito grande em cima de você, é uma pressão muito grande, porque você é o responsável por tudo e você não tem valor algum [...] hoje o que passam? O professor é isso, o professor é aquilo, o professor não é nada, o professor aquele... [...] (PROFESSORA C, 2007)

Eu acredito que a importância do professor hoje é reconhecida, [...] se esse reconhecimento envolve o fator retribuição financeira, não [...] muito pelo contrário, gasto minha luz, tenho que pagar o técnico do computador, meu telefone, banda larga. Não, não recebo nada, nem um incentivo da escola, nem uns parabéns, não recebo nada. [...] tenho conseguido perceber um

reconhecimento especial por parte dos meus alunos. Pela postura deles em sala de aula, pelo comprometimento com os nossos acordos, os nossos combinados, um comprometimento até com o aprendizado deles mesmos. (PROFESSORA D, 2007)

Para fundamentar o discurso das Professoras, principalmente A e C, cita-se Ceia (2002):

A ética do professor de hoje é ainda a necessidade de cada vez mais ser obrigado a possuir coragem cívica, aquele tipo de coragem que inspira o professor a enfrentar as dificuldades por uma questão de honra e dignidade profissional. Porque tem um objetivo nobre, porque cada vez mais é preciso coragem cívica para entrar todos os dias numa sala de aula, porque cada vez mais resiste a todas as pressões sociais e políticas, a honra do professor está muito próxima da verdadeira coragem do soldado no teatro de guerra. (p. 8)

Esta citação foi colocada também para explicitar o tipo de coragem que o professor, principalmente na escola pública, precisa ter diariamente, porque este vem sendo, através dos tempos, relegado a uma posição mínima, inferior e insignificante na sociedade. De certa forma a culpa deste posicionamento, também recai sobre o professor, uma vez que este aceitou ser seu papel, não o de desenvolver aprendizagem, mas o de transmitir conhecimento que não necessariamente seria utilizado pelos educandos através da vida.

Ao se acomodar no papel de transmissor e não de pensador, este perdeu sua identidade em consequência sua importância. Note-se, não apenas o salário e as condições ridículas de trabalho que se submete, mas principalmente pelo respeito que este perdeu da sociedade. Pois não é fato isolado ou esporso, pelo contrário, tornou-se cada vez mais rotineiro, notícias como o espancamento de alguma professora ou os freqüentes maus tratos psicológicos sofrido pelos professores (bolas de papel, livros, giz jogados no professor, ausência total de respeito para com a presença deste em sala de aula, entre tantas) que se pode observar na prática das escolas públicas e até mesmo particulares, embora estas últimas em menor proporção.

Neste sentido não é estranho se observar o aumento do número de docentes afastados por problemas de saúde. Não se pode afirmar com números, pois haveria a necessidade de um levantamento detalhado para tal afirmação, mas através da observação das informações

expostas na mídia, assim como do contato com diversos docentes em conversa informal, pode-se perceber este aumento significativo.

Comparando-se grosseiramente, não se sabe dizer, o que seria pior, uma pessoa com um olho roxo (agressão física), ou aquela que já não sabe mais o seu valor que passa a acreditar ser um nada (agressão psicológica).

Em um tempo de enormes pressões psicológicas sobre o professor, fala-se de um fenômeno que atinge a classe docente com grande impacto: numa primeira fase, todo o professor sofre de stress e, numa fase mais problemática, pode sofrer de burnout, isto é, de uma hemorragia do self [...]

É aquele tipo de disposição mental autodestrutiva que encontramos na literatura quando Bocage diz: “Já Bocage não sou”, ou quando Fernando Pessoa abre uma longa elegia com um verso terrível: “Nada sou” (“Tabacaria”). O professor sente muitas vezes como o poeta. A síndrome é entendida por Codo como um conceito multidimensional, que pode ser definido como “Síndrome da Desistência do Educador”. (CEIA, 2002, p. 4-5)

Pergunta-se por quanto tempo este professor, que é um ser humano possuidor das mesmas necessidades que qualquer outro ser vivo, poderá agüentar?

O professor trabalha com o humano, auxiliando na formação deste. Será este o motivo pelo qual seu trabalho é desvalorizado? Não deveria ser o contrário? Pessoas que executam serviços técnicos, como “misturar” produtos químicos, recebem, muitas vezes, um salário maior do que aqueles que trabalham com o sujeito humano. O inerte possui mais valor e importância do que o ser vivo? Parece que nesta sociedade “globalizada”, sim...

O professor tem que ser competente? Com certeza, tem obrigação de sê-lo. Mas quais são as oportunidades e condições que este possui? Servir de alvo de bolas de papel (papel este arrancado do caderno disponibilizado pelo próprio Governo do Estado)? Ser babá do filho daqueles que não sabem mais o que fazer com os filhos, pois parecem desconhecer a Constituição Federal e o E.C.A. (Estatuto da Criança e do Adolescente) os quais expressam claramente a responsabilidade dos pais pelos seus rebentos? Ser um “dador” de aulas?

Enquanto a Sociedade, o Governo e o próprio professor não entenderem que a educação é a base primeira de uma Nação, que esta, sem sua população constituída de cidadãos com consciência de transformar e realizar coletivamente, nada mais é do que um pedaço de terra povoado por seres que respiram e andam. Dificilmente o Brasil (brasileiros) terá um futuro.

Quem trabalha com a educação? Com o sujeito para seu crescimento intelectual, ético, social, histórico, político e para tomada de consciência?

Quer-se uma educação de qualidade, com professores de qualidade? Em que condições? Está se dando realmente valor à educação, ou é por não se perceber o valor, não se percebe também o do professor?

Os desestímulos são tão freqüente que estas não conseguem observar “vantagens” no magistério brasileiro.

Bom até o momento, nenhuma, o único “bônus”, foi ter tido a oportunidade de fazer o mestrado. (PROFESSORA A, 2006)

[...] dentro da sala de aula, eu me sinto livre, eu jamais conseguiria, por exemplo, fazer um trabalho em que eu tivesse que apertar um botão todos os dias, por exemplo. [...] o professor, [...] tem a liberdade de fazer todos os dias, um dia diferente. [...] o ambiente de trabalho você pode fazer, [...] me fascina o fato de ter liberdade para falar, para produzir o que eu quero ali, exercitar, conversar, sentar, escrever, cortar, colar, pesquisar, então eu tenho a liberdade de fazer o meu tempo de trabalho, da forma como eu achar conveniente, e isso me encanta no magistério. [...] (PROFESSORA B, 2006)

Acho que é participar da formação da criança, que eu acho que é o que tem de mais valor [...] Então hoje eu encontro os meus alunos e vejo como eu fiz, em algum momento da vida daquelas crianças, daqueles adolescentes, eu fiz a diferença, isso é de grande valor. Então, o que tem de mais encantador na nossa profissão é isso. É você fazer parte da vida dessas pessoas, eu acho que isso é de um valor imenso, [...] (PROFESSORA C, 2007)

Atualmente não vejo vantagem alguma, não é opção, é falta de opção. (PROFESSORA D, 2007)

Ao contrário das “vantagens”, as desvantagens são crescentes e preocupantes, pois com a insatisfação dos docentes, futuramente haverá a presença cada vez maior de professores

não qualificados, uma vez que serão estes que aceitarão a condição de desvalorização e de trabalhar em condições insalubres, sem primar pela qualidade do ensino-aprendizagem visando ao desenvolvimento de sujeitos éticos e politizados, porque aqueles que ainda acreditam no seu trabalho provavelmente um dia deixarão de acreditar, caso não se trabalhe com a verdadeira valorização do profissional da educação.

[...] na verdade a estrutura em si, principalmente no ensino público, não existe suporte para o professor, a começar pela própria direção da escola que vê o professor como a um empregado cuja função é reter o aluno dentro da sala de aula. [...] Quando se tenta empregar algo novo na escola, você é barrada, vêm o discurso de que nada dá certo, não existe suporte para você, e quando algo não sai de acordo, logicamente a culpa é sua [...] As políticas públicas educacionais sempre a favor da burocratização e nunca da prática, não existe autonomia para o professor empregar sua prática, não existe tempo para os professores conversarem entre si e planejarem de forma interdisciplinar suas aulas [...] parece que a educação não é prioridade, o discurso teórico é muito bonito, mas a prática não condiz com a teoria, quem sabe neste início de século, consigamos fazer alguma diferença, saindo da simples teoria [...](PROFESSORA A, 2006)

Receber pouco por tudo isso, [...] eu te falei um monte de coisas que eu faço [...] que eu desenvolvo, e [...] recebo por uma hora aula, muitas vezes R\$ 7,00 reais, isso me deixa muito triste. [...] eu lido com uma clientela que muitas vezes não quer estar lá, não quer estar sentado, não quer escrever, não quer pensar, [...] são vários não, que eu tenho que lidar, e isso é uma desvantagem terrível. Outra coisa, o professor ele hoje em dia, tem que se fazer ouvir, e brigar com a tecnologia, então ele tem que ser encantador, sedutor, ator [...] para conseguir dar o seu recado [...] (PROFESSORA B, 2006)

A grande desvantagem [...] é a ausência na minha família, falo isso por mim. Acabo ficando muito ausente da minha casa, e acabo deixando as minhas filhas muito só [...] eu acho que isso se reflete na sociedade. Eu me vejo como outras mães. O tempo que eu passo orientando minhas crianças na escola é o tempo que minhas filhas ficam sem... então, é o que mais tem de desvantagem, é a questão da ausência. Mas entra também a questão da saúde, [...] dar aula desgasta demais. Então você percebe que ao longo do tempo o seu organismo vai ficando debilitado [...] minha resistência imunológica [...] está sempre baixa, [...] é uma afta, o cabelo está caindo, tudo é por conta do stress...é uma gastrite...tudo isso por conta da profissão [...] Fala-se tanto hoje de qualidade de vida, mas o professor não tem qualidade de vida nenhuma. Ele não se alimenta bem, aliás ele não se alimenta. Ele não dorme direito, não participa da família, ele ganha pouco, não tem valor na sociedade. Então se eu fosse elencar...a vantagem é uma, eu posso falar uma. Vantagens ? Desvantagens eu posso fazer uma lista, mais de dez... (PROFESSORA C, 2007)

A começar pelo próprio sistema educacional, principalmente o público [...] Não existe suporte para o professor. A própria gestão, [...] faz o mínimo

possível, quando o faz. Existe uma série de burocracias. Não digo nem que seja apenas culpa da clientela, dos alunos, não é só isso, é todo um sistema que já vem de cima e se reflete depois na base. [...] O professor acumula muitas funções [...] O discurso é muito bom, mas não está chegando a lugar algum, não vejo vantagem alguma na educação, para o professor não, pode ser que tenha para alguém, mas para nós não. (PROFESSORA D, 2007)

O interessante é que o Governo do Estado de São Paulo, no ano de 2007 para 2008, instaurou “incentivos” para o professor. Como exemplo existem:

1. o bônus docente (uma vez ao ano), ao invés do aumento do salário;
2. a perda do A.L.E. (adicional local de serviço);
3. a ausência do aumento de salário;
4. a suspensão, mesmo que temporária, do incentivo para a bolsa mestrado;
5. a ausência de perspectivas de evolução na carreira ou de tempo que resulte em melhores salários, conseqüentemente aumento de qualidade de vida, educacional, social.

Foi retirado o difícil acesso (A.L.E.) da maior parte das escolas, mesmo que se diga que tantas outras receberam. Para ilustrar, na escola em que as professoras pesquisadas trabalham, todos os funcionários incluindo os docentes perderam o difícil acesso que corresponde-ia, de acordo com a Lei Complementar Nº 836/1997 “a 20% (vinte por cento) do valor da Faixa e Nível em que se encontrar enquadrado o servidor, observada a jornada de trabalho a que estiver sujeito.” Ou seja, o professor ficou com 20% menos em seu salário, se já era insuficiente, no momento está 20% mais insuficiente, além de os critérios não serem claros na prática, uma vez que existem escolas próximas a presídios, Casa do Menor (FEBEM), favelas (como é o caso da escola que a autora leciona e que também perdeu o A.L.E.), ou como casos de escolas vizinhas, em que uma recebe a gratificação e a outra não. Será que estes critérios foram baseados em dados reais que foram disponibilizados, pois não se entende tais discrepâncias.

O salário mínimo, como nos últimos anos, sobe anualmente, resultando no aumento do custo de vida, já que o ordenado da maior parte dos trabalhadores baseia-se neste. Mas o professor não recebe por salário (baseado no aumento do salário mínimo), e sim por hora/aula. Sem aumento, com 20% menos do seu salário (A.L.E.), o poder de compra (moradia, comida, educação, higiene...) cai consideravelmente. Conforme o salário mínimo sobe, e o dos professores não, sem existir um aumento mínimo proporcional, resulta-se no depauperamento da classe docente. Este empobrecimento se reflete na saúde, educação e conseqüentemente no seu trabalho, culminando no desprovimento da educação do povo brasileiro, da Nação, do Brasil.

Com relação ao bônus²⁷, ao ser recebido, provavelmente é gasto instantaneamente. Pois ao se calcular o valor máximo do “incentivo”, R\$ 5.000, subtraído por dívidas e juros acumulados no ano, já que, como citado, o salário não teve aumento, em conseqüência o custo de vida aumentando anualmente, tem-se o acúmulo dos pagamentos, muitas vezes em atraso. Provavelmente, quando este (bônus) chega, mal chega ao banco e já possui destino, ficando o professor com apenas seu salário do mês novamente, não sendo o suficiente, retornando-se ao ciclo.

O que ainda consistia em um incentivo era a bolsa mestrado, mas que não se sabe a continuação dela. Embora esta tenha o mesmo valor desde 2003, quando foi instaurada, e o professor seja obrigado a permanecer dois anos no magistério público sem poder ter acesso a novo incentivo para um doutorado, por exemplo, pois o interstício é de dois anos até que se possa ter o direito de pleiteá-lo novamente. Era um incentivo para a evolução educacional do professor e pode-se dizer, certamente, que é uma grande evolução para o docente. Independente das condições que lhe sejam impostas como continuar trabalhando, não poder se

²⁷ DECRETO Nº 52.719, DE 14 DE FEVEREIRO DE 2008. Regulamenta e define critérios para concessão do bônus aos integrantes do Quadro do Magistério e dá providências correlatas. Disponível em: <<http://www.microeducacao.pro.br>>.

afastar para estudar, não poder ficar doente, enfim, pelo menos era um incentivo. Espera-se que este permaneça, porque é uma das maneiras de estar também capacitando os professores, já que o mestrado exige autoria, muita leitura, reflexão crítica e produção.

Como discutido, estando o salário defasado, sem valor, com o custo de vida subindo, tem-se como resultado o empobrecimento da classe. E esta vai empobrecendo à medida que o custo de vida aumenta e a renda deste não. Fica difícil falar em qualidade *da* e *na* educação, principalmente quando existe o conceito de que, para o professor ganhar mais, este precisa assumir mais aulas, trabalhar mais horas. E onde fica o tempo para o estudo, para o aprimoramento, para a produção? Onde se enquadra a qualidade?

Qual é o incentivo que o docente possui em ter seu salário acrescido de apenas 5% a cada cinco anos (quinqüênio) de efetivo exercício, se este não possui aumento real proporcional a inflação há mais de 10 anos ?

Como se mostra para uma população que a educação é importante, se aqueles que a simbolizam (professores) parecem “mortos de fome”, mendicantes de aula? Quem quer ser hoje professor? Ninguém..., não de livre vontade, por opção, por “vocaçào”. Ninguém...

Para “auxiliar” o professor, existe o incentivo material para a escola.

[...] o governo vem investindo em material para os alunos, livros, computadores, merenda, mas investe apenas no material [...] não faltam livros didáticos claro, mas para desenvolver a aprendizagem do aluno não podemos nos ater apenas nos livros didáticos.[...] sala de informática, agora finalmente com internet [...] sala de vídeo [...] (PROFESSORA A, 2006)

Condições pedagógicas sim [...] Eu acho que temos escolas estaduais [...] com um aparato muito maior pedagógico do que escolas particulares [...] existem condições ? Existem, mas só que muitas vezes não são viáveis, não há como se utilizar. [...] sala de informática, sala de leitura, biblioteca, laboratórios, sim, existe. [...] Então o que tem que mudar ? Simplesmente é o horário de trabalho, a disponibilidade de pessoal dentro de uma estrutura escolar, não me dê máquinas, nem milhões de livros, se não existe pessoal que lide com essas máquinas e com esses milhões de livros [...] Material pedagógico existe, suporte não... (PROFESSORA B, 2006)

[...] na minha escola tem sala de informática, biblioteca, sala de vídeo, horta... a minha escola é uma escola especial, eu acho. Não sei dizer se são todas as escolas do estado tem isso, mas a minha tem. [...] Os recursos, não posso dizer que tenha encontrado dificuldades, porque a escola tem. [...] pelo menos a escola conseguiu essa estrutura toda, só que não é bem administrada. Acho que isso deveria ser melhor, administrado, melhor organizado. [...] (PROFESSORA C, 2007)

[...] quando a escola não tem, como foi o caso, de ficar desde fevereiro sem internet, eu a princípio comecei a levá-los na Lan House²⁸[...] eu levava depois da minha aula, eu pegava uns seis, oito alunos, e nas duas últimas aulas eu os levava para a Lan House. [...] Porque apesar de ter mais ou menos 15 computadores no laboratório, nenhum deles funciona conectado, na verdade nenhum deles estava funcionando de jeito algum [...] o próprio governo se dispõe a manter esse laboratório em ordem [...] (PROFESSORA D, 2007)

O intrigante é que o professor não recebe material para poder elaborar o seu material didático, para trabalhar o desenvolvimento das aprendizagens (aluno/professor). No entanto, é assegurado para o aluno todo o material didático, diante do qual, muitos (alunos) “torcem” o nariz, achando que o material é de má qualidade, preferem os seus cadernos da “moda”. Claramente para os cadernos estes conseguem encontrar função, quer seja para rabiscos ou para fazer bolas de papel...

Existe, sim, incentivo em “materiais”. Mas não existe este incentivo no docente, no sujeito, no humano, e é percebido por estas:

[...] falta investimento para freqüentar cursos [...] O valor do salário base no Estado de São Paulo é baixíssimo [...] fica difícil comprar livros, dvd's educativos, computador, ter internet, ir ao cinema, fazer cursos, os quais você acha que lhe enriquecerá profissionalmente e intelectualmente para ajudar no seu desenvolvimento e conseqüentemente no da aprendizagem dos alunos [...] que profissional se quer pagando-se um salário base de R\$ 750,00 reais ? Qual qualidade este terá ? [...] ainda não vi, investimento no professor de formal real e efetiva, talvez desse certo, quem sabe se o governo começar a investir mais na parte humana e não apenas na material, quem sabe uma melhora real, verdadeira, aconteça ? (PROFESSORA A, 2006)

²⁸ O termo LAN foi extraído das letras iniciais de "Local Area Network", que quer dizer "rede local", traduzindo assim uma loja ou local de entretenimento caracterizado por ter diversos computadores de última geração conectados em rede de modo a permitir a interação de dezenas de jogadores. O conceito de LAN House foi inicialmente introduzido e difundido na Coréia, em 1996, chegando ao Brasil, em 1998. A tradução para o português poderia ser "casa de jogos para computador". O plural é LAN Houses. (PIACENTINI, 2005)

[...] o investimento humano, ou seja, no profissional foi muito pequeno [...] pouquíssimo investimento em material humano, e pouquíssimo investimento na parte econômica do profissional da área da educação [...] nós lidamos com a vida, com educação, com informação. Se você colocar um parafuso torto já corre um risco, imagine um sujeito torto? (PROFESSORA B, 2006)

[...] você está lidando com o ser humano e você faz a diferença na vida daquela pessoa, com o que você fala, com a sua postura... [...] Você precisa de viver, se alimentar, de ter uma qualidade de vida. [...] tenho que ficar muito tempo fora de casa [...] É questão de sobrevivência, sobrevivência mesmo, se manter. Trabalhar, ficar mais horas fora de casa, para você ter um salário, um salariozinho mínimo, mínimo. [...] O espaço físico que está construído é ótimo, mas precisa de material humano, você precisa de apoio, você precisa de certas pessoas. Numa sala de informática você tem que ter um apoio, na biblioteca seria interessante um apoio, então acho que falta esta parte mesmo. [...] (PROFESSORA C, 2007)

[...] não tem talvez estrutura humana [...] se o professor pudesse estar na escola um tempo maior, ganhar por isso, e pode estar fazendo um trabalho com o aluno de orientação [...] em pequenos grupos, [...] seria o ideal, para você estar trabalhando com o aluno, o compromisso que ele deve ter com a sua formação [...] tem que investir numa formação do professor [...] (PROFESSORA D, 2007)

Gadotti (2003, p. 12-13) escreve sobre a desvalorização do professor no Brasil e coloca uma frase que de acordo com o autor, se tornou popular nas últimas décadas “Quem sabe faz, quem não sabe ensina” e cita o jornalista Leonardo Trevisan que, em artigo para o jornal O Estado de São Paulo, relata:

Todos dizem que gostam muito dos professores, mas não chegam a incomodar-se muito com o fato de que há tempos eles recebem um salário de fome. O salário é a parte mais visível de uma condição – da qual decorre um papel social que se descaracterizou por completo... Só quem não quer ver não percebe o sentimento de cansaço, de esgotamento de expectativas de quem encarava com dignidade o seu desempenho profissional. (TREVISAN, 1989, p. 02, apud GADOTTI, 2003, p. 13)

Como Trevisan coloca, o professor desenvolve um papel social e que realmente se descaracterizou como uma pessoa responsável por desenvolver a aprendizagem, o senso crítico, a autonomia, o questionamento e a ética. Mas como o fará, se possui baixa autoestima, recebendo um salário que não condiz com a sua posição e muitas vezes qualificação, muito menos com suas necessidades? Sem dinheiro, em um País baseado na mais valia, onde a educação só tem qualidade para aqueles que podem pagar caro por ela, se o professor não

pode, como terá qualidade em sua formação? Não terá. O texto de Trevisan foi publicado no ano de 1989 e quase vinte anos depois, a situação continua a mesma.

Quando se discute qualidade e custo da educação, relaciona-se, sim, com o salário do professor, pois ao receberem bem, de acordo com a classe docente e sua importância, terão tempo para sua qualificação e educação. Muitos destes professores de escolas consideradas de qualidade (ensino) possuem curso e competência, além da área de atuação, também em língua estrangeira, mas que o professor “comum”, principalmente de escola pública, não tem.

O Governo disponibiliza para o aluno do ensino médio público curso de língua estrangeira, mas o interessante é que os professores não possuem acesso a este benefício. Apenas os professores com formação em Letras têm o direito de fazer cursos de aperfeiçoamento/capacitação em língua estrangeira, disponibilizado pelo Governo Estadual. As demais áreas não possuem tal direito, sendo estes desprovidos de oportunidade e dinheiro para arcar com cursos de línguas para seu aprimoramento educacional, sequer se cogita a possibilidade destes apresentarem trabalhos em congressos no exterior, ou realizar intercâmbio para aperfeiçoamento e aprendizagem de outras realidades. Com o salário que recebem, mal conseguem estudar (tempo) para aprimorar seu português (língua materna), quem dirá uma que possibilite que estes se percebam sujeitos capazes de produção, tão boa ou melhor que a estrangeira?

O Estatuto do Magistério Paulista, em seu artigo 61, assegura como direito dos profissionais da educação, em seu inciso II, “ter assegurada a oportunidade de frequentar cursos de formação, atualização e especialização profissional” e em seu inciso V, “receber remuneração de acordo com a classe, nível de habilitação, tempo de serviço e regime de trabalho [...]”. É assegurado que os docentes estudem, mas estes ficam condicionados aos cursos oferecidos pelo Estado que são gratuitos, pois os demais devem ser pagos e como o

professor não recebe um salário que o possibilite fazer outras capacitações e desenvolver outras aptidões, acaba perdendo a oportunidade assegurada pelo inciso II.

E pelo que foi observado, o inciso V fala sobre a remuneração ser de acordo com a classe. Será este o motivo dos salários baixos, pois não há valorização do magistério brasileiro? Ou por ser a maior parte da classe docente, formada por mulheres e embora se esteja em pleno século XXI, estas continuam sendo vistas apenas como domésticas, mães, amantes, sustentadas pelo marido ou pai?

Esquecem-se aqueles de que pensam desta forma, que independente de se ser mulher, existe a profissional. A professora mulher, competente, inteligente, versátil que consegue dar conta da vida familiar e profissional, mas que parece estar se esquecendo de quem é, e passou a aceitar condições degradantes de trabalho como se apresentam na atualidade no magistério público estadual. Talvez fosse interessante a realização de um trabalho que olhasse por este prisma, provavelmente, a colocação aqui exposta, não seja tão sem sentido ou fora da realidade, bem pelo contrário.

3.1.4. Resultados alcançados

Durante a observação, como já citado, foi entregue um questionário, para os alunos, cuja finalidade era ter conhecimento sobre o que pensam sobre a metodologia da sua professora, o interessante é que se percebe que há uma correspondência positiva dos alunos assim como das professoras sobre tal metodologia de ensino-aprendizagem.

[...] Você percebe os olhinhos brilharem quando descobrem algo novo, percebe também que após certo tempo de contato com a pesquisa, eles já não são os mesmos, parecem descobrir que são inteligentes sim, só não sabiam. É como se, se descobrissem no processo, é muito interessante [...] (PROFESSORA A, 2006)

[...] tem que pensar [...] questionar [...] indagar, ele tem que trazer o que ele está aprendendo para o que ele realmente entenda [...] muitas vezes ele esta

trabalhando e falando e conversando e escrevendo e ali ele está produzindo, e ali a sua aula acontece [...] (PROFESSORA B, 2006)

[...] provoca no aluno o interesse. [...] para ele é algo novo. [...] quando você propõe para o aluno algo novo, justifica para ele, dá o objetivo para ele daquilo. Eu acho que ele passa a ter interesse, [...] aliás eu acho não, eu percebo isso, que ele se interessa. [...] através da pesquisa é que eles vão buscar as informações, vão buscar as respostas para aqueles problemas que foram levantados. Então ele é obrigado a ler, a pesquisar... [...] aprenda a aprender. [...] tem que ser autônomo, nas suas descobertas, e que acima de tudo, ele saiba [...] Sistematizar aquela informação, organizar aquela informação na cabeça dele. E aí, com isso, ele vai ter o conhecimento, ele vai ter a aprendizagem. [...] O aluno quer ver a pesquisa dele valorizada, e como você vai valorizar? Na hora que você, apresenta que você compartilha. [...] tem alguns alunos que acabam aprofundando mais, e acaba entendendo melhor, [...] Eu falo do ensino fundamental de quinta a oitava, mas isso podia começar lá... de uma forma, não sei exatamente como, qual seria, mas poderia começar lá no ensino infantil. Claro que não no mesmo formato e tal, mas deveriam estimular as crianças. [...] (PROFESSORA C, 2007)

[...] alguns tiveram que reformular as perguntas, [...] que não geram processo de pesquisa, [...] isso demandava uma orientação, não direção, para que as perguntas fossem reformuladas sem se afastar da temática que o aluno queria [...] (PROFESSORA D, 2007)

Apesar de todos os problemas enfrentados pelas Professoras cujos trabalhos foram aqui investigados, elas reafirmam sua crença na tarefa a que se dedicam.

[...] você se empenha tanto durante as aulas e geralmente não consegue muitos resultados, pois temos alunos indisciplinados, [...] mas quando eles começam a enxergar a pesquisa, o seu trabalho se concretizando a postura muda [...] apesar de todos os tropeços, noites mal dormidas, dores de garganta, de cabeça, acredito ter plantado uma sementinha em alguns alunos, espero que continuem no processo de desenvolvimento para gerarem frutos. Já que capacidade, demonstram ter. Só falta haver uma boa orientação no restante do processo (PROFESSORA A, 2006)

Gosto de trabalhar em grupos, duplas, mesmo porque, tem sempre aquele que nunca faz nada, mas que você acaba dando a sorte de colocar ao lado ou próximo de alguém que faz alguma coisa é uma forma de incentivo. O isolamento não funciona, eles não sabem mais trabalhar isolados, necessitam deste trabalho em grupo, é uma característica que nosso aluno assumiu. O silêncio entre eles não perpetua, esqueça, falar muito, exigir silêncio, acabou, isto não existe mais no magistério. Você tem que fazer com que ele trabalhe, muitas vezes ele esta trabalhando e falando e conversando e escrevendo e ali ele está produzindo, e ali a sua aula acontece, mesmo que para você pareça uma grande bagunça, mas ele faz parte desta bagunça. E tem resultado [...] (PROFESSORA B, 2006)

Acho que foi despertar no aluno, que ele é capaz, que ele é capaz de aprender. E que aquela aprendizagem [...] que ele descobriu, que é o aprender a aprender, ele vai levar para a vida inteira [...] Quando você fala em metodologia e tal, para você ver resultados, demora, demora um pouco

[...]. Mas é um caminho, [...] o trabalho com pesquisa realmente é trabalhoso, mas o aluno aprende, viu ? O aluno aprende, e ele passa a valorizar aquilo que ele conheceu, aquilo que ele aprendeu, aquilo que ele descobriu. [...] Aprende, desde que muito bem orientado. Se tiver orientação, ele aprende, aprende mesmo. (PROFESSORA C, 2007)

Ah tem resultado sim, é que realmente ele podia ser muito mais potencializado, [...] para o aluno [...] Eu já vi diferença, não vou dizer que todos investiram nisso, mas eles perceberam que o que eles faziam antes, não é aquilo que eu estou pedindo agora. [...] Eu acho que tudo que o aluno faz por interesse e que demanda a sua própria ação, o resultado vai ser mais satisfatório, até por causa do compromisso que ele assume com sua aprendizagem. (PROFESSORA D, 2007)

Como resultado pode-se perceber a grande e urgente necessidade de incentivos verdadeiros para os professores que fazem ou querem fazer uso da pesquisa em sala de aula para desenvolver uma aprendizagem significativa, assim como se verificou ser de extrema importância o aprimoramento educacional, o apoio/suporte ao trabalho, como também condições reais de valorização docente que perpassa por salários dignos, condições de trabalho até a formação continuada de qualidade.

Para Demo (1997), a educação que se oferece na escola “não é crítica, não é questionadora, não mobiliza as potencialidades do sujeito histórico, não delinea futuro alternativo. Tende a ser meramente reprodutiva sob o signo do mero ensino e da mera aprendizagem” (p. 112). Pode não ser na maioria das escolas, mas em algumas públicas estaduais, se está tentando oferecê-la. Não porque o governo incentive ou a escola o faça, mas porque existem professores preocupados com um ensino de qualidade e com a sua qualificação. Talvez não se consiga desenvolver o ensino por meio da pesquisa em toda sua qualidade e potencialidade, mas existe toda uma boa vontade e crença de professores preocupados com a educação e a formação dos sujeitos, que dentro de suas condições de trabalho insalubres podem estar tentando oferecê-lo.

Estas Professoras tentam ensinar seus alunos por meio da pesquisa, visando desenvolver, através de uma aprendizagem significativa, sujeitos autônomos, críticos, pensadores e que se tornem participantes na sociedade, mas é quase, se não praticamente

impossível esta tarefa, quando existe tanto descaso para com a educação brasileira, para com o educador e com a sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação que se possui na atualidade desenvolve sujeitos autônomos, pensadores, críticos, fazedores de história ou torna-os estáticos, descartáveis e dependentes de cursos e mais cursos para acumulação de mais ‘conhecimento’²⁹?

Acredita-se que por meio da pesquisa, o sujeito pode deixar de ser dependente de que alguém lhe entregue o caminho, deixe de ser um presidiário do conhecimento alheio, torne-se dono, condutor e mais do que nunca responsável direto por suas decisões e pelas suas responsabilidades. O uso da pesquisa, como instrumento de aprendizagem tem sido discutido, por se entender a necessidade de um desenvolvimento educacional diferente do atual, que se baseie não apenas no acúmulo de conhecimento teórico, mas também nas suas funções práticas, éticas e políticas.

A eficácia do uso da pesquisa, para desenvolver a aprendizagem, já foi apontada em trabalhos expostos em congressos, artigos e em livros, como é o caso de “Pesquisa em sala de aula”, organizado por Moraes e Lima (2002).

O ensino por meio da pesquisa envolve um professor autônomo, capaz de pensar e repensar sua prática, um cidadão social, político, histórico, ético e autor, com capacidade argumentativa crítica, responsabilidade não apenas de ser, mas de auxiliar na transformação dos sujeitos educandos, porque são estes (alunos) futuramente responsáveis pelo “planeta”.

É, portanto, de extrema importância primar-se para o desenvolvimento dos alunos para que se tornem sujeitos conscientes, éticos, políticos e sociais. Seres que possuem não apenas a capacidade de pensar, mas de realizar as mudanças conscientemente em coletividade de uma maneira global (inteira), sem discriminações, valorizando a vida de todo o ser presente neste planeta, que não é apenas a “casa”, mas parte da essência de cada um.

²⁹ Estes cursos não desenvolvem a aprendizagem, apenas acrescentam mais teoria sem prática real para o sujeito no processo.

Pelo que se pode observar quanto às práticas das Professoras pesquisadas, estas (Tabela 14, Anexo 9) não se distinguem de suas concepções (Tabela 15, Anexo 10), confirmando o que Hasweh (1996) provou em seu trabalho, quando considerou que “as crenças epistemológicas dos professores são traços constantes que influenciam fortemente o ensino” (p. 25), o mesmo ocorre neste caso.

Ao se verificar as condições de trabalho, percebeu-se certa negligência, não se sabe se por parte governamental ou escolar relacionada às questões físicas da escola (lousas velhas, riscadas, carteiras velhas, quebradas, não adaptadas ao tamanho dos alunos, chão da sala de aula e corredores esburacados, janelas velhas, enferrujadas e quebradas, paredes riscadas e pichadas entre outros problemas) e do apoio pedagógico qualificado (não existe). A maior parte dos resultados que as docentes acreditam e perceberam ter alcançado com seus alunos, relacionando-se o desenvolvimento da aprendizagem por meio da pesquisa, foram conseguidos principalmente pelo esforço individual de cada uma. Este esforço englobou a doação de tempo, material, família, saúde e até mesmo monetário.

Com relação ao aprimoramento educacional, foi percebido pela fala das docentes, que pouco incentivo existe, que os cursos oferecidos, quando o são, sequer auxiliam minimamente a melhora do seu trabalho em sala de aula. O que se considera ruim, uma vez que estas, assim como outras(os), não possuíram contato com a pesquisa em sua graduação. Existe necessidade de um aprimoramento contínuo para suprir determinadas faltas educacionais, assim como evoluir dentro da área de conhecimento docente.

Mas que, neste caso, embora não tivesse ocorrido o contato com a pesquisa (graduação), escolheram utilizá-la com seus alunos por perceberem a falta que esta ocasionou em sua evolução educacional e que procuram, agora, disponibilizá-lo na educação básica, por acreditarem, assim como a autora e tantos outros pesquisadores, tais como Pedro Demo (1997, 1999, 2000, 2001, 2002), Galiazzi (2002, 2005), Ramos (2002), Moraes (2002, 2004),

entre outros no uso da pesquisa para desenvolver sujeitos éticos, autônomos, pensadores críticos, sociais, capazes de ser e fazer história em coletividade.

Verificou-se também ser de extrema importância o apoio para o trabalho do professor, pois sem o amparo, este fica comprometido no seu global, uma vez que nem todos os discentes terão oportunidade de desenvolver suas aprendizagens desta forma. Além de que o ensino que poderia ser potencializado acaba por não ocorrer, exatamente pela falta deste suporte, seja financeiro, educacional, estrutural, pedagógico ou mesmo governamental.

Não existe incentivo prático e real para que estas e outros professores trabalhem a pesquisa em sala de aula, principalmente por ser esta perspectiva de ensino muito mais difícil de ser trabalhada, do que a simples transmissão de conteúdos, uma vez que se exige trabalho em equipe, discussões, estudo, orientação e produção tanto docente quanto discente, amparados pela estrutura gestora e governamental.

Por não haver incentivos de nenhuma ordem para estes professores nem por parte governamental, escolar ou mesmo social, ocorre o desestímulo desse tipo de trabalho, o que empobrece o ensino-aprendizagem dos alunos que perdem oportunidade de terem contato com a pesquisa, para desenvolver o seu pensar crítico entre tantas outras competências e habilidades que poderiam ser trabalhadas.

Percebe-se que a qualidade do ensino é diretamente proporcional à qualidade educacional e de vida do docente. Enquanto estes permanecerem com condições medíocres de trabalho, aprimoramento profissional, educacional e salarial, a mesma mediocridade continuará a se refletir na educação e conseqüentemente no País.

Embora existam problemas que estão além do professor, como desigualdades sociais, pobreza, criminalidade, corrupção, enfim, problemas diversos, acredita-se que por meio de uma educação de qualidade, usando-se da pesquisa como auxiliar no desenvolvimento de

sujeitos sociais, históricos, conscientes e críticos, pode-se, a médio e longo prazo, conseguir a reversão deste quadro.

Existe a necessidade de que a população, no caso deste País, brasileira, perceba e entenda esta relação e que possa cobrar o que apresenta a Constituição Federal, em seu artigo terceiro, como objetivos fundamentais que são:

- I. construir uma sociedade livre, justa e solidária;
- II. garantir o desenvolvimento nacional;
- III. erradicar a pobreza e a marginalização e reduzir as desigualdades sociais e regionais;
- IV. promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

E como conseguir estes objetivos sem haver o investimento no professor que é diretamente responsável pelo ensino, conseqüentemente pela educação e, por fim, no auxílio do desenvolvimento do povo que constitui a República Federativa do Brasil?

Difícilmente estes objetivos serão alcançados, talvez seja este o motivo de possuímos uma sociedade cuja maior parte seja alienada, não percebe o quanto injusta, presa e nada solidária esta é. Provavelmente seja também por este motivo que se patenteiem altas taxas de pobreza e desigualdades sociais. Como se pode discursar sobre igualdade, direitos, se aqueles que auxiliam o desenvolvimento de uma Nação (professores) são tratados sem direitos, sofrem preconceitos, são marginalizados, empobrecem ao longo dos anos do ponto de vista educacional, econômico e social?

Talvez seja chegado o momento de não apenas o governo Federal, Estadual e Municipal refletirem sobre as condições educacionais brasileiras, mas com urgência o próprio povo brasileiro, cujo poder é tão grande, que estes recebem o mínimo para pensar, lutar e fazer a diferença.

Foi confirmada a hipótese de que as professoras pesquisadas não tiveram formação (graduação) adequada para fazer uso da pesquisa em sala de aula, assim como de que não há apoio pedagógico, estrutural e institucional para o desenvolvimento desta prática, além de não haver condições de aprimoramento e socialização das práticas entre os professores. Fica tudo a cargo das professoras que para conseguirem vislumbrar algum resultado, mesmo que mínimo, na aprendizagem dos seus alunos, precisam doar seu tempo, descanso, dinheiro, entre tantas outras coisas.

A graduação pouco contribuiu para a prática destas, ao se utilizar da pesquisa como instrumento de aprendizagem, mas independente da formação inicial, procuraram trabalhar com seus estudos posteriormente, mas com grande dificuldade, já que o salário, por ser baixo, não é o suficiente para haver dedicação aos estudos ou mesmo para ter condições para custear cursos de aperfeiçoamento. Embora existissem e existam dificuldades, estas Professoras procuram se aprimorar, para auxiliar na aprendizagem dos seus alunos, mas é percebido, inclusive por estas, que muito se perde em qualidade por não haver exatamente suporte, estrutura, condições de trabalho e valorização do docente.

Um dos pontos também confirmados foi o de que realmente as professoras acreditam no uso da pesquisa para desenvolver a aprendizagem, o pensamento e a autonomia dos seus alunos.

Lembrando que a pesquisa aqui tratada e desenvolvida nas escolas não é a acadêmica (científica) que visa fazer com que o aluno produza conhecimento novo, embora pelo que se pôde observar, as professoras entendem a importância do desenvolvimento também desse tipo de pesquisa, mas não cabe fazer uso dela para alunos do ensino fundamental. O que se procura levar em conta, ao fazer uso da pesquisa como instrumento de aprendizagem, é desenvolver, principalmente, a autonomia, o raciocínio crítico, a argumentação para que posteriormente este aluno esteja apto a evoluir dentro da área de pesquisa (científica), sendo

capaz de produzir conhecimento novo e esse (conhecimento) ser usado para auxiliar na melhoria socioambiental.

O que se considera importante entender é que a educação, a escola, os professores, os pais, alunos isoladamente não conseguirão desenvolver e/ou desenvolver-se em sujeitos humanos conscientes de sua responsabilidade global, se não trabalharem em conjunto e se não primarem pelo desenvolvimento de uma Nação, cujo alicerce é a educação. Não uma educação qualquer, mas aquela capaz de desenvolver, realizar, transformar os sujeitos. E, para isso, faz-se necessária e urgente a valorização do ser humano, do sujeito e daqueles que trabalham com a vida, o professor.

Pode-se, portanto, compreender que dentro de uma escola pública estadual estão presentes, enquanto dificuldades, desafios e possibilidades de se trabalhar o ensino por meio da pesquisa o investimento no professor, a (des)valorização profissional, salários, condições estruturais (suporte técnico, equipamentos funcionando, número de alunos por sala, entre outros), apoio pedagógico qualificado e do corpo administrativo, estudo docente (qualificação), preparação e avaliação dos alunos, com qualidade.

Pode-se também apontar, como um início de superação dos desafios e da prática de ensino, a resposta dos alunos, ao reconhecerem o trabalho dos professores através da afirmação de que aprenderam mais durante o processo que faz uso da pesquisa como instrumento de aprendizagem do que com o método tradicional.

O presente trabalho evidenciou que, ainda com as enormes dificuldades de que padece a educação formal no Brasil, foi possível encontrar, no panorama do ensino, experiências válidas, mesmo que pequenas e esparsas. Por que não se partir delas nas tentativas de transformação?

Talvez fossem mais bem-sucedidos aqueles que traçam os rumos da educação formal no país, se usassem seu empenho em fazer com que tais iniciativas frutificassem, crescessem e se multiplicassem. Na própria realidade conturbada estão as sementes das soluções que, muitas vezes, as reformas atabalhoadas destroem.

Como sugestão seria interessante a realização de trabalhos cujo foco principal fosse o ensino por meio da pesquisa, mas nos quais se diversificassem os sujeitos e os problemas. Podendo-se trabalhar o ensino infantil, fundamental e médio, ou realizar uma comparação entre estes, os seguintes questionamentos poderiam servir de base para futuras pesquisas na área, tais como:

1. O que significa a pesquisa, na perspectiva de uma educação significativa, e quais são as dificuldades estruturais e conjunturais de uma experiência que se utiliza desta, como fio condutor de uma prática pedagógica significativa no ensino básico?;
2. Quais são os limites e as possibilidades de uma prática pedagógica que faz uso da pesquisa na escola pública e particular de hoje?;
3. Quais são as formas de interação entre professores e alunos, diante de uma experiência de educação, cujo fio condutor seja o desenvolvimento do ensino articulado à pesquisa em sala de aula no ensino básico?;
4. Ao se utilizar a pesquisa como perspectiva de ensino-aprendizagem na educação básica, quais são os desafios, os limites e as possibilidades para este trabalho?

Não há afirmação de que a proposta aqui descrita seja a única certa, afinal qual está? Mas enquanto puder se desenvolver maneiras de estimular o crescimento dos educandos, como seres humanos, pensadores, críticos, indivíduos, cidadãos, talvez ainda valha a pena ser um sujeito com capacidade de pensar! A educação não é libertadora, não tem o poder de modificar, o único que pode é o sujeito, desde que ele saiba como. Pode-se perceber a

importância do profissional da educação como guia desta descoberta e deste caminhar por meio da pesquisa que tem a função de subsidiar este desenvolvimento (crescimento).

BIBLIOGRAFIA

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **Informação e documentação** – citações em documentos. Rio de Janeiro, set. 2002. NBR10520

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. **Informação e documentação** – referências. Rio de Janeiro, set. 2002. NBR6023

Agência Metropolitana da Baixada Santista. Disponível em: < <http://www.agem.sp.gov.br/>>. Acesso: 15 nov. 2006.

ALMEIDA, Maria Angela Vasconcelos de. **A nova didática das ciências e o saber docente dos professores de química**. 2006. Disponível em: <www.ce.ufpe.br/posemeducacao/documentos/Teses_2006/Maria_Angela_Vasconcelos.pdf>. Acesso: 4 out. 2007.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. **Projeto: uma nova cultura de aprendizagem**. PUC: São Paulo, julho, 1999. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/educ30.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2007.

ALTET, Marguerite. **Análise das práticas dos professores e das situações pedagógicas**. Porto: Porto Editora, 2000, p. 9-33. Coleção ciências da educação século XXI.

ANDRÉ, M. E. D. A. (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas: Papyrus, 2001.

AUSUBEL, David P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

BALDANI, Rosana Caetano. **Atividade de campo em educação ambiental: construção coletiva de diretrizes metodológicas**. 2006. Disponível em: <<http://www2.fc.unesp.br/BibliotecaVirtual/DetalhaDocumentoAction.do?idDocumento=23#>>. Acesso: 18 nov. 2007.

BARRIGA, Frida Dias. **Introducción: ¿Qué significa aprender a aprender? Enfoque de enseñanza**. 19-?. Disponível em: <http://redescolar.ilce.edu.mx/redescolar/biblioteca/articulos/pdf/enfoques_ense.pdf>. Acesso: 01 jun. 2006.

BERTOLETTI, Ana Carolina; MORAES, Márcia Cristina; MORAES, Roque; COSTA, Antônio Carlos da Rocha. Educar pela Pesquisa – uma abordagem para o desenvolvimento e utilização de Softwares Educacionais. In: Encontro Iberoamericano sobre Investigação Básica em Educação, 2, **Anais...** Espanha, 2004. Disponível em: <<http://www.cinted.ufrgs.br/remote/set2003/artigos/educarpelapesquisa.pdf>>. Acesso: 24 set. 2006.

BECKER, Fernando. **O que é construtivismo ?** p. 87-93, [1994]. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_20_p087-093_c.pdf>. Acesso: 01 jun. 2007.

BIANCARDI, Alzinete Maria Rocon; GONÇALVES, Andréia Carla; SANTO, Eliana Lima do Espírito. **A pesquisa escolar em tempo de transição**: estudo de caso. [2001?]. Disponível em: <<http://dici.ibict.br/archive/00000674/01/T014.pdf>>. Acesso: 2 fev 2007.

BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto (Orgs.). **A bússola do escrever**: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. São Paulo: Cortez, 2002, p. 67-87.

BORGES, Rita de Cássia Monteiro Barbugiani. O professor reflexivo-crítico como mediador de processo de inter-relação da leitura-escrita. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2005, p. 201-218.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em:<<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L9394.htm>>. Acesso: 26 dez. 2007.

BRASIL. **Lei nº 8.069** de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do adolescente, e dá outras providências. Disponível em:<<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L8069.htm>>. Acesso: 26 dez. 2007.

CACHAPUZ, António; PRAIA, João; JORGE, Manuela. **Ciência, educação em ciência e ensino das ciências**. Lisboa: Ministério da Educação, 2002, p. 171-193; 322-353.

CACHAPUZ, António; PRAIA, João; JORGE, Manuela. **Reflexão em torno de perspectivas de ensino das ciências**: contributos para uma nova orientação curricular – ensino por pesquisa. Revista de Educação, v. IX, n. 1, 2000, p. 69-79.

CACHAPUZ, António; PRAIA, João. **Un análisis de las concepciones acerca de la naturaleza del conocimiento científico de los profesores portugueses de la enseñanza secundaria**. Investigación y experiencias didácticas, Enseñanza de las ciências, v. 12, n. 3, 1994, p. 350-354.

CARVALHO, Anna Pessoa de. **A pesquisa no ensino, sobre o ensino e sobre a reflexão dos professores sobre seus ensinios**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 57-67, jul./dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v28n2/a05v28n2.pdf>>. Acesso: 5 set. 2006.

CASTORIADES, Cornelius. Para si e subjetividade. In: PENA-VEGA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. **O pensar complexo**: Edgar Morin e a crise da modernidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 1999, p. 35-46.

CEIA, Carlos. **A identidade do professor na perspectiva social**. Jornadas de Educação: “Da escola que temos à escola que queremos”, 1, Centro de Recursos da Câmara Municipal de

Santa Maria da Feira, p. 1-10, 27 nov. 2002. Disponível em: < http://www.fcsh.unl.pt/docentes/cceia/Educacao/identidade_prof.pdf>. Acesso: 12 nov. 2007.

COELHO, J. Augusto. **Princípios de pedagogia**. São Paulo: Teixeira & Irmão, 1891-1893. Disponível em: <<http://purl.pt/127>>. Acesso: 06 jun. 2007.

CHARLOT, Bernard. Formação de professores: a pesquisa e a política educacional. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2005.

CHAVES, R.Y.; PINTO, C. **Actividades de trabalho experimental no ensino das ciências: um plano de intervenção com alunos do ensino básico**. Congresso, 7, Vila Nova de Gaia: Portugal, Enseñanza de las ciencias, 2005, n. extra, p. 1-6.

CHIARELLO, Ilze Salete. **A leitura e o ensino com pesquisa no curso superior: uma proposta de aprender a aprender**. 2000, p. 1-20. Disponível em: <http://www.pg.cdr.unc.br/revistavirtual/numerooit/Artigo06_08-10.pdf>. Acesso: 24 set. 2006.

DELORS, J. et al. **Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. 1996. Disponível em: <http://www.Dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=14470>. Acesso: 26 out. 2006.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

_____. **Aprender: o desafio reconstrutivo**. 1999. Disponível em: <<http://www.senac.br/informativo/BTS/243/boltec243c.htm>>. Acesso: 24 set. 2006.

_____. **Vida e aprendizagem**. Revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 27, n. 89, p. 293-306, 2000.

_____. **Professor/conhecimento**. UNB, p. 1-12, 2001. Disponível em: <<http://www.omep.org.br/artigos/palestras/08.pdf>>. Acesso: 16 set. 2006.

_____. **Educar pela pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

_____. **Ensino superior no século XXI: aprender a aprender**. Conf. Bento Gonçalves, RGS, p. 1-33, 2002. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/reflexoes/encontro/2002-4/documentos/04-Ensino-Superior-no-Seculo-XXI-Pedro-Demo.pdf>>. Acesso: Acesso: 24 set. 2006.

_____. Iniciação científica: razões formativas. In: MORAES, Roque; LIMA, Valdeez Marina Rosário (Orgs.). **Pesquisa em sala de aula: tendências para educação em novos tempos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 103-126.

_____. **Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos**. Brasília: Líber Livro, 2004.

DUARTE, Rosália. **Entrevistas em pesquisas qualitativas**. Educar, Curitiba: UFPR, n. 24, 2004, p. 213-225. Disponível em: <<http://www.calvados.c3sl.ufpr/ojs2/index.php/educar/article/viewFile/2216/1859>>. Acesso: 15 jun 2007.

FAQUETI, Marouva Fallgatter. **O bibliotecário como sujeito ativo no processo de ensino aprendizagem através da pesquisa escolar**: proposta de um modelo. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Florianópolis: UFSC, 2002. 137f. Disponível em: <<http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/5447.pdf>>. Acesso: 05 mai. 2007.

FONSECA, Luis Carlos et al. **Esclarecendo dúvidas e validando certezas – uma ferramenta de apoio a construção de conhecimento no contexto de projetos de aprendizagem**. Rio Grande do Sul: UFRGS, v. 3, n. 2, nov. 2005. Disponível em: <http://www.cinted.ufrgs.br/renote/nov2005/artigosrenote/a48_ferramenta_autoria_revisado.pdf>. Acesso: 15 dez. 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo. Pesquisa como superação da aula copiada. In: MORAES, Roque; LIMA, Valderez Marina Rosário (ORGS). **Pesquisa em sala de aula**: tendências para educação em novos tempos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 143-157.

GADOTTI, Moacir. **Escola pública popular** Educação popular e políticas públicas no Brasil. In: **Congresso Internacional da Associação de Estudos Latino Americano**, 18, 10-12 março, 1994. Disponível em: <http://www.paulofreire.org/Moacir_Gadotti/Artigos/Portugues/Educacao_Popular_e_EJA/Escola_Public_Pop_1994.pdf>. Acesso: 24 set. 2006.

_____. **Lições de Freire**. Rev. Fac. Educ. , São Paulo, v. 23, n. 1-2, 1997 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551997000100002&lng=es&nrm=iso>. Acesso: 24 set. 2006.

_____. **Perspectivas atuais da educação**. São Paulo Perspec. , São Paulo, v. 14, n. 2, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200002&lng=es&nrm=iso>. Acesso: 24 set. 2006.

_____. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003. Disponível em: <http://www.recid.org.br/index.php?option=com_remository&Itemid=76&func=startdown&id=1>. Acesso: 3 fev. 2006.

_____. **Pedagogia da práxis**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **O Mercosul educacional e os desafios do século 21**. Brasília: Inep, 2007. Disponível em: <http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7BC53EAC1E-B722-4CCB-8218-C7B8C1FB5AB6%7D_DISCUSS%C3%83O%20N%C2%BA%2025.pdf>. Acesso: 18 mai. 2007.

GALIAZZI, Maria do Carmo; MORAES, Roque. **Educação pela pesquisa como modo, tempo e espaço de qualificação da formação de professores de ciências.** *Ciência&Educação*, v.8, n.2, p. 237-252, 2002. Disponível em: <<http://www.remea.furg.br/mea/remea/index2.html>>. Acesso: 5 jan. 2008.

GALIAZZI, Maria do Carmo. GALIAZZI, Maria do Carmo. **Educação pela pesquisa como ambiente de formação do professor.** *Rev. Eletr. Mestr. Educ. Ambient.*, vol. 6, jul./set. 2001. Disponível em: <<http://www.fisica.furg.br/mea/remea/vol6/galiazzi.pdf>>. Acesso: 24 set. 2006.

_____. **A pauta do professor na sala de aula com pesquisa.** *Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.*, v.14, p. 18-36, jan./jun. 2005. Disponível em: <<http://www.remea.furg.br/indvol14.php>>. Acesso: 5 jan. 2008.

GAMBOA, Silvio Sanches; SANTOS FILHO, José Camilo dos (Orgs). **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade.** São Paulo: Cortez, 2000. (Coleção questões da nossa época; v.42).

GHEDIN, Evandro. Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito.** São Paulo: Cortez, 2005, p. 129-150.

GESSINGER, Rosaria Maria. Teoria e fundamentação teórica na pesquisa em sala de aula. In: MORAES, Roque; LIMA, Valderez Marina Rosário (Orgs). **Pesquisa em sala de aula: tendências para educação em novos tempos.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 189-202.

GIL-PÉREZ, Daniel; VILCHES, Amparo. **La participación em el debate educativo como deber ciudadano. Comentarios y sugerencias em torno al documento “una educación de calidad para todos y entre todos”.** *Revista Eureka sobre Enseñanza y Divulgación de las Ciencias*, vol. 2, n. 2, 2005.

GÓIS, Damião de. **Cartas dos jesuítas.** Cópia de vnas cartas embiadas del Brasil por el padre Nobrega dela companhia de Jesus y otros padres que estão debaxo de su obedie[n]cia al padre maestre Simon preposito de la dicha compañía en Portugal y a los padres y hermanos de Jesus de Coimbra. Tresladadas de Portugues en Castellano, recibidas el año de M.D.L.I. Tresladadas de Portugues en Castellano, recibidas el año de M.D.L.I.. - [Coimbra : João de Barreira e João álvares, entre 1551 e 1552]. - [14] f. ; 4º (20 cm). Sommervogel, 5. 1783 Sommervogel, 1783. Disponível em: <http://purl.pt/12671/2/res-842-p_PDF/res-842-p_PDF_01-B-R0300/res-842-p_0000_capa-cap_a_t01-B-R0300.pdf>. Acesso: 6 jun. 2007.

GOHN, Maria da Glória M. **A pesquisa na produção do conhecimento: questões metodológicas.** *EccoS – Revista Científica*, São Paulo, v.7, n.2, p. 253-274, jul/dez 2005.

GOMES, Alberto Albuquerque. **Apontamentos sobre a pesquisa em educação: usos e possibilidades do grupo focal.** *EccoS – Revista Científica*, São Paulo, v.7, n.2, p. 275-290, jul/dez 2005.

GORMLEY, Kevin J. **Pesquisa como processo democrático**: desenvolvimento comunitário educacional no Brasil através da pesquisa participante. p. 1-13, [2002]. Disponível em: <<http://www.paulofreire.org/convergence.pdf>>. Acesso: 5 jan. 2008.

HASWEH, Maher Z. **Efeitos de crenças epistemológicas de professores de ciências no ensino**. Journal os research in science teaching, v. 33, n. 1, 1996, p. 47-63.

HOUAISS. Dicionário língua portuguesa. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=professor&x=0&y=0&stype=k>>. Acesso: 13 jan. 2008.

INSTITUTO AYRTON SENNA. Programa Sua Escola a 2000 por Hora. Guia para interlocutores. Agosto/2005, p.52-58.

LEITE, Nádia Maria Bezerra. **Síndrome de Burnout relações sociais no trabalho**: um estudo com professores da educação básica. Dissertação de Mestrado. DF: Brasília. 2007.

LEITE, Percilia Souza. **O uso do computador como recurso para o desenvolvimento de projetos de aprendizagem**. UFRGS: Palmas, 2003. Disponível em: <<http://pontodeencontro.proinfo.mec.gov.br/MONOGRAFIAPercilia.pdf>>. Acesso: 24 dez. 2007.

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. **História da Capitania de São Vicente**. Brasília: Senado Federal. 2004. Disponível em: <http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/docs/spgov_Hist%C3%B3ria%20da%20Capitania%20de%20S%C3%A3o%20Vicente.pdf>. Acesso: 05 jun. 2007.

LIBÂNIO, José Carlos. Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro? In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil**: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2005, p.53-80.

LIMA, Marco Antunes de. **Martim Affonso de Sousa e a colonização da capitania de São Vicente**. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra9/martim.html>>. Acesso: 5 jun. 2007.

LOPES, Maria Teresa Seco. **A Terra, um planeta em mudança**: o estudo da estrutura interna da geosfera. 2001-2002. Disponível em: <<http://www1.ci.uc.pt/cienterra/ect/I.4-Conteudos%20e%20materiais2.pdf>>. Acesso: 12 set. 2007.

LOZADA, Cláudia de O. **Trabalhando leitura e interpretação de textos nas aulas de ciências**: um estudo de caso com uma turma de 5ª série do ensino fundamental sobre a temática terra. In: **Simpósio Pesq. Ens. Hist. Ciências da Terra**, 1, Campinas, [2006?], p. 153-157. Disponível em: <<http://www.ige.unicamp.br/simposioensino/artigos/060.pdf>>. Acesso: 14 dez. 2007.

LUCAS, Sandra; VASCONCELOS, Clara. **Perspectivas de ensino no âmbito das práticas lectivas**: um estudo com professores do 7º ano de escolaridade. Rev. Eletr. Enseñanza de lãs ciências, vol. 4, nº 3, 2005. Disponível em: 05 jan. 2008.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Subsídios para a organização do trabalho docente**. 1990. Disponível em: http://crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_11_p088_103_c.pdf. Acesso: 04 jun 2007.

LÜDKE, Menga. **O professor e sua formação para a pesquisa**. EccoS-Revista Científica, São Paulo, v.7, n.2, p. 333-349, jul/dez 2005.

_____. **O professor, seu saber e sua pesquisa**. Educ. Soc., Campinas, v. 22, n. 74, 2001a. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302001000100006&lng=en&nrm=iso. Acesso: 19 ago. 2007.

_____. (Org.). **O professor e a pesquisa**. Campinas: Papirus, 2001b.

LÜDKE, Menga; CRUZ, Gisele Barreto. **Aproximando Universidade e escola de educação básica pela pesquisa**. Cadernos de Pesquisa, v. 35, n. 125, p. 81-109, maio/ago. 2005.

MAGALHÃES, Pero de. **Tratado da terra do Brasil no qual se contém a informação das cousas que há nestas partes** [Manuscrito] – Biblioteca Nacional de Lisboa - 1 folheto de 47 f. Disponível em: http://purl.pt/211/3/cod-552_PDF/cod-552_PDF_24-C-R0300/cod-552_0000_1-47_t24-C-R0300.pdf. Acesso: 6 jun. 2007.

MARTINS, João Carlos. **Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo**. São Paulo: PUC, 1994. Disponível em: http://www.crmarioco vas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p111-122_c.pdf. Acesso: 7 fev. 2007.

MELLADO JIMÉNEZ, V. **Concepciones y prácticas de aula de profesores de ciências, em formacion inicial de primaria y secundaria**. Enseñanza de las ciências, 14 (3), 1996, p. 289-302.

MONTEIRO, Silas Borges. Epistemologia da prática: o professor reflexivo e a pesquisa colaborativa. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2005, p. 111-128.

MORAES, Lizete. **Investindo em metodologias: o trabalho com projetos na prática Pedagógica**. 2006. Disponível em: http://www.escola2000.org.br/pesquisa/texto/textos_art.aspx?id=91. Acesso: 27 nov. 2007.

MORAES, Roque; LIMA, Valderez Marina Rosário (Orgs). **Pesquisa em sala de aula: tendências para educação em novos tempos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002a.

MORAES, Roque. Produção em sala de aula com pesquisa: superando limites e construindo possibilidades. In: MORAES, Roque; LIMA, Valderez Marina Rosário (Orgs). **Pesquisa em sala de aula: tendências para educação em novos tempos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002b, p. 203-235.

_____. **Educar pela pesquisa: exercício de aprender a aprender**. 2004. Disponível em: <http://www.inf.upf.br/saep-net/artigos/documento2.pdf>. Acesso: 24 set. 2006.

MORAES, Roque, GALIAZZI, Maria do Carmo; RAMOS, Maurivan Güntzer. **Pesquisa em sala de aula: fundamentos e pressupostos**. 2004. Disponível em: < <http://inf.upf.tche.br/saep-net/artigos/documento1.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2006.

MORAN, José Manuel. Mudar a forma de ensinar e de aprender com tecnologias. 1998. Disponível em: <<http://www.divertire.com.br>>. Acesso: 25 set. 2006.

MORIN, Edgar. A reforma do pensamento. In: **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

NAVARRO, Ignez Pinto et al. **Conselho escolar e a aprendizagem na escola**. BRASIL, Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2004. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Consescol/ce_cad2.pdf>. Acesso: 20 dez. 2007.

OLIVEIRA, Nirlei Maria de; MEDEIROS, Gerson Araújo de. **Pesquisa em sala de aula no curso de engenharia ambiental – CREUPI: uma prática possível**. Eng. Amb., Espírito Santo do Pinhal, v. 1, n. 1, p. 57-64, jan.-dez., 2004. Disponível em: < <http://www.unipinhal.edu.br/ojs/engenhariaambiental/include/getdoc.php?id=33&article=17&mode=pdf>>. Acesso: 14 dez. 2007.

ORBETELLI, Sheila. **Histórias que precisam ser conhecidas: reflexividade de professores em ações plurais na escola pública**. Educação Temática Digital, Campinas SP, v.7, jun. 2006, p. 126-132. ISSN:1676-2592 Disponível em: <<http://143.106.58.55/revista/include/getdoc.php?id=425&article=92&mode=pdf>>. Acesso: 3 mar. 2007.

PAULILO, André Luiz. **História da educação brasileira: leituras**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, n. 26, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-2478200-4000200015&Ing=en&nrm=iso>. Acesso: 13 jun. 2007.

PAIXÃO, M. de Fátima; CACHAPUZ, Antonio. **La enseñanza de la ciencias y la formación de profesores de enseñanza primaria para la reforma curricular: de la teoría a La práctica**. Investigacion didáctica, enseñanza de las ciencias, 17 (1), p. 69-77, 1999.

PELIZZARI, et al. **Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel**. Ver. PEC, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 37-42, jul. 2001-jul. 2002. Disponível em: < http://vicenterisi.googlepages.com/teoria_da_aprendizagem_Ausubel.pdf>. Acesso: 3 mar. 2007.

PIACENTINI, Maria Tereza de Queiroz. **LAN House e outras pequenas questões**. n. 72, 01/08/2005. Disponível em: <<http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=201&rv=Gramatica>> Acesso: 5 mai. 2007.

PIAGET, Jean. **O diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio**. São Paulo: Scipione, 1997.

PICCOLI, Sonia Maria; MORAES, Roque. **Ensinar e aprender pela pesquisa: um desafio para uma formação continuada de professores**. R. Ciências Humanas, Frederico Westphalen, v. 7, n.8, p. 91-105, jun. 2006. Disponível em: <www.sicoda.fw.uri.br/revistas/artigos/1_4>

_41.pdf>. Acesso: 25 ago. 2007.

Professora A. Entrevista. Escola 1, 2006.

Professora B. Entrevista. Escola 1, 2006.

Professora C. Entrevista. Escola 2, 2007.

Professora D. Entrevista. Escola 2, 2007.

RAMOS, Maurivan Güntzel. Educar pela pesquisa é educar para a argumentação. In: MORAES, Roque; LIMA, Valdevez Marina Rosário (Orgs). **Pesquisa em sala de aula: tendências para educação em novos tempos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 25-49.

RIBAS, Laira Aparecida Machado. **O professor do século XXI: desafios e perspectivas atuais da escola pública do Paraná**. 2002. 74 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia da Produção) – Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis. Disponível em: < <http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/10012.pdf>>. Acesso: 6 out. 2007.

ROCHA, Luciano Roberto. **A concepção de pesquisa no cotidiano escolar: possibilidades de utilização da metodologia webquest na educação pela pesquisa**. 2007. Disponível em: < <http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/handle/1884/10182>>. Acesso: 12 jan. 2008.

RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca. **A pesquisa como estratégia pedagógica para a competência**. [1998?]. Disponível em: <<http://www.UTEM.CL/DEPTOGESTINFO/7.DOC>>. Acesso: 6 out. 2007.

RODRIGUES, Rosângela de Oliveira Lopes. **A vila de São Vicente- patrimônio cultural submerso: uma missão para a arqueologia subaquática**. nov. 2005. Disponível em: <<http://www.unisantos.br/pos/revistapatrimonio/artigos.php?cod=51>>. Acesso: 4 jul. 2007.

SACRISTÁN, José Gimeno. Tendências investigativas na formação de professores. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. São Paulo: Cortez, 2005, p. 81-88.

SALVADOR, Vicente do. **Historia do Brazil**. Rio de Janeiro : Biblioteca Nacional, 1889. Disponível em: <<http://purl.pt/154>>. Acesso: 6 jun. 2007.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 1996.

SANTOS, Robinson dos. **O professor e a produção do conhecimento numa sociedade em transformação**. Revista Espaço Acadêmico, mensal, n. 35, abr. 2004, ISSN 1519.6186. Disponível em: < http://www.espacoacademico.com.br/035/35pc_santos.htm>. Acesso: 8 set. 2007.

SAVIANI, Demerval. O legado educacional do “longo século XX” brasileiro. In: SAVIANI, Demerval; et al. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

_____. **Escola e Democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. Campinas: Autores Associados, 2000.

_____. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1985, p. 17-30.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Educação, sujeito e história**. São Paulo: Olho D’Água, 2001.

_____. **A contribuição da Filosofia para a Educação**. Inep, Em Aberto: Brasília, ano 9, n. 45, p. 19-25, jan/mar. 1990.

_____. **Proposta de um universo temático para a investigação em Filosofia da Educação**: as implicações da historicidade. Perspectiva, Florianópolis UFSC/CED, ano 11, n. 19, p. 11-27, jan/jun 1993.

SILVA, Jefferson Ildelfonso da. **Aprendizagem e conhecimento escolar**: a interface pesquisa e docência. [2006?]. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt04/GT04-516--Int.rtf>. Acesso: 12 fev 2007.

SILVA, Maristela Alberton. **Projetos de aprendizagem@tecnologias.transformações. escola**. 2005. Disponibilizado pela autora por e-mail.

SÃO PAULO. **Lei complementar nº 444** de 27 de dezembro de 1985. Dispõe sobre o Estatuto do Magistério Paulista e dá providências correlatas. Disponível em: <<http://dersv.sites.uol.com.br/lei444.htm>>. Acesso: 26 dez. 2007.

SÃO PAULO. **Lei complementar nº 836** de 30 de dezembro de 1997. Institui Plano de Carreira, Vencimentos e Salários para os integrantes do Quadro do Magistério da Secretaria da Educação e dá outras providências correlatas. Disponível em: <<http://dersv.sites.uol.com.br/lei836.htm>>. Acesso: 26 dez. 2007.

SÃO PAULO. **Decreto nº 52.719**, de 14 de fevereiro de 2008. Regulamenta e define critérios para concessão do bônus aos integrantes do Quadro do Magistério e dá providências correlatas. Disponível em: <<http://www.microeducacao.pro.br>>. Acesso: 26 dez. 2007.

SMOLE, Kátia Teixeira Stocco. **Inteligências múltiplas**. 2006. Disponível em: <http://www.maristas.org.br/portal/downloads/sis_not/2006/06/inteligenciasmultiplas_katia.doc>. Acesso: 03 fev. 2008.

TEIXEIRA, Gilberto. **O processo ensino-aprendizagem e o papel do professor como gestor do pensar**. Disponível em: <<http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=7 &texto =1506>>. Acesso: 04 jun 2007.

TELEGINSKI, Antonio. **São Vicente, cellula matter da economia brasileira, precursora da indústria, da pecuária, da agricultura e do primeiro comércio internacional.** Disponível em: <http://www.members.tripod.com/piquerobi/BRAS_JPG>. Acesso: 4 jun 2007.

VASCONCELOS, Clara; PRAIA, João Félix; ALMEIDA, Leandro S. **Teorias de aprendizagem e o ensino/aprendizagem das ciências:** da instrução à aprendizagem. *Psicol. Esc. Educ.*, v. 7, n. 1, jun., 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-5572003000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso: 18 out. 2007.

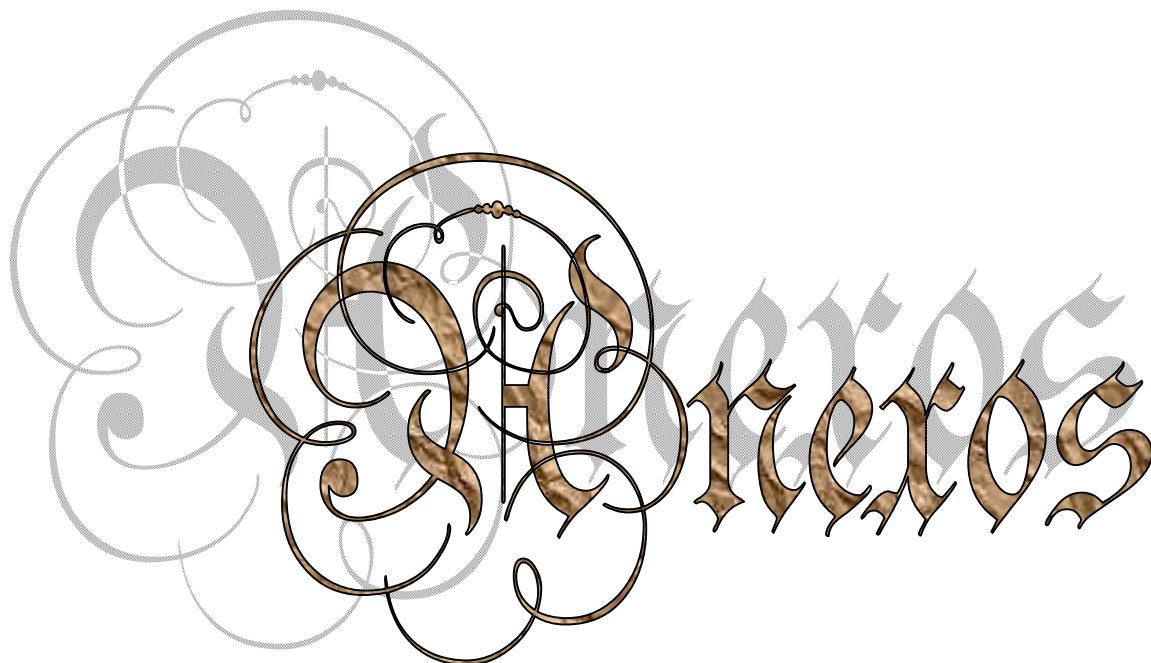
VETTORI, Marcelo. **O educar pela pesquisa:** relatos de uma experiência. Encontro sobre investigação na escola, 6, trabalho n. 194, [2005?]. Disponível em: <http://serv2.ceamecim.furg.br/~tusnski/vi_investigacao/trabalhos/B13/trabalho%20194.doc>. Acesso: 28 mar. 2007.

VIANNA, H. M. **Pesquisa em educação:** a observação. Brasília: Plano Editora, 2003.

WIKIPEDIA. **Mudança dialética.** 2006. Disponível em: <<http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Dial%C3%A9tica>> e <http://purl.pt/134/3/sc-4257-v_PDF/sc-4257-v_PDF_08-G-R0072/sc-4257-v_0000_capa-590_t08-G-R0072.pdf>. Acesso: 3 ago. 2006.

SCHWARTZ, Suzana. De objetos a sujeitos da relação pedagógica: a pesquisa na sala de aula. In: MORAES, Roque; LIMA, Valderez Marina Rosário (Orgs). **Pesquisa em sala de aula:** tendências para educação em novos tempos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 159-170.

STEFANO, Leizy Regina Fracasso. **Representação de professores e alunos sobre a pesquisa escolar:** a leitura crítica, a escrita autônoma e a formação do conhecimento. *Iniciação Científica, CESUMAR*, v. 8, n. 1, p. 71-83 – edição especial, jun. 2006.



Anexo 1

Questionário - professores

Por gentileza responda com o máximo de sinceridade possível, pois este serve não para julgar, mas para aprender com suas experiências. Obrigada.

- 1) Idade ?
- 2) Tipo de escola que leciona ? (municipal, estadual, particular)
- 3) É efetivo ?
- 4) Trabalha com qual disciplina ? Quais séries?
- 5) Trabalha quantas horas por semana incluindo HTPC e HTPL ?
- 6) Quanto tempo trabalha como educador(a) e nesta mesma escola ?
- 7) O que você entende por pesquisa ?
- 8) Sabe fazer pesquisa ? Justifique.
- 9) Trabalha com a aprendizagem do aluno usando a pesquisa como instrumento ? De que forma ?
- 10) Já fez ou faz pesquisa própria ? Se não, por quê ?
- 11) Quais são suas razões para fazer uso da pesquisa em sala de aula ?
- 12) Quais são os estímulos que você recebe ou não para trabalhar com a pesquisa na escola ?
- 13) Quais foram os resultados, que você acredita ter alcançado ao longo do trabalho, utilizando-se da pesquisa como instrumento para aprendizagem ?

Anexo 2a

Foi pedido para que a professora fizesse a pergunta oralmente e o aluno marcasse no quadro correspondente sua resposta, a folha de resposta foi providenciada pela pesquisadora conforme modelo abaixo. Para que as respostas fosse sinceras foi pedido que não colocassem seus nomes.

Questionário sala das séries pesquisadas

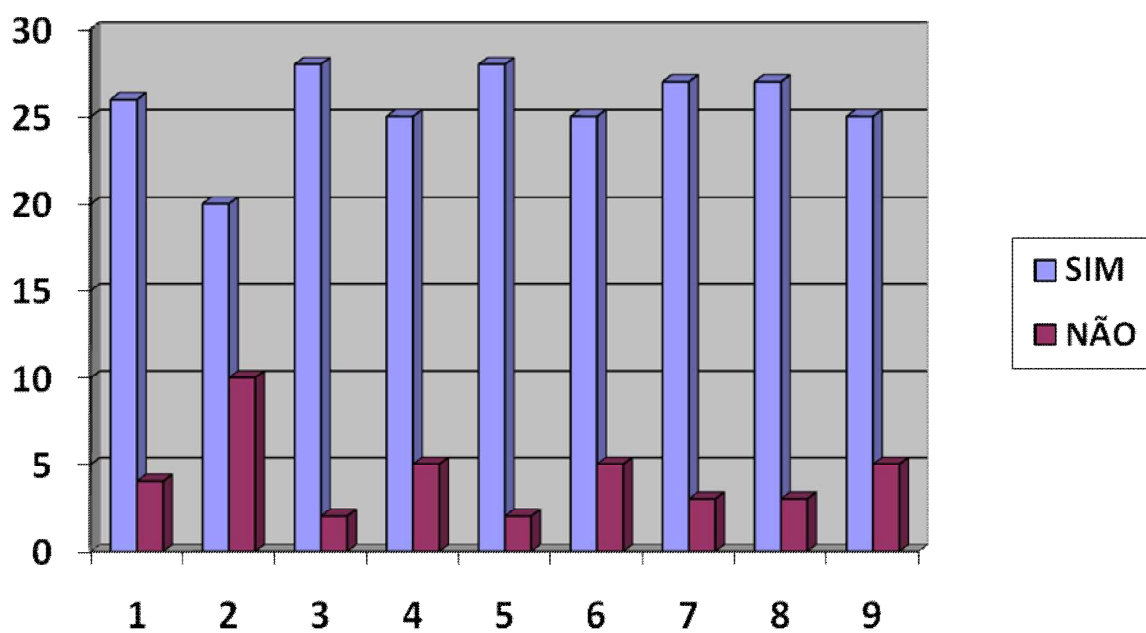
Questionário realizado com alunos nas salas observadas

- 1) Gosta de ler ?
- 2) Gosta de escrever ?
- 3) Participa da aula ?
- 4) Gosta de perguntar, discutir ?
- 5) Gosta da aula ?
- 6) Sabe o que é pesquisa ?
- 7) Gosta de pesquisa ?
- 8) Aprendeu mais com as aulas em que a professora usou pesquisa ?
- 9) Prefere as aulas com pesquisa ?

Anexo 2c

Tabela 11a – salas pesquisadas Professora A – 30 ALUNOS

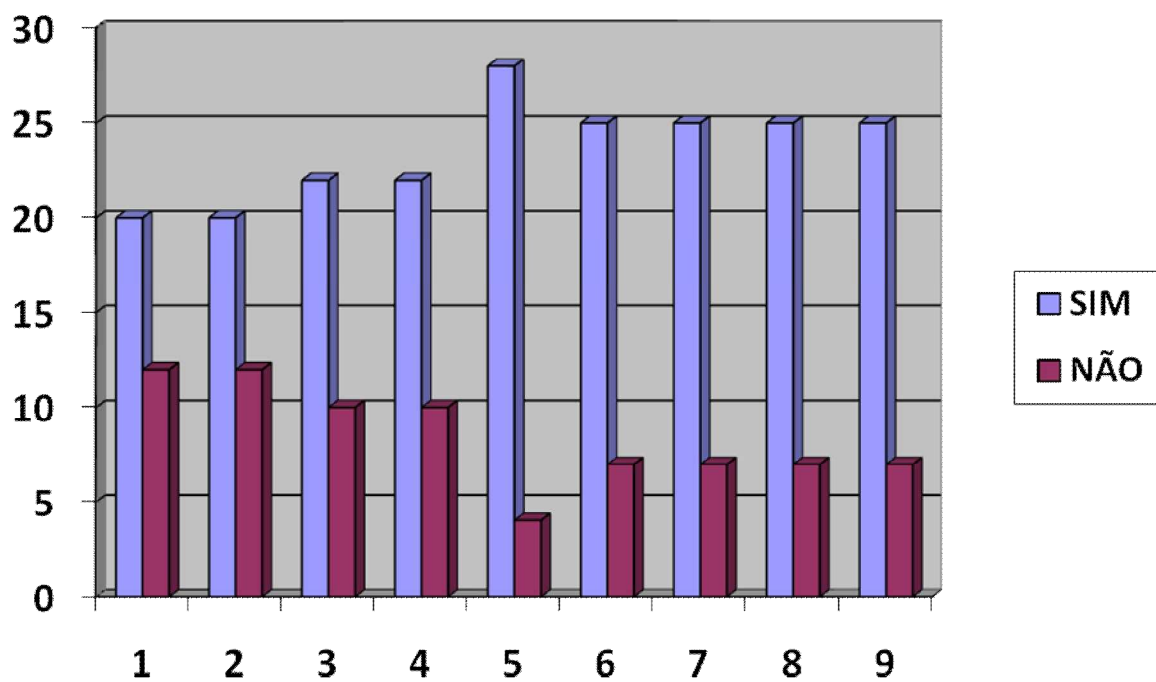
PERGUNTAS	1	2	3	4	5	6	7	8	9
SIM	26	20	28	25	28	25	27	27	25
NÃO	4	10	2	5	2	5	3	3	5

**Gráfico 1 - Número da pergunta X número de alunos - Professora A**

Anexo 2d

Tabela 11b → salas pesquisadas Professora B - 32

PERGUNTAS	1	2	3	4	5	6	7	8	9
SIM	20	20	22	22	28	25	25	25	25
NÃO	12	12	10	10	4	7	7	7	7

**Gráfico 2 - Número da pergunta X número de alunos - Professora B**

Anexo 2e

Tabela 11c → salas pesquisadas Professora C – 26 ALUNOS

PERGUNTAS	1	2	3	4	5	6	7	8	9
SIM	17	15	17	17	18	18	18	18	18
NÃO	9	11	9	9	8	8	8	8	8

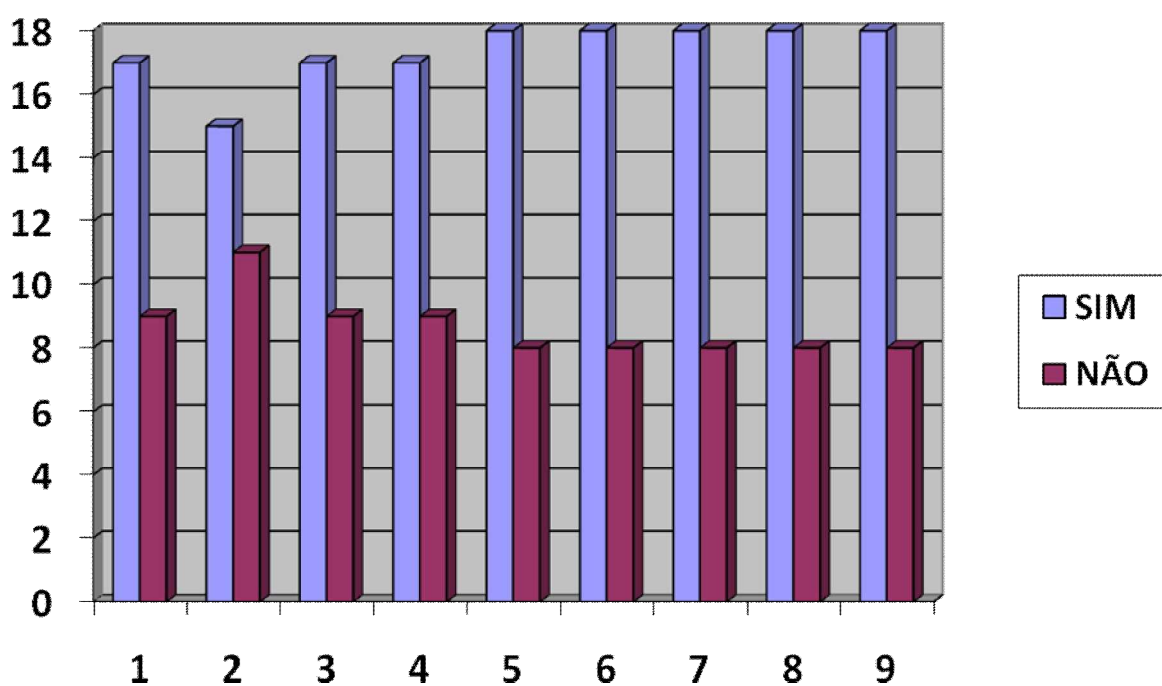
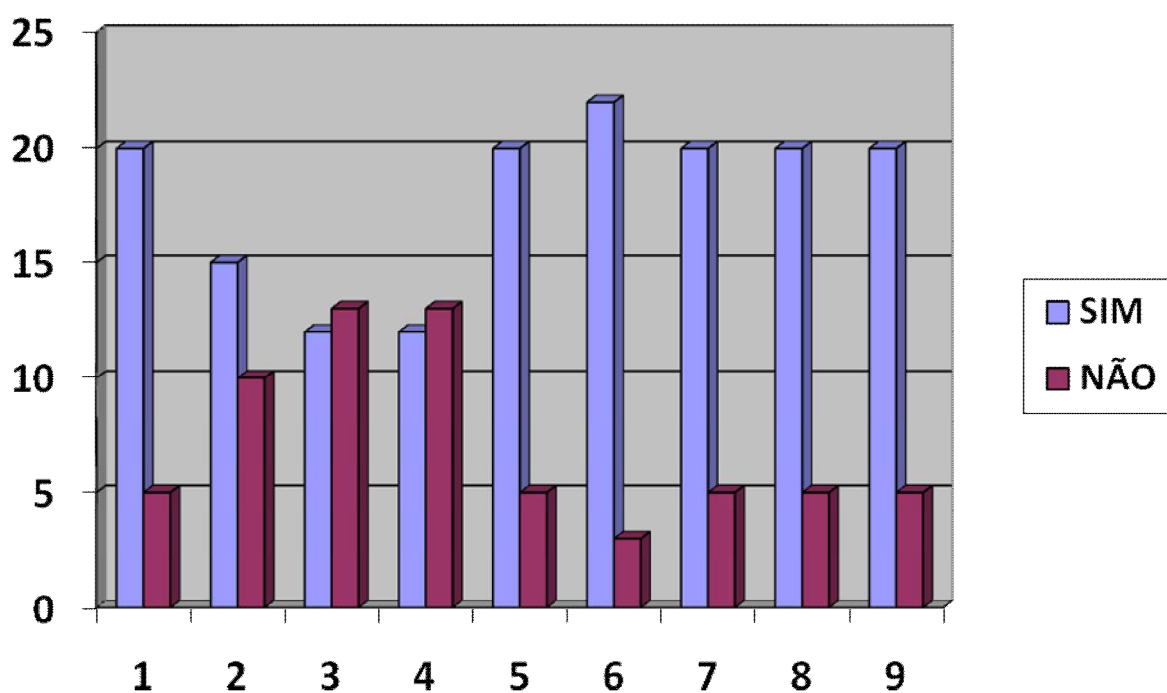


Gráfico 3 - Número da pergunta X número de alunos - Professora C

Anexo 2f

Tabela 11d → salas pesquisadas Professora D – 25 alunos

PERGUNTAS	1	2	3	4	5	6	7	8	9
SIM	20	15	12	12	20	22	20	20	20
NÃO	5	10	13	13	5	3	5	5	5

**Gráfico 4 - Número da pergunta X número de alunos - Professora D**

Anexo 2g

Tabela 11e - TOTAL 113 ALUNOS PESQUISADOS SOMANDO-SE ESCOLAS 1 E 2 + PROFESSORAS A, B, C e D

PERGUNTAS	1	2	3	4	5	6	7	8	9
SIM	83	70	79	76	94	90	90	90	88
NÃO	31	43	34	37	19	23	23	23	25

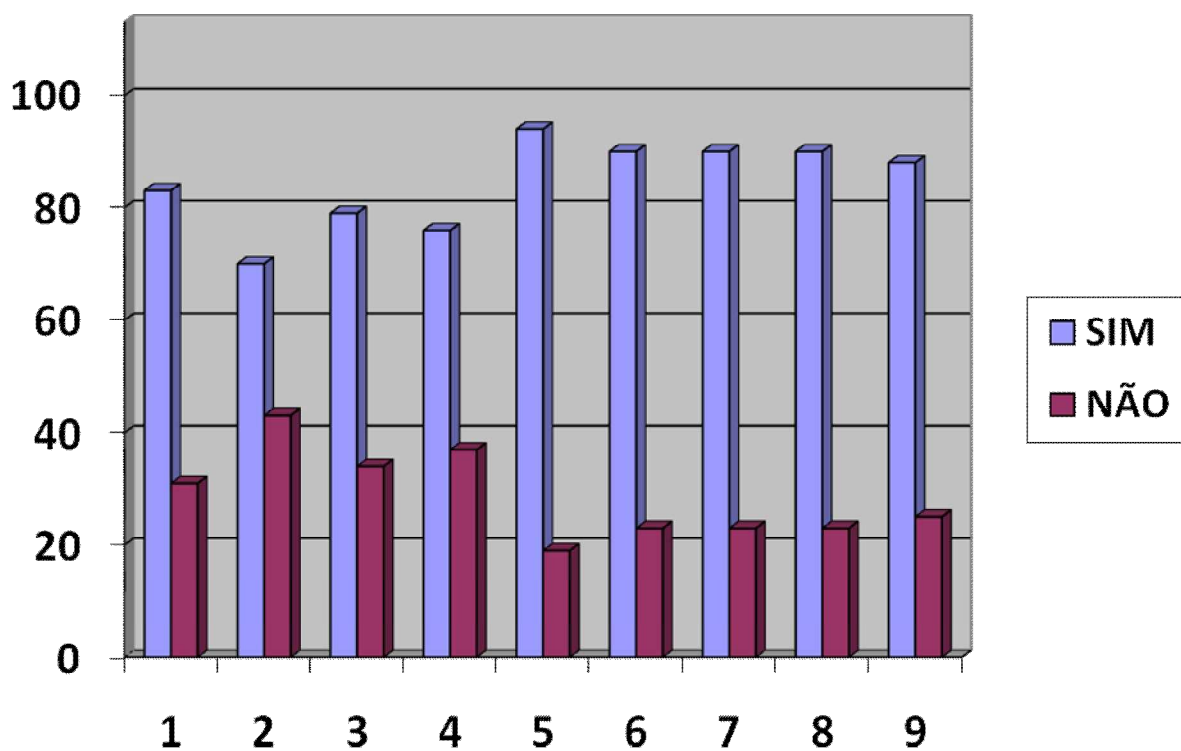


Gráfico 5 - Número da pergunta X número total de alunos – Professoras A, B, C, e D

Anexo 3

Tabela 5 – Comparativa - Professoras – Observação

Professoras	Metodologia usada	Postura em sala de aula no uso da pesquisa	Comportamento dos alunos	Instrumentos didáticos que faz uso
A	<ul style="list-style-type: none"> • Usa a pesquisa intrínseca aos conteúdos da sua disciplina (ciências). 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolve a consciência do aluno para um ambiente de estudo limpo; • Instiga o aluno a questionar, a procurar informações e expor suas idéias; • Incentiva a participação dos alunos, faz uso das vivências destes. Incentiva que estes se posicionem quanto as suas idéias; • Discute estimulando o pensar, o questionar; • Estimula e incentiva o trabalho em grupo, a leitura e a escrita; • Receptiva aos questionamentos e respostas dos alunos; • Orienta o caminhar do aluno durante o processo ensino-aprendizagem em sala de aula. 	<ul style="list-style-type: none"> • Em sua maioria participativos, ativos e muito comunicativos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Livros; • Livros didáticos; • Internet; • Revistas; • Jornais; • Filmes (televisão, documentários).

<p>B</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Usa a pesquisa intrínseca aos conteúdos da sua disciplina (ciências). 	<ul style="list-style-type: none"> • Incentiva o aluno a participar, procurar informação e expor suas idéias; • Incentiva e estimula a leitura, a escrita e o questionamento; • Orienta os alunos quando estes apresentam dúvidas, sem entregar as respostas; • Receptiva aos questionamentos e respostas dos alunos; • Estimula o trabalho em grupo e a produção textual. • Desestimula a cópia de livro didático 	<ul style="list-style-type: none"> • Em sua maioria participativos e ativos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Livros; • Livros didáticos; • Revistas; • Jornais; • Filmes (televisão, documentários)
-----------------	---	--	---	--

<p>C</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Usa a pesquisa atrelada a projetos de aprendizagem dentro da temática de sua aula (ciências). 	<ul style="list-style-type: none"> • Incentiva a participação do aluno, o questionar, o trabalho em grupo; • Orienta os alunos quanto a metodologia do trabalho; • Estimula e incentiva a leitura, a escrita (produção própria), assim como a exposição de suas idéias; • Receptiva aos questionamentos e respostas dos alunos; • Estimula e orienta a procura das informações; • Estimula o trabalho em grupo, individual e a produção textual. 	<ul style="list-style-type: none"> • Em sua maioria participativos e ativos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Livros; • Livros didáticos; • Internet; • Revistas; • Jornais.
<p>D</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Usa a pesquisa atrelada a projetos de aprendizagem inerente a sua disciplina (artes). 	<ul style="list-style-type: none"> • Incentiva a participação dos alunos, a leitura e a escrita (produção própria); • Estimula o questionamento por parte dos alunos; • Orienta e estimula a procura das informações, assim como a metodologia do trabalho; • Receptiva aos questionamentos e respostas dos alunos; • Estimula o trabalho em grupo, individual e a produção textual. 	<ul style="list-style-type: none"> • Em sua maioria participativos e ativos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Livros; • Livros didáticos; • Internet; • Revistas; • Jornais.

Anexo 4

Roteiro de entrevista:

- 1) Profissão ?
- 2) Disciplina que leciona ?
- 3) Grau que leciona (fundamental, médio) ?
- 4) Tempo de magistério ?
- 5) Efetivo da escola ?
- 6) Trabalha atualmente apenas com o fundamental ?
- 7) Ministra quantas aulas por semana ?
- 8) Trabalha quantas aulas por semana ? (Incluindo HTPC, HTPL, sala de aula)
- 9) Trabalha em quantas escolas ? Por quê ?
- 10) Sempre exerceu a função docente ?
- 11) Por quê resolveu seguir esta carreira ?
- 12) Desde que começou até o momento atual, percebeu alguma mudança na educação durante os anos ? O quê ?
- 13) Esta mudança foi positiva ou não ? Por quê ?
- 14) O que você pensa sobre sua profissão (reconhecimento) ? Por quê ?
- 15) Como você se sente quanto profissional da educação ? (completo do ponto de vista profissional, financeiro, pessoal, educacional ?). Por quê ?
- 16) Quais são as vantagens de se trabalhar na área da educação ? Por quê ?
- 17) E as desvantagens ? Por quê ?
- 18) Como você descreveria seus alunos em sala de aula ? (interessados, dispersos, desinteressados, desmotivados, ...)
- 19) Como faz para trabalhar com um número grande de alunos por sala e fazer com que estes aprendam ?
- 20) A pesquisa você a utiliza como instrumento para desenvolver a aprendizagem dos alunos ? Por quê ?

- 21) Por quê você considera importante a utilização desta como instrumento de aprendizagem ?
- 22) A pesquisa, você a utiliza como princípio científico ou formativo ? Por quê ?
- 23) E para você ? Qual é a importância da pesquisa ?
- 24) Como você a utiliza em sala de aula ?
- 25) Por que resolveu fazer uso da pesquisa ? Já trabalhou com esta na sua graduação ?:
- 26) Conte um pouco sobre sua graduação. (onde foi, quanto tempo, tipo de ensino, dificuldades)
- 27) Se teve contato com pesquisa na graduação, foi por isso que a utiliza ?
- 28) Se não, por quê a escolheu ?
- 29) O que você considera pesquisa ? (concepções)
- 30) Possui tempo suficiente para estudar e preparar suas aulas ? Por quê ?
- 31) Existe apoio dos administradores, estrutura escolar, para que o professor trabalhe a pesquisa com seus alunos ? Por quê ?
- 32) O que falta ?
- 33) Durante seu trabalho na escola, você recebe algum tipo de estímulo ou ajuda para aprimorar suas atividades educativas ?
- 34) Quais são as dificuldades que encontra para desenvolver seu trabalho ?
- 35) Quais você encontrou até o presente momento ?
- 36) O que já foi sanado e o que ainda falta ?
- 37) Mas se é difícil, por quê resolveu fazer uso da pesquisa ? O que você espera conseguir utilizando-a ?
- 38) Existe algum programa de formação continuada que sustente o trabalho de pesquisa do professor ou que lhe dê aporte teórico ao seu trabalho ?
- 39) Por favor, faça um breve relato sobre uma sala que você ache que mais tenha se desenvolvido com esta metodologia.
- 40) Quais foram os resultados que você acredita ter alcançado ao longo do trabalho, utilizando-se da pesquisa como instrumento de aprendizagem ?

Anexo 5

Entrevistas

Categorias de análise

1 - Formação acadêmica

1a- uso da pesquisa

PA – “Imagine (risos), o máximo era fazer umas saídas de campo, copiar trechos dos livros usados como base teórica, [...]”

PB – “Não a graduação não me levou a nenhuma idéia de como dar aula [...] professores que me davam um monte de informações prontas, [...] cópias, [...] ler capítulos e capítulos e capítulos de livros e dali daquela leitura [...] extraíam uma avaliação, sem se quer explicar uma frase. [...] tive também professores fantásticos que escreviam uma única palavra na lousa e falavam 40 minutos, e nós tínhamos que fazer anotações para depois estarmos trabalhando em cima [...]”

PC – “Não. [...] Tive orientação, iniciação científica, mas na minha formação de licenciatura, tive muito pouca orientação com relação a pesquisa.[...]”

PD – “Não. Era bem tradicional, [...] não tinha nem TCC...”

1b- disciplinas pedagógicas

PA – “Não. Havia disciplinas como didática, psicologia da educação, estágio, mas a carga horária era bem menor que as disciplinas específicas da área”

PB – “[...] nenhuma delas me forneceu qualquer informação que eu pudesse utilizar, [...] não sabia se quer preencher uma caderneta, [...] começar um planejamento, não me lembro da discussão de um ponto de aula, [...] como me portar diante de uma sala de aula”

PC – “Tive, tive sim. Mas não metodologia de ensino não. Tinha até didática, mas não lembro, de discutir metodologia de ensino nesta disciplina. Era tudo muito cru, era muito,...até quando eu comecei a dar aula, eu queria dar aula igual as minhas professoras também, né ? Só passando informação, copiando informação...”

PD – “Tive, mas nada que foi significativo, que pudesse estar estudando teorias sobre aprendizagem [...]”

1c- falta da iniciação à pesquisa

PA – “Muito, e como. Teria facilitado muito mais se eu tivesse tido [...]”

PB – “Ah e como.”

PC – “Muito. No curso de licenciatura não tem, não tem mesmo. Não tive nem TCC.[...]”

PD – “Ah sim. Muito [...]”

1d- graduação e trabalho com aluno

PA – “[...] estágio foi. No último ano [...] já que era obrigatório, mas não houve um suporte, direcionamento, explicações, nada, apenas tínhamos que ir na escola apresentar palestras [...] Nunca fomos observar uma sala de aula, ou se quer leituras ou discussões sobre as práticas pedagógicas.”

PC – “Não. Como orientar o aluno não. Eu via mais ou menos como meu orientador me orientava, e as coisas boas eu utilizava e aquilo que eu não achava legal eu mudava [...]

PD – “A minha graduação, não houve investimento para licenciatura [...] era mais uma formação técnica, [...] o ensino da arte, [...] era voltado mais para o deixar fazer, com uma influência grande da escola nova [...]

2- Formação continuada

2a- uso da pesquisa (cursos voltados para)

PA – “Que eu saiba não, seria muito interessante se tivesse, mas nunca ouvi falar.”

PB – “[...] não conheço [...]

PC – “[...] a teia [...] tenta oferecer agora [...]mas de uma maneira muito, muito errada.”

PD – “Não, que eu saiba não”

2b- curso de capacitação

PA – “nenhum dos cursos que já cheguei a fazer, focam o uso do ensino pela pesquisa, são cursos normais, com aulas normais, nada novo ou aplicável em sala de aula na vida real”

PB – “[...] falsos cursos de capacitação que não capacitam, e quando capacitam não te permitem colocar em prática. [...] não consegui fazer nenhum link com o meu trabalho, não me incentivou em nada a pesquisa. Eram informações prontas, ministrado por pessoas que se achavam donas do saber, aulas totalmente tradicionais [...]houve um único professor que trouxe material sobre a internet, trabalhou conosco como buscar informação em alguns sites importantes, e explicitou que os sites mais interessantes eram os americanos que os brasileiros eram uma porcaria, ou seja, se você não fala inglês azar o seu.”

PC – “A teia do saber, [...] O primeiro ano [...] foi muito ruim, [...] Tinha gente que nem sabia exatamente o que estava fazendo ali. A partir do segundo ano, [...] estou achando que a teia está mudando o seu formato sim, mas não está mudando de livre e espontânea vontade não. É pela pressão do próprio professor, porque como tem sido cobrado muito dele isso, nos últimos tempos, e ele não teve este preparo, esta formação. Então a gente é cobrada, mas quando era oferecido o curso, não contemplava aquilo que eles queriam cobrar. Então, como é que a gente vinha aqui ? A gente vem aqui, porque lá está sendo cobrado e eu estou achando que eu vou ter isto aqui. Aí chegava lá, opa, pera aí, tá tudo errado. O cara que ganhava a licitação, chegava com o programa pronto, e os professores, já com uma, certa maturidade, porque isto está acontecendo. Opa está tudo errado. Não é isso ? O governo quer isso, a proposta curricular é assim, não sei o que... Então você tem que re-formatar, então vão pesquisar também. Então pesquisem. [...] Eu falo da teia do saber do estado, porque é onde ele tenta qualificar o professor. Ele até oferece, mas de uma maneira muito, muito errada. Porque o professor com excesso de trabalho na semana, como é que ele vai assimilar ? Como é que ele vai assimilar aquilo ali com qualidade ? Porque ele está cansado, extremamente cansado. Que

nem... “o governo do estado capacita sei lá quantos milhões de professores...”. Como ? Em que condições ? Então tem que se questionar isso...”

PD – “[...] só vai servir, se o professor tiver um conhecimento prévio sobre as teorias que hoje fundamentam por exemplo os parâmetros, porque ele fica querendo receita [...] muitos dos professores [...] acharam inútil, porque não deram receita de como dar aula, ou modelo de atividade [...] se não fosse essa parceria com o instituto ou esse curso de mestrado, eu não ia saber [...]”

3- Uso da pesquisa

3a- instrumento de aprendizagem

PA – “Sim, acredito que sim. [...]”

PB – “E como...”

PC – “Sim, creio que sim. Acredito estar trabalhando desta forma.”

PD – “Sim, [...] não consegue esse resultado de imediato, [...] se está dentro de um sistema que nunca trabalhou com isso”

3b- escolha

PA – “[...] impulsionar os alunos de volta ao seu ser questionador, investigador, ela faz com que eu me prepare e aprenda durante o processo com os meus alunos [...] a considero completa, ela sendo usada de forma correta consegue desenvolver a aprendizagem dos alunos, pelo menos eu acredito que sim [...] é uma forma de estar sempre pensando e com isso fazer os meus alunos pensarem. [...] muitas vezes eles nem percebem que estão estudando, quando vão procurar as informações e começam a conversar, trocar idéias, a aula passa rapidinho [...]”

PB – “[...] nunca tive nada esquematizado [...] a necessidade surgiu a partir do momento que fui perdendo o poder de falar, [...] eles não queriam escutar as minhas verdades, então eu tive que fazer com que eles percebessem que tinham que buscar as verdades deles, [...] Fazer com que meu aluno corresse atrás de informações [...] para que eu pudesse ser importante, [...] eu poderia esclarecer as futuras dúvidas que surgisse [...] A partir do momento em que ele vai buscar informações sobre aquilo que eu questiono, que eu desperto, ele me procura, mesmo que seja de forma fragmentada dentro de uma aula [...] é uma forma de respirar, é quase que um balão de oxigênio, é uma maneira de me fazer importante, me fazer estar no meio deles. [...] Fazer com que a pesquisa me trouxesse condições de me fazer presente, de respirar.”

PC – “Porque é o que funciona. Porque eu acredito que funciona. [...] E quando você acredita naquilo que você faz, você é persistente, né ? Você acaba se tornando uma pessoa persistente. [...] através da pesquisa, você está contribuindo com o aluno com essa formação que ele necessita para a vida, porque é uma ferramenta que ele vai usar. Ele aprende a pensar, aprende a buscar, não ficar esperando. Ele passa daquela posição de passivo e passa a ser ativo, autônomo. [...]”

PD – “[...] faço com apenas uma classe. [...] um trabalho piloto em cima de uma proposta de trabalho com projetos de aprendizagem. [...] É um trabalho bem difícil, mais difícil do que você trazer tudo pronto, mas é aí, nessa busca que o processo envolve a pesquisa [...] o meu interesse é realmente fazer um trabalho que tenha resultados na aprendizagem [...]”

3c- importância

PA – “O aluno passa a ter mais vontade de ler, [...] escrever, faz perguntas, [...] instiga-os a procurar, a pensar, a perguntar, a entender que nada é 100% verdade ou 100% mentira. E o professor se envolve neste processo, aprendemos [...] juntos [...]”

PB – “[...] não obtêm informação pronta, não aceita a informação pronta,[...] a pesquisa te leva a vários canais, a várias informações. Então o aluno pesquisador [...] não aceita a informação de alguém como verdade absoluta. Ele tem capacidade de discernir [...] ele tem escolhas, opções, buscas [...]”

PC – “[...] Primeiro fui perceber o quão importante ela é para mim. Na minha aprendizagem, na minha forma de aprender a conhecer as coisas, a descobrir. [...] quando eu descobri a importância, como ela é importante para mim, é que eu comecei a trabalhar a pesquisa com os meus alunos na sala. [...] O aluno precisa desenvolver as habilidades, ele vai desenvolver lendo, pesquisando. [...] A ferramenta principal é a pesquisa, porque você não elabora nada, não projeta nada, não vai discutir sobre alguma coisa, se você não tiver uma informação, e aí você vai buscar esta informação através da pesquisa. Então foi aí que eu vi a necessidade realmente.[...] Não dá para parar de pesquisar, nunca na vida. É o tempo inteiro. Agora se o aluno aprende isso lá, no comecinho ? Já imaginou ? A qualidade é outra.”

PD – “[...] pela ação do aluno, [...] ele é movido pelo seu próprio interesse, [...] condição dele ter autonomia, de poder desenvolver uma aprendizagem por ele mesmo”

3d- forma da pesquisa

PA – “[...] durante a aula faço com que os alunos conversem comigo sobre o assunto que estamos estudando, vou percebendo até onde eles conhecem do assunto e conforme a aula se desenvolve, as perguntas vão surgindo, sugiro usarmos livros para procurar as respostas, peço muitas vezes para se reunirem em grupo para discutir e no final peço para exporem o que aprenderam no processo de procura. [...] sirvo como uma orientadora dos trabalhos que realizam, ajudo quando sou requisitada, discuto possíveis caminhos [...]”

PB – “[...] ele tem que pensar,[...] questionar,[...] indagar, ele tem que trazer o que ele está aprendendo para o que ele realmente entende. [...] Acredito que a palavra tem que ser entendida., [...] despertei uma curiosidade, [...] é fazer com que o assunto chegue ao aluno, não de uma forma acadêmica, não de uma forma chata, de uma forma simples, só isso”

PC – “[...] Você busca a informação, seleciona, organiza e faz uso daquela informação.

PD – “[...] temos um guia, [...] oferecido pelo Instituto Ayrton Senna, que é quem incentiva este tipo de trabalho, [...] não é que você tem que utilizá-la como uma cartilha rígida, a proposta deles é sempre que oriente o aluno a começar um projeto através do levantamento de uma situação problema, [...] o trabalho [...] é demorado, que exige muita intervenção, [...] cada aluno escolhe uma [...] pergunta, aí eles expõem o porque de ter escolhido aquela pergunta, qual conhecimento que ele já tem sobre aquele assunto, o que gostariam de saber. Depois vão expor oralmente, [...]. Depois eles escrevem, traduzem isso através da linguagem escrita. [...] Além da pasta é sugerido que cada um crie um Blog, [...] e ali ele registra a pergunta, o processo, só que o que ele deve colocar ali, não é puxado da internet, é justamente a síntese, um texto dele sobre aquilo que ele pesquisou em livros, internet, entrevista”

3e- científica ou formativa

PA – “Eu acho que um pouco dos dois, pois ambos são essenciais, mas a parte científica, procuro deixar para os alunos maiores que possuem uma visão mais crítica [...]”

PB – “[...] o aluno que eu trabalho não é um pesquisador no sentido de procurar o material [...] Não chega ser uma grande forma de pesquisa, mas é tirar aquele conceito de que é esse livro, é essa a verdade, [...] não gosto de trabalhar dessa forma, eu gosto do questionamento”

PC – “O científico a gente trabalha, bastante com os projetos. Dentro da ciência, na verdade, é fácil você trabalhar o método científico, porque é impossível você trabalhar ciências sem passar pela observação, pelo levantamento de dados, pela organização dos dados.[...] você incentiva, não fica só na experiência.[...]”

PD – “[...] trabalho com a pesquisa científica quando eu me proponho [...] que ele busque a informação, que ele interprete, analise, selecione, que ele reflita sobre a informação, e que ele tenha uma opinião própria sobre o assunto [...]”

3f- Escola

PA – “Porque eu percebia como a pesquisa estava se banalizando na escola, resumia-se em cópia de textos ou cópia impressa de textos da internet, quer dizer isso não é pesquisa. [...]”

PB – “[...] Quando a gente fala em pesquisa dentro da escola pública, por exemplo, o máximo que você pode estar fornecendo para o aluno são duas ou três coleções de livros, e as vezes até conduzindo a uma que vá ter uma resposta mais rápida, porque ele não vai ter tempo, nem paciência para estar lendo duas ou três coisas, para tirar uma idéia central, então a pesquisa mais ou menos gira entorno disso. Fornecer material, mas um material já direcionado. [...]”

PC – “Não tem, incentivo a pesquisa. A pesquisa parece que é para ser feita em casa daquela forma antiga, pega um livro leva para casa e faz a cópia, ou então, vai na lan house, baixa da internet, imprime e entrega para o professor. A escola ainda tem a mentalidade de pesquisa dessa forma.”

PD – “[...] voltada para desenvolver competência, que não é só decorar, é saber lidar com a informação, que não adianta só eles ficarem copiando e colando da internet, ou copiar do livro [...]”

3g – Conceito para o professor

PA – “A pesquisa envolve produção própria e o acesso à diversas fontes para discussão em grupo, esta para defender aquilo que se acredita no final da mesma, responder a sua pergunta e tentar respondê-la, através do processo acima, descobrir sua relevância [...] a pesquisa envolve, perguntar, questionar, procurar informações, discuti-las, provar seu ponto de vista e tentar chegar a uma resposta fundamentada.”

PB – “[...] Fazer com que meu aluno corresse atrás de informações. Para mim pesquisa nada mais é do que isso, portanto ele precisa correr atrás de informações [...]”

PC – “Bom, pesquisa, primeiro é uma forma de você buscar informação, sistematizar esta informação e mobilizar esta informação. Eu acho que... eu, entendo como pesquisa assim. [...] A pesquisa serve também como uma aprendizagem, porque na verdade você ensina o aluno a aprender. “Eu vou aprender sobre o que?”. Ele vai aprender exatamente um objeto lá no final. Mas o mais importante que eu acho, é você mostrar para o aluno que ele pode aprender a aprender. [...] o objetivo principal da pesquisa no ensino fundamental é o aprender a buscar, é

o aprender a aprender [...] ele percebe que ele precisa aprender a ler, para poder buscar informação, para poder aprender. [...]"

PD – “O aluno escolhe um tema para estudar e ele vai buscar a partir de uma situação problema, uma possível solução para a questão que ele levantou. O que o professor faz é orientar esse processo de pesquisa e acompanhar, incentivar.[...] pesquisa é uma busca com um determinado fim, e que a pessoa deve estar de alguma forma interessada e motivada a empreender esta busca, e esta vai exigir um determinado método e meios. Esta busca também não é só levantar opinião alheia, é discutir essa opinião, isso é pesquisa, envolve também a sua autoria e é o resultado dela.”

3h- Avaliação

PA – “[...] através do interesse, da participação [...] é diária [...] não digo que eu avalio da forma correta, talvez não, mas consigo ter uma noção de um certo progresso pelo menos com relação ao interesse deles.”

PB – “[...] É muito mais viável às vezes fazer uma única correção na lousa e dar pouca importância para esta coisa da nota, da avaliação, [...] porque o cansaço acaba causando injustiça, no nosso caso causa injustiça. [...] muitas vezes é mais viável fazer a devolutiva e fazer uma correção única, para que o aluno se depare com seu erro [...] e a partir do momento da sua explicação em cima do erro dele ele terá uma nova concepção, do que simplesmente você dizer “errou” [...]”

PC – “Eu avalio assim, não é na quantidade, na quantidade de informações ou nem se ele memorizou. Em cima da pesquisa, eu avalio mais no que ele conseguiu construir, depois que ele fez a pesquisa, porque para construir o produto final da pesquisa, mesmo que ele não tenha feito aquele trabalho formatado e tal. Mas ele viu o resultado dele. Então é em cima do que ele construiu na verdade, é que eu vou avaliar mesmo. Porque se ele chegou naquela construção, é porque ele foi, buscou informação, organizou essa informação, buscou os dados, fez o levantamento, tabulou e tal, tal. Aí no final deu aquele resultado, aí eu avalio. [...] a princípio eu não contava muito com a avaliação dos projetos. Acabou o projeto, acabou. Depois você vai aprendendo que seria interessante eles pararem para avaliar os projetos. Avaliar se aquele tema foi bom, foi legal, o que aprenderam, se foi legal, se aquilo lá tinha alguma importância na vida dele ou não. É momento de se avaliar. E eu avaliava e eles também avaliavam, e aí a gente via as falhas e daí no próximo a gente conseguia corrigir. [...] eu avalio desta forma, o que ele conseguiu construir, realizar depois da pesquisa, porque a pesquisa pela pesquisa é só um instrumento que eu utilizo para ele aprender a aprender. Mas a avaliar, o que ele construiu, o que ele realizou, se ele evoluiu.”

PD – “[...] posso te dizer que eu ainda necessito de maiores pesquisa, porque como o trabalho realmente não está acontecendo como deveria, no sentido de falta de apoio, de recursos humanos e material, se tivéssemos todas as condições favoráveis, eu poderia ter uma outra concepção, mas agora eu não posso te dizer. Porque certas ações, minhas mesmo, eu deixo de fazer, se eu deixo de empregar, o aluno deixa de ter essa oportunidade, e como eu vou avaliar, se eu não imprimir tudo aquilo que ele deveria ter tido, é difícil...”

3i- Falta para melhorar a prática

PA – “[...] tempo para estudar, para preparar melhor minhas aulas. Um número menor de alunos por sala [...] Ter um salário digno para que se pudesse diminuir o número de aulas [...]"

apoio pedagógico com coordenadores capacitados [...], com diretores menos intransigentes e que dessem apoio não o contrário. E incentivo para estudar [...]"

PB – “[...] brigar por htpc’s, por coordenadores descentes, um salário melhor, trabalhar no máximo 20 horas aulas na sala de aula e as 20 horas restantes trabalhar em estudo [...] Um número menor de aulas para poder estudar e me preparar mais. Um material de apoio a pesquisa, principalmente aquele fora do ambiente escolar [...] há a necessidade de tempo para que o professor consiga trabalhar, as informações primeiro para si (preparação) para posteriormente com os alunos.[...]”

PC – “ter [...] oportunidades de eu estar me qualificando. Isto é importante para o professor, é necessário para o professor. [...] Eu acho de extrema necessidade, essa qualificação. Mas pra isso precisa do quê ? Do tempo, né ? Do tempo para o professor fazer isso.”

PD – “[...] parceria com o grupo gestor e com os outros professores [...] em relação a organização de tempo/espço [...] da divisão com outros professores. [...] Tem que ter parcerias. [...] também envolve uma formação do professor [...]"

3j- Estímulos

PA – “[...] não é fácil, pois demanda tempo não remunerado, leituras, escritas, pensamentos, elaborações, tudo sendo doado sem recurso próprio além da boa vontade sua e de sua família [...]"

PB – “[...] os estímulos não são constantes nem uma prática natural dentro do magistério.”

PC – “Nenhum, [...] tem que ser tudo fora do seu horário de trabalho. [...] Mas não dá, porque realmente é muito trabalhoso, [...] há um desgaste grande do professor, aumenta muito mais o desgaste. Então, dá trabalho, eu vou fazer ? Com o salário que eu recebo, com o tempo que eu tenho, com o número de aulas no dia que eu tenho ? [...] Dentro da sala de aula [...] O incentivo nenhum. Se for algum projeto [...] de interesse da escola, ela talvez [...] de [...] uma maior facilidade de você usar uma sala de internet, [...] mas mesmo assim, não tem incentivo a não ser que seja fora do seu horário de trabalho, fora do seu horário, hein? E de preferência com um grupo pequeno de alunos, para poder não interferir na dinâmica da escola. [...] trabalho voluntário, voluntário mesmo. [...] tem, trabalhos que a gente tem que apresentar fora, que a gente vai fica fora do horário, e não é remunerado, e nem é negociado, nada, não tem nada, nada, nada. É voluntário mesmo.”

PD – “Não, muito pelo contrário, gasto minha luz, tenho que pagar o técnico do computador, meu telefone, banda larga. Não, não recebo nada, nem um incentivo da escola, nem um parabéns, não recebo nada.”

3k- Resultados

PA – “[...] você se empenha tanto durante as aulas e geralmente não consegue muitos resultados, pois temos alunos indisciplinados, [...] mas quando eles começam a enxergar a pesquisa, o seu trabalho se concretizando a postura muda [...] apesar de todos os tropeços, noites mal dormidas, dores de garganta, de cabeça, acredito ter plantado uma sementinha em alguns alunos, espero que continuem no processo de desenvolvimento para gerarem frutos, já que capacidade mostraram ter, só falta serem bem orientados no restante do processo”

PB – “Gosto de trabalhar em grupos, duplas, mesmo porque, tem sempre aquele que nunca faz nada, mas que você acaba dando a sorte de colocar ao lado ou próximo de alguém que faz alguma coisa é uma forma de incentivo. O isolamento não funciona, eles não sabem mais

trabalhar isolados, necessitam deste trabalho em grupo, é uma característica que nosso aluno assumiu. O silêncio entre eles não perpetua, esqueça, falar muito, exigir silêncio, acabou, isto não existe mais no magistério. Você tem que fazer com que ele trabalhe, muitas vezes ele está trabalhando e falando e conversando e escrevendo e ali ele está produzindo, e ali a sua aula acontece, mesmo que para você pareça uma grande bagunça, mas ele faz parte desta bagunça. E tem resultado [...]”

PC – “Acho que foi despertar no aluno, que ele é capaz, que ele é capaz de aprender. E que aquela aprendizagem [...] que ele descobriu, que é o aprender a aprender, ele vai levar para a vida inteira [...] Quando você fala em metodologia e tal, para você ver resultados, demora, demora um pouco [...]. Mas é um caminho, [...] o trabalho com pesquisa realmente é trabalhoso, mas o aluno aprende, viu? O aluno aprende, e ele passa a valorizar aquilo que ele conheceu, aquilo que ele aprendeu, aquilo que ele descobriu.[...] Aprende, desde que muito bem orientado. Se tiver orientação, ele aprende, aprende mesmo.”

PD – “Ah tem resultado sim, é que realmente ele podia ser muito mais potencializado, [...] para o aluno [...] Eu já vi diferença, não vou dizer que todos investiram nisso, mas eles perceberam que o que eles faziam antes, não é aquilo que eu estou pedindo agora. [...] Eu acho que tudo que o aluno faz por interesse e que demanda a sua própria ação, o resultado vai ser mais satisfatório, até por causa do compromisso que ele assume com sua aprendizagem.”

4- Condições de trabalho

4a- número de alunos

PA – “[...] difícil você conseguir dar conta de um número grande de alunos, [...] dependendo da sala teria que ser menos da metade, pois existem salas com 40, 45 alunos. Chega a ser desumano tanto para o aluno quanto para o professor [...]”

PB – “[...] a tarde tem no máximo 20 alunos por sala [...] É um lado da diretora que eu respeito que pouca gente conhece, ela respeita muito o estado do professor. [...] Ela tem apoio na diretoria, mas já está sofrendo pressão neste ano [...]”

PC – “De 40 a 45 [...] a aprendizagem deixa muito a desejar, porque como eu falei, existem alunos que conseguem acompanhar, [...] porque já chegou na quinta série alfabetizado. Mas, aqueles que tem maior dificuldade...[...] O ideal seria se todos me acompanhassem, a gente avançava muito mais rápido, mas e se não pode? É justo eu só ir para frente e não esperar aqueles que estão lá atrás? Tem momentos que eu tenho que dar uma parada... Agora se a gente consegue contemplar todo mundo, atender todo mundo... é complicado, né? [...] se fossem uns 20 alunos... talvez... hoje nós temos 10, 15 com dificuldades grandes. Se fossem 20 teríamos uns 5, então eu acho que você poderia ter mais agilidade, não sei, eu acho que seja por aí mesmo. A quantidade de alunos na sala vai repercutir sim na qualidade de ensino do aluno [...] se você fosse uma professora, para atender as necessidades de um aluno, individual. Beleza, porque você ia falar sobre o assunto que interessa a esse um.[...] Mas aí, eu precisava ser um professor para cada aluno. Numa sala de aula dá para fazer isso? Com 40 alunos? Atender, as necessidades e as expectativas de cada um? Não dá. E aí, começa essa impaciência como você falou, “eu vim aqui para receber, mas eu não quero ficar aqui sentado só ouvindo”[...] eu tenho ainda muita dificuldade, principalmente porque se trata de muitos, muitos alunos.[...]”

[...] A orientação coletiva, tudo bem, agora vai ter aluno que precisa de orientação individual. Agora com 40, 45 alunos tem como? Não tem.[...]”

PD – “[...] quanto maior o número de alunos em sala de aula, maiores são as dificuldades, tudo é proporcional [...] Já pensou orientar 40 alunos de uma vez ? Como você faz isso sozinha em um trabalho de pesquisa em sala de aula ?”

4b- apoio institucional

PA – “[...] falta uma política séria para a educação e eficaz que olhe o professor como a um profissional e não, um qualquer [...] O grande problema no estado é que dependendo da escola, você não escolhe a sala que quer [...] o professor quando se propõe a algo diferente, geralmente o faz sozinho, sem apoio, recebendo críticas [...] não existe suporte, nem boa vontade. [...] A escola possui uma [...] boa estrutura para a pesquisa, só falta dar apoio ao uso da mesma [...]”

PB – “[...] tenho dentro de uma escola, uma sala de informática com 20 computadores, fechada a sete chaves, e eu posso utilizar esta sala, desde que, eu chegue mais cedo, abra estas 20 chaves, entre nesta sala, arrume todos os computadores, ligue, instale, faça o que eu tenho que fazer para dar a minha aula, suba e pegue minha turma, desça com ela, dê a minha aula, verifique sozinha que os 20 computadores estão sendo utilizados de forma correta, termine minha aula, suba com a minha turma, deixo a minha turma lá e peço a Deus para que ela (turma) não destrua a sala, porque ela vai estar sozinha, volte, feche tudo, desligue todos os computadores, arrume tudo aquilo o que os alunos provavelmente vão mexer, feche todas as 20 chaves, e entregue de forma intacta. Em 50 minutos ? [...] Existem técnicos de apoio ? Não, o que existe é o profissional que dá 60 horas de trabalho por semana, que ainda tem que ter tempo para antes e depois preparar tudo isso. [...] Se eu tenho [...] um estudo do meio eu tenho que sair em campo para conseguir um ônibus, entrar em contato com as pessoas responsáveis do local onde vou levar os alunos, conseguir o ofício, entregar o ofício fazer a autorização, entregar a autorização, recolher a autorização. [...] não tenho, é difícil você encontrar este tipo de apoio dentro do ambiente escolar, algumas escolas até podem ter, mas é difícil.[...] trabalho muito e chego em cima da hora, eu costumo dizer que o professor antigamente saía da sala de aula sujo de giz, hoje ele chega na sala de aula sujo de giz, porque ele vem correndo da outra escola mal dá tempo de ele se limpar no caminho para entrar na sala de aula novamente.”

PC – “Não, não há. Não há apoio, nem na questão da ocupação dos espaços físicos da escola. [...] que a escola não tenha uma sala de informática, não tenha internet, mas a biblioteca ? Eu acho que tem que ter a liberdade de ir e vir do professor e do aluno. Com relação, a sala de vídeo, às vezes você também tem alguns obstáculos para você poder usar. [...] é tudo com muita, muita dificuldade, muita dificuldade. [...] ao número de aluno, por a classe ser muito numerosa, [...] o que acontece ? Você tinha que ter um apoio. Você sai com um grupo, outro grupo tinha que ficar com alguém, ou que pudesse ficar em algum lugar, ou que ficasse na sala...não pode, não tem como. Não tem suporte técnico, pedagógico, nenhum. Na sala de informática a mesma coisa. [...] as condições físicas da escola [...] porque para usar a biblioteca eu tenho que pedir [...] o bibliotecário tem mais autoridade que o professor, você não pode usar a biblioteca, para usar a sala de informática é uma dificuldade. Você tem que elaborar 10 projetos para que um seja aprovado...então vai ficando tão difícil, tão difícil a dinâmica dentro da escola, que por sua vez o professor sem condições de trabalho, vai ter o que para oferecer para o aluno ? [...] num lugar que eu me dava tão bem, e que eu tenho, sabe ? Eu falo isso com toda a certeza do mundo, com toda a convicção, eu me relacionava muito bem com meus alunos e eu tive que sair por conta da gestão...é doloroso isso... é doloroso... (lágrimas) [...] o que está faltando é essa parte de administrar e dar o suporte, e dar o apoio. Se tiver o suporte e o apoio, acho que já melhora bastante.[...]”

PD – “[...] o próprio guia prevê que o trabalho com os projetos em todas as classes seriam desenvolvidos em parceria com os outros professores, com os coordenadores e com o diretor, mas isso não acontece. [...] não tem talvez estrutura humana, mas física possui. [...] os gestores tem que estar buscando e insistindo e procurando que aconteça sempre, não é esperar que eles venham, é ir atrás. [...] a gente, às vezes tem que assumir o que o grupo gestor deveria [...] então ninguém quer, a pessoa até começa, mas depois desiste. [...] Um trabalho deste não precisa ficar preso numa sala de aula, [...] o que precisa mesmo é de ajuda na questão de tempo, e de ajuda humana, para poder organizar em turmas, enquanto uma sai para fazer uma pesquisa de campo, outra está na biblioteca fazendo outro tipo de pesquisa, outro grupo está na sala de vídeo assistindo algo que pode estar utilizando para o trabalho de pesquisa. É assim que funciona na maior parte das escolas que trabalham com PA, é que a minha escola não tem envolvimento do grupo gestor. [...] Em Araxá, por exemplo, está indo de vento em polpa, [...] porque as secretarias são parceiras, o prefeito envolve toda a secretaria de educação e evidentemente os professores, eles possuem reuniões de formação, grupos de discussão entre eles, facilidade de levar o aluno de um lado para o outro, (suspiro) tá muito difícil aqui praticamente sozinha.”

4c- tempo (fora do trabalho)

PA – “[...] falta ainda tempo para preparar melhor as aulas, tempo para conversar com meus colegas para que o trabalho seja interdisciplinar, que possamos trocar experiências [...] para que eu estude [...] nem sempre tenho tempo de corrigir tudo da forma como gostaria. [...] fica difícil ter qualidade quer seja de vida, de trabalho se você é obrigada a lecionar horas a fio, ninguém agüenta. [...]”

PB – “[...] não tenho tempo para pesquisar, pouquíssimo tempo para estudar, um cansaço absurdo diante do número de aulas e do tempo de magistério que já carrego, [...] com a quantidade de alunos, de aulas muitas vezes não tenho tempo de pesquisar, não tenho tempo de preparar aula, não tenho tempo de fazer uma correção decente. [...] no sábado eu consigo acordar muitas vezes ao meio dia “trebada” de cansada, tenho um monte de coisas para fazer na minha casa, fora o que eu trago do trabalho, no domingo mal consigo dar conta e a noite quando começa o fantástico já começo a chorar [...] Então muitas vezes eu trago coisas que vem e voltam sem se quer tocar, por isso te falei que a correção já se tornou uma prática completamente diferente para mim, por falta de tempo [...]”

[...] ele não tem tempo de ler, não tem tempo de lazer, não tem tempo de filtrar suas idéias para colocar em prática em sala de aula, por exemplo. Ele trabalha muito, trabalha em várias empresas, trabalha em várias horas, tem até um grande material pedagógico, que ele não sabe, muitas vezes usar e nem tem tempo para usar [...] a educação é maravilhosa, desde que o profissional tenha mais tempo para preparar, como acontece nas grandes universidades, onde você pega um profissional de gabarito que tem 10 aulas e ganha por 40, então ele tem 30 horas/aula, para ser um pesquisador, um preparador, e aí ele dá 10 aulas fantásticas.”

PC – “[...] o professor tem que trabalhar cada vez mais, porque ganhando cada vez menos ele precisa trabalhar cada vez mais e com isso fica faltando o tempo para ele conseguir se qualificar, como é que você vai ter tempo de se qualificar profissionalmente, se você tem que trabalhar cada vez mais para se manter vivo ? [...] tempo para se qualificar. [...] com 32 aulas em um horário, 32 em outro horário. Curso de capacitação aos sábados, [...] eu tenho a maior vontade, eu quero, [...] A minha pós aos sábados, também eu quero. Mas pensa e a qualidade ? [...] Eu vou estar com a minha cabeça assim... a minha aprendizagem vai ser a mesma ? O resultado vai ser bom ? Será ? Se eu tivesse, na semana menos aula, para que eu pudesse fazer na semana, os meus cursos e no sábado e no domingo, como toda pessoa merece, descansar...

É isso né? [...] a orientação toda da pesquisa nos projetos [...] atendimento individual, eu fazia no meu intervalo entre aulas, no horário de recreio, depois do meu horário, nossa cansei de ficar no período da noite. Meu horário acabava 6:20 e eu ficava até 9:00 horas da noite... com aluno. [...]

[...] você quer incrementar aquela tua aula, [...] buscar mais material para enriquecer esta aula. Aí você acaba batendo no tempo. Como é que você vai preparar material ? [...] executar aquela aula, com qualidade, eu preciso de material, eu preciso produzir, eu preciso buscar este material, eu preciso pedir emprestado, eu preciso de material para baixar este material, para produzir, e aí eu acabo batendo na questão do tempo. [...] falta tempo é para você produzir este material. Por quê ? Uma coisa que eu aprendi, é que material pedagógico, não é só livro didático. E também não é só um computador. Então, você para poder dar uma boa aula, você tem que pesquisar. Você quer baixar aqueles vídeos, você quer fazer isso, fazer aquilo, quer ir numa locadora ? Você tem que entrar numa locadora, vê que filme que tem, porque às vezes, não é só aquele filme que já existe, você quer inovar, aquele aluno já foi seu aluno 10 anos ali, e aí você vai passar as mesmas coisas para ele ? Você precisa estar inovando, no material, e aí o que acaba ? Faltando tempo para você buscar, produzir, pesquisar...

[...] E a questão dos horários, você tentar conciliar os horários. Para discutir, porque é uma grande dificuldade, uma grande dificuldade. E a dificuldade da orientação. Orientação em um grupo menor de pessoas, primeiro vem essa orientação coletiva, mas depois se faz necessária aquela orientação mais de grupo e tal, até chegar na individual. Porque os projetos de aprendizagem, você tem que trabalhar com o aluno individualmente, porque cada aluno está com um tema, e os interesses são diferentes. E você tem que se informar. Você tem que pesquisar referente a cada tema, para você poder orientar. E a orientação é individual mesmo, então quando você vai ter tempo para fazer isso ?”

PD – “Trabalho fora, porque quando eu visito os Blogs, ou quando eu tenho que fazer orientação pelas pastas, eu tenho que fazer fora do meu horário de trabalho [...] o instituto é bem claro, você não pode exceder o seu horário, mas não tem como. Eu já disse para eles que eu tenho que exceder, eu não tenho ajuda, eu tenho que fazer por dez.”

4d- salário

PA – “[...] recebendo um salário de acordo, não precisaria se sobrecarregar de aulas, teria tempo para estudar, se aprimorar, melhorar a sua prática pedagógica [...] o salário do professor não corresponde ao tempo dispendido para se trabalhar desta forma, talvez por isso poucos sejam os ‘loucos’ que o fazem [...]”

PB – “[...] pouquíssimo investimento na parte econômica do profissional da área da educação. [...] Ele trabalha muito, trabalha em várias empresas, trabalha em várias horas, [...] recebo por uma hora aula, muitas vezes R\$ 7,00 reais, isso me deixa muito triste [...]

PC – “[...] O que você ganha, não é o suficiente para cobrir o seu orçamento. Então você tem que trabalhar cada vez mais para dar conta do orçamento da casa. E são as necessidades básicas, não é luxo. É o mínimo. Educação para os filhos, alimentação, habitação, não falo nem saúde, porque nem plano de saúde eu tenho. Tive que optar por isso, ou pagar a escola da minha filha (faculdade) ou continuar no plano... [...] a questão salarial [...] no passar dos anos ele foi ficando cada vez mais achatado, cada vez mais achatado [...] (incentivo financeiro) Nenhum, nenhum. [...] Não, com o salário [...] você acaba tendo que trabalhar em duas redes. [...] até em três redes, estado, município e particular, ou seja, trabalha manhã, tarde e noite. Onde que você vai ter tempo, condições intelectuais, porque chega uma hora quer você vai estar esgotada.”

PD – “Não é suficiente para um padrão de vida normal de um professor de nível fundamental e médio, uma vez que este precisa estar se aperfeiçoando, tem que comprar livros, que fazer cursos, tem que se locomover, para este último ele tem que pagar a condução, tem que se vestir, não, impossível sobreviver com esse salário, ainda mais com dois filhos.”

4e- estrutura

PA – “[...] o governo vem investindo em material para os alunos, livros, computadores, merenda, mas investe apenas no material [...] não faltam livros didáticos claro, mas para desenvolver a aprendizagem do aluno não podemos nos ater apenas nos livros didáticos.[...] sala de informática, agora finalmente com internet [...] sala de vídeo [...]”

PB – “Condições pedagógicas sim [...] Eu acho que temos escolas estaduais [...] com um aparato muito maior pedagógico do que escolas particulares [...] existem condições ? Existem, mas só que muitas vezes não são viáveis, não há como se utilizar. [...] sala de informática, sala de leitura, biblioteca, laboratórios, sim, existe. [...] Então o que tem que mudar ? Simplesmente é o horário de trabalho, a disponibilidade de pessoal dentro de uma estrutura escolar, não me dê máquinas, nem milhões de livros, se não existe pessoal que lide com essas máquinas e com esses milhões de livros [...] Material pedagógico existe, suporte não...”

PC – “[...] na minha escola tem sala de informática, biblioteca, sala de vídeo, horta... a minha escola é uma escola especial, eu acho. Não sei dizer se são todas as escolas do estado tem isso, mas a minha tem. [...] Os recursos, não posso dizer que tenha encontrado dificuldades, porque a escola tem. [...] pelo menos a escola conseguiu essa estrutura toda, só que não é bem administrada. Acho que isso deveria ser melhor, administrado, melhor organizado. [...]”

PD – “[...] quando a escola não tem, como foi o caso, de ficar desde fevereiro sem internet, eu a princípio comecei a levá-los na Lan House³⁰ [...] eu levava depois da minha aula, eu pegava uns seis, oito alunos, e nas duas últimas aulas eu os levava para a Lan House. [...] Porque apesar de ter mais ou menos 15 computadores no laboratório, nenhum deles funciona conectado, na verdade nenhum deles estava funcionando de jeito algum [...] o próprio governo se dispõe a manter esse laboratório em ordem”

4f- reconhecimento

PA – “[...] a clientela não dá valor ao trabalho do professor. Me deixa triste ver que muitos acreditam que o professor falta na escola por faltar, mas não se preocupam com relação ao que esconde por trás destas ausências [...] é mais fácil culpar o professor, pois é o que recebe toda a carga [...] felizmente não são todos que não vêm a importância deste, mas infelizmente são poucos [...]”

PB – “[...] não é reconhecida. [...] No Brasil, por exemplo, ser educador, trabalhar com educação não é primordial, [...] eu acho, que ela não é reconhecida, não é reconhecida economicamente, não é reconhecida socialmente [...] Hoje em dia, não faço mais nem um curso fora do meu horário de trabalho. [...] eu exonerei no dia 17 de maio, e no meu pagamento de junho, meu salário já veio cortado, quando fui para a vice-direção em fevereiro,

³⁰ O termo LAN foi extraído das letras iniciais de "Local Area Network", que quer dizer "rede local", traduzindo assim uma loja ou local de entretenimento caracterizado por ter diversos computadores de última geração conectados em rede de modo a permitir a interação de dezenas de jogadores. O conceito de LAN House foi inicialmente introduzido e difundido na Coreia em 1996, chegando ao Brasil em 1998. A tradução para o português poderia ser "casa de jogos para computador". O plural é LAN Houses. (PIACENTINI, 2005)

só fui receber meu salário em maio, quer dizer que para te descontar eles são super rápidos, mas para pagar o seu trabalho demoram meses. Ninguém se quer sabe quem é a Professora que trabalhou 7 anos no cargo de ciências, ninguém sabe, minha evolução não acadêmica, que eu tenho direito veio cortada, então eu cheguei a conclusão de que você dentro do Estado de São Paulo, você é apenas um número. [...] Professor hoje não é mais importante, ele entra diz bom dia, boa noite, sai e ninguém vê, porque muitas vezes acontece isso. [...]"

PC – “[...] o que mais eu percebi, e o que mais me deixa muito abalada, muito triste é a questão da valorização do professor. Porque a 20 anos, 25 anos atrás, o professor tinha um valor na sociedade, e esse valor eu acho que refletia na qualidade do ensino. [...] o professor era valorizado, o aluno aprendia e o aluno sempre tinha sucesso, pelo menos a grande maioria. [...] Não era como é hoje, o aluno parece que está sempre sendo o fracasso, [...] é o reflexo, essa falta de valor do professor... [...] o professor era e é a ferramenta de trabalho, [...] Mas naquela época o professor tinha esse valor especial, que hoje não existe mais [...] o professor perdeu ao longo do tempo totalmente o seu valor, o que acaba sendo refletido na própria saúde. Se você não tem valor e se a culpa de tudo que esta acontecendo é atribuída a você, que pessoa você vai se tornar? As angustias vão aumentando cada vez mais, a sua saúde vai ficando cada vez mais debilitada, porque é uma cobrança muito grande em cima de você, é uma pressão muito grande, porque você é o responsável por tudo e você não tem valor algum [...] hoje o que passam ? O professor é isso, o professor é aquilo, o professor não é nada, o professor aquele... [...]"

PD – “Eu acredito que a importância do professor hoje é reconhecida, [...] se esse reconhecimento envolve o fator retribuição financeira, não [...] muito pelo contrário, gasto minha luz, tenho que pagar o técnico do computador, meu telefone, banda larga. Não, não recebo nada, nem um incentivo da escola, nem um parabéns, não recebo nada. [...] tenho conseguido perceber um reconhecimento especial por parte dos meus alunos. Pela postura deles em sala de aula, pelo comprometimento com os nossos acordos, os nossos combinados, um comprometimento até com o aprendizado deles mesmos.

4g- Investimento humano

PA – “[...] falta investimento para freqüentar cursos [...] O valor do salário base no Estado de São Paulo é baixíssimo [...] fica difícil comprar livros, dvd’s educativos, computador, ter internet, ir ao cinema, fazer cursos, os quais você acha que lhe enriquecerá profissionalmente e intelectualmente para ajudar no seu desenvolvimento e conseqüentemente no da aprendizagem dos alunos [...] que profissional se quer pagando-se um salário base de R\$ 750,00 reais ? Qual qualidade este terá ? [...] ainda não vi, investimento no professor de formal real e efetiva, talvez desse certo, quem sabe se o governo começar a investir mais na parte humana e não apenas na material, quem sabe uma melhora real, verdadeira, aconteça ?”

PB – “[...] o investimento humano, ou seja, no profissional foi muito pequeno [...] pouquíssimo investimento em material humano, e pouquíssimo investimento na parte econômica do profissional da área da educação [...] nós lidamos com a vida, com educação, com informação. Se você colocar um para fuso torto já corre um risco, imagine um sujeito torto ?”

PC – “[...] você está lidando com o ser humano e você faz a diferença na vida daquela pessoa, com o que você fala, com a sua postura...[...] Você precisa de viver, de se alimentar, de ter uma qualidade de vida. [...] tenho que ficar muito tempo fora de casa [...] É questão de sobrevivência, sobrevivência mesmo, se manter. Trabalhar, ficar mais horas fora de casa, para você ter um salário, um salariozinho mínimo, mínimo.[...] O espaço físico que está construído

é ótimo, mas precisa de material humano, você precisa de apoio, você precisa de certas pessoas. Numa sala de informática você tem que ter um apoio, na biblioteca seria interessante um apoio, então acho que falta esta parte mesmo.[...]"

PD – “[...] não tem talvez estrutura humana [...] se o professor pudesse estar na escola um tempo maior, ganhar por isso, e pode estar fazendo um trabalho com o aluno de orientação [...] em pequenos grupos, [...] seria o ideal, para você estar trabalhando com o aluno, o compromisso que ele deve ter com a sua formação [...] tem que investir numa formação do professor [...]"

4h – Número de aulas

PA – “Uma média de sessenta aulas por semana [...]"

PB – “53 horas semanais.”

PC – “32 no estado e 32 no município.”

PD – “Uma média de cinqüenta aulas por semana”

5- Vantagens do magistério

PA – “Bom até o momento, nenhuma, o único “bônus”, foi ter tido a oportunidade de fazer o mestrado.”

PB – “[...] dentro da sala de aula, eu me sinto livre, eu jamais conseguiria por exemplo, fazer um trabalho em que eu tivesse que apertar um botão todos os dias, por exemplo. [...] o professor, [...] tem a liberdade de fazer todos os dias, um dia diferente. [...] o ambiente de trabalho você pode fazer, [...] me fascina o fato de ter liberdade para falar, para produzir o que eu quero ali, exercitar, conversar, sentar, escrever, cortar, colar, pesquisar, então eu tenho a liberdade de fazer o meu tempo de trabalho, da forma como eu achar conveniente, e isso me encanta no magistério. [...]"

PC – “Acho que é participar da formação da criança, que eu acho que é o que tem de mais valor [...] Então hoje eu encontro os meus alunos e vejo como eu fiz, em algum momento da vida daquelas crianças, daqueles adolescentes, eu fiz a diferença, isso é de grande valor. Então o que tem de mais encantador na nossa profissão é isso. É você fazer parte da vida dessas pessoas, eu acho que isso é de um valor imenso, [...]"

PD – “Atualmente não vejo vantagem alguma, não é opção, é falta de opção.”

6- Desvantagens do magistério

PA – “[...] na verdade a estrutura em si, principalmente no ensino público, não existe suporte para o professor, a começar pela própria direção da escola que vê o professor como a um empregado cuja função é reter o aluno dentro da sala de aula. [...] Quando se tenta empregar algo novo na escola, você é barrada, vêm o discurso de que nada dá certo, não existe suporte para você, e quando algo não sai de acordo, logicamente a culpa é sua [...] As políticas públicas educacionais sempre a favor da burocratização e nunca da prática, não existe autonomia para o professor empregar sua prática, não existe tempo para os professores conversarem entre si e planejarem de forma interdisciplinar suas aulas [...] parece que a educação não é prioridade, o discurso teórico é muito bonito, mas a prática não condiz com a

teoria, quem sabe neste início de século, consigamos fazer alguma diferença, saindo da simples teoria [...]"

PB – “Receber pouco por tudo isso, [...] eu te falei um monte de coisas que eu faço [...] que eu desenvolvo, e [...] recebo por uma hora aula, muitas vezes R\$ 7,00 reais, isso me deixa muito triste. [...] eu lido com uma clientela que muitas vezes não quer estar lá, não quer estar sentado, não quer escrever, não quer pensar, [...] são vários não, que eu tenho que lidar, e isso é uma desvantagem terrível. Outra coisa, o professor ele hoje em dia, tem que se fazer ouvir, e brigar com a tecnologia, então ele tem que ser encantador, sedutor, ator [...] para conseguir dar o seu recado [...]"

PC – “A grande desvantagem [...] é a ausência na minha família, falo isso por mim. Acabo ficando muito ausente da minha casa, e acabo deixando as minhas filhas muito só [...] eu acho que isso se reflete na sociedade. Eu me vejo como outras mães. O tempo que eu passo orientando minhas crianças na escola é o tempo que minhas filhas ficam sem... então, é o que mais tem de desvantagem, é a questão da ausência. Mas entra também a questão da saúde, [...] dar aula desgasta demais. Então você percebe que ao longo do tempo o seu organismo vai ficando debilitado [...] minha resistência imunológica [...] está sempre baixa, [...] é uma afta, o cabelo está caindo, tudo é por conta do stress...é uma gastrite...tudo isso por conta da profissão [...] Fala-se tanto hoje de qualidade de vida, mas o professor não tem qualidade de vida nenhuma. Ele não se alimenta bem, aliás ele não se alimenta. Ele não dorme direito, não participa da família, ele ganha pouco, não tem valor na sociedade. Então se eu fosse elencar...a vantagem é uma, eu posso falar uma. Vantagens ? Desvantagens eu posso fazer uma lista, mais de dez..."

PD – “A começar pelo próprio sistema educacional, principalmente o público [...] Não existe suporte para o professor. A própria gestão, [...] faz o mínimo possível, quando o faz. Existe uma série de burocracias. Não digo nem que seja apenas culpa da clientela, dos alunos, não é só isso, é todo um sistema que já vem de cima e se reflete depois na base. [...] O professor acumula muitas funções [...] O discurso é muito bom, mas não está chegando a lugar algum, não vejo vantagem alguma na educação, para o professor não, pode ser que tenha para alguém, mas para nós não.

7- Alunos

7a- Pesquisa

PA – “[...] Você percebe os olhinhos brilharem quando descobrem algo novo, percebe também que após um certo tempo de contato com a pesquisa, eles já não são os mesmos, parecem descobrir que são inteligentes sim, só não sabiam. É como se, se descobrissem no processo, é muito interessante [...]"

PB – “[...] tem que pensar [...] questionar [...] indagar, ele tem que trazer o que ele está aprendendo para o que ele realmente entenda [...] muitas vezes ele está trabalhando e falando e conversando e escrevendo e ali ele está produzindo, e ali a sua aula acontece [...]"

PC – “[...] provoca no aluno o interesse. [...] para ele é algo novo. [...] quando você propõe para o aluno algo novo, justifica para ele, dá o objetivo para ele daquilo. Eu acho que ele passa a ter interesse, [...] aliás eu acho não, eu percebo isso, que ele se interessa. [...] através da pesquisa é que eles vão buscar as informações, vão buscar as respostas para aqueles problemas que foram levantados. Então ele é obrigado a ler, a pesquisar... [...] aprenda a aprender. [...] tem que ser autônomo, nas suas descobertas, e que acima de tudo, ele saiba [...] Sistematizar aquela informação, organizar aquela informação na cabeça dele. E aí, com isso,

ele vai ter o conhecimento, ele vai ter a aprendizagem. [...] O aluno quer ver a pesquisa dele valorizada, e como você vai valorizar ? Na hora que você apresenta, que você compartilha. [...] tem alguns alunos que acabam aprofundando mais, e acaba entendendo melhor, [...] Eu falo do ensino fundamental de quinta a oitava, mas isso podia começar lá...de uma forma, não sei exatamente como, qual seria, mas poderia começar lá no ensino infantil. Claro que não no mesmo formato e tal, mas deveriam estimular as crianças. [...]"

PD – “[...] alguns tiveram que reformular as perguntas, [...] que não geram processo de pesquisa, [...] isso demandava uma orientação, não direção, para que as perguntas fossem reformuladas sem se afastar da temática que o aluno queria [...]"

7b- Dificuldades na leitura/escrita

PA – “Até no ensino médio você acha, imagine no ensino fundamental [...] talvez por isso da indisciplina nas salas, não sabem ler, se expressar na escrita, então resta gritar, xingar, e fazer de conta que a escola é uma droga e que está lá só porque a mãe o obriga.”

PB – “[...] ele sai de uma quarta série sem saber ler, sai de uma oitava serie sem saber interpretar, ele sai do terceiro ano do ensino médio sem saber raciocinar, e ele sai da faculdade sem ser profissional, aí ele não passa no exame da OAB. [...] O que vai levá-lo a algum lugar é, ler, interpretar, escrever, raciocinar, pesquisar, é isso que a escola tem que se preocupar [...]"

PC – “[...] ele mal, mal sabe ler, mal, mal sabe interpretar [...] Aí ele não aprendeu a ler, porque ele podia passar sem saber ler, não aprendeu a escrever porque também viu que mesmo sem saber ler e todos os professores fazendo relatório disso ele também passava de ano [...] quando ele chega no ensino médio todo mundo fala, “ah mas ele chegou sem saber ler, escrever, apáticos, desinteressados...” [...] às vezes eu percebo que o aluno desenha a letra. Na cópia ele desenha a letra, mas ele não lê o que está escrito. Eu tenho um exemplo, um aluno copiava tudo na lousa, se eu fosse dar nota pela quantidade de páginas copiadas, ele era um aluno 10, mas não sabia ler [...]"

PD – “Nossa e como, até mesmo no ensino médio, essa é a preocupação, essas habilidades, muitos alunos ainda não tem, com relação a escrita e a leitura, e a entender o que lê, este trabalho justamente promove isto. Ajuda a você perceber o aluno que possui esta dificuldade e orientar neste sentido [...]"

Anexo 6

1. História de São Vicente

Os primeiros moradores portugueses em São Vicente, de acordo com Antonio Teleginski³¹ foram Antonio Rodrigues, mestre Cosme (bacharel) e João Ramalho, que desembarcaram em São Vicente no ano de 1493, da esquadra de Francisco de Almeida e para comprovar sua teoria, traz o depoimento do escritor vicentino, Frei Gaspar da Madre de Deus³² no livro *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*, que diz ter cópia original do testamento de João Ramalho, escrito nas notas da Vila de São Paulo pelo Escrivão Lourenço Vaz na data de três de maio de 1580 e que João Ramalho havia declarado em determinada ocasião ter residido no Brasil a quase noventa anos sem que nenhum presente o contestasse, validando portanto a dedução de Teleginski.

Os primeiros moradores exerciam o comércio com os aventureiros que vinham para São Vicente, de acordo com Teleginski, fornecendo-lhes farinha de mandioca, milho, carne, frutas, água, artefatos de couro, recebendo em troca, roupas, armas e ferramentas. Nessa época já se comercializavam escravos índios pelo Porto de São Vicente, que chegou a ser conhecido também, como Porto dos Escravos. Com relação à cana-de-açúcar em São Vicente, seu cultivo foi iniciado entre 1515 e 1520. No diário de Fernão de Magalhães, consta que já se plantava cana no ano de 1520, nesse período, foram trazidos ao Brasil através de São Vicente, o gado e os cavalos, que dos engenhos saíam canas para as outras capitanias, assim como também saíam de São Vicente, as éguas, vacas e ovelhas que se propagaram em todas as demais.

De acordo com documento consultado, escrito originalmente por Pedro Taques de Almeida Pais Leme datado do século XVIII e colocado em livro por Afonso de E. Taunay (2004) no livro *As Capitanias de São Vicente*, Don João III deu em remuneração pelos serviços prestados na Índia como soldados de fortuna 14 capitanias no Brasil. Martim Afonso de Sousa herdou cem léguas de costa brasileira, em documento (datado de 20 de novembro de 1530). Fundou a primeira vila que houve em todo o Brasil chamada de São Vicente e nela se estabeleceu o primeiro engenho de açúcar que houve no Brasil. Ao chegar em 1531, conheceu João Ramalho que vivia há muitos anos na região, casado com uma índia, filha de Teviricá (cacique da tribo) batizada - como Isabel -, e já possuidor de filhos casados. Martim Afonso concedeu para Ramalho, neste mesmo ano, terras na ilha de Guaibé, onde este fundou nova povoação, chamado Borba do Campo (Santo André).

São Vicente foi fundada oficialmente a 22 de janeiro de 1532, por Martim Afonso de Sousa que criou a primeira Câmara das Américas, um pelourinho, houve também na Vila a instalação do primeiro judiciário.

Frei Gaspar da Madre de Deus admite que em 1532, de acordo com Teleginski, já existiam engenhos de açúcar em São Vicente, dentre eles, menciona o da Madre de Deus, de Pero Góis, o de São João, dos irmãos Adorno sendo o terceiro, o Engenho do Senhor Governador, que em seguida passou a chamar-se Engenho dos Armadores e por fim, São

³¹ Professor de geografia e história e advogado. Site consultado http://images.google.com.br/imgres?imgurl=http://members.tripod.com/piquerobi/BRAZ_.JPG, acesso: 20 jun 2007.

³² Historiador colonial beneditino, nascido a 9 de janeiro de 1715, na Fazenda de Santana, perto do hoje chamado Rio Branco, em Samaritá, região continental de São Vicente. (<http://www.novomilenio.inf.br/sv/svh057.htm>, acesso: 02 jun 2007).

Jorge dos Erasmos, por ter sido vendido ao alemão Erasmo Scheter. Havia, ainda, engenhos em Santos e um, na Ilha de Santo Amaro. Os que possuíam engenho de açúcar em São Vicente, no ano de 1534 eram Estevão Pedrozo, Jerônimo Leitão, Salvador do Vale e os Guerra. Antes de haver engenho em qualquer outro lugar do Brasil, São Vicente conheceu várias categorias de engenhos, daqui se espalhou a industrialização da cana-de-açúcar pelo País.

Martim Afonso de Souza fundou, em São Vicente, no ano de 1534, uma sociedade mercantil denominada Armadores do Trato, essa empresa era formada pelos senhores de engenho de São Vicente, monopolizou a comercialização de todos os produtos importados, impôs aos pequenos produtores, o preço do açúcar e monopolizou a exportação dos produtos da terra, especialmente do açúcar. O açúcar era a moeda corrente em São Vicente, os salários eram determinados pelos Senhores de Engenho, no momento, detentores dos poderes mais expressivos sobre a sociedade local, obtiveram os Senhores de Engenho, inclusive, títulos de nobreza que a cana real lhes outorgava. As medidas não agradaram ao povo, que paulatinamente, abandonou o litoral e subiu a serra fazendo com que Piratininga (São Paulo) crescesse com o esvaziamento do Litoral, a partir daí, a hegemonia do açúcar passou para o Nordeste, especialmente, Bahia e Pernambuco.

A criação de gado, cavalos ovelhas, cabritos e outros animais europeus teve início em 1520, segundo registrou Aurélio Porto, foi de São Vicente que a criação do gado estendeu-se para o Sul até o Paraguai (1555), Uruguai e Rio da Prata, daqui o gado foi levado para a Bahia e para outras capitânicas do Nordeste. Na direção do Oeste chegaram os currais de gado a Goiás e Mato Grosso, no futuro território das Minas Gerais, antes da Mineração, eram conhecidas as manadas de gado dos criadores de São Vicente, era a chamada civilização do couro. Lugares onde eram apenas as pousadas dos tropeiros, tornaram-se cidades como Campinas em São Paulo, Campo Grande no Mato Grosso do Sul, Campos Rio de Janeiro e Vacaria Rio Grande do Sul, dentre outras, todas, porém, com origem na expansão territorial do gado. Capistrano de Abreu, Eugênio de Castro e outros historiadores realçam a função histórica do gado na penetração do interior e na fixação de suas populações, como na formação da unidade nacional, pela aproximação dos brasileiros do Norte e do Sul.

A criação do gado ensejou emprego aos índios e mamelucos que se tornaram excelentes boiadeiros, dada sua natural tendência à vida livre. Favoreceu, também, as migrações internas pela criação, transporte e comércio do gado. De acordo com Fernando de Azevedo, que em fins do ano de 1600, século XVII, havia mais de cem paulistas com fazendas de gado no alto do São Francisco.

O algodão nativo, também passou a ser cultivado, com isso teve início, em São Vicente, a indústria caseira do pano. Nesse por menor, as técnicas dos brancos prevaleceram sobre as nativas, embora os índios e os mestiços fossem os tecelões mais hábeis da capitania. Em 1578 a câmara de São Paulo determinou aos tecelões que não fizessem pano de algodão de menos de três palmos e meio de largura, a não ser com licença municipal. Confeccionavam-se em São Vicente, redes, franjas, chapéus, bem como, trabalhava-se o couro, confeccionava-se sapatos, sandálias e botas. Também de acordo com Teleginski, narra o Padre Anchieta, que os índios faziam do couro de anta uma espécie de colete à prova de flechadas.

Uma história interessante narrada por Pedro de Magalhães Gândavo (1576, p. 28-31), e afirma ser a sua verdadeira, perto das demais contadas até então, é sobre uma lenda que existe até o período atual em São Vicente, que fala sobre o monstro Ipujiara. De acordo com

Gândavo, lhe foi contado que no ano de 1564 na Capitania de São Vicente, foi morto um monstro marinho, que foi avistado no período noturno por uma índia escrava que aterrorizada foi chamar o filho de seu “dono” e este sem acreditar, mandou que esta fosse averiguar-se. Voltando mais aterrorizada, o rapaz, pegou sua espada e foi verificar o que ocorria, ao chegar a praia viu um animal que não se parecia com nenhum outro e ia caminhando em direção ao mar, o rapaz parou na frente do animal que não podia prosseguir caminho, levantou-se sobre as barbatanas do rabo. O moço então enfiou-lhe a espada na barriga, fazendo com que o animal urrasse (provavelmente de dor) e com a boca aberta foi para cima de quem lhe agredira e este novamente cortou-lhe, desta vez um ferimento na cabeça. O animal se volta mais uma vez para o mar, mas antes que conseguisse fugir, outros homens aparecem guiados pelos gritos da índia, e terminam de matar o “monstro” (ou um pobre animal assustado que pela descrição devia ser um leão marinho). Levaram o animal a vila, para que todos pudessem vê-lo, de acordo com o autor, baseado em seus relatores, o monstro possuía quinze palmos de comprimento. O rapaz, cujo nome era Baltasar Ferreira tão transtornado, ficou um bom tempo sem conseguir se comunicar. O texto original e o desenho do “monstro”. Como toda lenda existe um fundo de verdade, mas provavelmente não é toda ela.

São Vicente era considerada cabeça de capitania, mas no século XIX à 27 de abril de 1683, por carta régia, São Paulo foi considerada cabeça em seu lugar, e elevada à cidade em 27 de julho de 1711. São Vicente reconhecidamente recebeu seu título como Cidade Monumento da História Pátria, mas perdeu seu lugar na importância do país, com o passar dos anos e o desenvolvimento de outras cidades e capitais.

Elevações e títulos de São Vicente

São Vicente, como já foi citado, foi elevada à vila em 22 de janeiro de 1532, a Município em 29 de outubro de 1700, à Comarca em 23 de setembro de 1961 e recebeu o título de Estância Balneária pela Lei Estadual 1.352 de 7 de julho de 1977.

De acordo com texto escrito por Olao Rodrigues³³, a Lei nº 4.603, sancionada em 20 de março de 1965 pelo presidente Castelo Branco, publicada no Diário Oficial da União em 23 de março de 1965, que outorgou a São Vicente, o título de *Cidade Monumento da História Pátria*, foi baseada no ato, das vinte e duas razões abaixo expostas, elaboradas pelo historiador Francisco Martins dos Santos e apresentadas ao Congresso Nacional pelo deputado Athié Jorge Coury, em 1952. Segue abaixo as vinte e duas razões que fizeram com que São Vicente fosse então titulada como Cidade Monumento da História Pátria.

- 1 - Desde 1526 São Vicente já era uma povoação fortificada e, em 1502, já aparecia em cartas geográficas do Brasil;
- 2 - Aventureiros, por esta época, já partiam de São Vicente, subindo o Rio da Prata, para descobrir prata no Sul do continente;
- 3 - Em 1526 já era a principal feitoria brasileira, mantendo grande comércio e tráfico de índios;

³³ Olao Rodrigues, já falecido, foi jornalista e escritor em Santos. Texto publicado no Almanaque da Baixada Santista - 1976, por ele editado, sendo impresso na Prodesan Gráfica, Santos/SP, consultado em www.novomilenio.inf.br/sv/svh018.htm, acesso: 20 jun 2007.

- 4 - É a primeira Vila criada no Brasil, em 22 de janeiro de 1532;
- 5 - De São Vicente partiu todo o movimento da primeira catequese brasileira, iniciado por Leonardo Nunes, o Abarebebê;
- 6 - Foi a sede do primeiro governo da costa do Brasil, consignado em Carta Régia por D. João III;
- 7 - Da Armada de Martim Afonso de Souza, em 1532, partiu a primeira bandeira, sob a chefia de Pêro Lôbo;
- 8 - Em São Vicente foi onde houve a primeira divisão administrativa do Brasil, com a criação da Capitania Hereditária;
- 9 - Os 27 primeiros nobres portugueses e genoveses vieram com Martim Afonso, sendo que em São Vicente começou a sociedade paulista;
- 10 - É o lugar de onde partiram os elementos criadores e formadores da história paulista, com a fundação de São Paulo;
- 11 - De São Vicente partiu, em 1532, a missão pacificadora da Confederação dos Tamoios, formada por Nóbrega, Anchieta e Adôrno;
- 12 - Em 27 de janeiro de 1565 a Armada de Estácio de Sá partiu da Vila levando recursos para a fundação do Rio de Janeiro;
- 13 - Coube a São Vicente defender toda a obra colonizadora do Brasil, durante os séculos XVI e XVII, causando a fundação de Paranaguá, São Sebastião, Moji das Cruzes, Santo Amaro, Parnaíba e outras vilas;
- 14 - A Vila sustentou o bandeirantismo paulista com alimentação e vários recursos para o desbravamento do sertão;
- 15 - O bandeirantismo paulista nada mais é do que bandeirantismo vicentino, pois não havia a Capitania de São Paulo e sim a de São Vicente;
- 16 - A Vila foi quase extinta no século XVIII para que povoações e descobrimentos fossem feitos, aumentando a colonização no Brasil;
- 17 - A importância das cidades pioneiras de uma civilização não se afere por seus aspectos materiais, mas por seus fatos históricos e sociológicos;
- 18 - O decreto que criou o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, por uma falha, cogitou menos do patrimônio histórico que do artístico do País, abandonando as relíquias históricas;
- 19 - Por isso mesmo, há o valor da tradição e a importância da mística da origem e do passado;
- 20 - Não há cidade brasileira, por estes motivos, que possa disputar com São Vicente a glória de pioneira e criadora de uma Pátria;

21 - Portugal e os portugueses já consagraram os direitos históricos de São Vicente, erguendo um marco comemorativo do 4º Centenário da Colonização Portuguesa, iniciada em 1532;

22 - O próprio Governo Brasileiro, em 1932, reconheceu o papel e a precedência histórica de São Vicente, oficializando as comemorações do 4º Centenário de Colonização Portuguesa.

Educação na História de São Vicente

De acordo com fontes consultadas, o Município recebeu sua primeira escola em 1553 denominada Colégio dos Meninos de Jesus, inaugurada em 02 de fevereiro, durante a festa de purificação de Nossa Senhora, sendo seu fundador e primeiro reitor o padre jesuíta Leonardo Nunes, o colégio, tinha como meta principal a evangelização e o ensino das primeiras letras, constava de seu currículo a escrita, leitura, contas, canto e doutrina cristã (normas eclesiais, catecismo, latim, português).

O padre Leonardo Nunes, ingressou na Companhia de Jesus, no Colégio de Coimbra no ano de 1548 e foi indicado para missionário no Brasil, um ano após, em 1549. Chegou como membro da missão dirigida pelo padre provincial Manuel da Nóbrega (1517-1570), na comitiva colonizadora do governador geral Tomé de Souza (1505-1573). Trabalhou inicialmente na Bahia, onde foi fundado o primeiro Colégio dos Meninos de Jesus, e depois seguiu para São Vicente, em companhia do padre Diogo Jacome, a fim de iniciar a catequese dos índios. É considerado o primeiro apóstolo do Estado de São Paulo e o primeiro encarregado do indígena catarinense, de sua autoria restam duas cartas, ambas datadas de São Vicente (1551), uma das quais foi publicada em tradução italiana, em Veneza (1559).

Viajando do século XVII para o século XIX, existe ainda na cidade um prédio datado deste período, foi inaugurado como escola em 10 de junho, esta foi denominada de Escola do Povo e construída por um grupo de vicentinos que decidiram fundá-la, a maioria pertencia à Loja Fraternidade de Santos, que auxiliou no trabalho de construção do prédio, de acordo com relato colhido em texto publicado em 26 de março de 1969, o senhor José Joaquim de Azevedo Junior, nascido na vila de São Vicente em 30 de outubro de 1884, explica ter ficado triste por terem trocado seu nome de Escola do Povo para Grupo Escolar de São Vicente e que (a escola):

Ela começou a funcionar na rua XV, em frente ao armazém de Antão e Antero. Depois mudou-se para o Largo Batista Pereira, voltou para a Rua XV e em 1898 transferiu-se definitivamente para a atual Praça Coronel Lopes. Era mantida por uma meia dúzia de pessoas. A gente respondia à chamada às 9 horas e só voltava para casa às 17 horas; almoçava-se o lanche reforçado trazido de casa. (<www.novomilenio.inf.br/sv/svh058.htm>, acesso: 20 jun 2007)

Em 1913, a Escola do Povo passou a ser administrada pelo Governo do Estado de São Paulo, que resolveu ampliá-la, construindo um prédio em forma de U, dando fundos para a Avenida Padre Anchieta. Passou a ser denominada, então, Primeiro Grupo Escolar de São Vicente, com oito classes. Em 20 de dezembro de 1979, o Estado mudou mais uma vez a denominação, desta vez para Escola Estadual de Primeiro Grau Ziná de Castro Bicudo, que permaneceu até a desativação do imóvel como unidade escolar, passando a ser ocupado pela

Diretoria Regional de Ensino. A desativação da escola foi justificada pelos investimentos realizados pelo Estado em São Vicente, que ampliou a rede escolar em vários bairros.

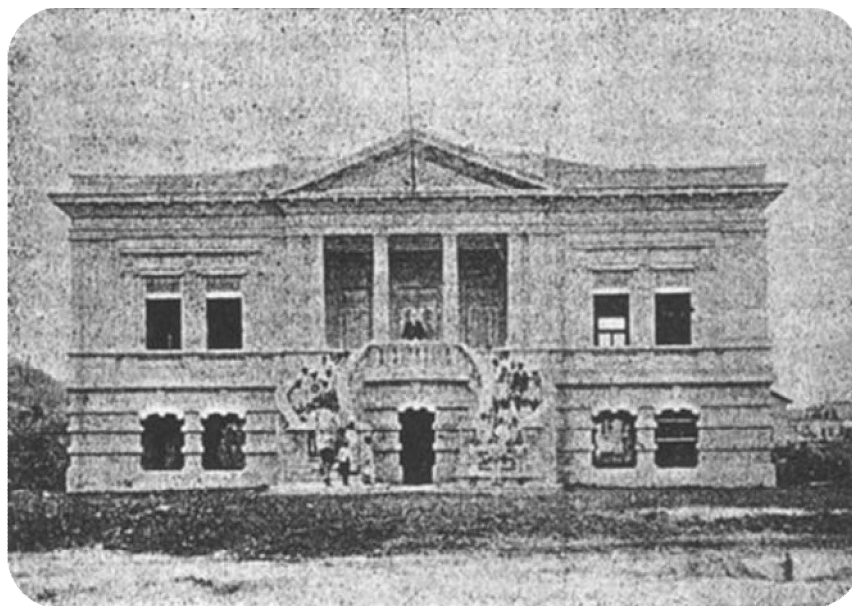


Figura 04 - S. Vicente - Escola do Povo

Foto publicada na edição especial da *Revista da Semana/Jornal do Brasil* de janeiro de 1902
(<<http://www.novomilenio.inf.br/sv/svfotosnm.htm>> acesso: 20 jun. 2007)

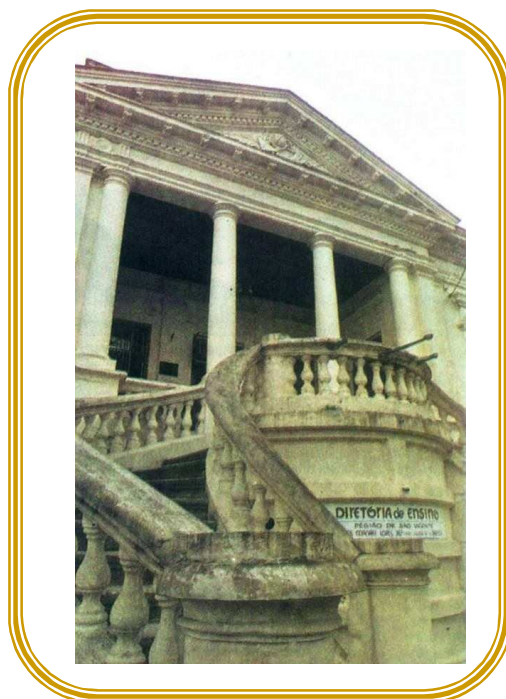


Figura 05 - O antigo prédio escolar terá suas características preservadas

Foto: João Vieira, publicada com a matéria
(<<http://www.novomilenio.inf.br/sv/svh029.htm>>, acesso: 20 jun 2007)

Nesta mesma escola, estudaram algumas personalidades, uma delas, contada no livro Cacilda Becker³⁴ – *Fúria Santa*, foi a atriz que dá nome a obra e sua irmã Cleide Yáconis, sua família fixou residência em 1932 na casa de uma tia na Rua Barão de Paranapiacaba, sua mãe Alzira Leonor Becker era uma das professoras da escola.

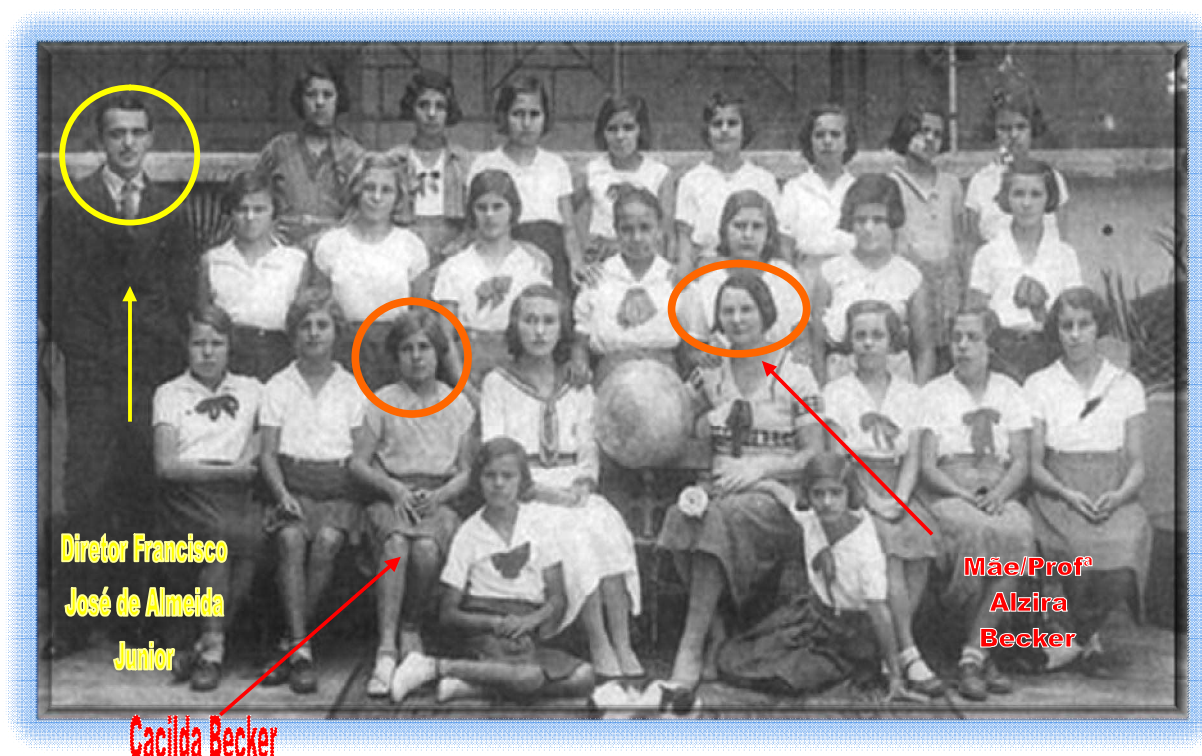


Figura 06 - Foto de 1933, com alunos do Grupo Escolar de São Vicente

Cacilda Becker é a terceira sentada, da esquerda para a direita. Sua mãe, Alzira Leonor Becker, está sentada ao lado direito do Globo Terrestre. (<<http://www.novomilenio.inf.br/sv/svh029.htm>>, acesso: 20 jun 2007)

Na cidade, também no século XIX, de acordo com texto publicado³⁵, no ano de 1892, duas professoras brasileiras, de origem alemã, denominadas Adelaide e Ana Isabel Giebler, abriram a primeira escola particular, com o trabalho precursor dos chamados jardins de infância e pré-primário, completando-a com o ensino de conhecimentos iniciais. No dia 01 de setembro de 1905, foi fundado pelas duas irmãs o Colégio da Imaculada Conceição que passou a funcionar em melhores instalações em um chalé à Rua Frei Gaspar, esquina com a Rua XV de Novembro e lá por muito tempo permaneceu, sem sua irmã que faleceu em 10 de

³⁴ Foi atriz brasileira e um dos maiores mitos dos palcos nacionais. Filha de imigrante italiano, nascida na cidade de Piraçununga a 6 de abril de 1921, tinha nove anos quando seus pais romperam o casamento, com sua mãe e duas irmãs fixaram-se na cidade de Santos, onde Cacilda ainda jovem freqüentou os círculos boêmios e mais vanguardistas, já que por ser filha de pais pobres e separados não podia estabelecer amizade com pessoas da alta sociedade. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Cacilda_Becker, acesso: 20 jun 2007)

³⁵ Site www.novomilenio.inf.br/sv/svh047.htm, acesso: 20 jun 2007.

outubro de 1922. A professora Adelaide era filha do Dr. Henrique Giebler (da Alemanha) e de Ana Guimarães, nasceu no Rio de Janeiro e faleceu aos 78 anos, no Hospital São José, em São Vicente, em 06 de dezembro de 1965. Está sepultada na campa perpétua 963-"O", nesta cidade, onde também repousam os restos mortais de sua mãe, falecida em 22 de novembro de 1919, e de sua irmã Ana Isabel. Foi casada com Antônio Macedo, serventuário da Justiça.

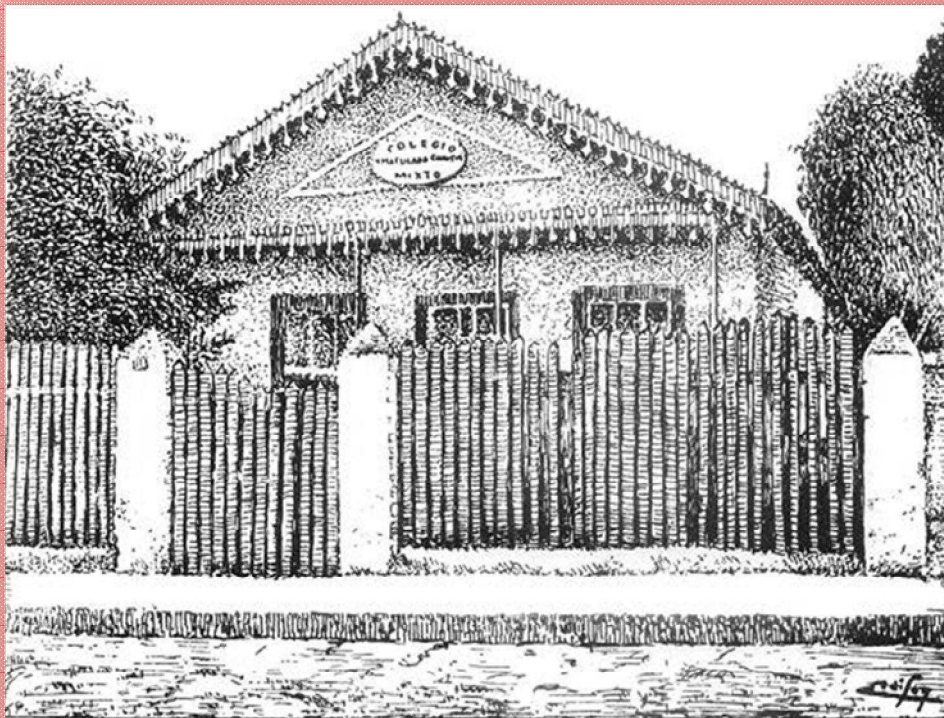


Figura 07- Colégio Imaculada Conceição, Rua Frei Gaspar, esquina XV de Novembro, em 1912.

A placa designativa foi doada pelo sr. Paulino de Oliveira Filho

Imagem: bico-de-pena do autor do livro, publicado com o texto

(<http://www.novomilenio.inf.br/sv/svh047.htm>, acesso: 20 jun 2007)

São Vicente desde sua colonização possui rica história educacional, talvez fosse interessante se estas fossem trabalhadas dentro do currículo de história das escolas vicentinas, independente de serem públicas ou particulares, uma vez que o tesouro de um povo vem de sua história, de sua cultura. Embora a história de sua educação ainda está por ser escrita, entre os primeiros relatos da época colonial e o momento presente há uma grande lacuna, com o desenvolvimento das cidades de São Paulo, Santos, Cubatão entre outras, São Vicente foi se transformando em uma cidade cuja importância foi se perdendo com o tempo, deixou de interessar, de certa forma, os historiadores que apenas possuem olhos para Santos, bem se vê a quantidade de trabalhos escritos sobre esta cidade. Não houve, ou não teve como São Vicente, preservar a maior parte de seus documentos que foram perdidos.

Anexo 7

Tabela 8 - Categorias para observação / entrevista / condição salas

Categorias	Professora A	Professora B	Professora C	Professora D
Como trabalha com o aluno?				
Questiona	Sim	Sim	Sim	Sim
Deixa o aluno questionar	Sim	Sim	Sim	Sim
Como se posiciona ?				
Dá as respostas prontas	Não	Não	Não	Não
Cópia na lousa ou do livro	Não	Não	Não	Não
Deixa o aluno tranqüilo para errar sem medo	Sim	Sim	Sim	Sim
Escuta o que os alunos tem para falar	Sim	Sim	Sim	Sim
Dá atenção aos trabalhos	Sim	Sim	Sim	Sim
Envolve-se com a sala	Sim	Sim	Sim	Sim
Estimula:				
a participação dos alunos	Sim	Sim	Sim	Sim
a leitura	Sim	Sim	Sim	Sim
o pensar crítico	Sim	Sim	Sim	Sim
a escrita própria	Sim	Sim	Sim	Sim
a argumentação fundamentada na leitura	Sim	Sim	Sim	Sim
Possui clareza ao orientar os alunos	Sim	Sim	Sim	Sim
Possui competência em sua área (disciplina) para trabalhar	Sim	Sim	Sim	Sim
Dá atenção para todos na sala	Sim	Sim	Sim	Sim
Consegue organizar a sua sala	Sim	Sim	Sim	Sim

Alunos mostram-se em sua maioria:				
Interessados	Sim	Sim	Sim	Sim
participativos	Sim	Sim	Sim	Sim
organizados	Sim	Sim	Sim	Sim
Estrutura da sala de aula:				
Lousa em perfeitas condições	Não	Não	Não	Não
Material didático diversificado acessível	Não	Não	Não	Não
Carteiras e cadeiras em ótimo estado de conservação	Não	Não	Não	Não
Piso em ótimas condições	Não	Não	Não	Não
Janelas em perfeitas condições de uso	Não	Não	Não	Não
Presença de mais de um ventilador	Não	Não	Não	Não
Estrutura da escola:				
Suporte técnico e pedagógico	Não	Não	Não	Não
O professor possui material de trabalho (sulfite, lápis, caneta, livros, borracha, xérox...) ³⁶	Não	Não	Não	Não
Acesso facilitado e suporte nas salas de:				
vídeo	Não	Não	Não	Não
informática	Não	Não	Não	Não
biblioteca	Não	Não	Não	Não

³⁶ Material disponibilizado para o professor pela escola.

Incentivo : reuniões coletivas - finalidade trocar experiências entre os professores de suas práticas	Não	Não	Não	Não
Incentivo e suporte a prática do ensino pela pesquisa	Não	Não	Não	Não
Incentivo e suporte para o professor desenvolver o seu próprio material de trabalho	Não	Não	Não	Não

Anexo 8

Tabela 9 - Comparativa - Teóricos

Teóricos	Conceito de pesquisa	Importância do uso	Metodologia	Postura do professor	Postura do aluno
<p>DEMO</p> <p>Pesquisa princípio educativo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Como princípio científico e educativo; • Maneira de fazer e refazer conhecimento; • Educar ressaltando o desafio do questionamento. 	<p>Na postura do professor e do aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Saber pensar; • aprender; • Avaliar-se e avaliar; • Qualidade formal e política. 	<ul style="list-style-type: none"> • Estratégias didáticas que facilitam ou instigam o questionamento reconstrutivo; • Leitura constante; • Ambiente estimulante; • Trabalho em equipe organizado e produtivo; • Participação ativa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Motivar o aluno; • Trabalhar em conjunto com o aluno; • Orientar o aluno permanentemente para expressar-se de maneira fundamentada; • Exercitar o questionamento sempre; • A formulação própria; • Reconstruir autores, teorias e • Cotidianizar a pesquisa. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aluno sujeito; • Autônomo; • Participativo; • Espírito crítico; • Trabalha em conjunto com o professor; • Saber procurar; • Autor; • Sempre presente.

<p>MORAES, R</p> <p>Educar pela pesquisa</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Educação voltada a formação de sujeitos críticos e autônomos 	<ul style="list-style-type: none"> • Favorece a construção de novos conhecimentos e argumentos; • Superação da aula copiada; • Transformação do aluno objeto em sujeito do processo de aprender; • Envolvimento dos sujeitos em diálogo e discussão críticos; • Qualidade política transformadora. 	<ul style="list-style-type: none"> • A partir do questionamento de conhecimentos dos participantes, procura-se respostas; • Estas são apresentadas em forma de novos conhecimentos; • Fundamentados teórica e empíricamente; • Comunicados e criticados para melhoria de sua qualidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação ativa; • Trazer suas vivências; • Estimular a leitura, a produção dos alunos; • Orientador, mediador. 	<ul style="list-style-type: none"> • Participação ativa; • Trazer suas vivências; • Ler livros; • Explorar teorias; • Consultar autores.
--	--	---	---	---	---

<p>CACHAPUZ, PRAIA e JORGE</p> <p>Ensino por pesquisa</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A informação que se procura nasce na discussão dos alunos com ajuda do professor 	<ul style="list-style-type: none"> • Educação científica humanizada; • Ensino numa perspectiva de ação (ciências); 	<ul style="list-style-type: none"> • Sem respostas prontas, sem conduções marcadas; • Estratégias e atividades que estimulem a problematização; • A formulação síntese de idéias, assim como as crenças dos alunos; • Soluções provisórias para problemas reais e sentidos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Envolver os alunos efetiva e cognitivamente; • Exercitar o contínuo exercício do pensar; • Por currículo em ação de forma atenta, intencional e fundamentada • Ajudar e não dirigir; • Compreender e não resolver; • Estimular a reflexão e o repensar; • Valorizar perspectivas interdisciplinares,; • Ensinar só aquilo que compreende. 	<ul style="list-style-type: none"> • Deve se apropriar do conhecimento científico existente, reorganizando e reformulando as suas idéias prévias, atribuindo sentido ao que aprende (aprendizagem significativa); • Desempenha responsabilidade partilhada e cooperativa; • Assumir tarefas ao longo do trabalho de pesquisa
---	--	--	---	--	---

<p>GALIAZZI</p> <p>Educar pela pesquisa</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Movimento dialético que acontece em múltiplos ciclos. • Vão do questionamento de um estado de ser, saber ou fazer à construção de argumentos e sua validação em comunidades argumentativas. 	<p>Favorecer a capacidade de:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Argumentação; • Aprender a trabalhar na improvisação; • Escrever com autonomia (sem cópia); • Saber pensar. 	<p>Envolve:</p> <ul style="list-style-type: none"> • ações conjuntas e articuladas entre o professor e o aluno, com o compromisso formal e político para o desenvolvimento de competências, tais como: <ul style="list-style-type: none"> - saber perguntar, dialogar, construir argumentos, validação destes, estar aberto para superar-se e ser superado. 	<p>Envolve competência dialógica:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Exercício da escrita (produção); • Leitura; • Coletivos de pesquisa; • Aprender a ouvir os ruídos e os silêncios dos alunos; • Mediador; • Conhece o caminho, mas não o resultado. 	<ul style="list-style-type: none"> • Questionador • Sujeito; • Autônomo; • Participativo; • Espírito crítico; • Trabalha em conjunto com o professor; • Saber procurar; • Autor; • Sempre presente.
---	--	--	--	---	--

Anexo 9

Tabela 14 - Comparativa - Professoras - Entrevistas

Professoras	Conceito de pesquisa	Importância do uso	Metodologia usada	Pesquisa, graduação e cursos de aperfeiçoamento	Dificuldades
A	<ul style="list-style-type: none"> Envolve perguntar, questionar, procurar informações, discuti-las, defender o que acredita, fundamentar seu ponto de vista, discussão em grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> Aluno → vontade de ler, escrever, fazer perguntas, procurar, pensar, nada é 100% verdade; Professor orientador → melhora a sua prática, leitura, produção. 	<ul style="list-style-type: none"> Usa a pesquisa intrínseca aos conteúdos da sua disciplina (ciências). 	<ul style="list-style-type: none"> Não houve contato com a pesquisa na graduação; Sente falta de cursos de capacitação que utilizem a pesquisa; Não houve um trabalho para preparação prática dos professores na graduação. 	<ul style="list-style-type: none"> Desvalorização profissional; Baixos salários; Falta de condições estruturais em determinados casos (suporte técnico, equipamentos funcionando, número de alunos por sala, entre outros); Falta de apoio pedagógico e do corpo administrativo; Falta de tempo para estudar e preparar as aulas de forma adequada; Falta de investimento no professor.

<p>B</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Aluno correr atrás de informação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aluno → não aceita informação pronta, tem capacidade de discernir, tem escolhas, opções, buscas; • Professor orientador → se faz necessário em sala de aula. 	<ul style="list-style-type: none"> • Usa a pesquisa intrínseca aos conteúdos da sua disciplina (ciências). 	<ul style="list-style-type: none"> • Não houve contato com a pesquisa na graduação; • Sente falta de cursos de capacitação que utilizem a pesquisa; • Não houve um trabalho para preparação prática dos professores na graduação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desvalorização profissional; • Baixos salários; • Falta de condições estruturais em determinados casos (suporte técnico, equipamentos funcionando, número de alunos por sala, entre outros); • Falta de apoio pedagógico e do corpo administrativo; • Falta de tempo para estudar e preparar as aulas de forma adequada; • Falta de investimento no professor.
-----------------	---	---	---	--	---

C	<ul style="list-style-type: none"> • Forma de buscar informação, sistematizar, e mobilizar esta informação; • O objetivo principal no ensino fundamental é o aprender a buscar, é o aprender a aprender. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aluno → aprende a pensar, a buscar, não ficar esperando. Passa de passivo para sujeito ativo, autônomo; • Professor orientador → aprende no processo, melhora sua prática. 	<ul style="list-style-type: none"> • Usa a pesquisa atrelada a projetos de aprendizagem dentro da temática de sua aula (ciências). 	<ul style="list-style-type: none"> • Não houve contato com a pesquisa na graduação; • Sente falta de cursos de capacitação que utilizem a pesquisa; • Não houve um trabalho para preparação prática dos professores na graduação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desvalorização profissional; • Baixos salários; • Falta de condições estruturais em determinados casos (suporte técnico, equipamentos funcionando, número de alunos por sala, entre outros); • Falta de apoio pedagógico e do corpo administrativo; • Falta de tempo para estudar e preparar as aulas de forma adequada; • Falta de investimento no professor.
---	--	---	---	--	---

<p>D</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Envolve escolha do tema, situação problema, possível solução para a questão. Busca com determinado fim, exige métodos, meios e autoria. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aluno → movido pelo próprio interesse, autonomia, desenvolver aprendizagem por ele mesmo; • Professor orientador → melhora da prática em sala de aula, aprende durante o processo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Usa a pesquisa atrelada a projetos de aprendizagem inerente a sua disciplina (artes). 	<ul style="list-style-type: none"> • Não houve contato com a pesquisa na graduação; • Sente falta de cursos de capacitação que utilizem a pesquisa; • Não houve um trabalho para preparação prática dos professores na graduação. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desvalorização profissional; • Baixos salários; • Falta de condições estruturais em determinados casos (suporte técnico, equipamentos funcionando, número de alunos por sala, entre outros); • Falta de apoio pedagógico e do corpo administrativo; • Falta de tempo para estudar e preparar as aulas de forma adequada; • Falta de investimento no professor.
-----------------	---	---	---	--	---

Anexo 10**Entrevista Professora A – escola 1 (Ano 2006)****Idade ?**

36 anos.

Profissão ?

Professora.

Disciplina que leciona ?

Ciências e biologia.

Nível que leciona ?

Fundamental e médio.

Tempo de magistério ?

10 anos.

É efetivo da escola ?

Sim.

Leciona em escola estadual ?

Sim.

Atualmente trabalha em quantas escolas ?

Apenas em uma.

Trabalha apenas com o ensino fundamental ?

Não, com o médio também.

Ministra quantas aulas por semana incluindo htpc e htpl ?

Atualmente 24 horas no total, precisei diminuir para dar conta dos estudos, mesmo assim fica complicado ser uma boa professora e pesquisadora ao mesmo tempo, principalmente sendo algo novo como o mestrado, seria muito melhor se pudéssemos estudar apenas, mas já que o estado obriga o bolsista a trabalhar e ser assíduo no mesmo, fica complicado ter qualidade.

Você trabalha em uma só escola, porque o salário que recebe é o suficiente para você?

Na verdade não, como estou fazendo mestrado, não tenho condições de lecionar o mesmo tanto que eu costumava. O valor do salário base no Estado de São Paulo é baixíssimo para manter um padrão de vida aceitável de um professor de educação básica, não recebemos ajuda financeira de nenhuma espécie, as gratificações são pagas para prender o professor dentro da sala de aula, pois se o mesmo por doença ou algum problema faltar, recebe apenas o valor básico ou nenhum valor, portanto fica difícil comprar livros, dvd's educativos, computador, ter internet, ir ao cinema, fazer cursos, os quais você acha que lhe enriquecerá profissionalmente e intelectualmente para ajudar no seu desenvolvimento e conseqüentemente

no da aprendizagem dos alunos, enfim realmente falta uma política séria para a educação e eficaz que olhe o professor como a um profissional e não, um qualquer, que pode servir de babá e quem sabe, ensinar alguma coisa as crianças, enquanto os pais trabalham e seus filhos permanecem na 'escola'. Na verdade vivemos em um mundo capitalista onde o dinheiro manda e sem o mesmo você não tem a possibilidade de morar, comer, se vestir, estudar, locomover-se (transporte), enfim sobreviver, portanto, que profissional se quer pagando-se um salário base de R\$ 750,00 reais ? Qual qualidade este terá ?

Quantas aulas então você costumava ter que lecionar ?

Uma média de sessenta aulas por semana, tive que desistir de muitas aulas, porque não ia conseguir dar conta dos estudos.

Nossa e conseguia manter a qualidade do seu trabalho lecionando tantas aulas por semana?

Na verdade eu tentava, mas não posso dizer que conseguia cem por cento do tempo, havia dias que parecia um zumbi, sem vontade, apenas sendo guiada por um instinto, mas de que forma você sobrevive, se a sua profissão não recebe o devido valor monetário ? É difícil. Qualidade ? Quase impossível, em condições tão desumanas.

Você sempre exerceu a função de educadora ?

Sim, sempre fui professora.

Por que decidiu escolher a vida docente ?

Na verdade a princípio ela me escolheu, pois fiz biologia pensando em ser bióloga, uma pesquisadora, mas como no Brasil dificilmente a educação recebe verba, imagine pesquisadores voltados ao meio ambiente, preservação dos ecossistemas, de acordo com muitos isto é contra o 'progresso' (risos) o que então é progresso ? Mas enfim, os pesquisadores acabam sendo escassos nesta área, exatamente por não receberem incentivo e o mercado, na época, pois agora existe uma pequena brecha, mas...bom, praticamente inexisti, principalmente para os iniciantes, portanto iniciei naquilo em que me formei, professora, no começo foi difícil, pois não tive base nenhuma na faculdade de como lidar com a realidade de uma escola, principalmente estadual, tive que aprender na prática, erro e acerto. Com o tempo fui pegando gosto pela educação, mas ao mesmo tempo desestímulo, exatamente por todos os problemas apresentados anteriormente, como financeiros, políticos, estruturais, assim como a clientela não dá valor ao trabalho do professor. Me deixa triste ver que muitos acreditam que o professor falta na escola por faltar, mas não se preocupam com relação ao que esconde por trás destas ausências, muito menos os pais, é mais fácil culpar o professor, pois é o que recebe toda a carga e está na frente de 'batalha', pode-se comparar a um soldado raso sem valor, felizmente não são todos que não vêem a importância deste, mas infelizmente são poucos; e o governo ajuda muito pouco, quase nada para que essa visão deixe de existir ou melhor modifique-se, de que o professor é folgado, preguiçoso, não gosta de estudar, não tem vontade de trabalhar, se isso chega a ser real, porque será que ele chegou a esta condição?

Realmente na atualidade não é fácil ser professor, por isso, porque continua ?

Porque eu acredito na educação, nos professores, nos alunos, nos sujeitos, no Brasil, só falta clareza de pensamento, por isso estamos aqui enquanto pesquisadores, seres pensantes, críticos, procuradores de respostas, para tentar ajudar na transformação dos sujeitos, por isso acredito no meu trabalho dentro da sala de aula.

Desde que você começou no magistério, percebeu alguma mudança até o momento, com relação a educação no Brasil ?

Bom, mudança..., o que dá para perceber em sala de aula é uma indisciplina muito maior do que existia antes, um desleixo por parte dos alunos e até mesmo dos pais, que quando chamados na escola para discutir problemas que envolve o aprendizado de seus filhos, estes não aparecem. Um sentimento de impotência frente aos problemas apresentados na educação e que nós professores, “responsáveis por tudo” não estamos dando conta, salários cada vez mais defasados, que atinge direto nossa saúde física e principalmente mental, bom, esses são os pontos ruins. Os bons, bom, o governo vem investindo em material para os alunos, livros, computadores, merenda, mas investe apenas no material, ao meu ver, não é o instrumento que vai ensinar o aluno, não é mesmo ? Mas olhando-se positivamente, pelo menos do ponto de vista material, a escola está bem suprida.

Você diz que o governo não investe no professor, mas ele não disponibiliza a bolsa para o professor fazer mestrado ?

Sim, é verdade, com um pequeno porém, você precisa ser efetivo do estado e continuar trabalhando em sala de aula, pois se não, não recebe a bolsa. Ou, pode ficar afastado pela diretoria de ensino, fora da sala de aula, mas não recebe a bolsa, recebe seu salário equivalente a quarenta horas trabalhadas, sem nenhuma gratificação, além de ficar sem a bolsa, então não sei se realmente o governo investe, ou finge investir na qualificação docente.

Por que fingir ?

Ora, quando se faz um mestrado, você precisa se dedicar, porque é uma pesquisa séria, é um outro patamar na sua vida educacional, e você precisa de tempo, principalmente saúde mental para isso, mas quando você fica sobrecarregada com suas aulas na escola, mais as disciplinas que deve cursar, mais os trabalhos para apresentar, mais sua pesquisa para realizar, mais trabalhos que precisa apresentar em congressos, palestras para ver, enfim, ainda ter que dar no mínimo seis aulas por dia, mais htpc, mais provas para corrigir, mais bolar formas de tentar desenvolver o aprendizado das crianças. Não é nada fácil, por isso eu lhe disse, que parece que o governo finge investir, porque, obrigar o docente continuar em sala de aula, é demais... Mas com todos estes problemas, pelo menos uma coisa boa sai disso tudo, a qualificação do professor, porque o mestrado te enriquece demais, é muito bom, faz você se sentir viva de novo, porque depois de um tempo na ‘educação’, se você não respirar novos ares, você começa a morrer intelectualmente...

Porque diz isso ? Morrer intelectualmente ?

Ué, você chega em casa tão cansada, que não tem vontade de pegar um livro, de sair e ver uma peça, de fazer nada, você está esgotada e com o passar do tempo sua vida se resume a isso, aula, cansaço, aula, esgotamento, aula. Vou te dizer uma coisa. Estou recebendo muito, muito menos, mas nunca pude respirar tão bem quanto agora, estou estudando, escrevendo, e tudo isso com, um certo tempo, pois deixei a minha maior carga horária para fazer o mestrado, mas estou feliz. Com um monte de contas para pagar (risos), mas neste aspecto feliz, mais serena, tranqüila, depois eu penso como pagar as contas, agora este momento é meu (risos).

Você acredita estar ligada, diretamente, a qualidade do ensino, com o salário do professor?

Não posso afirmar, pois necessitaria de uma pesquisa para afirmar categoricamente, mas possui uma certa lógica, não vou dizer que melhoraria cem por cento dos professores, porque como em qualquer profissão existem aqueles que não querem estudar, acham o campo

educacional um bom muro para se encostar, mas uma grande maioria quer realmente melhorar a sua prática educacional, e recebendo um salário de acordo, não precisaria se sobrecarregar de aulas, teria tempo para estudar, se aprimorar, melhorar a sua prática pedagógica, fundamentando-a na teoria vigente. Não sei, mas pelo menos isso, ainda não vi, investimento no professor de formal real e efetiva, talvez desse certo, quem sabe se o governo começar a investir mais na parte humana e não apenas na material, quem sabe uma melhora real, verdadeira, aconteça ?

Como profissional na área da educação, o que você pensa da sua profissão ?

Importantíssima, é a pessoa, depois da família, que ensina e está a maioria parte do tempo em contato com os outros sujeitos, no caso os educandos. Se o profissional tiver uma péssima qualificação, como será a aprendizagem dos alunos deste professor ? Tão péssima, quanto agora se ele estiver bem preparado, não importa se ele está em uma escola modelo, toda equipada com materiais de última geração, ou em uma cabana, a qualidade do ensino será a mesma, independente dos materiais, porque quando o profissional tem qualidade e competência, ele faz os seus instrumentos, não precisa de nada pronto, ele possui autonomia para criar em conjunto com seus alunos.

Quais são os vantagens que você percebe em trabalhar na área da educação ?

Bom até o momento, nenhuma, o único “bônus”, foi ter tido a oportunidade de fazer o mestrado.

E quais seriam então as desvantagens em se trabalhar na área educacional ?

Bom, na verdade a estrutura em si, principalmente no ensino público, não existe suporte para o professor, a começar pela própria direção da escola que vê o professor como a um empregado cuja função é reter o aluno dentro da sala de aula. Depois chegam os relatórios, realizados para aqueles alunos que atrapalham a aprendizagem dos demais, por conta da bagunça, este relatórios de nada servem, pois são apenas mais um meio burocrático para fazer com que o professor tenha mais trabalho e nada aconteça de efetivo para melhorar a situação do aluno. Quando se tenta empregar algo novo na escola, você é barrada, vêm o discurso de que nada dá certo, não existe suporte para você, e quando algo não sai de acordo, logicamente a culpa é sua, porque lhe foi avisado que não ia dar certo, mas esqueceram de analisar que talvez não tenha dado certo, pela falta de suporte. As políticas públicas educacionais sempre a favor da burocratização e nunca da prática, não existe autonomia para o professor empregar sua prática, não existe tempo para os professores conversarem entre si e planejarem de forma interdisciplinar suas aulas. Enfim, o que há é uma ‘burocratização’ que vem de cima para baixo e ninguém sabe de nada, porque o de cima empurra para o debaixo e quem está no final é que fica achatado no processo, que claramente é o professor. Enfim, no final, o aluno é indisciplinado, mas a indisciplinada vem por que ? Porque o professor é incompetente ? São tantas perguntas e quase nenhuma resposta, porque no final parece que a educação não é prioridade, o discurso teórico é muito bonito, mas a prática não condiz com a teoria, quem sabe neste início de século, consigamos fazer alguma diferença, saindo da simples teoria e entrando mais na prática ?

Espero quer sim, por isso estamos aqui não é ?

Com certeza (risos).

Como você se sente, enquanto profissional da educação, no aspecto pessoal, profissional, educacional ?

Com relação aos meus alunos, muito bem, porque criamos um vínculo, o aluno pode ser indisciplinado, mas ele sabe quando você se importa com ele, e mesmo que de vez enquanto,

eles passem dos limites, gritando, conversando alto, quando você pede a atenção e conversa com eles, tudo muda, então, com relação aos meus alunos, me sinto bem. Agora no aspecto profissional relacionado ao monetário, acho que já respondi (risos).

Em sala de aula como você descreveria seus alunos ?

Bom, são interessados, mas não são a totalidade, as classe são heterogêneas, mas posso dizer que uns 40% são muito interessados, uns 30% são interessados, uns 20% não sabem se estudam ou vão na onda dos bagunceiros, e os 10% restantes não sabem o que querem, ou acham que não querem estudar. Com defasagem de aprendizagem, acredito que em uma sala de 35 alunos, pode-se tirar, talvez dois com problemas reais, mas o restante possui potencialidade.

Como você faz para trabalhar com um número grande de alunos e fazer com que estes aprendam ?

É difícil, tanto é que muitos acabam não sendo desenvolvidos em toda sua potencialidade, exatamente porque é difícil você conseguir dar conta de um número grande de alunos, o trabalho seria muito mais efetivo com um número no mínimo da metade de alunos, dependendo da sala teria que ser menos da metade, pois existem salas com 40, 45 alunos. Chega a ser desumano tanto para o aluno quanto para o professor. Mas sempre fui de fazer pergunta para os alunos, fazer com que participassem da aula, não dou as respostas prontas, as vezes passo até uma resposta errada para começar uma discussão, quando percebo que estes não perceberam, peço para que eles procurem na literatura para podermos discutir. Nos últimos tempos, tenho me validado do uso da pesquisa dentro da sala de aula, é uma boa forma de desenvolver a aprendizagem dos alunos, faz com que eles tenham curiosidade, vontade de trazer o assunto para a aula seguinte, para discutirmos, até mesmo apresentar trabalhos, começaram a gostar, claro que é um trabalho difícil, exige muito do professor, mas de certa forma compensa, pois você não cai naquele óbito intelectual (risos).

Fale-me um pouco sobre o seu trabalho dentro da sala de aula utilizando a pesquisa.

Bom, no começo eu não sabia muito bem como trabalhar, sem contar que quando você não é concursada (efetiva) é nova no estado (pouca pontuação), você fica com salas que estão vagas porque o professor está afastado por diversos motivos, e com isso é difícil você ter uma continuidade do seu trabalho, ou até mesmo ver um retorno, pois o professor volta para a sala de aula. Mas após minha efetivação, comecei um trabalho com uma sala modelo, não vou dizer que foi fácil, pois tive que estudar muito, com recursos próprios (dinheiro, tempo) e tentar fazer com que os alunos produzissem, mas com o passar do tempo, foram iniciando uma consciência sobre a importância da leitura, da escrita e por fim estávamos já fazendo até mesmo debates, estavam iniciando o seu pensar crítico, mas a sala não ficou comigo no ano seguinte e tive que recomeçar em outra sala. O grande problema no estado é que dependendo da escola, você não escolhe a sala que quer, pois existem outros professores na sua frente para a escolha (pontuação), portanto é complicado, mas no ano passado comecei com uma quinta série, eles chegam muito brutos, no aspecto da autonomia, e temos que ajudá-los em sua lapidação, sirvo como uma orientadora dos trabalhos que realizam, ajudo quando sou requisitada, discuto possíveis caminhos, e o mais prazeroso é ver que com o tempo eles começam a se interessar e sempre trazem temas para a discussão, mas o caminho é arduo, pois primeiro você bate com a indisciplina, depois com o volume de alunos em sala de aula, este trabalho é exaustivo para o professor, tanto é que sempre me foco em uma sala, pois com tantos percalços, ficaria inviável conseguir trabalhar com mais de 175 alunos, pois o uso da pesquisa demanda orientação, leitura dos trabalhos, enfim demanda tempo.

Mas a escola não dá suporte ou ajuda para desenvolver o trabalho, uma vez que o trabalho visa desenvolver a aprendizagem dos alunos ?

É muito difícil, muitos não possuem visão, estão presos ao passado, ou a burocracia, é complicado, o professor quando se propõe a algo diferente, geralmente o faz sozinho, sem apoio, recebendo críticas e por isso muitas vezes não se tem continuidade nos trabalhos desenvolvidos nas escolas, falta de apoio, a direção que deveria ser o primeiro a apoiar, na verdade é o primeiro a te dar um chute na boca do estomago, não existe suporte, nem boa vontade.

É complicado quando você não possui suporte também, por exemplo, para uso da sala de informática. Se você não doar seu tempo para preparo da sala para que a aula aconteça, dificilmente ela irá ocorrer. A mesma coisa acontece com a biblioteca, não existe um suporte para que você a utilize. Se você não preparar o material também não irá usar. Então fica complicado sem estrutura, sem suporte, sem ajuda. Aí além de você dar suas aulas, ainda tem que trabalhar de graça para preparar com antecedência o que seria serviço de outros... Não me importo de fazer, desde que eu tenha condições salariais e de tempo para executá-las....

Se é difícil, porque você escolheu utilizá-la ?

Porque além de impulsionar os alunos de volta ao seu ser questionador, investigador, ela faz com que eu me prepare e aprenda durante o processo com os meus alunos. Claro que como já coloquei, sem suporte, logicamente você não consegue desenvolver um trabalho tão bom quanto gostaria, ou mesmo fazer o desenvolvimento com toda a sala, mas dentro do possível é uma boa metodologia, claro que poderia ser muito melhor empregada, mas aí não depende apenas dos professores.

Por que você considera importante utilizar a pesquisa como instrumento de aprendizagem ? Quais são as vantagens ?

O aluno passa a ter mais vontade de ler, até mesmo de escrever, faz perguntas, alguns não se contentam em procurar em um ou dois livros, querem mais. Claro que é um ou outro, mas instiga-os a procurar, a pensar, a perguntar, a entender que nada é 100% verdade ou 100% mentira. E o professor se envolve neste processo, aprendemos de certa forma juntos, porque quando chego em casa vou para a internet para procurar também, para que na hora da discussão eu também saiba o que falar, e até mesmo para avaliar o progresso da aprendizagem durante o processo.

Você utiliza a pesquisa em que sentido, científico ou formativo ?

Eu acho que um pouco dos dois, pois ambos são essenciais, mas a parte científica, procuro deixar para os alunos maiores que possuem uma visão mais crítica, mais amadurecida, mas logicamente já vou plantando uma sementinha, já que não adianta se ter idade e não ter desenvolvido o aspecto crítico e argumentativo próprio da pesquisa.

O que você entende por pesquisa, o que ela é para você ?

Bom, entendo que não é o que vemos na prática escolar, como por exemplo, pede-se uma pesquisa e o aluno traz um texto xerocado da internet, alguns não tem o cuidado de se quer retirar as propagandas. A pesquisa envolve produção própria e o acesso à diversas fontes para discussão em grupo, esta para defender aquilo que se acredita no final da mesma, responder a sua pergunta e tentar respondê-la, através do processo acima, descobrir sua relevância, enfim, não vou dizer ser “expert” no uso da pesquisa em sala de aula, pois como descrevi o professor mal possui tempo se quer de almoçar, ou lanchar, quanto mais estudar ou preparar-se adequadamente para uma aula, visto que para receber um salário condizente, é obrigado a trabalhar até 14 horas por dia, no meu caso tenho dois filhos pequenos e preciso educá-los,

uma vez que a obrigação corresponde a mim, e não a professora da escola dele, portanto para mim, a pesquisa envolve, perguntar, questionar, procurar informações, discuti-las, provar seu ponto de vista e tentar chegar a uma resposta fundamentada. Claro que o professor é quem irá ensiná-lo este caminhar, mas para que ocorra o professor precisa estar bem preparado.

E você está ?

Poderia estar bem mais, não acho estar tão preparada quanto deveria e como gostaria, mas...preciso trabalhar com o que tenho, embora com o mestrado já amadureci bem mais, mas falta ainda tempo para preparar melhor as aulas, tempo para conversar com meus colegas para que o trabalho seja interdisciplinar, que possamos trocar experiências, enfim, suporte, tempo, dinheiro, estrutura (suspiro), boa vontade também ajuda (risos).

Você usa a pesquisa como instrumento de aprendizagem em sala de aula ?

Sim, acredito que sim. Faço uso da pesquisa para tentar driblar um pouco esta falta de vontade de ler e de escrever do aluno. O interessante que estes não tem preguiça de escrever uma cópia, mas se tiver que elaborar um texto próprio, com suas idéias só faltam morrer. Então foi uma maneira de estar trabalhando com eles algumas aprendizagens que são importantes para a vida cidadã, como, por exemplo, saber se expressar tanto na forma oral quanto escrita, pois sabemos na vida adulta o quanto isto é importante.

Você comentou que utiliza a pesquisa para ensinar seus alunos e como você faz em sala de aula ?

Bom, é difícil colocar em palavras assim, mas basicamente durante a aula faço com que os alunos conversem comigo sobre o assunto que estamos estudando, vou percebendo até onde eles conhecem do assunto e conforme a aula se desenvolve, as perguntas vão surgindo, sugiro usarmos livros para procurar as respostas, peço muitas vezes para se reunirem em grupo para discutir e no final peço para exporem o que aprenderam no processo de procura. Relatando dessa maneira parece ser algo simples, uma receita pronta, mas na verdade com o trabalho usando-se a pesquisa, o bom é que não existem receitas, você se constrói juntamente com o outro no processo e esse aprendizado se desenrola durante as interações, mas não é fácil, pois demanda tempo não remunerado, leituras, escritas, pensamentos, elaborações, tudo sendo doado sem recurso próprio além da boa vontade sua e de sua família, pois o salário do professor não corresponde ao tempo despendido para se trabalhar desta forma, talvez por isso poucos sejam os 'loucos' que o fazem (risos), mas acredito que para tudo há um começo, se alguém não começar, nunca haverá começo.

Quer dizer quer você trabalha fora do seu horário de aula?

Sim, mesmo existindo o htpl (duas ou três horas por semana pagas), gasto muito mais do que isso preparando as aulas, pensando maneiras de como trabalhar com eles um determinado tema, pois tento conciliar a matéria que preciso passar com o uso da pesquisa, e com isso, passo as vezes até de madrugada olhando na internet, imprimindo atividades, gravando em cd's, enfim, sim trabalho fora do meu horário e não sou remunerada para isto.

Você diz faltar tempo para discutir com os professores e no htpc ?

Htpc ? Impossível, é muito informação para 60 minutos, três vezes na semana, isso quando o professor consegue fazê-lo, pois muitos estão em tantas escolas, que vive mais em período de trânsito de uma escola para outra, do que em sala de aula, portanto é complicado, sem contar que o htpc é utilizado também para o ensino médio em rede, que também não dá tempo de discutir, enfim, preocupa-se em haver 200 dias letivos e 800 horas anuais, mas será que é isso que vai influir na qualidade do aprendizado das crianças ? Eu acredito que não, seria muito

melhor existir 200 dias letivos, onde 50 dias seriam destinados ao trabalho pedagógico do professor, quem sabe a qualidade não melhorasse ? Só saberíamos, se tentassem.

Por que escolheu usar a pesquisa como instrumento de aprendizagem ?

Porque a considero completa, ela sendo usada de forma correta consegue desenvolver a aprendizagem dos alunos, pelo menos eu acredito que sim. Você percebe os olhinhos brilharem quando descobrem algo novo, percebe também que após um certo tempo de contato com a pesquisa, eles já não são os mesmos, parecem descobrir que são inteligentes sim, só não sabiam. É como se, se descobrissem no processo, é muito interessante, sem contar que para mim é gratificante, pelo menos neste aspecto.

Por que é gratificante?

Porque você se empenha tanto durante as aulas e geralmente não consegue muitos resultados, pois temos alunos indisciplinados, acredito o quadro não ser diferente em outras escolas, mas quando eles começam a enxergar a pesquisa, o seu trabalho se concretizando a postura muda, claro que não atinge a todos, uma vez que possuímos uma sala cheia, com crianças de criações diversas, possuímos uma heterogeneidade de sujeitos, o que enriquece as discussões, claro, mas é difícil sozinha, é gratificante por um lado, mas também não é fácil...

Quais são as dificuldades que você encontra para trabalhar com a pesquisa e as facilidades?

A facilidade é porque eu gosto, me faz bem, as dificuldades vão desde falta de apoio institucional até material, não faltam livros didáticos claro, mas para desenvolver a aprendizagem do aluno não podemos nos ater apenas nos livros didáticos. Falta tempo para que eu estude e prepare melhor as aulas, falta investimento para frequentar cursos, enfim, falta o reconhecimento da importância do professor, até então somos vistos como dispensáveis, haja visto nosso salário e as condições de trabalho...

Mas se é difícil, por que então você resolveu trabalhar com a pesquisa em sala de aula ? O que você espera conseguir fazendo uso da mesma ?

Porque eu percebia como a pesquisa estava se banalizando na escola, resumia-se em cópia de textos ou cópia impressa de textos da internet, quer dizer isso não é pesquisa. Na verdade no início não pensei que seria assim difícil, apenas comecei, mas não desisti no primeiro obstáculo, porque acredito nesta metodologia. E o que eu espero conseguir ? O que já vi em alguns, o brilho no olhar de descobrir-se, sei que com o passar do tempo estes saberão ser éticos, críticos, pensadores, verdadeiros sujeitos, sujeitos estes que temos um pedacinho de nós neles, por isso que mesmo sendo difícil, não abri mão, porque se eu o fizer estarei abrindo mão também de quem eu sou, e para mudarmos a condição do país, somente pela educação dos sujeitos, talvez por isso o governo não se interesse pela qualidade da educação, sujeitos conscientes são muito mais perigosos, do que sujeitos alienados e fáceis de manipular.

Só você de professora trabalha com a pesquisa em sala de aula na sua escola ?

Na verdade não, existe mais duas professoras, mas não conseguimos conversar para trocar experiências, combinamos tantas vezes, já ficamos até fora do horário de trabalho para trocarmos experiências, mas nada que pudesse ter uma continuidade, afinal, todos temos família para cuidar, e obrigações a cumprir, portanto doar o tempo, nem sempre é possível.

Quais são os materiais na escola que você usa com os alunos para a pesquisa ?

A escola possui uma biblioteca, livros, sala de informática, agora finalmente com internet depois de muito pedir e muita briga, porque a direção fica esperando vir, mas não corre atrás,

enfim, sala de vídeo, possui uma boa estrutura para a pesquisa, só falta dar apoio ao uso da mesma, como por exemplo, se vou usar a sala de informática eu mesma tenho que abri-la, arrumar os computadores, deixar tudo ligado, depois no final da aula, arrumar tudo, desligar e ainda verificar se a sala se encontra da mesma forma como antes de entrarmos, só sei que neste caminhar, uma aula vai só para abrir e fechar a sala. Por isso que tem professor que acaba nem usando com medo que algo quebre, estrague, enfim, é complicado.

Por que você resolveu fazer uso da pesquisa como instrumento de aprendizagem, você teve pesquisa na sua graduação ?

Imagine (risos), o máximo era fazer umas saídas de campo, copiar trechos dos livros usados como base teórica, sem muitas vezes nem citar os autores, não sabíamos o que estávamos fazendo, mas estávamos porque era para fazer.

Quer dizer que na sua graduação você não teve contato com a pesquisa, então porque resolveu fazer uso desta ?

Por que como já havia dito eu gosto, sem contar que é uma forma de estar sempre pensando e com isso fazer os meus alunos pensarem. Acho interessante, porque muitas vezes eles nem percebem que estão estudando, quando vão procurar as informações e começam a conversar, trocar idéias, a aula passa rapidinho, só reclamam na hora de registrar as informações, colocar as idéias no papel, mas neste hora eu ajudo incentivando e corrigindo, mas infelizmente nem sempre tenho tempo de corrigir tudo da forma como gostaria. É a falta de tempo, fica difícil ter qualidade quer seja de vida, de trabalho se você é obrigada a lecionar horas a fio, ninguém agüenta. Pelo menos este ano estou “light”, só com 24 aulas. (risos)

Nem tão light, ainda tem os seus estudos, não é ?

Isso é verdade, é o que me renova.

Na sua prática como professora você sente falta desta iniciação pela pesquisa na sua graduação ?

Muito, e como. Teria facilitado muito mais se eu tivesse tido alguma iniciação na área da pesquisa.

Conte-me um pouco sobre sua graduação, você aprendeu a trabalhar com o aluno em sala de aula ?

Não. Havia disciplinas como didática, psicologia da educação, estágio, mas a carga horária era bem menor que as disciplinas específicas da área. E o estágio, nem foi estágio, precisei ir em uma escola e dar palestras sobre doenças, mas a prática pedagógica nenhuma. Com relação a pesquisa, mesmo sendo da área biológica, também não desenvolvíamos a pesquisa propriamente dita, fazíamos um trabalho em grupo que era chamado de pesquisa, mas com certeza não era científica, nem mesmo servia para desenvolver autonomia intelectual ou de pensamento...

O governo oferece cursos de formação continuada, qual sua opinião sobre estes ?

Eles disponibilizam a teia do saber, mas sinceramente nenhum dos cursos que já cheguei a fazer, focam o uso do ensino pela pesquisa, são cursos normais, com aulas normais, nada novo ou aplicável em sala de aula na vida real.

Existe algum programa de formação continuada oferecido pela Secretaria da Educação que subsidie este trabalho de ensino por pesquisa ?

Que eu saiba não, não conheço nenhum, seria ótimo se existisse, mas nunca ouvi falar.

Na sua graduação você teve contato com disciplinas voltadas para a parte pedagógica ?

Tive, mas era a carga horária menor da grade, até mesmo o estágio nem estágio foi. No último ano tivemos que fazê-lo já que era obrigatório, mas não houve um suporte, direcionamento, explicações, nada, apenas tínhamos que ir na escola apresentar palestras e pronto, este foi o estágio. Nunca fomos observar uma sala de aula, ou se quer leituras ou discussões sobre as práticas pedagógicas.

Você sente falta de ter tido pesquisa na sua graduação ?

Com certeza, mais do que eu poderia imaginar, inclusive para minha própria prática pedagógica em sala de aula.

E você consegue ver resultado, apesar de todos os problemas que enfrenta na escola, como falta de suporte e apoio da direção, a falta de comunicação entre os professores, a falta de material ?

Acredito que sim, pelo menos na postura de muitos, que mudou. Mas para saber com certeza precisaria fazer um estudo bem estruturado para provar, (risos) mas acho que sim. Só que poderia ser muito melhor, mais amplificado se os professores tivessem apoio, suporte, recebessem por isso, enfim se tivéssemos melhores condições de trabalho.

O que falta para você melhorar a sua prática em sala de aula ?

Ter tempo para estudar, para preparar melhor minhas aulas. Um número menor de alunos por sala, para que se consiga realmente trabalhar o aluno, pois no final das contas temos 45 dentro de uma sala, sendo que uns 10 alunos não querem aprender e acabam atrapalhando o aprendizado da maioria. Talvez com um número menor, 20 alunos, por exemplo, a qualidade do ensino melhorasse. Ter um salário digno para que se pudesse diminuir o número de aulas e com isso ter tempo de pesquisar e até mesmo viver, porque professor também é gente. Ter apoio pedagógico com coordenadores capacitados, com diretores menos intransigentes e que dessem apoio não o contrário. E incentivo para estudar, o interessante que os alunos recebem bolsa família ou bolsa para voltar o ensino médio, mas nós não recebemos nenhum incentivo para continuar estudando, muito pelo contrário.

De que forma você avalia a aprendizagem do seu aluno neste processo do uso com a pesquisa?

Primeiro através do interesse, da participação, é preciso acompanhar toda a trajetória do aluno. É diferente da avaliação costumeira que você passa uma prova e a partir dali avalia. Não, esta avaliação é diária, precisa-se perceber se o aluno realmente incorporou o entendimento da aula. Por isso é difícil, demanda tempo, uma quantidade menor de alunos por sala, exatamente porque é um trabalho meticuloso. É difícil, pelas condições que se tem na escola pública e a falta de apoio e complicado. Por isso não digo que eu avalio da forma correta, talvez não, mas consigo ter uma noção de um certo progresso pelo menos com relação ao interesse deles.

Existem ainda alunos que apresentam dificuldades com relação a escrita e a leitura no ensino fundamental ?

Até no ensino médio você acha, imagine no ensino fundamental. Por isso que acabei fazendo uso da pesquisa, porque é uma maneira de estar “obrigando” o aluno a ler, procurar, selecionar informação. Porque até mesmo para estas coisas que podemos dizer básicas, eles possuem uma dificuldade tremenda. Por isso que eu falo que os professores de educação infantil deveriam ter uma preparação até melhor do que aqueles que lecionam no fundamental

e médio, porque se você estragou a base do aluno, consertar vai ser muito difícil. E é o que acaba acontecendo, talvez por isso da indisciplina nas salas, não sabem ler, se expressar na escrita, então resta gritar, xingar, e fazer de conta que a escola é uma droga e que está lá só porque a mãe o obriga.

Quais foram os resultados que você acredita ter alcançado usando a pesquisa como instrumento de aprendizagem ao longo do seu trabalho ?

É engraçado. Uma coisa que o professor deveria fazer é sempre registrar o seu trabalho, não como no diário de classe, mas como a um projeto de pesquisa, apesar de que logicamente pensaria em uma sala ideal, com uma ajudante e no máximo 20 alunos cheios de experiências pessoais, mas que já aprenderam a ouvir para falar, e ir anotando...mas como o ideal não existe, trabalha-se com o que tem, apesar de todos os tropeços, noites mal dormidas, dores de garganta, de cabeça, acredito ter plantado uma sementinha em alguns alunos, espero que continuem no processo de desenvolvimento para gerarem frutos, já que capacidade mostraram ter, só falta serem bem orientados no restante do processo (do caminhar). Não sei lhe precisar a quantidade, mas para mim não considero importante doutrinar 50, mas fazer que dos 50 pelo menos 1 pense, faça a diferença, pois com o tempo o doutrinamento acaba, se perde, mas o pensamento, a inteligência ninguém pode tirá-los de você.

Anexo 11**Professora B – escola 1 (ano 2007)****Profissão ?**

Professora e vice diretora.

Disciplina que leciona ?

Ciências e biologia.

Como professora você leciona no ensino fundamental e médio ?

Atualmente só no fundamental.

Quanto tempo você possui de magistério ?

20 anos.

È efetivo da escola ?

Sim.

Trabalha somente em uma escola ?

Em duas escolas.

Ambas como professora ?

Uma como professora e outra como vice-diretora.

Você está de vice-diretora em cargo do Estado ?

Sim

E porque decidiu ser vice-diretora ?

Porque eu precisava colocar as minhas idéias pedagógicas em prática, fazê-las funcionar com o olhar de alguém de fora da sala de aula, dar condições para que as pessoas dentro da sala de aula pudessem executar as minhas idéias, as minhas vontades os meus anseios.

Qual é sua carga horária semanal ?

53 horas semanais.

Quantas horas você trabalhava antes de dividir o seu horário entre vice-direção e professora ?

60 horas de trabalho, entre horário de trabalho e reuniões pedagógicas.

Você sempre foi professora ?

Não eu já fui policial.

E porque decidiu seguir a carreira docente ?

Porque eu apenas entrei na polícia, porque na época eu estava no último ano da faculdade, e eu precisava terminar a faculdade, pagava-se bem, eu prestei o concurso, passei, e fiquei

acumulando os dois cargos. Terminei a faculdade, fiquei policial e professora durante 4 anos, depois exonerei como policial e continuei no magistério. Mas única e exclusivamente porque eu precisava pagar a faculdade, nunca gostei da função.

E porque escolheu a profissão docente, já que teve experiência em outra função ?

Eu sempre gostei de lidar com o público, em primeiro lugar, sempre gostei de ser mediadora, eu acho que o professor é isso, é aquele que lida com o público, é aquele que faz a mediação, é aquele que transporta algumas coisas, que traz informações, e que faz o outro pensar, faz o outro refletir, eu acho que é mais ou menos a idéia, estar lidando sempre com a informação.

Desde que você iniciou no magistério, viu alguma diferença com relação a educação no Brasil (políticas educacionais, políticas econômica) ?

As políticas modificaram-se, tanto quanto ao fornecimento de material pedagógico, por exemplo. Eu acho que temos escolas estaduais, que é o que eu tenho maior vivência, com um aparato, muito maior, pedagógico do que escolas particulares, só que o investimento humano, ou seja, no profissional foi muito pequeno, apesar desses falsos cursos de capacitação que não capacitam, e quando capacitam não te permitem colocar em prática. Então, eu acho que houve um investimento em material pedagógico, pouquíssimo investimento em material humano, e pouquíssimo investimento na parte econômica do profissional da área da educação. Porque ele não tem tempo de ler, não tem tempo de lazer, não tem tempo de filtrar suas idéias para colocar em prática em sala de aula, por exemplo. Ele trabalha muito, trabalha em várias empresas, trabalha em várias horas, tem até um grande material pedagógico, que ele não sabe, muitas vezes usar e nem tem tempo para usar.

Com relação a sua profissão, você acha que ela é reconhecida, gosta dela, acredita nela ?

Dizer que eu não gosto, seria completamente incoerente, pois estou nela à 20 anos. Tive oportunidades para mudar, não mudei, continuei, acredito, continuo acreditando, gosto, acho fantástica, não é reconhecida. Não é, não é um ponto reconhecido no país. No Brasil por exemplo, ser educador, trabalhar com educação não é primordial, o que deveria ser, porque ninguém chega a lugar algum, seja qual for a profissão, me diga uma única, me mostre uma única profissão, que você não tenha que ter uma educação, que seja a mais básica. Você tem que ter. Então, eu acho, que ela não é reconhecida, não é reconhecida economicamente, não é reconhecida socialmente, então, mas gostar dela ? Gosto, adoro, faço com afinco, não recebo muitas vezes pelo que faço, não trabalho pelo que recebo, trabalho porque gosto do que faço.

Mesmo gostando da educação, você percebe condições de trabalho ?

Condições pedagógicas sim, vou te dar um exemplo para explicar o que sinto. Eu tenho dentro de uma escola, uma sala de informática com 20 computadores, fechada a sete chaves, e eu posso utilizar esta sala, desde que, eu chegue mais cedo, abra estas 20 chaves, entre nesta sala, arrume todos os computadores, ligue, instale, faça o que eu tenho que fazer para dar a minha aula, suba e pegue minha turma, desça com ela, dê a minha aula, verifique sozinha que os 20 computadores estão sendo utilizados de forma correta, termine minha aula, suba com a minha turma, deixo a minha turma lá e peço a Deus para que ela (turma) não destrua a sala, porque ela vai estar sozinha, volte, feche tudo, desligue todos os computadores, arrume tudo aquilo o que os alunos provavelmente vão mexer, feche todas as 20 chaves, e entregue de forma intacta. Em 50 minutos ? Porque eu tenho uma outra aula logo a seguir. Então, é óbvio, existem condições ? Existem, mas só que muitas vezes não são viáveis, não há como se utilizar. Um laboratório é um outro exemplo, dar um aula no laboratório, fantástico, uma aula prática, maravilhoso, mas quem é o meu assistente de laboratório, quem vai estar preparando

o laboratório para que eu entre com a minha turma ? Ninguém. Uma sala de leitura, quem é o bibliotecário que vai estar lá, trabalhando nesta biblioteca, preparando esta biblioteca para receber os meus alunos ? Uma sala de vídeo, quem vai estar lá ligando este vídeo, colocando a fita no ponto, tirando, parando, reorganizando carteiras e cadeiras ? Quem é ? Uma horta, quem é aquele que vai estar lá comigo, verificando, vendo o material, limpeza desse material. Tudo isso existe numa escola ? Existe, sala de informática, sala de leitura, biblioteca, laboratórios, sim, existe. Existem técnicos de apoio ? Não, o que existe é o profissional que dá 60 horas de trabalho por semana, que ainda tem que ter tempo para antes e depois preparar tudo isso.

Então o que tem que mudar ? Simplesmente é o horário de trabalho, a disponibilidade de pessoal dentro de uma estrutura escolar, não me dê máquinas, nem milhões de livros, se não existe pessoal que lide com essas máquinas e com esses milhões de livros. Não adianta você me fornecer cd-rom, se ele vai ficar guardado, se eu não tenho técnico, se eu tenho vários computadores, onde eu tenho que chamar, ‘Huguinho, Zezinho e Luizinho’ para vir consertar e ter que pedir pelo amor de Deus, para ele, que eu não sei quando, eu vou poder pagar o conserto. Se na sua casa com um computador, muitas vezes quebra, você recebe vírus, tem ‘n’ problemas, quem dirá em uma escola, onde você tem 300, 500, 1000 alunos mexendo. Cadê a assistência ? Então falta isso, a educação é maravilhosa, desde que o profissional tenha mais tempo para preparar, como acontece nas grandes universidades, onde você pega um profissional de gabarito que tem 10 aulas e ganha por 40, então ele tem 30 horas/aula, para ser um pesquisador, um preparador, e aí ele dá 10 aulas fantásticas.

Quais são as vantagens que você percebe estando na área da educação ?

Quando entro na sala de aula, eu me sinto livre, eu jamais conseguiria, por exemplo, fazer um trabalho em que eu tivesse que apertar um botão todos os dias, por exemplo. Então eu acho que o professor, o professor que realmente ama e gosta da cátedra, ele tem a liberdade de fazer todos os dias, um dia diferente. Aquele que diz que o seu planejamento está pronto a dez anos, é um pobre coitado. Porque você tem a riqueza de ter uma clientela diversificada, cheia de emoções, muitas vezes, então o ambiente de trabalho você pode fazer, então eu acredito na liberdade. Então uma das coisas que mais me conquista dentro do magistério, que mais me emociona no magistério, é a liberdade. Quando eu entro em minha sala de aula e encosto a minha porta, sendo eu consciente, porque isso é muito importante, ser consciente, ser integro naquilo que faz. Eu tenho liberdade. Então me fascina o fato de ter liberdade para falar, para produzir o que eu quero ali, exercitar, conversar, sentar, escrever, cortar, colar, pesquisar, então eu tenho a liberdade de fazer o meu tempo de trabalho, da forma como eu achar conveniente, e isso me encanta no magistério. Uma das poucas coisas...

E quais são as desvantagens que você observa ?

Receber pouco por tudo isso, porque, eu te falei um monte de coisas que eu faço (risos), um monte de itens que eu desenvolvo, e nesses itens que eu desenvolvo, recebo por uma hora aula, muitas vezes R\$ 7,00 reais, isso me deixa muito triste.

Não tem reconhecimento nenhum ?

Nenhum, nenhum, não tenho reconhecimento, muitas vezes, econômico e nem sequer da minha clientela. Porque você não dá aula para pessoas que querem receber informação muitas vezes, então estudar é uma obrigação, o que não deveria ser. Deveria ser um prazer, aprender deveria ser um prazer. Então eu lido com uma clientela que muitas vezes não quer estar lá, não quer estar sentado, não quer escrever, não quer pensar, não, não, não, não, não, não, não, são vários não, que eu tenho que lidar, e isso é uma desvantagem terrível. Outra coisa, o professor ele hoje em dia, ele tem que ser fazer ouvir, e brigar com a tecnologia, então ele tem

que ser encantador, sedutor, ator, todos os 'or's' da vida, para conseguir dar o seu recado, essa é uma das desvantagens, se você não for um bom 'or', não consegue dar o seu recado.

Um exemplo assista malhação, perca um dia do seu tempo. Aparece as aulas da Malhação, perceba isso, eu tenho a capacidade de assistir, às vezes, para discutir com os alunos. A sala de aula quase não aparece e quando aparece, mostra o professor sentado, dando alguma última informação babaca, e quando ele está dando esta informação, sempre um aluno vira para o lado ou para trás e fala com o outro, ignorando totalmente a presença do professor. E comenta do amiguinho, que brigou com não sei quem, que...e sai toda a cena, e volta, como se o importante fosse aquele momento, a conversa, o que o cara está fazendo ali na frente não interessa. Eu nunca vi uma aula inteira, alguém ligaria a televisão para assistir uma aula ? Não. Acontece coisas no *Múltipla Escolha*³⁷, é um Carandirú (risos), os caras roubam, botam fogo, derramam lama, já viu ? É que eu escuto isso direto dos alunos, eu discutia isso com os alunos da oitava série a tarde, o que acontecia com aquilo, o que vocês vêem na Malhação ? É gente comendo gente viva, só passam para trás, só tem gente má, são confusões, são brigas, são furtos, roubos, botando fogo.

Mas a malhação é para adolescentes.

E os temas são recorrentes, a menina que engravida, que quer o namorado da outra. O riquinho que não gosta do pobrezinho, o outro que incrimina não sei quem, é sempre a mesma coisa ridícula, mas os alunos querem ir embora para assistir Malhação. Por isso que eu te falo, que a educação é complicada para a gente, para o educador, porque ele tem uma concorrência muito grande, ele tem a concorrência tecnológica, modista, você concorre com o computador, mp3, mp4, concorre com tudo isso. E você é um ser humano, que usa o que, giz, muitas vezes, apagador, seu tom de voz, tem toda essa tecnologia que você não pode usar, então não dá. E o aluno, não necessariamente, vai estar usando como deveria, muitos entram em sala de bate papo, quer dizer, não está fazendo a pesquisa. Mas existe também o outro lado, na outra escola que estou como vice, por exemplo, o professor leva os alunos para o vídeo, mas não leva papel para anotações. Lá na escola que estou como vice-diretora descobri 40 pranchetas, e eles já estão começando a trabalhar em cima disso, vai para a sala de vídeo, já passa na sala de coordenação e pega as pranchetas, porque as salas de vídeo já têm cadeiras, nós temos duas salas de vídeo funcionando já. Lá são 3 blocos, tenho duas funcionando, uma no bloco C e uma no bloco A, e agora vamos montar uma terceira sala no bloco B, então cada bloco vai ter uma sala de vídeo só com cadeiras. Aí o professor, passa pega as pranchetas, o aluno sai com a prancheta, folha, caneta, pronto para anotar. Me perguntam se pode ter também recreação, e falei, com certeza, eu sou completamente à favor, desde que faça aquilo que eu quero.

E você como vice-diretora, como é o seu comportamento diante aos professores ?

Eu não entro dentro da sala, na outra escola, se eu chegar na porta, olhar para o professor e o professor falar agora não, eu volto. Eles estão assustados comigo, eles nunca viram isso. Eu não me reporto de forma alguma aos alunos na sala, primeiro ao professor, l eu bato na porta e falo, bom dia professor, bom dia classe, primeira coisa. Professor eu posso falar com a classe ? Professor eu posso tirar o aluno tal ? Tem um professor lá, de 20 anos de magistério, que sentou na minha frente e perguntou, de onde você veio, de que planeta você veio ? Venho ? Eu falei, só fui acumulando coisas, só isso. Os alunos me adoram, me amam, não entra ninguém com boné, todos uniformizados, vai lá um dia para você ver, hoje quando você me ligou, minha sala estava cheia de professores, de gente, de trabalhos que vieram me mostrar. A professora de português, montou uns painéis maravilhosos, olha só o trabalho que essa mulher fez e ia ser descartado. Ela, a professora de matemática e a professora de história visitaram um asilo, saíram 3 carros abarrotados de coisas, para levar para esse asilo. E elas

³⁷ Nome da escola, que faz parte da novela adolescente, do período vespertino, que passa diariamente no canal globo de televisão.

montaram uma quadrilha para dançar com os velinhos, e eu dei o maior apoio, levaram caixa de som, microfone, dei todo o apoio, falou em bagunça é comigo mesmo, bagunça no bom sentido.

Seria uma bagunça organizada ?

Exatamente, tudo tem um propósito, não me vem com história de matar aula, eu conheço de longe um bom profissional, de longe eu conheço. A professora de matemática está trabalhando gráficos, se você visse o que ela montou com os alunos. Idade deles, profissão, quanto tempo estão lá, se tem família, se estão abandonados, que tipo de visitas recebem, e além disso levaram todos os presentes e dançaram com os velinhos. Em contrapartida a professora de português que achei muito inteligente, mas completamente desestimulada, trabalhou a parte teórica da coisa. Coloquei 3 professoras juntas trabalhando, coloquei ela, de matemática que é animadinha, a de português que é um pouco paradinha, mas inteligente e a de geografia que é da pá virada. Vão embora, vão lá trabalhar para os velinhos. Se você visse o trabalho que elas montaram, o que elas coletaram, fotografaram, o que elas fizeram. Depois elas juntaram as 5 turmas da tarde, no anfiteatro, botaram todo mundo lá para fazer cartazes, com slogans sobre velhice, respeito aos idosos. Cartazes maravilhosos, frases maravilhosas saíram. Se você visse, cinco salas trabalhando, as salas não são grandes, são 20 alunos, 15 alunos, coloquei todos os professores trabalhando, a sala mais cheia tem 30 alunos.

É difícil encontrar uma escola que tenha um número razoável de alunos por sala, uma vez que é política do Estado de São Paulo e imposto pela diretoria de ensino, que a escola abra sala com um mínimo de 40 alunos.

É um lado da diretora que eu respeito, que pouca gente conhece, ela respeita muito o estado do professor.

No meu tempo de magistério, nunca estive em uma escola onde existisse uma quantidade razoável para se lecionar de forma satisfatória.

Mas tem lá, a tarde tem no máximo 20 alunos por sala, por isso ela tem essa quantidade de salas.

E como ela consegue abrir salas com um número pequeno de alunos ?

Ela tem apoio na diretoria, mas já está sofrendo pressão neste ano, o ano que vem ela vai reduzir o número de salas, já está avisando aos professores, é complicado.

Como sempre, os lugares que tentam desenvolver algo sério de qualidade, é obrigado a se enquadrar na massificação, porque é obrigatório, é terrível.

E como.

O que você acredita que o professor deva reivindicar para melhorar sua prática ?

O professor tem que brigar por htpc's, por coordenadores descentes, um salário melhor, trabalhar no máximo 20 horas aulas na sala de aula e as 20 horas restantes trabalhar em estudo. Hoje em dia, não faço mais nem um curso fora do meu horário de trabalho. Depois desse meu corte que eu tive, pior, olha só que interessante, eu exonerei no dia 17 de maio, e no meu pagamento de junho, meu salário já veio cortado, quando fui para a vice-direção em fevereiro, só fui receber meu salário em maio, quer dizer que para te descontar eles são super rápidos, mas para pagar o seu trabalho demoram meses. Ninguém se quer sabe quem é a Professora que trabalhou 7 anos no cargo de ciências, ninguém sabe, minha evolução não acadêmica, que eu tenho direito, veio cortada, então eu cheguei a conclusão de que você dentro do Estado de São Paulo, você é apenas um número.

Em sala de aula como você descreveria seus alunos ?

Muitas vezes apáticos, desinteressados, sem perspectivas, obrigados a estar ali, eles não sabem porque estão ali. Eles sabem que precisam se formar, que precisam ter um diploma e que alguém dê isso a eles. Ter hoje em dia, uma formação, é quase que uma obrigação, por quê ? Eles não sabem, mas tem que ter. Fala-se isso na televisão, no rádio, no dia-a-dia, o pai, a mãe, o tio, o professor, todo mundo fala isso. Mas o mercado de trabalho, por exemplo, não absorve nada disso. Então o fato de você ter uma formação, não significa estar bem, então eu sinto um aluno que está ali naturalmente obrigado, porque não vê luz no fundo do túnel, para começo de conversa. Chegar em uma Universidade, hoje em dia, é uma tremenda utopia, não tem nada a ver com estar empregado, ou ser feliz. Então, eu acho que é um aluno que já está conseguindo, começando a enxergar isso, porque ele já vê muitos formados, muitos que não conseguem alcançar nenhum objetivo, porque ou estão formados e não há mercado de trabalho, ou estão mal formados, e não conseguem atingir o que é necessário hoje em dia, então estamos criando mão de obra barata, e eles já conseguem perceber isto.

Como você faz para trabalhar com um número grande de alunos por sala ?

Falo pouco, hoje em dia o professor não consegue falar muito, não temos grandes ouvintes, nossa clientela hoje em dia não é de ouvir, então tenho que entrar com um plano de aula, em que eu vá falar pouco e eles tenham que trabalhar muito. Como há um número grande de alunos, é óbvio que a voz deles vai sobrepor-se a minha, com certeza, mesmo porque eu tenho um grande número de aulas e vai ter uma hora que eu não vou agüentar, eu não sou uma máquina. Então eu tenho que já preparar um tipo de aula em que eu possa fazer com que eles usem o espaço físico de forma que a minha presença seja observada por um determinado tempo, e depois o restante da aula seja trabalhada por eles, daí eu utilizo o método em que eles tenham que estar buscando as respostas, não vou trazer respostas, vou trazer dúvidas.

E qual método seria este ?

Eu costumo sempre conversar com o aluno a respeito do tema que eu vou trabalhar, então eu gosto de trabalhar com livros, com revistas, com pesquisas, então eu lanço geralmente tópicos, pequenas frases, ou pequenas palavras, a respeito daquilo que eu vou discutir, e ele vai estar lendo sobre aquilo, num curto espaço de tempo também, tem que ser tudo muito dinâmico, muito rápido nada muito longo, porque ele não têm mais essa paciência também. E a partir daquilo que ele leu, escreveu, resumiu que eu começo uma discussão, em cima daquele discussão eu exercito, e muitas vezes eu avalio em cima da própria discussão, nem sempre em resposta de exercícios.

Gosto de trabalhar em grupos, duplas, mesmo porque, tem sempre aquele que nunca faz nada, mas que você acaba dando a sorte de colocar ao lado ou próximo de alguém que faz alguma coisa, é uma forma de incentivo. O isolamento não funciona, eles não sabem mais trabalhar isolados, necessitam deste trabalho em grupo, é uma característica que nosso aluno assumiu. O silêncio entre eles não perpetua, esqueça, falar muito, exigir silêncio, acabou, isto não existe mais no magistério. Você tem que fazer com que ele trabalhe, muitas vezes ele está trabalhando e falando e conversando e escrevendo e ali ele está produzindo, e ali a sua aula acontece, mesmo que para você pareça uma grande bagunça, mas ele faz parte desta bagunça.

Esta sua metodologia envolve pesquisa ?

Sim, mas só que o aluno que eu trabalho não é um pesquisador no sentido de procurar o material, por exemplo, eu dou um tema e eu mesma forneço o material. Pesquisador para mim

é aquele que vai atrás de várias literaturas, vários autores, várias formas, lê todas elas, busca o mais próximo daquilo que ele acha coerente. Quando a gente fala em pesquisa dentro da escola pública, por exemplo, o máximo que você pode estar fornecendo para o aluno são duas ou três coleções de livros, e as vezes até conduzindo a uma que vá ter uma resposta mais rápida, porque ele não vai ter tempo, nem paciência para estar lendo duas ou três coisas, para tirar uma idéia central, então a pesquisa mais ou menos gira entorno disso. Fornecer material, mas um material já direcionado. Não chega ser uma grande forma de pesquisa, mas é tirar aquele conceito de que é esse livro, é essa a verdade, é isso que você tem que ler, e é isso que é a solução da coisa, não gosto de trabalhar dessa forma, eu gosto do questionamento.

Então você utiliza a pesquisa com a função de fazer com que o aluno pense, raciocine?

Sim ele tem que pensar, ele tem que questionar, ele tem que indagar, ele tem que trazer o que ele está aprendendo para o que ele realmente entenda. Não adianta eu dizer para um aluno, por exemplo, falar sobre relações ecológicas, quando vou falar de um ser vivo que ele nunca viu. Então não adianta, eu citar nomes fantásticos de relações ecológicas como sinfilia, escravagismo, amensalismo, eu não acredito em códigos, eu acredito em decodificação. Acredito que a palavra tem que ser entendida. Então eu vou falar da formiga que pega o pulgão e coloca lá no formigueiro e mantém ele escravo, preso numa quase bola de chumbo, aí o aluno vai pensar, mas existe isso? Aí ele vai no livro olhar aquilo, aí ele vai ler sobre aquilo, e aí ele automaticamente vai pesquisar. Então eu despertei uma curiosidade, se ele vai entender que aquilo chama sinfilia, pouco me importa, se ele for um ecologista, um naturalista, algum “ista” da vida, ele vai lá e estuda isso mais profundamente. Naquele momento eu quero que ele, entenda que a formiga se relaciona com o pulgão e que há uma desarmonia, então a pesquisa para mim é isto, é fazer com que o assunto chegue ao aluno, não de uma forma acadêmica, não de uma forma chata, de uma forma simples, só isso.

Você acha que o ensino fundamental e médio, nos moldes atuais, preparam o aluno para a vida?

Não, nenhum. O que vai levá-lo a algum lugar é, ler, interpretar, escrever, raciocinar, pesquisar, é isso que a escola tem que se preocupar, por isso que eu falo, dentro da biologia por exemplo, do que adianta o cara entender meiose e mitose, ciclo de krebs? Fala sério, ele não precisa disso, talvez precise a daqui algum tempo. Ah, mas o vestibular cobra isso. Mas e se ele não quiser ser universitário? E se ele quiser ser universitário, vai cair umas 4 perguntas de biologia que ele pode dar sorte de acertar no X, em compensação ele tem uma vastidão de coisas que ele pode interpretar dentro de um vestibular que ele consegue se sair bem. Então, essa coisa do cálculo, de se apropriar de fórmula, isso já está caindo por terra, porque a especialização ela está chegando agora muito depois, então cada vez mais o aluno está se distanciando da especialização, porque ele não possui base, ele sai de uma quarta série sem saber ler, sai de uma oitava série sem saber interpretar, ele sai do terceiro ano do ensino médio sem saber raciocinar, e ele sai da faculdade sem ser profissional, aí ele não passa no exame da OAB.

Eu acho que se eu tiver uma aula, com um bom advogado, eu defendo uma causa, e consigo convencer um júri que aquele indivíduo é inocente, e o cara que fez cinco anos de direito, muitas vezes não consegue, não adianta saber só de lei, ele precisa de argumentação. É a mesma coisa, ah, o cara manja horrores de história, ele é um bom professor? Não necessariamente, porque ele precisa ter conhecimento em história, ter didática, ter tom de voz, postura, ele tem que saber sentir a tendência do mercado da sala de aula.

Eu conheço uma professora que é formada em química, dando aula para o primeiro ano do ensino médio, matéria que eu dou para a oitava série, eu não sou formada em química, mas

um pouquinho eu tenho. Ela preparou uma avaliação para o provão, que eu peguei para ver, a pergunta que ela fazia ali, não tinha a ver com o que ela queria dizer e perguntei a ela sobre a pergunta e por A + B não conseguiu me provar o que ela estava querendo alcançar com o exercício, nem ela sabia do que estava falando, e é professora de química e formada. Você percebe o contraponto também da coisa ? Como discutir salário ?

Mas não se pode pegar uma minoria em detrimento da maioria, não é ?

Olha já foi a minoria. Eu tenho medo hoje em dia, tenho visto cada coisa, aquilo que eu te falo, os dois pontos da coisa, um dia você pode estar do outro lado e você vai entender o que eu estou falando, o que tem de porcaria...

Mas não existem profissionais ruins em todas as áreas ?

Tem, mas na nossa é muito grave, nós lidamos com a vida, com educação, com informação. Se você colocar um para fusos tortos já corre um risco, imagine um sujeito torto ?

Qual é a importância que você vê no uso da pesquisa ?

Você não obtém informação pronta, não aceita a informação pronta, a partir do momento que você pesquisa, você tem vários canais, a pesquisa te leva a vários canais, a várias informações. Então o aluno pesquisador ou que se torna um pesquisador, não aceita a informação de alguém como verdade absoluta. Ele tem capacidade de discernir, que é o que vai levar o sujeito a ter sucesso ou não, a partir do momento que ele tem a capacidade de discernir, ele tem escolhas, opções, buscas, a pesquisa é isso. É a capacidade da busca, da não aceitação, ou seja, eu quero saber, eu quero ter ciência, saber sobre, buscar a informação, então é pesquisa.

Você utiliza a pesquisa em sala de aula, em forma de projetos separados, como você trabalha ?

Eu nunca tive nada esquematizado em relação a isso, a necessidade surgiu a partir do momento que fui perdendo o poder de falar, cada vez mais eu sentia que eu falava menos em sala de aula, ou seja, eles não queriam escutar as minhas verdades, então eu tive que fazer com que eles percebessem que tinham que buscar as verdades deles, então praticamente foi como se eu os obrigasse a procurar as informações. Então surgiu por isso, não foi um projeto, nem foi algo que vi e achei interessante, nada disso, eu busquei uma forma de sobreviver dentro da educação, qual foi essa forma ? Fazer com que meu aluno corresse atrás de informações. Para mim pesquisa nada mais é do que isso, portanto ele precisa correr atrás de informações, para que eu pudesse ser importante, a partir do momento em que ele sentia que eu poderia esclarecer as futuras dúvidas que surgisse a partir do que ele estava pesquisando, a minha presença ali seria importante. Então surgiu por este motivo, e cada vez mais eu tive certeza sobre isso, e tenho mais do que nunca. A partir do momento em que ele vai buscar informações sobre aquilo que eu questiono, que eu desperto, ele me procura, mesmo que seja de forma fragmentada dentro de uma aula, um grupo me chama, um aluno me chama, ou senta do meu lado, mas me faço presente diante da aula para a hora da pesquisa. Foi única e exclusivamente para isso, necessidade de estar lá.

Como se fosse uma orientadora?

Exatamente. Exatamente isso, não existe mais aquela coisa de 'eu sou dona da verdade', isso já existe à tempos, mas mesmo assim continuava sem conseguir, e para não me desgastar, mais do que eu já estava, comecei a perceber que eles gostavam dessa coisa, de ler, de

procurar, de pesquisar, de resumir, de ter opiniões diferentes em choque, e aí veio a idéia de trabalhar sempre em cima da pesquisa, pequenos tópicos, poucas palavras, informações instigadoras que levariam a informações complementares. E aí foi indo, aumentou o desejo da pesquisa em relação as minhas aulas, nada de projeto, nada preparado.

Por que você escolheu fazer usar a pesquisa em sala de aula como um instrumento de aprendizagem, você, possuiu pesquisa em sua graduação ?

Não a graduação não me levou a nenhuma idéia de como dar aula, a graduação é uma balela.

Como foi sua graduação ?

Um monte de professores que me davam um monte de informações prontas, eu cheguei a ter professores que me davam cópias, eu cheguei a ter professores que mandavam ler capítulos e capítulos e capítulos de livros e dali daquela leitura de capítulos eles extraíam uma avaliação, sem se quer explicar uma frase. Como tive também professores fantásticos que escreviam uma única palavra na lousa e falavam 40 minutos, e nós tínhamos que fazer anotações para depois estarmos trabalhando em cima. Neste momento eu não tive maturidade para que isto fosse despertado, a vontade de pesquisar, durante a graduação de forma alguma. Hoje eu consigo rever alguns mestres, alguns professores que tive, que já faziam isso, que fizeram isto conosco, eu não percebia, mas eles faziam isso. Só que na graduação não ficou claro pra mim, nenhum deles deixou claro, como eu também dentro das minhas aulas possivelmente não deixei isso claro para os meus alunos, pode ser que daqui 20, 30 anos eles percebam, mas hoje não.

Na sua graduação não existia um desenvolvimento por parte dos professores para os alunos com relação a pesquisa?

Não, não me lembro de nenhum... havia dois professores um de citologia e um de anatomia, esses dois eu me lembro que sempre reportavam toda a aula deles a área da pesquisa, eles tinham um grande conhecimento e deixavam perguntas no ar. Deixavam grandes questionamentos para que nós pesquisássemos e trouxéssemos nossas dúvidas, através da pesquisa, nós tínhamos que buscar as informações que eles deixavam no ar, para que em uma aula posterior isto fosse discutido. Me lembro destes dois professores que marcaram muito, um de citologia e outro de anatomia, os demais sofríveis, nada de excepcional, aulinhas bem comuns. Acredito que até para uma universidade bastante corriqueira, diria eu que temos hoje professores que dão aulas melhores, perto do que foi minha graduação.

Na sua graduação existiam disciplinas pedagógicas que lhe davam base para lecionar em sala de aula ?

Tínhamos didática I e II, psicologia da educação I e II, administração escolar I e II e nenhuma delas me forneceu qualquer informação que eu pudesse utilizar, tanto é que me formei e logo em seguida fui para uma sala de aula e não sabia se quer preencher uma caderneta, não sabia se quer por onde começar um planejamento, não me lembro da discussão de um ponto de aula, e eu estava fazendo licenciatura. Não me lembro de uma aula de didática prática, ou seja, como me portar diante de uma sala de aula, desafio qualquer aluno dessa minha graduação, que não importa o nome da universidade continua ganhando muito dinheiro, que diga ter aprendido como se portar em sala de aula.

Você sente falta de ter tido este contato com a pesquisa na sua graduação ?

E como...

Você possui tempo para estudar, ler, se aprimorar, fazer suas pesquisas, corrigir os trabalhos, dar suporte aos seus alunos ?

Não, com certeza não, geralmente não tenho tempo para pesquisar, pouquíssimo tempo para estudar, um cansaço absurdo diante do número de aulas e do tempo de magistério que já carrego, os afazeres. O professor é gente, eu costumo dizer que o professor também vai ao cinema, bebe, come, dorme e faz suas necessidades fisiológicas, ele é gente. Ele tem que ter inúmeras outras atividades além disso então com a quantidade de alunos, de aulas, muitas vezes não tenho tempo de pesquisar, não tenho tempo de preparar aula, não tenho tempo de fazer uma correção decente. É muito mais viável às vezes fazer uma única correção na lousa e dar pouca importância para esta coisa da nota, da avaliação, porquê, para não sermos injustos muitas vezes, porque o cansaço acaba causando injustiça, no nosso caso causa injustiça. Então não é muito importante para mim esta coisa da correção, é importante fazer uma correção em que aqueles que consigam enxergar os seus erros. Então quando você tem a devolutiva, é importante a devolutiva para o aluno? Com certeza, é importante, mas muitas vezes é mais viável fazer a devolutiva e fazer uma correção única, onde aqueles que realmente se deparam com seus erros, é uma outra forma de pesquisa interessante. Você faz a devolutiva para o aluno, faz uma correção única na lousa e ele vai se deparar com o erro dele, e a partir do momento da sua explicação em cima do erro dele ele terá uma nova concepção, do que simplesmente você dizer “errou”, “riscou”, fez um “X”, o quê ? Por quê ? Qual seria o certo ? Então a minha forma de corrigir também modificou, a minha devolutiva hoje já é outra.

Existe apoio ou estrutura escolar para seu trabalho dentro da sala de aula ?

Apoio, estrutura em que sentido ?

Pedagógico, estrutural prédio, salas específicas de trabalho, suporte de pessoal coordenação, direção ? Você tem todo o aparato, o suporte que é necessário para desenvolver suas aulas com a pesquisa ?

Não, não tenho, como havia lhe dito anteriormente, se eu tiver uma aula de laboratório eu posso até ter o laboratório, mas não possuo um assistente. Não tenho às vezes o material disponível, tenho a vidraria, mas não tenho os componentes necessários para a aula. Se eu tiver uma aula de informática, eu tenho os computadores, mas não tenho um monitor que me auxilie, ajude dentro da sala de informática. Se eu tenho, por exemplo, uma aula prática, um estudo do meio eu tenho que sair em campo para conseguir um ônibus, entrar em contato com as pessoas responsáveis do local onde vou levar os alunos, conseguir o ofício, entregar o ofício fazer a autorização, entregar a autorização, recolher a autorização. É óbvio que muitas vezes não tenho este apoio, nós fazemos por que somos aí, doidos, talvez ? Mas não tenho, não tenho, é difícil você encontrar este tipo de apoio dentro do ambiente escolar, algumas escolas até podem ter, mas é difícil.

Atualmente dentro da minha outra função, de vice-direção, talvez enxergando a minha problemática diante da sala de aula, eu estou tentando dar suporte para aqueles professores que precisam disso para dar sua aula de forma diferenciada.

Material pedagógico existe, suporte não...

O que você acha que faltaria para você conseguir melhorar o seu desempenho dentro da sala de aula usando a pesquisa ?

Um número menor de aulas para poder estudar e me preparar mais. Um material de apoio a pesquisa, principalmente aquele fora do ambiente escolar, como jornais, paradidáticos, revistas, internet, representantes de ONG's, visão de mundo, a televisão dentro da sala de aula, reportagens, palestras. Então para tudo isso é óbvio que há a necessidade de tempo para que o professor, consiga trabalhar as informações primeiro para si (preparação) para

posteriormente com os alunos. Contatos para que isso chegue a sala de aula, para que a pesquisa se tornasse mais interessante, porque quando você fala em pesquisa não se pode ter apenas como alvo o livro didático, eu não posso simplesmente entregar para ele 3 livros, por exemplo, e dizer pesquise um determinado tema. Que tipo de fonte de pesquisa é essa que eu estou proporcionando ?

Para que fosse viável e mais interessante deveria haver uma gama maior e mais diversificada de fontes de pesquisa, e reporto o que já falei anteriormente, não existe apoio para que isso aconteça, trabalho muito e chego em cima da hora, eu costumo dizer que o professor antigamente saía da sala de aula sujo de giz, hoje ele chega na sala de aula sujo de giz, porque ele vem correndo da outra escola mal dá tempo de ele se limpar no caminho para entrar na sala de aula novamente.

Você recebe algum estímulo para desenvolver este seu trabalho em sala de aula ?

No Estado em alguns momentos durante o percurso destes meus 20 anos, eu tive alguns amparos muito interessantes, mas não é uma coisa normal e constante, depende de escola para escola, de corpo docente para corpo docente, de sala de aula para sala de aula, então os estímulos não são constantes nem uma prática natural dentro do magistério.

Quais são as dificuldades que você encontra para desenvolver o seu trabalho ?

Falta de tempo, desinteresse dos alunos, falta de amparo técnico, financeiro. O engraçado é que se pode dizer que atualmente a turma dos professores está com uma biblioteca fantástica, ele tem recebido “n” livros, tanto para o aluno quanto para o professor, mas ele vai ler quando ? Porque no sábado eu consigo acordar muitas vezes ao meio dia “trebada” de cansada, tenho um monte de coisas para fazer na minha casa, fora o que eu trago do trabalho, no domingo mal consigo dar conta e a noite quando começa o fantástico já começo a chorar (risos). Então muitas vezes eu trago coisas que vem e voltam sem se quer tocar, por isso te falei que a correção já se tornou uma prática completamente diferente para mim, por falta de tempo e porque o aluno não está preocupado com isso, ele não olha os certos e os errados que você coloca na folha, ele vai direto para o número que está lá em cima, na nota, tem uns que até amassam tudo na tua cara e jogam fora. Então a forma de avaliar, a produção hoje em dia tem que ser diferente, elas tem que estar também através da pesquisa, o aluno precisa entender o que foi que ele errou, tem que estar buscando isso. O interessante é que quando eles jogam a prova fora, eu pergunto se ele sabia que jogou um documento fora, e não entende achando que eu estou brincando, e respondo “É você jogou um documento fora, porque posso fechar o bimestre e dizer que você não fez nenhuma avaliação, como você vai provar que fez ?”, aí ele começa a pensar, “Ah é verdade”, e fica todo sem graça (risos). É um jeito de fazê-los pensar também, isso acontece até quando estou na minha outra escola como vice-diretora, bateu o sinal do intervalo a fila do banheiro fica enorme, aí chega um “Ah eu preciso ir ao banheiro” e eu respondi que ele teria que subir e pedir para a professora, na mesma hora reclamou, aí eu perguntei “Se você está em horário de almoço e tem que voltar às 14:00 horas e chega às 14:05 horas já perdeu cinco minutos do salário, se você tem 20 minutos para comer e fazer xixi, coma e urine em 20 minutos.”, acham uma graça. Na escola também não se pode usar boné, me perguntam “Ah, mas por que não pode ?”, eu pergunto “Se você for trabalhar no Banco do Brasil, vai trabalhar de boné ? Se for trabalhar na Cosipa, vai trabalhar de boné ? Não, você vai trabalhar de capacete e se não usar capacete ? Está despedido. Aqui se usar boné ta despedido.” e eles se divertem, porque eu coloco para eles a situação da vida, eu estou criando seres que vão estar no mercado de trabalho. Eu argumento, eu faço o cara parar para pensar, e eles adoram.

Pelas dificuldades apresentadas, porquê então você insiste em continuar trabalhando fazendo uso da pesquisa ?

Por que é uma forma de respirar, é quase que um balão de oxigênio, é uma maneira de me fazer importante, me fazer estar no meio deles. Professor hoje não é mais importante, ele entra diz bom dia, boa noite, sai e ninguém vê, porque muitas vezes acontece isso. Fazer com que a pesquisa me trouxesse condições de me fazer presente, de respirar.

Existe algum programa de educação continuada oferecido pela Secretaria da Educação que subsidie este trabalho de ensino por pesquisa?

Eu não conheço. Os dois últimos cursos que fiz, foi a teia do saber, que não consegui fazer nenhum link com o meu trabalho, não me incentivou em nada a pesquisa. Eram informações prontas, ministrado por pessoas que se achavam donas do saber, aulas totalmente tradicionais e mesmo quando eles trabalhavam em laboratórios, ou tinham algum aparato diferenciado, possuíam uma assistência que nos deixava irritadíssimos, porque a aula deles poderia acontecer e a nossa não. Também com todo o aparato e suporte qualquer um de nós faria. Então não vi nada de excepcional. Só houve um único professor que trouxe material sobre a internet, trabalhou conosco como buscar informação em alguns sites importantes, e explicitou que os sites mais interessantes eram os americanos que os brasileiros eram uma porcaria, ou seja, se você não fala inglês azar o seu.

Anexo 12

Professora C – escola 2 (ano 2007)

Profissão ?

Professora.

Disciplina que leciona ?

Ciências e biologia.

Como professora você leciona no ensino fundamental e médio ?

Atualmente só no fundamental.

Quanto tempo você possui de magistério ?

20 anos.

Esses 20 anos no estado ?

Sim.

È efetivo da escola ?

Sim. Há treze anos.

Trabalha somente em uma escola ?

Em duas escolas. Uma estadual e outra municipal.

Qual é sua carga horária semanal ?

32 no estado e 32 no município.

Por que você trabalha este total ?

Necessidade, por conta do salário. Questão financeira mesmo. O que você ganha, não é o suficiente para cobrir o seu orçamento. Então você tem que trabalhar cada vez mais para dar conta do orçamento da casa. E são as necessidades básicas, não é luxo. É o mínimo. Educação para os filhos, alimentação, habitação, não falo nem saúde, porque nem plano de saúde eu tenho. Tive que optar por isso, ou pagar a escola da minha filha (faculdade) ou continuar no plano...

Você sempre exerceu a função de docente ?

Sempre. Desde que me formei. Logo que sai da faculdade já fui ministrar aula.

Por que você resolveu seguir a carreira docente ?

A princípio eu queria ser pesquisadora. Fui fazer biologia para a área da pesquisa. Mas, a 20 anos atrás a pesquisa, hoje é difícil, mas a 20 anos atrás era muito mais difícil ainda. Aí eu achei a profissão de magistério mesmo como uma forma a principio de se manter, mas sempre com o sonho de me aprimorar, de fazer um mestrado, um doutorado e ir para a área da pesquisa. Mas depois eu me encantei ... Eu me encantei com o magistério, e estou aí a 20 anos e apaixonada.

Desde que você iniciou no magistério, viu alguma diferença com relação a educação no Brasil ?

Eu acho que, este tempo que eu estou no magistério, na área da educação, o que mais eu percebi, e o que mais me deixa muito abalada, muito triste é a questão da valorização do professor. Porque a 20 anos, 25 anos atrás, o professor tinha um valor na sociedade, e esse valor eu acho que refletia na qualidade do ensino. Não sei se naquela época tinha mais recursos na escola, mas o professor era valorizado, o aluno aprendia e o aluno sempre tinha sucesso, pelo menos a grande maioria. Ele saía da escola sempre com sucesso. Não era como é hoje, o aluno parece que está sempre sendo o fracasso, porque parece que é o reflexo, a falta de valor do professor...

Hoje se fala muito em tecnologia, temos recursos tecnológicos muito mais acessíveis do que a 20 anos atrás. Não existia tanta tecnologia, mas o professor era e é a ferramenta de trabalho, era quem conduzia a educação, mesmo sem recurso tecnológico. É uma coisa que fico pensando. Mas naquela época o professor tinha esse valor especial, que hoje não existe mais. Eu acho que a questão salarial também, porque no passar dos anos ele foi ficando cada vez mais achatado, cada vez mais achatado. As condições de trabalho também, o professor tem que trabalhar cada vez mais, porque ganhando cada vez menos ele precisa trabalhar cada vez mais e com isso fica faltando o tempo para ele conseguir se qualificar, como é que você vai ter tempo de se qualificar profissionalmente, se você tem que trabalhar cada vez mais para se manter vivo ?

Essas mudanças não foram positivas, porque na verdade houve perda de salário, condições de trabalho...

Qualidade de vida.

Você conseguiu ver algum aspecto positivo nestes 20 anos ?

Eu vi positivo em mim, enquanto pessoa, eu cresci enquanto ser humano. Mas cresci e trazendo a responsabilidade cada vez mais para mim. Só que eu sozinha não vou conseguir resolver os problemas da educação. Eu cada vez mais me cobro. Cobro de mim qualidade, o sucesso do aluno, mas por último agora, estou percebendo que não depende só de mim. Eu enquanto pessoa, passei a refletir mais, a me cobrar mais, a tentar melhorar a cada dia, cada dia eu tento melhorar naquilo que faço. Se a 20 anos eu fazia de uma forma, hoje cada dia eu tenho que mudar. Por um tempo eu fiquei apaixonada, nos 10 primeiros anos, eu fiquei fazendo a mesma coisa do mesmo jeito, até quando eu comecei a achar que tudo que estava acontecendo de errado era minha culpa. A partir daquele momento eu resolvi melhorar, me aprimorar, me qualificar, buscar. Só que eu percebo que as coisas não estão mudando, eu mudei enquanto pessoa. Possuo uma visão bem mais ampla do que é a educação. Eu enquanto pessoa, enquanto profissional eu acho que melhorei, mas foi só eu...

Infelizmente o sistema continuou, na verdade nem continuou, vem piorando a cada ano. Por mais propostas inovadoras, que saem e são publicadas, são lindas, maravilhosas na teoria, mas a prática é muito difícil, pois só quem sabe do cotidiano escolar é o professor, é aquele que esta dentro da educação. Uma proposta, deve ser elaborada no mínimo por quem tem, uma certa vivencia dentro da educação.

O que você pensa com relação a sua profissão quanto ao reconhecimento ?

Primeiro não tem praticamente valor, o professor perdeu ao longo do tempo totalmente o seu valor, o que acaba sendo refletido na própria saúde. Se você não tem valor e se a culpa de tudo que esta acontecendo é atribuída a você, que pessoa você vai se tornar? As angustias vão aumentando cada vez mais, a sua saúde vai ficando cada vez mais debilitada, porque é uma cobrança muito grande em cima de você, é uma pressão muito grande, porque você é o

responsável por tudo e você não tem valor algum. Não possui condições de trabalho, o seu horário ... Você se compromete com ele praticamente ... A sua família, até na questão da família. Hoje dou muito menos atenção a minha família, por conta de ter que trabalhar muito mais do que a 10 anos atrás. Então isso acaba refletindo no meu valor, no valor da minha família, no valor da sociedade, e aí vai, é uma reação em cadeia. E a gente vai ficando cada vez mais triste com tudo isso, porque não é fácil...

Toda a sociedade puxar a responsabilidade para você. Mas que condições ? Não tem uma contrapartida, então quais são as condições que são dadas para que o professor consiga entre aspas, resolver toda essa problemática ? É para se refletir ...

Quais são as vantagens que você percebe estando na área da educação ?

Acho que é participar da formação da criança, que eu acho que é o que tem de mais valor, porque você está lidando com o ser humano e você faz a diferença na vida daquela pessoa, com o que você fala, com a sua postura... Então eu acho que isso é positivo na educação. É você conviver e fazer parte da formação das pessoas, que é uma tarefa extremamente desgastante, mas que é de grande valor. Então hoje eu encontro os meus alunos e vejo como eu fiz, em algum momento da vida daquelas crianças, daqueles adolescentes, eu fiz a diferença, isso é de grande valor. Então o que tem de mais encantador na nossa profissão é isso. É você fazer parte da vida dessas pessoas, eu acho que isso é de um valor imenso, mas você tem que ser reconhecida. Você precisa de viver, de se alimentar, de ter uma qualidade de vida. Então eu acho que o que se tem de mais valor é participar da formação dessas pessoas.

E quais são as desvantagens que você observa ?

A grande desvantagem nos dias de hoje é a ausência na minha família, falo isso por mim. Acabo ficando muito ausente da minha casa, e acabo deixando as minhas filhas muito só. E porque tenho que ficar muito tempo fora de casa ? É questão de sobrevivência, sobrevivência mesmo, se manter. Trabalhar, ficar mais horas fora de casa, para você ter um salário, um salariozinho mínimo, mínimo. Agora uma grande desvantagem eu acho que isso se reflete na sociedade. Eu me vejo como outras mães, o tempo que eu passo orientando minhas crianças na escola é o tempo que minhas filhas ficam sem... então, é o que mais tem de desvantagem, é a questão da ausência.

Mas entra também a questão da saúde, porque é um desgaste muito grande, dar aula desgasta demais. Então você percebe que ao longo do tempo o seu organismo vai ficando debilitado. Eu vejo pela minha resistência imunológica hoje, está sempre baixa, quando vou ver é uma afta, o cabelo está caindo, tudo é por conta do stress...é uma gastrite...tudo isso por conta da profissão, isso é uma desvantagem também. É a qualidade de vida. Fala-se tanto hoje de qualidade de vida, mas o professor não tem qualidade de vida nenhuma. Ele não se alimenta bem, aliás ele não se alimenta. Ele não dorme direito, não participa da família, ele ganha pouco, não tem valor na sociedade. Então se eu fosse elencar...a vantagem é uma, eu posso falar uma. Vantagens ? Desvantagens eu posso fazer uma lista, mais de dez...

Você disse que no início gostaria de ser pesquisadora. Então desde o começo você já trabalhava com os alunos o ensino por meio da pesquisa ?

Nos 10 primeiros anos eu também queria que meu aluno aprendesse por meio da pesquisa, mas nestes 10 anos a sociedade mudou muito. E hoje nós temos a informação que é adquirida de forma muito fácil, e a criança e o adolescente não tem o que é mais importante, que é o valor, saber dar o valor. Ele não dá valor a si, apo seu amigo, ao pai, a mãe. Então eu fui trabalhar em cima de valores. Para eu ensinar a ciência que eu adoro, que eu amo, a biologia que eu amo. Eu antes tenho que trabalhar valores ou junto. Primeiro eu tenho que fazer com que meu aluno perceba que aquilo que eu estou ensinando tem tanto valor para ele, que ele

olha para mim e fala “Professora a senhora é apaixonada pelo que a senhora faz, né?”. Eu falo, eu sou. Às vezes eu passo uma coisa, que na verdade nem sei se é isso mesmo que está dentro de mim, mas é o que tenho que passar para eles. Porque hoje a gente sabe...não sei se é por conta do sistema que a gente acabou embutindo isso que você tem que trabalhar...hoje a gente não tem essa formação de valores. Então eu acho que antes...mas aí eu demorei 10 anos, por isso que eu te falei que eu achava que a culpa era toda minha, eu não conseguia fazer nada, e achava que a culpa era minha.

Aí eu chegava na sala, ia dar aquele conteúdo, mas para eles não tinha nenhum significado, só que eu achava importante, porque estava no currículo, mas para o aluno nada. Ai eu tinha que trabalhar antes os valores, eu trabalhava primeiro a formação de identidade dele, quem sou eu, você vê em ciências. Sua família, seus pais, eu ia conhecer aquele aluno através de dinâmicas, demorava um tempão até eu conseguir chegar e entrar no meu conteúdo mesmo. E quando eu chegava a falar do meu conteúdo, eu fazia com que este tivesse tanto significado para aquele aluno que ele iria valorizar aquilo que eu estava passando para ele, como sendo um bem precioso para ele também. E eu comecei a perceber que a relação começava a mudar também, por isso que te falo que nestes 20 anos dentro da educação, eu melhorei muito, eu consegui perceber isso...não sei se é uma loucura que eu vou dizer...mas eu comecei até a me sentir responsável, porque tem muito professor que não se sente responsável por isso, mas neste tempo eu comecei a me sentir responsável, não sei se foi uma lavagem cerebral, porque todo mundo fala (risos), mas eu acabei percebendo porque eles não tem formação nenhuma, a gente não pode esperar mais da família, a sociedade mudou. Quantos hoje possuem uma família estruturada? Estruturada que eu digo é que possui o pai, a mãe juntos. Não tem mais nada, e o que isso repercutiu na vida dessas crianças, na formação de valores? Na sala da minha filha, existem duas apenas, uma possui o pai, a mãe, e a minha filha, que perdeu o pai a pouco tempo, o restante os pais são separados...

Eu tomo como exemplo a escola da minha filha, é particular e acho que o sistema anglo é o melhor porque prepara para o vestibular...mas eles trabalham os valores lá? Não são trabalhados, então eu percebi como eu falhei aqui em casa, porque eu esperei que lá fosse dado, não deu eu também não dei, e ficou aquele buraco...A gente conversando... e cada dia eu descubro uma coisa nova. Estávamos discutindo sobre aborto outro dia e ela disse que tinha que fazer mesmo, mas eu perguntei como você acha que é feito o aborto? Ela me respondeu, “Ah no hospital, não é?”. Eu respondi que não, existe lei contra, é crime, mas o problema não é nem esse, é a vida... o valor da vida, é o que deve ser considerado. Na escola nunca falaram isso? Nunca discutiram? “Não mãe, nunca falaram nada...”.

E não é só isso, são vários outros temas. O que eu falo de valor é isso, primeiro passar sobre o valor da vida, para depois discutir outras questões. E o valor dos nossos alunos, respeito, união, colaboração, são esses valores...o amor? Você falar em amor para essas crianças? O que é o amor? Então hoje...eu escuto muito sobre os alunos...mas nunca tive problemas com desrespeito do aluno. Claro que o que eu ensino em questão de conteúdo para eles hoje, nem se compara com a quantidade que eu ensinava, ou que eu pensava que ensinava (risos) a 10 anos atrás. O que me dá uma angustia também, é que nós precisamos mudar a forma de encarar, de ver a sociedade hoje, porque ela mudou. Porque na época que eu estudei a minha mãe nunca precisou olhar meu caderno, e eu era a melhor aluna da classe. Era ausente para cobrar o caderno, não sei se porque tinha pouco estudo, mas ela rezava com a gente, falava sobre respeito, honestidade... Então será que porque eu tinha esses valores embutidos é que eu sabia qual era o meu papel na escola? Porque eu não podia desrespeitar o meu colega, nem tão pouco o professor. Porque o professor era o meu mestre, eu idolatrava, porque minha mãe passou esses valores para mim, porque a sociedade naquela época passou esses valores para mim. Só que hoje o que passam? O professor é isso, o professor é aquilo, o professor não é

nada, o professor aquele... porque o pai e a mãe devem falar... Então existem valores... passam esse valor para a criança ? Então ele vai chegar na escola aprendendo a respeitar alguém ? Eu tenho essa angústia também comigo. Eu em muitas reuniões de htpc na escola, ficava calada, porque eu sabia que o pessoal ia cair matando em cima de mim se eu fosse falar. Mas também com o tempo eu adquiri essa coisa de maternidade. Mas sei que não é obrigação minha, imagina eu com 64 aulas ser mãe de cada um ? Não dá. Afinal de contas eu sou bióloga, eu quero ensinar ciências, eu quero...mas até que ponto isso é importante para o meu aluno ? Sempre dei os conteúdos, mas para chegar no conteúdo, eu fazia todo esse trabalho com o aluno, que eu não tinha obrigação nenhuma...

Qual é o número de alunos que você tem por sala?

De 40 a 45.

Em sala de aula como você descreveria seus alunos ?

Bom, na verdade é assim...porque as classes são bem diversificadas. Então tem alunos que são bem interessados, outros que são dispersos, então nós temos alunos bem variados. O que eu já percebi é que depende muito da série também, por exemplo, as quintas séries. Eles chegam com muita expectativa, principalmente porque eles não são da escola, eles vem do município, então eles chegam cheios de vontade, cheios de desejos, mas ainda estão conhecendo o ambiente. Então na primeira semana eles esperam um monte de coisa, na segunda semana ele continua esperando, eu digo isso com relação as aulas. Porque na minha escola tem sala de informática, biblioteca, sala de vídeo, horta... a minha escola é uma escola especial, eu acho. Não sei dizer se são todas as escolas do estado que tem isso, mas a minha tem. Então eles chegam lá achando que vão utilizar tudo isso e na terceira semana eles já começam assim...opa... e outra coisa começam também a testar o professor, saber o que pode e o que não pode. Na quarta semana já começam a ficar inquietos, irritados, já tem dificuldade de ficar ouvindo você falar, porque é um discurso que não está interessando a ele. Se você não começar a passar ou a oferecer alguma coisa que contemple esta expectativa dele, ele vai passar a ser um aluno indisciplinado, desinteressado, enfim ele vai se tornar um aluno insuportável em sala de aula. Agora se ele perceber que o professor tem alguma coisa a oferecer aí ele vai...porque quando você entra na sala de aula ele já fala “êêêêêê...”, porque quinta série faz isso com você. O professor que tem alguma coisa a oferecer...e não é o professor que não dá nada, porque eles odeiam professor que não dá nada. Eles gostam do professor que tem alguma coisa para oferecer, uma coisa nova, interessante que tenha significado para ele...eu acho assim, experiência minha.

Agora se você chegar na sala de aula, sem uma proposta, sem algo interessante para ele, aí ninguém segura mais, isso é quinta série. E aí você vai perceber que esse aluno lá na sexta série quando você pega, ele já não tem mais expectativa, porque ele já viu mais ou menos como é que funciona a coisa. “eu não fiz nada o ano inteiro, mas eu passei de ano... opa, espera aí... então agora eu sei que, se eu fizer, eu passo, se eu não fizer, eu passo também, eu só preciso não faltar”. Aí na sétima série, você fala, “Gente isso é importante para vocês aprenderem, porque na oitava série você vai ter que fazer o cursinho para entrar no Campis...”. Você precisa conquistar o aluno para querer aprender, só que daí também, aprender para quê ? Porque “se eu fizer, se eu não fizer, se tirar nota alta, nota baixa, eu vou passar...”. Então quando chego na oitava série eu pego meu aluno indisciplinado, sem valor nenhum, sem respeitar as regras principalmente, porque ele sabe que de qualquer forma ele vai passar de ano.

Aí ele não aprendeu a ler, porque ele podia passar sem saber ler, não aprendeu a escrever porque também viu que mesmo sem saber ler e todos os professores fazendo relatório disso ele também passava de ano. Porque o aluno aprende tudo isso, ele não vem para escola

sabendo tudo isso, ele aprendeu. E só aprendeu o que era conveniente para ele. Agora claro eu estou falando da maioria, mas que existem alunos que querem aprender, que são interessados ? Claro que tem. Agora isso também eu não compreendo, porque eles são assim ? Por que são diferentes ? É genético ? Existe incentivo dos pais, que dizem que eles vão precisar de estudo para a vida ?

Mas o perfil mais ou menos de quinta a oitava série é esse. Aí quando ele chega no ensino médio todo mundo fala, “ah mas ele chegou sem saber ler, escrever, apáticos, desinteressados...”. Sem vontade de fazer nada, nada mais para ele é interessante, uma coisa que já faz parte da idade mesmo, mas ele chegou no ensino médio dessa forma e o professor vai cobrar dele a escrita, a leitura, o registro no caderno... E aí que aluno que a gente vai querer pegar no ensino médio ? Que aluno se tem no ensino médio ? Eu acho que a indisciplina é toda em cima das expectativas deles, porque eles vem querendo receber na escola e na escola não tenho para oferecer para ele. Principalmente as condições físicas da escola mesmo, porque para usar a biblioteca eu tenho que pedir...porque o bibliotecário tem mais autoridade que o professor, você n pode usar a biblioteca, para usar a sala de informática é uma dificuldade. Você tem que elaborar 10 projetos para que um seja aprovado...então vai ficando tão difícil, tão difícil a dinâmica dentro da escola, que por sua vez o professor sem condições de trabalho, vai ter o que para oferecer para o aluno ? Então acho que é uma bola de neve que vai aumentando, aumentando, aumentando...

Como você faz para trabalhar com um número grande de alunos por sala ?

Pedindo a Deus (risos) Brincadeira... Olha é muita conversa, muito dialogo, é mostrando para o aluno que eu sou um ser humano igual a ele, que minha voz tem um limite, que eu também tenho um limite, mostrando que eu sou um ser humano igual a ele em primeiro lugar.

E claro que a aprendizagem deixa muito a desejar, porque como eu falei, existem alunos que conseguem acompanhar, tem facilidade, principalmente porque já chegou na quinta série alfabetizado. Mas, aqueles que tem maior dificuldade... esse é que é o grande vazio, a gente não consegue dar o suporte que ele precisa. Ai a gente fica angustiada com isso, porque não dá, é uma questão de não ter condições. Aqueles que conseguem te acompanhar vão junto com você, mas aqueles que não conseguem ? Eu não posso parar, e o restante da classe ? Mas a gente tenta conciliar. O tempo que eu, estou dando mais ênfase para aqueles que estão com maior dificuldade, acabo dando uma parada com aqueles que conseguem me acompanhar, então ou de um lado ou de outro acaba perdendo, eu acho.

O ideal seria se todos me acompanhassem a gente avançava muito mais rápido, mas e se não pode ? É justo eu só ir para frente e não esperar aqueles que estão lá atrás ? Tem momentos que eu tenho que dar uma parada... Agora se a gente consegue contemplar todo mundo, atender todo mundo... é complicado, né ?

Se fosse um número menor de alunos ?

Ah sim, se fossem uns 20 alunos... talvez... hoje nós temos 10, 15 com dificuldades grandes. Se fossem 20 teríamos uns 5, então eu acho que você poderia ter mais agilidade, não sei, eu acho que seja por aí mesmo.

A quantidade de alunos na sala vai repercutir sim na qualidade de ensino do aluno, porque aqueles que podem mais, a gente podia avançar muito mais, explorar muito mais, mas também não é justo deixar os outros para trás. Mas a gente tem que trabalhar para tentar manter um equilíbrio, mas não é sempre que se consegue, por exemplo, se o aluno não é alfabetizado... Eu não sei alfabetizar, mas mesmo que soubesse, não iria dar conta de suprir essa deficiência e dar os meus conteúdos... Então eu acho que de primeira a quarta o aluno tem que vir alfabetizado mesmo.

E não condicionado a cópia, porque às vezes eu percebo que o aluno desenha a letra. Na cópia ele desenha a letra, mas ele não lê o que está escrito. Eu tenho um exemplo, um aluno copiava tudo na lousa, se eu fosse dar nota pela quantidade de páginas copiadas, ele era um aluno 10, mas não sabia ler. Fomos descobrir essa defasagem apenas na sétima série, eu pelo menos só fui descobrir isso na sétima série. O caderno era impecável, tudo que você desse para ele copiar ele copiava, mas não sabia ler. Depois quando percebemos conseguimos fazer um trabalho com ele.

Outra coisa, o reforço, o professor que dá o reforço também não sabe alfabetizar, geralmente é professor que fez letras ou matemática. Ele não tem magistério, então o problema continua o mesmo, porque o problema do menino é não saber ler, então o problema continua...

Você disse que costuma trabalhar com seus alunos a pesquisa, em que sentido você usa a pesquisa ? Formativa, científica ou os dois ?

O científico a gente trabalha, bastante com os projetos. Dentro da ciência, na verdade, é fácil você trabalhar o método científico, porque é impossível você trabalhar ciências sem passar pela observação, pelo levantamento de dados, pela organização dos dados. É complicado... eu não consigo trabalhar ciências se não for dessa forma. Até mesmo o aluno acaba não entendendo, porque ele está aprendendo aquilo. Então nas minhas aulas, eu procuro trabalhar dessa forma. E com o projeto também dá para trabalhar... porque você incentiva, não fica só na experiência. Porque quando você trabalha com a experiência o método científico fica fácil. Mas quando você trabalha com os projetos, você lança uma idéia e os alunos através da pesquisa é que eles vão buscar as informações, vão buscar as respostas para aqueles problemas que foram levantados. Então ele é obrigado a ler, a pesquisar... Agora uma coisa que foi interessante é que a princípio, eles buscavam muita informação, e ficava tanta informação que a gente não conseguia mobilizar aquela informação para resolver o nosso problema. Então em cima do trabalho com projetos a gente tentou... e outra coisa, deixar bem claro para eles qual era o objetivo, aonde nós queríamos chegar com aquele tema, com aquela proposta de trabalho.

E o aluno buscava sempre, claro que sempre com ajuda do professor. Alguns tinham recursos para poder buscar as informações, trazia para a sala, na sala se compartilhava esta informação. E aí a gente ia, tanto é que tinha pesquisa por projetos só para ficar na escrita e depois elaborar o trabalho como se fosse um TCC, digamos assim. E tinha projetos que tinha que montar, que elaborar aquela engenhoca, tinha que fazer. E tudo começava sempre como ? Lendo, pesquisando, buscando informação, organizando essas informações... Porque, essas informações tinham que contemplar aquela problemática que havia sido levantada. Claro que não é fácil, e olha que eu trabalho com a classe toda. Porque não dá... claro que uns se empenham mais, outros menos, mas a classe inteira tem que estar o tempo inteiro sabendo como é que está acontecendo aquilo.

E eu obtive bons resultados. E eles se interessavam, eles viam o porquê de ler. “Ah ler por ler ? Eu vou ler porque eu tenho que achar a resposta para o negócio que eu quero montar. Então eu sou obrigado a ler... Ah eu quero produzir o biodiesel da mamona. Eu só sei que da mamona tem uma semente e que dentro da semente tem o óleo, é só isso que eu sei, e o resto ? Vamos pesquisar.” E aí ? E aí ? E aí, que a pesquisando... E aí, e aí que a gente conseguia construir. Tudo que se fazia nas minhas aulas, era tudo assim com bastante significado.

Claro que tinham projetos maiores e projetos menores. Até mesmo para falar de alimentação, vamos elaborar um projeto. Mas porque é importante ? Vamos lançar uma idéia ? Mas por quê ? Por que é importante ? A minha justificativa, né ? Por que trabalhar este tema ? Os objetivos... Quais estratégias vamos utilizar ? Fazia tudo junto com o aluno, não trazia nada pronto, quer dizer, trazia algumas coisas porque a internet não funcionava...

Você usa a pesquisa como um instrumento de aprendizagem ?

Sim, creio que sim. Acredito estar trabalhando desta forma.

A pesquisa você acaba utilizando dentro do projeto para desenvolver a aprendizagem do aluno?

Isso, para desenvolver a aprendizagem. Se for um projeto, como uma feira de ciências. Além de resolver um problema, que a gente vai levantar para poder apresentar a proposta. A pesquisa serve também como uma aprendizagem, porque na verdade você ensina o aluno a aprender. “Eu vou aprender sobre o que?”. Ele vai aprender exatamente um objeto lá no final. Mas o mais importante que eu acho, é você mostrar para o aluno que ele pode aprender a aprender. Eu acho que o projeto, eu vou mais para esse lado. A gente não nasce sabendo das coisas. Eu nem sei direito se eu aprendo da forma certa. Mas todos os dias, eu aprendo novas maneiras de aprender. E é isso que eu mostro para o aluno. Porque a informação tá lá, você pode buscar de várias formas, mas até você pegar essa informação, sistematizar e fazer com que ela tenha significado para você... ou que você possa mobilizar aquela informação dentro de um problema, é outra coisa.

Porque às vezes, você acha assim “o que é o aprendizado do aluno ? É só a quantidade de informação que ele consegue...memorizar ? Isso é aprendizagem ? Eu não entendo aprendizagem dessa forma. Eu entendo que aprendizagem é você se utilizar daquela informação, para resolver alguma coisa, aí isso é aprendizagem. Porque na minha época, a aprendizagem era baseada em cima da quantidade de informação que eu conseguia memorizar. Eu decorava 80 questões de história, e eu era a melhor aluna da classe, mas e hoje ? Me pergunta alguma coisa de história ? Me mande fazer uma linha do tempo...porque não me ensinaram a aprender a aprender, só me ensinaram que eu tinha que memorizar um monte de informação.

Então quando eu percebi a diferença...o que é a aprendizagem do aluno ? Aí eu mudei a minha estratégia, eu deixei de dar questionário (risos). E fui trabalhar de uma outra forma. Porque daí eu não estava medindo a quantidade de informação que ele conseguia memorizar, e sim... conseguir fazer com que ele selecionasse as informações necessárias para que ele conseguisse mobilizar numa situação problema. Aí isso para mim é aprendizagem.

Então suas aulas são baseadas em projetos que fazem uso da pesquisa ?

Isso, e aí...mas...o projeto acabou ficando meio que em moda. Como uma coisa de “projetite”, aí que falam (risos). Aí vão me questionar...”Isso é um projeto de ensino ou um projeto de aprendizagem ?”. Porque tem uma diferença, o projeto de ensino você dá o tema e o aluno vai investigando de forma que no final ele contemple lá o tema. Já nos projetos de aprendizagem é o contrário, o aluno vai aprender o que ele quiser, mas ele vai aprender. Só que dentro, ainda do nosso sistema de ensino, é complicado você trabalhar só com projetos de aprendizagem, porque você tem um conteúdo, um plano de ensino, que você tem que cumprir. Então eu acho que eu trabalho com os dois, com projeto de ensino e aprendizagem. Porque se eu der um tema para eles, por exemplo... desertos e desertificações, aconteceu que cada um foi pesquisar uma coisa, um foi pesquisar os animais, o outro as plantas, o outro os oásis... e acabou cada um dando um rumo na área da sua pesquisa, embora o tema fosse o mesmo, o interesse de cada aluno foi para um lado. E no final como todo mundo aprendeu ? Porque houve um momento de se compartilhar tudo aquilo. Então aquele que aprendeu sobre os animais trocou, passou para os colegas, e o que pesquisou sobre as plantas...e no final todos nós aprendemos sobre tudo, sobre tudo.

Não é fácil, vou te dizer, não é fácil, mas na hora que você consegue fazer com que seu aluno trabalhe dessa forma, aí suas aulas ganham um outro sentido.

Eu achava até chato, porque tudo que eles achavam e liam eles vinham e me traziam para ler e eu tinha que ler para dar um parecer sobre aquilo. E agora ? Eu tinha tempo ? Aí vem a coisa. Eu tinha tempo de sentar com cada aluno para discutir, para aprofundar ? Cadê o tempo ? Eu tinha tempo para isso ? Não.

A proposta mais uma vez é muito boa, muito interessante, mas ficou um monte de buracos. No final, a princípio eu não contava muito com a avaliação dos projetos. Acabou o projeto, acabou. Depois você vai aprendendo que seria interessante eles pararem para avaliar os projetos. Avaliar se aquele tema foi bom, foi legal, o que aprenderam, se foi legal, se aquilo lá tinha alguma importância na vida dele ou não. É momento de se avaliar. E eu avaliava e eles também avaliavam, e aí a gente via as falhas e daí no próximo a gente conseguia corrigir. E como eu fiquei muito tempo na mesma escola, eu acho que o sucesso de tudo, eu acho que é isso, ter ficado muito tempo na mesma escola. Quando eu entrava na sala de aula, eu não era qualquer professora. Eu era a professora que trabalhava assim... eu já tinha uma propaganda ao meu favor. “Ah a senhora vai fazer isso que a senhora fez com não sei quem...”. Porque a comunidade é a mesma, quem tá lá agora ? Ou o pai, ou a mãe já foi meu aluno, ou a tia, o tio, a vizinha, alguém já foi meu aluno, e alguém já falou de mim. Então quando ele foi para a escola ? Quem tá lá é a professora, “khdgbd”. Eu já tinha uma propaganda ao meu favor, porque quando o professor novo entrava, ele sofria muito, muito. Até que um dia ele consiga mostrar para o aluno, que ele é aquele profissional. Também tem isso, também.

Veja bem... num lugar que eu me dava tão bem, e que eu tenho, sabe ? Eu falo isso com toda a certeza do mundo, com toda a convicção, eu me relacionava muito bem com meus alunos e eu tive que sair por conta da gestão...é doloroso isso... é doloroso... (lágrimas) Mas aprendi muito, mas pelo menos tudo que eu construí lá, graças à Deus, estou aplicando também em outro lugar. Só que é a mesma coisa, para que as pessoas me conheçam no espaço onde estou, demorou um tempinho, né ? Agora sim, eu estou conseguindo fazer um trabalho do jeito que eu gosto.

Por que você considera importante a utilização da pesquisa como instrumento de aprendizagem ?

O meu primeiro objetivo é incentivar a leitura. E ensinar o aluno a buscar seu próprio conhecimento. Não esperar que eu dê aquilo que eu já sei, mas fazer com que ele se sinta capaz de buscar a informação, que ele necessita, não só para resolver os problemas que eu levanto em sala de aula, mas aqueles que vão surgir na vida dele, né ?. Eu acho que é isso a educação para a vida...aliás o tema é lindo, “a educação para a vida”. Mas eu entendo assim que, através da pesquisa, você está contribuindo com o aluno com essa formação que ele necessita para a vida, porque é uma ferramenta que ele vai usar.

Ele aprende a pensar, aprende a buscar, não ficar esperando. Ele passa daquela posição de passivo e passa a ser ativo, autônomo. Porque o aluno enquanto ele pensar que ele tem que sentar no banco escolar só para receber informação...mas o maior desafio é o aluno perceber isso....porque o maior desafio do professor é fazer com que o aluno perceba, descubra isso.

Agora se você fosse uma professora, para atender as necessidades de um aluno, individual. Beleza, porque você ia falar sobre o assunto que interessa a esse um. Vamos falar sobre automobilismo, sobre futebol. Gente o tema futebol abre um leque de aprendizado que nem se fala, entra história, matemática, ciências, geografia entra tudo. Mas aí, eu precisava ser um professor para cada aluno. Numa sala de aula dá para fazer isso ? Com 40 alunos ? Atender, as necessidades e as expectativas de cada um ? Não dá. E aí, começa essa impaciência como você falou, “eu vim aqui para receber, mas eu não quero ficar aqui sentado só ouvindo”. Então deve ter, uma outra forma, de você fazer com que o aluno se satisfaça. Por quê ? O que é o obvio da educação ? É o aluno ! Vamos olhar lá a estrela tal, na galáxia tal...não...não

vamos olhar lá, vamos olhar aqui. É o aluno, que a gente tá falando. Então eu acho que muitas vezes a educação perde o foco, que é a aprendizagem do aluno.

Agora quem está na educação a muito tempo, pelo menos aprendeu que o foco é este. Agora quem está entrando hoje, ou as políticas públicas...porque cada governo que entra têm um foco na educação. Embora este governo esteja a mais ou menos uns 10 anos, porque só mudaram os representantes, mas o partido é o mesmo. Mas infelizmente o discurso é um, e a práticas destas políticas são totalmente opostas.

Para que o professor consiga desenvolver a aprendizagem dos seus alunos, o que deveria haver?

Olha começa pela estrutura física da escola, da qualificação do professor. Você precisa ter tempo para se qualificar. Agora veja, com 32 aulas em um horário, 32 em outro horário. Curso de capacitação aos sábados, quando eu for, na minha aulas aos sábado... eu vou, eu tenho a maior vontade, eu quero, eu quero. A minha pós aos sábados, também eu quero. Mas pensa e a qualidade ? Não do curso ou dos professores, mas eu. Eu vou estar com a minha cabeça assim... a minha aprendizagem vai ser a mesma ? O resultado vai ser bom ? Será ? Se eu tivesse, na semana menos aula, para que eu pudesse fazer na semana, os meus cursos e no sábado e no domingo, como toda pessoa merece, descansar... É isso né ?

Eu falo da teia do saber do estado, porque é onde ele tenta qualificar o professor. Ele até oferece, mas de uma maneira muito, muito errada. Porque o professor com excesso de trabalho na semana, como é que ele vai assimilar ? Como é que ele vai assimilar aquilo ali com qualidade ? Porque ele está cansado, extremamente cansado. Que nem... “o governo do estado capacita sei lá quantos milhões de professores...”. Como ? Em que condições ? Então tem que se questionar isso...

Por que você resolveu fazer uso da pesquisa ? Trabalhou com ela na sua graduação ?

Não. Aliás, na pós graduação é que eu trabalhei com pesquisa. Tive orientação, iniciação científica, mas na minha formação de licenciatura, tive muito pouca orientação com relação a pesquisa. Só que assim, a pesquisa já estava presente na minha vida lá atrás, mas depois que eu entrei para a educação... a gente fica distante da pesquisa. A gente vai ficando cada vez mais distante da pesquisa. Aí quando eu retornei os meus estudos, retornei a fazer os cursos, é que eu voltei a ver como ela é importante na minha formação e eu acho que se é importante na minha formação, também acho que é importante na formação dos meus alunos.

É mais ou menos esse caminho. Primeiro fui perceber o quão importante ela é para mim. Na minha aprendizagem, na minha forma de aprender a conhecer as coisas, a descobrir. Aí eu, acho que isso também foi importante, porque eu acho que ficou uma lacuna grande, dentro da minha formação. Aí quando eu descobri a importância, como ela é importante para mim, é que eu comecei a trabalhar a pesquisa com os meus alunos na sala.

Então quer dizer que você sentiu falta do uso da pesquisa na sua graduação ?

Muito. No curso de licenciatura não tem, não tem mesmo. Não tive nem TCC. O meu trabalho final foi montar um esqueleto humano, a gente teve que se virar nos 30, para achar o esqueleto de um indigente, montar e deixar aquele material para a universidade. Esse foi meu trabalho. Eu vou ser sincera com você, eu tive professor que orientava, mostrava qual peça se encaixava na outra peça. Não precisei nem pesquisar, ele já dava tudo pronto. Hoje não. O TCC hoje, acho que ajuda um pouco, não sei como é feito, mas acredito que seja diferente.

Você acha que a pesquisa deva ser dada só na graduação ?

Não, deve começar pelo ensino infantil, mas o problema é que a pesquisa ficou banalizada. Muitos professores que chegam na sala falam, vamos fazer uma pesquisa... Aí chega o aluno com a cópia do livro, ou baixou da internet com propaganda e tudo. Mas será que o professor orientou esse aluno ? A mesma coisa na nossa formação, o professor orienta ? Então mais uma vez, a questão, como o professor orienta ?

Agora o trabalho com pesquisa realmente é trabalhoso, mas o aluno aprende, viu ? O aluno aprende, e ele passa a valorizar aquilo que ele conheceu, aquilo que ele aprendeu, aquilo que ele descobriu.

Na sua graduação, você teve prática de como trabalhar com o aluno ?

Não. Como orientar o aluno não. Eu via mais ou menos como meu orientador me orientava, e as coisas boas eu utilizava e aquilo que eu não achava legal eu mudava, eu dizia isso não é legal passar para o meu aluno, então ele poderia ter me orientado desta forma, e em cima deste questionamento, aí eu tentava passar. Não vou dizer para você que eu sei...não, eu tenho ainda muita dificuldade, principalmente porque se trata de muitos, muitos alunos. Então você tenta passar o máximo de informação, claro que tem alguns alunos que acabam aprofundando mais, e acaba entendendo melhor, como há outros que ficam... acabo não tendo tempo...e até de preparo meu, porque é uma coisa que é nova. Quando você fala em metodologia e tal, para você ver resultados, demora, demora um pouco para vocês ver resultados. Mas é um caminho, é um caminho.

Na sua graduação, você chegou a ter disciplinas pedagógicas ?

Tive, tive sim. Mas não metodologia de ensino não. Tinha até didática, mas não lembro, de discutir metodologia de ensino nesta disciplina. Era tudo muito cru, era muito,...até quando eu comecei a dar aula, eu queria dar aula igual as minhas professoras também, né ? Só passando informação, copiando informação...

O que você considera pesquisa, o que é para você ?

Bom, pesquisa, primeiro é uma forma de você buscar informação, sistematizar esta informação e mobilizar esta informação. Eu acho que... eu, entendo como pesquisa assim.

É dessa forma que você trabalha com seus alunos ?

É, é dessa forma. Principalmente dentro de projetos, você tem que trabalhar dessa forma. Você busca a informação, seleciona, organiza e faz uso daquela informação. Porque a informação pela informação não tem significado. Pelo menos na faixa do ensino fundamental, talvez em uma graduação ela tenha outro significado, bom com certeza tem. Mas para mim o objetivo principal da pesquisa no ensino fundamental é o aprender a buscar, é o aprender a aprender, porque não adianta tentar desenvolver uma tese com o aluno do ensino fundamental, porque vai ser sacrificante para a gente, porque ele mal, mal sabe ler, mal, mal sabe interpretar. Agora quando ele percebe que ele precisa aprender a ler, para poder buscar informação, para poder aprender. Aí eu acho que isso é legal, porque eu acho que o objetivo maior da pesquisa no ensino fundamental é essa. Já na graduação eu acho que é mais para se especializar, não sei, estou falando mais como leiga, como senso comum, não sei... O aluno precisa desenvolver as habilidades, ele vai desenvolver lendo, pesquisando.

Se você não teve contato com a pesquisa na sua graduação, por quê resolveu fazer uso desta para desenvolver a aprendizagem dos seus alunos ?

Primeiro pela necessidade do trabalho com projetos, porque até então na minha aula normal, como a gente está acostumada a dar, aquela aula expositiva. Eu não sentia muita necessidade

de pesquisa não. Agora quando você vai trabalhar com projeto, têm. A ferramenta principal é a pesquisa, porque você não elabora nada, não projeta nada, não vai discutir sobre alguma coisa, se você não tiver uma informação, e aí você vai buscar esta informação através da pesquisa. Então foi aí que eu vi a necessidade realmente.

E quando era a pesquisa pela pesquisa, por exemplo, “pesquise tal tema”, não tinha interesse. Agora se fosse “vamos pesquisar tal tema, para ser utilizado em tal situação”, aí tinha significado. Aí ele ia buscar. Isso, de quinta a oitava, mas o ensino médio também, viu? O ensino médio também. Eles adoravam, adoravam. Agora se eu pedisse uma pesquisa para me entregar de uma forma, toda certinha, bonitinha, formatada, ããã (que chato). Mas se eu dissesse, vamos fazer a pesquisa tal para ser utilizada em tal projeto para estarmos desenvolvendo. Aí saía, e saíam coisas maravilhosas, maravilhosas. Só que restam condições. Aonde que era a orientação toda da pesquisa nos projetos? Tudo fora, da aula normal. A orientação coletiva, tudo bem, agora vai ter aluno que precisa de orientação individual. Agora com 40, 45 alunos tem como? Não tem. Aí esse atendimento individual, eu fazia no meu intervalo entre aulas, no horário de recreio, depois do meu horário, nossa cansei de ficar no período da noite. Meu horário acabava 6:20 e eu ficava até 9:00 horas da noite... com aluno. E o aluno, sacrificava, ficava com falta, porque ele não estava na sala de aula, embora ele estivesse na escola, tendo orientação da pesquisa, mas ele ficava com falta porque não estava dentro da sala de aula, porque o projeto não era interdisciplinar. Que foi o que a gente sempre quis, mas chegou uma hora que a gente viu que não dava. É beleza isso, lindo, teoricamente maravilhoso, projeto interdisciplinar, multi, trans...práticas? Desculpe... (lágrimas)

Você disse que não há tempo para prepara as aulas, o que acontece ?

O tempo de preparo, assim, o tema de trabalho já tem que estar definido, você tem até uma proposta de trabalho, mas às vezes, você quer incrementar aquela tua aula, você quer buscar mais material para enriquecer esta aula. Aí você acaba batendo no tempo. Como é que você vai preparar material? Não é questão que falta tempo para preparar a aula, a aula está preparada, beleza. Mas para eu executar aquela aula, com qualidade, eu preciso de material, eu preciso produzir, eu preciso buscar este material, eu preciso pedir emprestado, eu preciso de material para baixar este material, para produzir, e aí eu acabo batendo na questão do tempo. O tema, a proposta, o objetivo está pronto, porque você com o planejamento você já vai vendo mais ou menos como você vai trabalhar estes temas, mas falta tempo é para você produzir este material. Por quê? Uma coisa que eu aprendi, é que material pedagógico, não é só livro didático. E também não é só um computador. Então, você para poder dar uma boa aula, você tem que pesquisar. Você quer baixar aqueles vídeos, você quer fazer isso, fazer aquilo, quer ir numa locadora? Você tem que entrar numa locadora, vê que filme que tem, porque às vezes, não é só aquele filme que já existe, você quer inovar, aquele aluno já foi seu aluno 10 anos ali, e aí você vai passar as mesmas coisas para ele? Você precisa estar inovando, no material, e aí o que acaba? Faltando tempo para você buscar, produzir, pesquisar...

Existe apoio dos administradores e há estrutura escolar, para que o professor trabalhe com a pesquisa em sala de aula ?

Não, não há. Não há apoio, nem na questão da ocupação dos espaços físicos da escola. Porque é de direito do aluno ter liberdade do uso da internet, assim como o professor, se a escola tiver. Do uso da biblioteca...que a escola não tenha uma sala de informática, não tenha internet, mas a biblioteca? Eu acho que tem que ter a liberdade de ir e vir do professor e do aluno. Com relação, a sala de vídeo, às vezes você também tem alguns obstáculos para você poder usar. Então já começa com as dificuldades de você poder usar os espaços físicos da escola. O material, os livros, computador se tiver, então é tudo com muita, muita dificuldade,

muita dificuldade. Horários, organizar, por exemplo para você...porque o número...bom vou falar com relação ao número de aluno, por a classe ser muito numerosa, com um grande número de alunos, o que acontece ? Você tinha que ter um apoio. Você sai com um grupo, outro grupo tinha que ficar com alguém, ou que pudesse ficar em algum lugar, ou que ficasse na sala...não pode, não tem como. Não tem suporte técnico, pedagógico, nenhum. Na sala de informática a mesma coisa.

Não tem, incentivo a pesquisa. A pesquisa parece que é para ser feita em casa daquela forma antiga, pega um livro leva para casa e faz a cópia, ou então, vai na lan house, baixa da internet, imprime e entrega para o professor. A escola ainda tem a mentalidade de pesquisa dessa forma.

Então a pesquisa na escola pública possui este perfil ?

É, o perfil da pesquisa na escola pública é este. Pega o livro, leva para casa de preferência, porque não é legal ficar na biblioteca também, porque vai incomodar o bibliotecário. Criança fala, criança se movimenta. Então ele pega o livro, leva para casa para fazer a cópia, sem orientação nenhuma, de ninguém por perto. Porque por mais que você oriente coletivamente, é diferente de você orientar por um grupo, não precisa ser nem individual, por um grupo menor de pessoas. E não tem estrutura nenhuma, nenhuma, nenhuma dentro da escola que, atenda esta necessidade. Agora tem que ser de vontade do grupo escola de trabalhar desta forma, porque aí há comprometimento de todos, né ?

O que você acha que falta para trabalhar melhor ?

Organização dos espaços físicos, apoio técnico e pedagógico.

Você recebe algum estímulo para trabalhar com o ensino por meio da pesquisa ?

Nenhum, a não ser quando tem alguma feira de ciências que a gente tenha que apresentar, aí... mas, mesmo assim, tem que ser tudo fora do seu horário de trabalho. Dentro da sala de aula... né ? O incentivo nenhum. Se for algum projeto ainda, de interesse da escola, ela talvez assim, ela te dê mais assim, condições, vamos dizer assim, de ter uma maior facilidade de você usar uma sala de internet, uma sala de informática, mas mesmo assim, não tem incentivo a não ser que seja fora do seu horário de trabalho, fora do seu horário, hein? E de preferência com um grupo pequeno de alunos, para poder não interferir na dinâmica da escola.

O que você acha que falta para melhorar sua prática ?

Para melhorar a minha prática, primeiro, é sempre ter assim, oportunidades de eu estar me qualificando. Isto é importante para o professor, é necessário para o professor. Porque o mundo gira, a sociedade muda, não adianta eu falar que eu sou a mesma professora, talvez nem do ano passado para cá, porque eu já tive que mudar algumas coisas, né ? Mesmo por conta das novas propostas, não vou ser a mesma professora, mas também não vou começar do zero, apagar toda a minha vivência, mas eu tenho que aproveitar o melhor que eu desenvolvi durante este tempo, com o melhor que vem e peneirar. Mas para isso precisa do quê ? Do professor se qualificar, né ? Eu acho de extrema necessidade, essa qualificação. Mas pra isso precisa do que ? Do tempo, né ? Do tempo para o professor fazer isso.

Quais dificuldades você encontrou até agora, para trabalhar com a pesquisa como instrumento de aprendizagem ?

As maiores dificuldades eu acho que foi em torno do apoio, né ? Apoio técnico e pedagógico. Os recursos, não posso dizer que tenha encontrado dificuldades, porque a escola tem. A escola tem uma excelente biblioteca, uma excelente sala de vídeo, uma excelente sala de informática, pelo menos a escola conseguiu essa estrutura toda, só que não é bem administrada. Acho que

isso deveria ser melhor, administrado, melhor organizado. O espaço físico que está construído é ótimo, mas precisa de material humano, você precisa de apoio, você precisa de certas pessoas. Numa sala de informática você tem que ter um apoio, na biblioteca seria interessante um apoio, então acho que falta esta parte mesmo.

E a questão dos horários, você tentar conciliar os horários. Para discutir, porque é uma grande dificuldade, uma grande dificuldade. E a dificuldade da orientação. Orientação em um grupo menor de pessoas, primeiro vem essa orientação coletiva, mas depois se faz necessária aquela orientação mais de grupo e tal, até chegar na individual. Porque os projetos de aprendizagem, você tem que trabalhar com o aluno individualmente, porque cada aluno está com um tema, e os interesses são diferentes. E você tem que se informar. Você tem que pesquisar referente a cada tema, para você poder orientar. E a orientação é individual mesmo, então quando você vai ter tempo para fazer isso ?

Você trabalha fora do seu horário de serviço. Quer dizer que você é remunerada por este tempo ?

Não, trabalho voluntário, voluntário mesmo. Que os alunos reconhecem.

Então você não recebe incentivo financeiro nenhum ?

Nenhum, nenhum. Até se eu chegar atrasada, como já me aconteceu, porque a gente tem uma tolerância de 10 minutos, mas já aconteceu de eu estar atrasada dois minutos, e levar falta. Assim como tem, trabalhos que a gente tem que apresentar fora, que a gente vai ficar fora do horário, e não é remunerado, e nem é negociado, nada, não tem nada, nada, nada. É voluntário mesmo.

Destas dificuldades que você relatou, alguma já foi sanada até o momento ?

Não, tudo isso continua. Porque antes, a gente não tinha recursos, a estrutura física da escola era muito difícil. Agora o que está faltando é essa parte de administrar e dar o suporte, e dar o apoio. Se tiver o suporte e o apoio, acho que já melhora bastante. Claro que a gente precisa das ferramentas, que são as sala, são as máquinas, isso já tem, que já foi um avanço enorme. Porque antes a gente só tinha a biblioteca e o livro. Hoje nós temos a sala de informática, a sala de vídeo, a horta, lá fora tem o meio físico também. Agora falta o que ? Apoio, né ?

Mas se é difícil se trabalhar com a pesquisa, por que você escolheu usá-la ?

Porque é o que funciona. Porque eu acredito que funciona. É o que eu acredito que funciona. E quando você acredita naquilo que você faz, você é o persistente, né ? Você acaba se tornando uma pessoa persistente.

O que você pretende com o uso da pesquisa, o que quer desenvolver no aluno ?

Que ele aprenda a aprender. É isso. Que ele, tem que ser autônomo, nas suas descobertas, e que acima de tudo, ele saiba o quê ? Sistematizar aquela informação, organizar aquela informação na cabeça dele. E aí, com isso, ele vai ter o conhecimento, ele vai ter a aprendizagem. Então eu acho que o caminho é este, no dia que ele descobrir que ele sabe, que ele aprendeu a aprender, aí ele vai caminhar. Pelo menos de 5ª a 8ª, se ele descobrir isso, o nível dele no ensino médio vai ser outro. O nível dele no ensino superior... Eu falo do ensino fundamental de quinta a oitava, mas isso podia começar lá...de uma forma, não sei exatamente como, qual seria, mas poderia começar lá no ensino infantil. Claro que não no mesmo formato e tal, mas deveriam estimular as crianças.

Você comentou sobre a teia do saber. Sabe se existe algum programa de formação continuada que se baseie no ensino por pesquisa para desenvolver os professores ?

A teia do saber, ela começou, com este esquema agora. Quando eu comecei a fazer a teia, estava bem perdido. O primeiro ano de teia foi muito ruim, muito ruim mesmo. Tinha gente que nem sabia exatamente o que estava fazendo ali. A partir do segundo ano, eu vi que os professores já vinham, querendo embutir na cabeça dos professores essa necessidade, do professor também ser um pesquisador. Ele tinha que pesquisar as suas aulas, ninguém tinha obrigação, de chegar lá na teia, e trazer uma aula pronta para o professor. O professor tem que pesquisar e tem que elaborar as suas aulas. “Ah mais onde está isso que você está dando?” “Ué vai pesquisar”. Então eu acho que eles vieram com está, tanto é que agora, no final de cada texto, tem que apresentar um trabalho. Se você não tiver uma pesquisa, você tem que fundamentar aquela sua metodologia. Não é “eu faço assim, assado”, pêra aí, mas baseado em quê ? Em qual autor ? Se você não leu, não pesquisou, não tem noção do que você está fazendo...

Então estou achando que a teia está mudando o seu formato sim, mas não está mudando de livre e espontânea vontade não. É pela pressão do próprio professor, porque como tem sido cobrado muito dele isso, nos últimos tempos, e ele não teve este preparo, esta formação. Então a gente é cobrada, mas quando era oferecido o curso, não contemplava aquilo que eles queriam cobrar. Então, como é que a gente vinha aqui ? A gente vem aqui, porque lá está sendo cobrado e eu estou achando que eu vou ter isto aqui. Aí chegava lá, opa, espera aí, tá tudo errado. O cara que ganhava a licitação, chegava com o programa pronto, e os professores, já com uma, certa maturidade, porque isto está acontecendo. Opa está tudo errado. Não é isso ? O governo quer isso, a proposta curricular é assim, não sei o que... Então você tem que re-formatar, então vão pesquisar também. Então pesquisem.

Não dá para parar de pesquisar, nunca na vida. É o tempo inteiro. Agora se o aluno aprende isso lá, no comecinho ? Já imaginou ? A qualidade é outra.

O que você percebe no aluno quando se faz uso da pesquisa ?

Eu acho que muda, porque provoca no aluno o interesse. Não é o interesse que a gente tem que despertar ? Tudo não começa pelo interesse ? Então, primeiro, para ele é algo novo. Não aquela pesquisa, pega uma folha de almaço e copia. Não é essa pesquisa que eu estou falando. Então quando você propõe para o aluno algo novo, justifica para ele, dá o objetivo para ele daquilo. Eu acho que ele passa a ter interesse, eu acho que ele se interessa, aliás eu acho não, eu percebo isso, que ele se interessa. E que depois ele quer mais, ele quer mais. “Professora quando a gente vai fazer aquilo...?”, porque, veja bem, durante o ano, talvez você faça dois trabalhos de pesquisa no máximo vai, um por semestre, mas você podia fazer um por mês, um por bimestre. Mas não dá, porque realmente é muito trabalhoso, dá muito trabalho, e há um desgaste grande do professor, aumenta muito mais o desgaste. Então, dá trabalho, eu vou fazer ? Com o salário que eu recebo, com o tempo que eu tenho, com o numero de aulas no dia que eu tenho ?

Quais foram os resultados que você acredita ter alcançado ao longo do seu trabalho utilizando-se da pesquisa ?

Acho que foi despertar no aluno, que ele é capaz, que ele é capaz de aprender. E que aquela aprendizagem dele, que ele descobriu, que é o aprender a aprender, ele vai levar para a vida inteira, é para a vida inteira. Eu acho que foi o melhor prêmio que eu pude conseguir na minha vida foi esse, fazer com que meu aluno...que é uma coisa para mim tal óbvia, mas que para o aluno não é, e que talvez nem para a educação seja, porque aí ele vai caminhar com as próprias pernas, é como se ele criasse asas e fosse voar, mas é como ele se sente. Foi como eu

me senti, quando eu acabei de fazer o meu trabalho de conclusão de curso da pós. Eu consegui, que legal ! O que não foi fácil, porque eu estava meio enferrujada.

Como você faz para avaliar se o aluno aprendeu ?

Eu avalio assim, não é na quantidade, na quantidade de informações ou nem se ele memorizou. Em cima da pesquisa, eu avalio mais no que ele conseguiu construir, depois que ele fez a pesquisa, porque para construir o produto final da pesquisa, mesmo que ele não tenha feito aquele trabalho formatado e tal. Mas ele viu o resultado dele. Então é em cima do que ele construiu na verdade, é que eu vou avaliar mesmo. Porque se ele chegou naquela construção, é porque ele foi, buscou informação, organizou essa informação, buscou os dados, fez o levantamento, tabulou e tal, tal. Aí no final deu aquele resultado, aí eu avalio.

Eu tentei, avaliar também, a nível, de avaliação formal mesmo, sabe ? Também dá para você avaliar, desde que o tema seja igual para todos, quando... até não sendo, não é o mesmo tema, mas a pesquisa que surgiu de uma forma, mas no final teve o momento de compartilhar que é a apresentação da pesquisa, porque não adianta você pesquisar, pesquisar, pesquisar depois me entregar para ficar guardado dentro do meu armário embolorando. Pelo amor de Deus. O aluno quer ver a pesquisa dele valorizada, e como você vai valorizar ? Na hora que você apresenta, que você compartilha. E se você tem oportunidade de compartilhar, você pode até pedir uma avaliação formal e tal, porque hoje em dia a gente é de certa forma cobrada também no papel. Será que o aluno aprendeu sobre tal tema, sobre tal assunto que você desenvolveu ? Infelizmente, o sistema ainda exige lá, mas não sei, eu avalio desta forma, o que ele conseguiu construir, realizar depois da pesquisa, porque a pesquisa pela pesquisa é só um instrumento que eu utilizo para ele aprender a aprender. Mas a avaliar, o que ele construiu, o que ele realizou, se ele evoluiu.

Quer dizer que você acredita que o aluno aprende com o ensino por meio da pesquisa ?

Aprende, desde que muito bem orientado. Se tiver orientação, ele aprende, aprende mesmo.

E para que haja esta orientação há necessidade de ?

Tempo, redução do número de alunos, principalmente. Tempo para você, também se preparar, se capacitar, porque você precisa, aprender a trabalhar, desta forma. Porque também não é fácil, que eu continuo aprendendo também, porque não é fácil trabalhar. Não é um bicho de sete cabeças, mas ele é bem trabalhoso, é trabalhoso.

Com este salário que o professor recebe, existe condições de se trabalhar o ensino por meio da pesquisa ?

Não, com o salário principalmente, porque você acaba tendo que trabalhar em duas redes. Eu tenho colegas que trabalham até em três redes, estado, município e particular, ou seja, trabalha manhã, tarde e noite. Onde que você vai ter tempo, condições intelectuais, porque chega uma hora que você vai estar esgotada. Você não tem como. Imagina no estado, vamos só pegar pó estado, 32 aulas, de ciências dá 8 classe, com 45 alunos ? Dá duzentos e poucos, trezentos alunos ? Agora 20 horas de trabalho efetivo com os alunos, 20 horas como orientador, pesquisador, junto com os alunos também. Numa rede só ? Você consegue atender todos os alunos e com qualidade, com qualidade.

Anexo 13**Professora D – escola 2 (ano 2007)****Profissão?**

Professora.

Idade ?

52 anos.

Qual a disciplina que leciona ?

Artes

Qual é o nível que leciona ?

Fundamental e médio.

Quanto tempo possui de magistério ?

15 anos.

É efetivo na escola que leciona ?

Sim.

Trabalha somente em uma escola ?

Atualmente sim.

Ministra quantas aulas por semana ?

Vinte horas aula por semana atualmente, mas já lecionei muito mais.

Normalmente você ministrava quantas aulas por semana ?

Uma média de cinquenta aulas por semana.

Nossa, você lecionava este tanto de aulas por gosto ou por outro motivo?

Motivos financeiros.

No caso o Estado de São Paulo, não remunera o professor de acordo com suas necessidades financeiras ?

Sim, para manter o meu padrão de vida, não podia depender só deste salário do Estado, então eu somava as aulas do Estado com instituições da rede privada.

Desculpe, não entendi, quando você fala ‘meu padrão de vida’, refere-se ao seu padrão pessoal, ou a de um professor de educação básica ?

Não é suficiente para um padrão de vida normal de um professor de nível fundamental e médio, uma vez que este precisa estar se aperfeiçoando, tem que comprar livros, que fazer cursos, tem que se locomover, para este último ele tem que pagar a condução, tem que se vestir, não, impossível sobreviver com esse salário, ainda mais com dois filhos.

Com relação às horas trabalhadas, você disse que eram cinquenta aulas por semana, e somando as horas de HTPC e HTPL perfaziam um total de quantas horas semanais ?

Uma média de 56 aulas por semana com os htpc e htpl, pois as escolas da rede privada também mantêm essas reuniões semanais.

Você sempre exerceu a função de educadora ?

Sempre fui professora.

Por que decidiu escolher a vida docente ?

Foi por acaso, porque minha formação é em artes, e é um mercado limitado, com isso optei pelo magistério, mas com o passar do tempo apaixonei-me pela educação.

E desde que você começou no magistério até o momento você percebeu alguma mudança na educação no Brasil, e se sim, quais foram as mudanças percebidas, foram boas ou ruins e em que sentido?

Mudança na educação não, a mudança na educação, o investimento na educação, eu não percebi muita mudança, o que percebi foi que as posturas mudaram, porque eu comecei a lecionar a exatamente vinte e nove anos atrás, depois parei um bom período e retornei a questão de uns doze anos atrás. O papel do professor era um, o aluno, o perfil do aluno era outro, porque eu também lecionava em escolas públicas em regiões periféricas, de periferia, uma clientela pobre, mas este aluno tinha um comportamento uma postura diferenciada do aluno de hoje, o que exige um outro perfil de professor também ou uma outra competência do professor muito além daquela só voltada ao conhecimento específico da sua área, exige do professor um conhecimento muito maior muito mais abrangente em relação as outras áreas das relações humanas.

Quando você coloca, que o professor não está de certa forma, qualificado para trabalhar com esta nova clientela (alunos). Você acha que também, de certa forma, a família tem a ver com o tipo de aluno que a escola pública possui hoje em dia, que é diferente de dez, quinze anos atrás?

É, a família, as questões políticas, sociais, econômicas, essas questões se refletem na formação, na família É o papel da mulher, ela não está só dentro de casa, ela tem várias funções, ela se sobrecarrega, não possui tanto tempo para estar acompanhando o filho, ouvindo-o, isso dificulta bastante. Eu acho que muito o papel da mãe, não retirando o pai, mas a ausência da mãe contribuiu muito para essa alteração dos papéis da formação do indivíduo.

Na verdade, logicamente que com a qualificação do professor há uma diminuição da defasagem da aprendizagem do aluno, mas é importante também o trabalho em equipe docente, dentro da escola, mas com a ajuda dos pais, não seria um trabalho muito mais completo ?

Sim contribuiria, pois os pais não possuem uma visão que condiz com a totalidade do sujeito (do filho). Esse indivíduo dentro de casa, não sei se é o amor ou apego que cega um pouco, é diferente esse indivíduo na sociedade, no seu ambiente social, é bem diferente. Então o professor, não aquele que observa o ser humano dentro de determinados padrões fechados, porque também não vai conseguir fazer uma leitura desse aluno. Mas o professor tem uma outra visão do comportamento, ou desta personalidade, que mesmo o pai e a mãe convivendo e sendo praticamente 'cria' deles, não tem. Então os próprios pais não conhecem o filho na sua totalidade, não vou dizer que o professor chega a conhecer em profundidade, mas ela

consegue conhecer um outro lado que pai e mãe não conhece, porque o adolescente, não digo a criança, mas o adolescente dissimula bastante, até mesmo para se salvar guardar.

Como profissional na área da educação, o que você pensa da sua profissão ?

Eu acredito que a importância do professor hoje é reconhecida, até diante da realidade que se apresenta, agora se esse reconhecimento envolve o fator retribuição financeira, não, tanto é, que é tão cobrado do professor resultados, como se ele fosse o único responsável, o único que tivesse condições de promover a educação, quando ela tem que ser pensada como um conjunto de ações, de filosofias, enfim é todo um conjunto e de papéis. Todos somos responsáveis para que haja uma educação de fato. Porque eu acho, que o professor tem que ter iniciativa, ele pode estar promovendo uma mudança neste estado geral das coisas que não passam de aparência, mas precisa ter suporte para isso.

Como você se sente, enquanto profissional da educação, no aspecto pessoal, profissional, educacional ?

Atualmente eu posso dizer que estou me sentindo muito bem como professora, por incrível que pareça. Eu tenho colhido bons frutos e não só em relação a resultados de aprendizagem na área de artes. Eu tenho conseguido perceber um reconhecimento especial por parte dos meus alunos.

De que forma ?

Pela postura deles em sala de aula, pelo comprometimento com os nossos acordos, os nossos combinados, um comprometimento até com o aprendizado deles mesmos. Um reconhecimento, tenho até documentado por carta, por mensagem, por fala, parece estranho, apesar de toda essa crescente reclamação dos professores com relação ao respeito, eu tenho percebido, eu não sei se é porque eu mudei também a minha postura, baseada em conhecimento, sei mais como agir, e tenho empregado isso, o retorno está sendo bem valioso, bem válido.

Este retorno foi conseguido através do seu trabalho com os alunos ?

Exatamente, principalmente o trabalho comigo mesma, um trabalho de revisão da minha própria prática, e da minha postura como pessoa, como profissional, essa pessoa que não dá para dissociar da professora.

E como você conseguiu fazer com que estes alunos reconhecessem o trabalho, até mesmo com relação ao desenvolvimento da aprendizagem ?

Primeiro eu acredito no trabalho, mais importante, pode parecer até piegas mas, eu gosto dos meus alunos, eu gosto do adolescente, eu gosto deles e aposto neles.

Quais são as vantagens que você, enquanto educadora, percebe em trabalhar na área da educação ?

Você não disse que iria fazer perguntas difíceis (risos). Atualmente não vejo vantagem alguma, não é opção, é falta de opção.

Se você não vê vantagens, quais seriam as desvantagens ?

A começar pelo próprio sistema educacional, principalmente o público, me refiro mais ao público. Não existe suporte para o professor. A própria gestão, que também são funcionários públicos, faz o mínimo possível, quando o faz. Existe uma série de burocracias. Não digo nem que seja apenas culpa da clientela, dos alunos, não é só isso, é todo um sistema que já vem de cima e se reflete depois na base. Especificamente, na pré escola, que acaba criando um aluno,

um indivíduo, que ao chegar para o professor de ciclo II, está totalmente heterônomo, uma pessoa que não sabe o que é autonomia, dependente. E quando você quer mudar a sua prática, bom primeiro, você praticamente é a única que quer mudar sua prática educacional no meio de um todo. E para os alunos também é muito mais cômodo continuar da mesma forma, que atualmente, também não produz um resultado satisfatório em relação a aprendizagem. O que demanda mais incompreensão por parte do aluno, mais dificuldade, e acaba que se reflete na disciplina, porque quando o aluno não entende, a escapatória dele, é não se envolver, uma vez que não se envolvendo precisa realizar alguma coisa, é criança, adolescente, ele precisa fazer alguma coisa, ele precisa se agitar, ou para chamar atenção ou para passar o tempo. Enfim é todo um sistema que começa, de cima para baixo, de baixo para cima. O discurso é muito bom, mas não está chegando a lugar algum, não vejo vantagem alguma na educação, para o professor não, pode ser que tenha para alguém, mas para nós não.

Em sala de aula como você descreveria seus alunos com relação ao comportamento, a participação ?

Olha, como eu dou apenas duas aulas por classe, tenho muitas classes. Em uma sala de aula pode-se classificar uns 70% muito interessados, 10% ou por dificuldade de aprendizagem ou por realmente um desinteresse provocado por maus hábitos de estudo, porque a gente percebe que existem alunos com potencial, condição intelectual bem adiantada, cada um dentro do seu próprio ritmo, mas, não se envolvem, são descomprometidos. Mas 70% pode-se dizer que têm interesse.

Como você faz para trabalhar com um número grande de alunos em sala de aula e fazer com que estes aprendam ?

Ah quanto maior o número de alunos em sala de aula, maiores são as dificuldades, tudo é proporcional. Primeiro porque você possui os 30% restantes, que conseguem desarmar, geralmente no início, quando nos conhecermos, eu coloco alguns combinados. Até que nós elencamos juntos estes combinados, mas estes precisam ser constantemente revistos e esclarecidos, portanto quanto maior o número de alunos, mais difícil se torna o trabalho. Mas, é uma questão também de prática, são coisas que não tem uma fórmula, porque cada professor possui uma maneira de lidar com o outro, de conquistar, ou não. Então essa convivência com a classe, com o decorrer do tempo, mesmo aqueles que não estejam totalmente comprometidos, eles acabam respeitando você e o colega. Talvez eles estejam até, se respeitando, porque mesmo que estes não participem, sempre alguma coisa estarão conseguindo levar consigo.

Procuro fazer perguntas na classe, para que os alunos respondam, procurem dialogar, gosto muito que os alunos se posicionem. Ontem inclusive, eu perguntei para um aluno, pois estávamos estudando Tarcila, não a Tarcila pura e simples, mas contextualizando, o contexto histórico que envolveu o modernismo na arte. Quando chegamos na fase social, onde ela pinta, lembra muito, não vou dizer que lembre Portinari na questão da forma, mas sim no conteúdo. Ela trabalha com a sociedade brasileira, com a carência, o desemprego, a miséria, a migração, principalmente em uma certa fase, especialmente aquela que envolveu a década de 30, que trouxe uma migração não apenas do nordeste do país, mas também do interior, e isso vem desde o começo, do final do século passado. E eu perguntei para eles o que causou essa migração, se eles lembravam de alguma coisa da história, apenas um dos meninos falou “Ah é, é porque faltava emprego lá na cidade do interior”, ele fez uma relação. E perguntei, mas porque faltava emprego “Ah, porque a lavoura estava ruim”. Ele conseguiu ir fazendo a relação, e tomando esta iniciativa, em falar, os outros perceberam que ele teve atenção, e com isso o aluno vai perdendo o medo de falar, de se colocar. Você sabe, os alunos ficam com medo de falar alguma bobagem e os colegas rirem, isso inibe demais. No início o aluno não

queria falar, e eu disse que queria que ele falasse, que eu gostava de ouvi-lo falar. E ele falou meio tímido, mas falou, e os outros ficaram quietos escutando, pois não tinham pensado nisso, e viram uma conexão, portanto de alguma forma se aprende, mesmo aquele que não está tão comprometido se envolve. Não é fácil, você sabe que hoje em dia não é fácil, mas ter aluno múmia também não é vantagem. É esse aluno participativo que precisamos conquistar, mas isso tem que começar desde a educação infantil.

A pesquisa você a utiliza como instrumento de aprendizagem ?

Sim, mas para desenvolver. Você ainda não consegue esse resultado de imediato, mesmo porque, se está dentro de um sistema que nunca trabalhou com isso, não é assim.

Se não é fácil, porque você escolheu utilizá-la ?

Essa metodologia de trabalho, faço com apenas uma classe. É uma oitava série, que seria um trabalho piloto em cima de uma proposta de trabalho com projetos de aprendizagem. O aluno escolhe um tema para estudar e ele vai buscar a partir de uma situação problema, uma possível solução para a questão que ele levantou. O que o professor faz é orientar esse processo de pesquisa e acompanhar, incentivar. É um trabalho bem difícil, mais difícil do que você trazer tudo pronto, mas é aí, nessa busca que o processo envolve a pesquisa e a aprendizagem passa a ser responsabilidade também do aprendiz.

Porque você considera importante utilizar a pesquisa como instrumento de aprendizagem? Quais são as vantagens ?

Exatamente pela ação do aluno, quando ele imprime, primeiro que ele é movido pelo seu próprio interesse, quando realmente existe, novamente vamos voltar para aquele sistema que perpetua esta heteronomia do aluno, essa dependência daquilo que é trazido. Uma das vantagens maiores, é estar trabalhando a percepção da condição dele ter autonomia, de poder desenvolver uma aprendizagem por ele mesmo. A descoberta, não uma aprendizagem em si, porque o conhecimento não se reduz apenas ao levantamento de dados, informações, mas a condição de levantar esses dados, trabalhar, isso ele não consegue fazer sozinho, deve existir uma mediação do professor, esse tipo de conhecimento que ele adquire dependente de um processo desse tipo, esse é um conhecimento, um aprendizado que ele realmente não vai esquecer mais, é algo que ele realmente vai incorporar.

A pesquisa você trabalha com o aluno de forma científica ou formativa ?

Eu acredito que científica, não na forma, mas no conteúdo, não estou preocupada na apresentação de um trabalho com folha de rosto, porque para mim isso não é trabalho científico. Trabalho científico é muito mais do que isso. Eu vejo professores se referindo a trabalho científico como se fosse isso, “Olha eu trabalho pesquisa científica, eu ensino como eles devem proceder, a folha de rosto...” isso não é pesquisa, isso aí tem a ver com os procedimentos de organização, é importante, mas o conhecimento o aluno não vai obtê-lo através apenas disso, mas sim através do trabalho com operações superiores, para fomentar este período. E não decorar o procedimento passo à passo, então acho que sim, eu trabalho com a pesquisa científica quando eu me proponho a isso, a que ele busque a informação, que ele interprete, analise, selecione, que ele reflita sobre a informação, e que ele tenha uma opinião própria sobre o assunto.

Você explicou trabalhar a pesquisa na forma de projeto de aprendizagem com uma sala piloto, como você desenvolve este trabalho ?

Bom, nós temos um guia, um instrumento, uma espécie de um manual, oferecido pelo Instituto Ayrton Senna, que é quem incentiva este tipo de trabalho, minha escola como é

parceira, ela tem um apoio pedagógico, o material pedagógico, voltado para o desenvolvimento deste trabalho. É evidente que nenhum guia pode ser o único referencial em um trabalho educativo, vai depender do grupo, como o professor se coloca, depende do grupo, das experiências do grupo, mas a partir dessa orientação, não é que você tem que utilizá-la como uma cartilha rígida, a proposta deles é sempre que oriente o aluno a começar um projeto através do levantamento de uma situação problema, ou de uma curiosidade. E é o trabalho inicial que é demorado, que exige muita intervenção, que a partir daí que a gente dá início ao trabalho. E é individual, cada aluno escolhe uma coisa, eu tenho até o caderno com cada pergunta, aí eles expõem o porquê de ter escolhido aquela pergunta, qual conhecimento que ele já tem sobre aquele assunto, o que gostariam de saber. Depois vão expor oralmente, o que é muito difícil para eles, porque o adolescente não gosta de se expor. Então é uma competência que realmente vai ter que ser trabalhada, porque ela não surge de uma hora para outra. Depois eles escrevem, traduzem isso através da linguagem escrita. A orientação do instituto é que cada aluno também além de ter uma pasta, onde ele vai acondicionando todo o material de pesquisa, que envolve o processo desde o registro da pergunta, a justificativa, ao resultado da reunião deles em grupo. Uma vez eles divididos pelos temas, porque tem temas assim, as perguntas são diferentes, mas as perguntas se ligam a temas, eles vão colocando o resultado das discussões, e até o material que eles vão coletando. Além da pasta é sugerido que cada um crie um Blog, e é aí que a gente seduz o aluno. O Blog é uma espécie de site, e ali ele registra a pergunta, o processo, só que o que ele deve colocar ali, não é puxado da internet, é justamente a síntese, um texto dele sobre aquilo que ele pesquisou em livros, internet, entrevista. Inclusive eu tenho os endereços se você quiser para dar uma olhada, entrar e estar comentando. Quando ele coloca na internet e outras pessoas entram e comentam, ou dão sugestão, nossa como o aluno fica, como ele se sente valorizado, como realmente para as competências pessoais isso é importante, e aí, quando a escola não tem, como foi o caso, de ficar desde fevereiro sem internet, eu a princípio comecei a levá-los na Lan House³¹ esse ano de novo, mas era assim, eu levava depois da minha aula, eu pegava uns seis, oito alunos, e nas duas últimas aulas eu os levava para a Lan House, aí a professora da classe não quis mais, disse que eu estava atrapalhando e não pude mais levá-los e com isso houve a interrupção do processo de criação dos Blogs.

Quer dizer que você trabalhava fora do seu horário de trabalho?

Trabalho fora, porque quando eu visito os Blogs, ou quando eu tenho que fazer orientação pelas pastas, eu tenho que fazer fora do meu horário.

E esse trabalho, você possui dificuldade, porque não consegue discutir com os professores, entrar em um acordo ?

É, o próprio guia prevê que o trabalho com os projetos em todas as classes seriam desenvolvidos em parceria com os outros professores, com os coordenadores e com o diretor, mas isso não acontece. Alguns professores realmente colaboram doando uma parte das suas aulas no processo, oferecendo a pesquisa em sala de aula, orientando essa pesquisa também, mas a parte dos Blogs, e aquela parte fora do horário ela compete mais a mim, eu já tentei dividir com os meus parceiros essa responsabilidade, não deu certo, eles não entraram e isso atrapalhou um bocado o processo das crianças.

³¹ O termo LAN foi extraído das letras iniciais de "Local Area Network", que quer dizer "rede local", traduzindo assim uma loja ou local de entretenimento caracterizado por ter diversos computadores de última geração conectados em rede de modo a permitir a interação de dezenas de jogadores. O conceito de LAN House foi inicialmente introduzido e difundido na Coreia em 1996, chegando ao Brasil em 1998. A tradução para o português poderia ser "casa de jogos para computador". O plural é LAN Houses. (PIACENTINI, 2005)

Esse projeto foi você que introduziu na escola ou ele já existia ?

Não, no primeiro ano que eu lecionei na escola, nós vencemos um concurso, este foi vencido através da proposta de um projeto que seria desenvolvido na escola e a partir dali, além de ganharmos vários micros para incrementar a sala de informática, já com intuito de trabalhar junto aos alunos a pesquisa pelos meios informacionais, nós ganhamos também essa parceria que envolve toda uma orientação e uma formação para se trabalhar com projeto e conseqüentemente com pesquisa, porque trabalhar com projeto é trabalhar pesquisa.

Este projeto não está sendo desenvolvido coletivamente ?

Não.

Você é a única que está trabalhando com este projeto ?

Sim, até porque, se não a gente perde a parceria.

A escola possui estrutura para dar suporte ao professor para desenvolver o projeto ?

Tem, ela tem, não tem talvez estrutura humana, mas física possui, tem uma ótima sala de leitura, mas somos proibidos de levar o aluno lá, porque eles fazem bagunça, não me pergunte porquê.

Com relação ao uso da internet, porque você precisava levá-los na Lan House, já que a escola possuía o material (computadores) ?

Porque apesar de ter mais ou menos 15 computadores no laboratório, nenhum deles funciona conectado, na verdade nenhum deles estava funcionando de jeito algum.

Então quer dizer que não há estrutura então na escola para o projeto ?

Existe, porque o próprio governo se dispõe a manter esse laboratório em ordem, só que os gestores tem que estar buscando e insistindo e procurando que aconteça sempre, não é esperar que eles venham, é ir atrás. Por isso, que eu te falei, que o funcionário público parece ser igual em qualquer setor, sem querer generalizar, mas como já estou meio amarga mesmo...Faz aquele estritamente necessário dentro do seu horário, eu que ficava aqui, vinha para casa muito aborrecida porque eu não podia dar continuidade, e filtrar alguns alunos que não podiam estar construindo seus Blogs, porque o professor não deixou sair, porque a escola não tem o laboratório em ordem, eu que ficava aqui da minha casa ligando, ou então ia na própria diretoria e botava a boca no trombone. Foi por isso que aconteceu, porque na escola, elas estavam esperando "Ah, nós já pedimos", poxa mas, se em dois dias não houve resposta, tem que voltar a insistir, sabe é difícil.

Então quer dizer que não existe incentivo por parte do gestor ?

Não. O que existe é o discurso todo voltado, até mesmo para trazer aluno para a escola, porque você sabe que hoje em dia até a escola pública está com dificuldade de segurar aluno. Mas de fato não acontece, a não ser que aconteceu em algum lugar do passado, ou algum lugar que eu não conheça, também eu não conheço tudo, mas com relação aos lugares que já lecionei e ao meu ambiente é tudo a mesma coisa.

Porque você resolveu fazer uso da pesquisa como instrumento de aprendizagem, você teve pesquisa na sua graduação ?

Não, nunca. Era bem tradicional, na minha época não tinha nem TCC³⁸, nem monografia, era bem técnico.

Na sua prática como professora, você sente falta dessa iniciação pela pesquisa na sua graduação ?

Ah sim. Muito tem me ajudado tanto o curso de mestrado, como a orientação do instituto e os cursos que eu tenho feito pelo próprio instituto, que são as experiências de aprendizagem colaborativa, via internet, essas tem me ajudado bastante.

Me conte um pouco sobre sua graduação, você aprendeu a trabalhar com o aluno em sala de aula ?

A minha graduação, não houve investimento para licenciatura, não tinha nada disso, era mais uma formação técnica, para ser desenvolvido um trabalho artístico. Como didática, licenciatura eu nem me lembro o que eu estudei. Para dizer a verdade, não houve investimento, tive psicologia, uma professora que eu gostava muito, mas não sei se, hoje em dia aquele tipo de teoria já não é mais aplicada, aquela psicologia dos anos 70, novas pesquisas, a própria década de 80 trouxe muita coisa nova, e eu me formei na primeira metade da década de 70, ainda o ensino da arte, por exemplo, era voltado mais para o deixar fazer, com uma influência grande da escola nova, muito pouca interferência, ou então desenho geométrico, que aliás a minha formação foi em desenho geométrico.

O governo oferece cursos de formação continuada, a teia do saber, qual sua opinião sobre este ?

Bom, eu acredito que ele só vai servir, se o professor tiver um conhecimento prévio sobre as teorias que hoje fundamentam, por exemplo, os parâmetros. Porque ele fica querendo receita. Porque muitos dos professores que lá foram, acharam inútil, porque não deram receita de como dar aula, ou modelo de atividade. Então se o professor não tem e a maioria, de quando eu fiz, principalmente de artes, era de professores que não eram efetivos, para dizer a verdade de efetivos só eu e mais um. Então eram professores que nunca haviam passado em um concurso, não eram moços, eram professores que não tinham mesmo competência, então para estes provavelmente não conseguiram estabelecer relações mesmo, eu escutava direto, “Ah eu não gostei; ah isso é muito chato; isso aqui não leva a nada”. Inclusive, uma vez, foi um professor, que foi trabalhar interdisciplinaridade, era um professor de física e ele deu uma aula de física e depois propôs que nós criássemos uma unidade ou uma proposta de trabalho que conciliasse as duas disciplinas. Nossa foi uma dificuldade, não conseguiram fazer uma relação, porque tinha que pensar, chegou a ser desrespeitoso, conversavam, diziam “Que não tinha nenhuma relação; para quê aprender isso, prá quê esse cara trouxe isso...”, quer dizer, a gente é só aquilo que você exerce, você não pode saber de mais nada ?

Esta forma do professor se comportar, a falta de leitura, você atribui a quê ?

Olha é a formação, a falta de interesse, é o reflexo da educação.

Na sua graduação você teve contato com disciplinas voltadas para a parte pedagógica ?

Tive, mas nada que foi significativo, que pudesse estar estudando teorias sobre aprendizagem, desenvolvimento.

³⁸ Trabalho de conclusão de curso.

Quer dizer que na sua graduação você não teve contato com a pesquisa, então porque você resolveu fazer uso desta ?

Porque eu acompanho o que hoje as novas teorias, as novas abordagens, aquilo que...porque o meu interesse é realmente fazer um trabalho que tenha resultados na aprendizagem uma vez que eu seja professora.

E você consegue ver resultado, apesar de todos os problemas que se enfrenta na escola, como falta de comunicação entre os professores, falta de material, suporte e apoio da direção ?

Ah tem resultado sim, é que realmente ele podia ser muito mais potencializado, mas têm. Quando você coloca para o aluno quais são os pressupostos, o trabalho. Porque tudo eles sabem, eles acompanham, eles sabem quais são os objetivos, a gente discute com eles o que nós queremos, aonde isso pode nos levar. A necessidade de uma escola hoje voltada para desenvolver competência, que não é só decorar, é saber lidar com a informação, que não adianta só eles ficarem copiando e colando da internet, ou copiar do livro, que não adianta eles me trazerem só isso, que eu vou exigir mais, porque a tendência é eles chegarem com isso “ah já acabei meu trabalho professora, já trouxe” aí volta tudo de novo ao mesmo assunto, aí ele já vai rever uma série de coisas. Eu já vi diferença, não vou dizer que todos investiram nisso, mas eles perceberam que o que eles faziam antes, não é aquilo que eu estou pedindo agora.

Você acha que eles estão já conseguindo perceber a aprendizagem ?

Não sei se eles chegam a ter esta metacognição, mas sabem que é diferente daquilo que está sendo trabalhado com eles, diferente de tudo aquilo que eles tem feito até hoje. Inclusive que exige, e muitos não desenvolvem mesmo, porque exige demais.

O que você considera pesquisa ?

Olha, pesquisa é uma busca com um determinado fim, e que a pessoa deve estar de alguma forma interessada e motivada a empreender esta busca, e esta vai exigir um determinado método e meios. Esta busca também não é só levantar opinião alheia, é discutir essa opinião, isso é pesquisa, envolve também a sua autoria e é o resultado dela.

Você disse que faz mestrado, é isso ?

Isso.

Você faz onde ?

Na Unisantos.

E por que resolveu fazê-lo ?

Porque eu sempre quis, eu sempre quis fazer mestrado, não só para melhorar o meu currículo, mas para conhecer mais. E realmente para mim foi uma diferença incrível, porque eu não sabia fazer pesquisa, eu sabia fazer pesquisa de supermercado, quantitativa (risos), mas a pesquisa qualitativa eu acho bem mais complicada.

Você disse que o mestrado, te ajudou a desenvolver o projeto com os alunos ?

Ajudou, e a entender o que é pesquisa.

E para você estudar, para desenvolver atividade para os alunos, para sua formação, até mesmo para o mestrado, você possui tempo para isso ?

Tempo muito apertado, bastante apertado, mas eu acho que como eu não tenho mais filhos pequenos, muitos compromissos com a casa, fica mais fácil, agora quem tem não sei como faz.

Então o governo também não dá suporte para o professor ?

Não, porque eu acredito que faríamos um trabalho melhor se estivéssemos afastado da sala de aula, porque aí você conseguiria desenvolver a pesquisa em dois anos, uma pesquisa de qualidade. Mas realmente afastado, não para a delegacia de ensino, se afastar totalmente todos os seus esforços empregados para desenvolver a pesquisa em educação.

O governo do Estado disponibiliza bolsa para o professor efetivo no valor de R\$ 720,00, mas como condição para esta ele deve continuar trabalhando em sala de aula, ou então se afastar trabalhando na diretoria de ensino por 24 horas semanais, o que você pensa sobre isto ?

Não concordo, eu não acredito que seja produtivo isso. Eu acho que deveria receber o incentivo, se afastar e poder fazer esse curso, nem que o professor se comprometesse por mais anos com o governo do estado, ao invés de dois anos, ficasse mais tempo. Porque o mestrado exige mesmo, é muito difícil fazer as duas coisas.

Desenvolvendo o projeto com os alunos, você disse que precisa trabalhar fora do seu horário de trabalho, neste sentido o governo paga por este seu trabalho extra, lhe dá algum incentivo ?

Não, muito pelo contrário, gasto minha luz, tenho que pagar o técnico do computador, meu telefone, banda larga. Não, não recebo nada, nem um incentivo da escola, nem um parabéns, não recebo nada.

Com relação a estrutura da escola para se trabalhar a pesquisa de forma coletiva, como você acha que deveria ser a estrutura da escola ?

Um trabalho deste não precisa ficar preso numa sala de aula, não faz diferença, o que precisa mesmo é de ajuda na questão de tempo, e de ajuda humana, para poder organizar em turmas, enquanto uma sai para fazer uma pesquisa de campo, outra está na biblioteca fazendo outro tipo de pesquisa, outro grupo está na sala de vídeo assistindo algo que pode estar utilizando para o trabalho de pesquisa. É assim que funciona na maior parte das escolas que trabalham com PA³⁹, é que a minha escola não tem envolvimento do grupo gestor.

Essas outras escolas localizam-se no estado de São Paulo?

Não, aqui no estado só tem a minha.

Me explique quais foram os problemas que você percebeu até agora, fazendo uso da pesquisa na sua escola.

Primeiro que tem que ser um trabalho desenvolvido em parceria com o grupo gestor e com os outros professores, e eu não encontro um professor realmente que esteja afim de se envolver com tanto trabalho, porque é experimental. E como, a gente, às vezes tem que assumir o que o grupo gestor deveria, realmente pesa pra caramba. Então ninguém quer. A pessoa até começa, mas depois desiste. Os próprios alunos, que não possuem essa cultura da busca, de buscar a informação, de uma alta aprendizagem. Esse é um processo que não se pode nem dizer que

³⁹ Projetos de Aprendizagem.

gere uma alta aprendizagem, porque como é experimental, é novo pra gente, é novo pro aluno, e os resultados não são aqueles que estão lá na frente. É um projeto de trabalho com projeto de aprendizagem usando a pesquisa. Então é isso, é tanto em relação a organização de tempo/espaço, pra que isso possa acontecer tem que haver a contribuição do grupo gestor, dos outros professores, da divisão com outros professores. Já pensou orientar 40 alunos de uma vez ? Como você faz isso sozinha em um trabalho de pesquisa em sala de aula ? Tem que ter parcerias. E os próprios alunos que você tem que estar motivando, incentivando através da sua orientação, que tem que ser acolhedora, mas não dirigida, tem que mostrar caminhos, não tem que fazer por, também envolve uma formação do professor pra isso, não é fácil. E o instituto possui um grupo de discussão muito voltado a esta questão da orientação para a orientação dos alunos, e através da experiência do outro professor a gente vai aprendendo, mas isso assim pela internet, trabalho com outras escolas. Em Araxá, por exemplo, está indo de vento em polpa, em Rio das Ostras, razoável, porque as secretarias são parceiras, o prefeito envolve toda a secretaria de educação e evidentemente os professores, eles possuem reuniões de formação, grupos de discussão entre eles, facilidade de levar o aluno de um lado para o outro, (suspiro) tá muito difícil aqui praticamente sozinha.

E o trabalho desenvolvido com o aluno, tem que ser no período de aula do professor?

É durante o período de aula, porque o instituto é bem claro, você não pode exceder o seu horário, mas não tem como. Eu já disse para eles que eu tenho que exceder, eu não tenho ajuda, eu tenho que fazer por dez. O ano passado eu investi muito nisso, inclusive o meu orientador, disse para mim, que eu tinha me atrasado por causa desse investimento, mas é que pra mim resultou em conhecimento, conhecimento de prática. Pra mim foi bom.

Com a sua prática, utilizando da pesquisa como instrumento de aprendizagem neste projeto piloto, você acha que se houvesse um incentivo maior para o professor, como condições de trabalho, salário justo, disponibilidade de tempo, seria uma forma mais efetiva de trabalho com relação ao desenvolvimento da aprendizagem do aluno em sala de aula ?

Ah sim, se o professor pudesse estar na escola um tempo maior, ganhar por isso, e pode estar fazendo um trabalho com o aluno de orientação, não digo individual, mas em pequenos grupos, que ele pudesse dispor desta parte para isso, nossa senhora, seria o ideal, para você estar trabalhando com o aluno, o compromisso que ele deve ter com a sua formação, que isso que é o ponto chave, eu acho, porque eles acabam deixando a nosso cargo e não é por aí.

Com relação a todos os problemas apresentados, algum deles já foi sanado até o momento?

Não, nenhum deles, só o laboratório de informática que no primeiro semestre do ano passado não tive como trabalhar, eu tinha que levá-los a Lan House, esse ano consegui agora em junho, já é uma grande coisa de um ano para outro, isso se não quebrar. Mas não há envolvimento da direção, tenho dois professores mais envolvidos, mas o comprometimento não é igual ao meu, eles não participam dos grupos de discussão, não entram em blog de aluno.

Tudo isso demanda tempo, e muitas vezes o professor está lecionando em outras escolas por conta do baixo salário que recebe no estado, não dispondo muitas vezes nem de tempo para estudo, talvez seria esse o problema também ?

Também, é evidente que é. O professor acumula muitas funções, a professora então que ainda tem a casa para cuidar, acumula muito mais.

Então pela sua experiência trabalhando com a pesquisa o governo teria que ter outro olhar sobre o professor com relação a disponibilidade de tempo, remuneração adequada ?

E tem que investir numa formação do professor, e o professor que se propuser trabalhar desta forma, tem que ter os instrumentos de avaliação do desempenho deste professor, porque se não tiver alguma coisa em cima, é por isso que não dá certo, infelizmente...

Existe algum programa de formação continuada que sustente o trabalho de pesquisa do professor ?

Não, que eu saiba não.

E você sente falta ?

Ah lógico, se não fosse essa parceria com o instituto ou esse curso de mestrado, eu não ia saber, tem o mestrado, mas não são todos os professores que se dispõem a fazer mestrado.

Qual série você trabalhou o ano passado ?

Uma oitava série.

Você passou a temática para que eles pudessem trabalhar ?

Se eu interferi na escolha ? De jeito nenhum, mas alguns tiveram que reformular as perguntas, porque tem perguntas que não geram processo de pesquisa, são aquelas que na primeira investida já são respondidas, as que começam com pronome interrogativo, qual é o nome, qual é a data, isso não gera processo, então isso demandava uma orientação, não direção, para que as perguntas fossem reformuladas sem se afastar da temática que o aluno queria fazer a pergunta.

Quando os alunos chegam na oitava série, existem alunos que ainda possuem dificuldade com relação a escrita e a leitura ?

Nossa e como, até mesmo no ensino médio, essa é a preocupação, essas habilidades, muitos alunos ainda não tem, com relação a escrita e a leitura, e a entender o que lê, este trabalho justamente promove isto. Ajuda a você perceber o aluno que possui esta dificuldade e orientar neste sentido, o desenvolvimento dessas habilidades de interpretação, seleção, que eu digo leitura nesse sentido, apesar de que muitos teóricos afirmam que as pessoas que não sabem ler os códigos e os símbolos, elas também não tem condição de interpretar, porque tem dificuldade na leitura dos símbolos, da linguagem escrita, que não adianta você querer que o aluno interprete, se ele não domina o uso dos símbolos.

Com este trabalho, que durou um ano, de que forma você avalia a aprendizagem do aluno nesse processo ?

Olha, eu acho positiva, mas eu posso te dizer que eu ainda necessito de maiores pesquisa, porque como o trabalho realmente não está acontecendo como deveria, no sentido de falta de apoio, de recursos humanos e material, se tivéssemos todas as condições favoráveis, eu poderia ter uma outra concepção, mas agora eu não posso te dizer. Porque certas ações, minhas mesmo, eu deixo de fazer, se eu deixo de empregar, o aluno deixa de ter essa

oportunidade, e como eu vou avaliar, se eu não imprimir tudo aquilo que ele deveria ter tido, é difícil...

Fazendo uma comparação entre a metodologia tradicional de ensino utilizada na escola e o projeto desenvolvido na sua escola, você observou alguma diferença entre as metodologias ?

Eu acho que tudo que o aluno faz por interesse e que demanda a sua própria ação, o resultado vai ser mais satisfatório, até por causa do compromisso que ele assume com sua aprendizagem.